

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO**

KELLY SINARA ALVES DE CARVALHO

**CARTOGRAFIA MIDIÁTICA DE ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS:
APROXIMAÇÃO ENTRE BRASIL - BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS - MÉXICO**

Santa Maria, RS

2022

KELLY SINARA ALVES DE CARVALHO

**CARTOGRAFIA MIDIÁTICA DE ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS:
APROXIMAÇÃO ENTRE BRASIL - BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS - MÉXICO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, área de concentração em Comunicação Midiática da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Comunicação**

Orientadora: Profa. Dra Ada Cristina Machado da Silveira

Santa Maria, RS

2022

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Alves de Carvalho, Kelly Sinara
Cartografia midiática de espaços fronteiriços:
Aproximação entre as fronteiras Brasil-Bolívia e Estados
Unidos-México / Kelly Sinara Alves de Carvalho.- 2022.
213 p.; 30 cm

Orientadora: Ada Cristina Machado da Silveira
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2022

1. Fronteiras Internacionais 2. Mídia e estudos
fronteiriços 3. Identidades 4. Representações 5.
Jornalismo I. Machado da Silveira, Ada Cristina II.
Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, KELLY SINARA ALVES DE CARVALHO, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Tese) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Tese de Doutorado**

**CARTOGRAFIA MIDIÁTICA DE ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS:
APROXIMAÇÃO ENTRE BRASIL- BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS-
MÉXICO**

elaborada por

KELLY SINARA ALVES DE CARVALHO

Aprovada em 10 de Janeiro de 2022

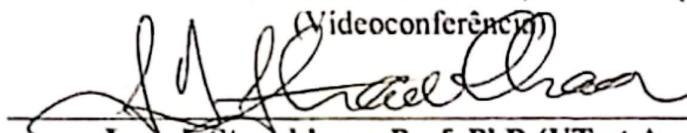
**Como requisito parcial para obtenção do título de
Doutora em Comunicação**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Ada Cristina Machado da Silveira, Profª Drª (UFSM)
Presidente/Orientadora

Carlise Porto Schneider Rudnicki, Profª Drª (UFSM)

(Videoconferência)

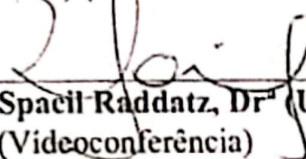


Joseph Straubhaar, Prof. PhD (UT at Austin)

(Videoconferência)



Raimundo Nonato Cunha de França Prof. Dr
(UNEMAT) (Videoconferência)



Vera Lúcia Spacil-Raddatz, Drª (UFRGS)

(Videoconferência)

Santa Maria, 10 de Janeiro de 2022.

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese às minhas avós Maria Vitória e Domingas Francisca, aos meus pais e irmãos Alcides, Margarida, Allan e Alex, pelo apoio familiar que tenho tido em toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus, por ter me dado forças e saúde, para conseguir realizar esta pesquisa. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela concessão da bolsa de estudos, essencial para a realização do trabalho de campo, viagens e participação em Conferências. Agradeço aos meus familiares e em especial à Alcides Caetano de Carvalho, Margarida de Fátima Carvalho, Allan Sidney Carvalho, Renata Lúcia Freitas Carvalho, Luisa Freitas Carvalho, Maria Eugênia Freitas Carvalho, Alex Veríssimo Alves de Carvalho, Messias Alves e Arilma Alves pelo apoio irrestrito ao longo desta pesquisa e da vida. Agradeço à minha orientadora Ada Silveira, que perante os desafios que tivemos no decorrer do curso, não desistiu de me orientar, dedicando apoio e amizade. Agradeço à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM, por serem tão prestativos, na realização de seu trabalho. Agradeço aos colegas do Bloco 21, Maurício, Elisia e Rejane pelos cafês e pelas nossas conversas; aos colegas de curso, em especial à Vanessa Sena e Calisto Comé, pela amizade e companheirismo; aos colegas da CEU III que, dividiram comigo o dia-a-dia da moradia Universitária e em especial agradeço à Felismina da Silva Chongó, pela amizade e carinho. Agradeço aos amigos Vicente Romero Obando e Santiago Gonzalez, pelo carinho familiar com o qual sempre nos mantemos. Agradeço à Igreja Presbiteriana de Santa Maria, pela acolhida e amizade, em especial à Maria Alice Brandão, Renato e Nicolas; à Valéria, Simei, Allan e Nicolas e à Marta e sua família, por todo carinho dedicado. Agradeço à todos os cidadãos bolivianos que me dedicaram sua atenção nas Alcadias de San Matías e San Ignacio de Velasco; ao Consulado boliviano por me receber tão bem, na ocasião do meu trabalho de campo. Agradeço aos professores Dr. Raimundo França, Dr. João Ivo Phul, Msc. Elias Santos, Dra. Marinez Cargnin-Stieler, Dra. Hellen Cristina, da UNEMAT, por todo carinho ao longo desta jornada. Agradeço o apoio do Sr. Jose, que prontamente me orientou na visita às Missões Jesuíticas em San Antonio, aos professores PhD. Harriett Romo, PhD. Raquel Marquez e PhD. Joseph Straubhaar, por me receberem tão bem na Universidade do Texas em San Antonio e Austin-USA. Agradeço aos irmãos da Presbiterian Church of USA em San Antonio-TX e Sudbury-MA, por todo o apoio e acolhida. Agradeço às famílias de Rev. Iris Amon, Nancy Leet, aos Damon, à família de Glória e Eduardo Rodriguez, Jessie Robinson e Rev. Desireé Lawson. Agradeço aos amados Vicki, Chris Austin e família, por todo carinho e amizade ao longo desta jornada. Enfim agradeço ainda a todos os veículos de mídia e à todos aqueles que contribuíram para a realização deste trabalho.

“Voveré, y seré millones”

Túpac Amaru

“Me sinto nesta tese dando um grito de socorro, pelas comunidades latino americanas e sua real presença neste continente nomeado em evidencia de poucos, que com a força de milhões de invisíveis se tornam muitos ou grandes”. Kelly Alves

“A mídia foi e sempre será o veículo propulsor das fronteiras interamericanas. Cabe a ela se situar e se autonomizar desta prisão em que vive, que desumaniza, desarticula e destrói a essência do povo que habita esta territorialidade”. Kelly Alves

RESUMO

CARTOGRAFIA MIDIÁTICA DE ESPAÇOS FRONTEIRIÇOS: APROXIMAÇÃO ENTRE BRASIL - BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS - MÉXICO

AUTORA: Kelly Sinara Alves de Carvalho

ORIENTADORA: Prof.^a Dr.^a Ada Cristina Machado da Silveira

Esta tese problematiza o processo de atuação da mídia global no desenho do espaço local. Compreendemos o confronto de espaços locais, comunitários, como lugar em que a representação midiática se faz presente, materializando-se em atividade noticiosa. Esta pesquisa questiona e observa a legitimação das fronteiras internacionais como espaços de perigo e violência. Sustentamos a tese de que as fronteiras internacionais correspondem a espaços, não apenas de fluxo, ou passagem, mas sobretudo espaço de vivências, ponto de encontro e de transculturalismo entre as nações e que devem ser assim compreendidas e representadas pelas mídias. A partir de uma perspectiva descolonial, observamos os espaços fronteiriços por meio da representação realizada pelas mídias locais e do noticiário produzido sobre as fronteiras internacionais, aproximando Brasil-Bolívia e Estados Unidos-México nas regiões de conexão entre os estados de Mato Grosso e Santa Cruz, na América do Sul e entre os estados do Texas, *Coahuila*, *Taumalipas* e *Nuevo León*, da América do Norte. A tese tem como objetivo geral estudar aproximadamente a mídia no contexto de representações sociomidiáticas dos espaços fronteiriços Brasil-Bolívia e Estados Unidos-México. Seus objetivos específicos buscam reconhecer aportes teóricos da constituição das fronteiras internacionais e identidades locais do continente americano na atividade noticiosa influenciada pela ação das mídias globais; verificar a representação do espaço local-internacional nas fronteiras Brasil-Bolívia e Estados Unidos-México; realizar um levantamento das mídias atuantes nos espaços fronteiriços Brasil-Bolívia e Estados Unidos-México, e analisar a cobertura noticiosa que delas se ocupa. A cartografia produzida dá conta de que a fronteira Brasil-Bolívia, nas localidades de Mato Grosso (BR)-Santa Cruz (BOL), caracteriza-se pela pequena densidade populacional nos municípios fronteiriços e cidades referência da fronteira; a existência do ambiente agrícola com presença de reservas ambientais; a ausência de cidades gêmeas; a pluralidade de grupos identitários por hereditariedade; a herança cultural do projeto colonial luso-espanhol; a matriz religiosa Católica Romana como dominante e a presença de marcas culturais da utopia jesuítica no espaço local; a legislação das faixas de fronteira nacionais variando entre 150 km e 50 km, respectivamente. Na fronteira Estados Unidos-México, na localidade denominada Tex-Mex, observamos a opulência dos meios comunicacionais; maior densidade populacional nos municípios fronteiriços e cidades referência da fronteira; ambiente industrial; presença de cidades

gêmeas; fusão cultural historicamente estabelecida; projeto colonial inglês-hispânico; matriz religiosa Católica Romana também como dominante; presença de marcas culturais da utopia jesuítica no espaço local; litígios de demarcação do território; legislação das faixas de fronteiras nacionais 100 km. Dentre os resultados observamos aproximações contrastantes entre os dois espaços fronteiriços. A fronteira sul-americana em estudo conta com debilidade de suas mídias; a representação midiática ocorre com aproximação do espaço local e distanciamento do espaço fronteiriço. A fronteira do hemisfério norte em estudo apresenta vigorosa atividade de representação midiática com aproximação do espaço local e aproximação do espaço fronteiriço, a qual é descaracterizada na cobertura global. Além disso, identificamos um conjunto de vozes das identidades socioculturais que ecoam pelo espaço fronteiriço, evidenciando-se a partir de suas intensidades, como vozes produtivista, missioneira e comunitária. Na análise das representações sociais a partir de notícias das mídias locais e de referência, observamos a predominância da voz produtivista que ecoa com maior intensidade a partir da mídia sobre/no universo das fronteiras internacionais na themata fronteira com ancoragem e objetivação na fronteira como espaço de violência e local de perigo.

Palavras-Chave: Mídia; Estudos fronteiriços; Jornalismo; Identidades, Representações

ABSTRACT

MEDIA CARTOGRAPHY OF BORDER SPACES: APPROXIMATION BETWEEN BRAZIL - BOLIVIA AND THE UNITED STATES – MEXICO

AUTHOR: Kelly Sinara Alves de Carvalho

ADVISER: Prof.^a Dr.^a Ada Cristina Machado da Silveira

This research problematizes the performance of global media in the design of local space. We understand the confrontation of local, community spaces, as a place where media representation is present, materializing in news activity. This research questions and observes the legitimacy of international borders as spaces of danger and violence. We support the thesis that international borders correspond to spaces, not only of flow, or passage, but above all spaces for experiences, a meeting point and transculturalism between nations and that should be understood and represented in this way by the media. From a decolonial perspective, we observe border spaces through the representation made by the local media and the news produced on international borders, bringing Brazil-Bolivia and the United States-Mexico closer together in the connection regions between the states of Mato Grosso and Santa Cruz, in South America and between the states of Texas, Coahuila, Tamaulipas and Nuevo León, in North America. The thesis has as general objective to study the media in the context of sociomediatic representations of Brazil-Bolivia and United States-Mexico border spaces. Its specific objectives seek to recognize theoretical contributions to the constitution of international borders and local identities on the American continent in news activity influenced by the action of global media; verify the representation of the local-international space on the Brazil-Bolivia and United States-Mexico borders; carry out a survey of the media active in the Brazil-Bolivia and United States-Mexico border areas, and analyze the news coverage that deals with them. The cartography produced shows that the Brazil-Bolivia border, in the localities of Mato Grosso (BR)-Santa Cruz (BOL), is characterized by the small population density in border municipalities and reference cities on the border; the existence of the agricultural environment with the presence of environmental reserves; the absence of twin cities; the plurality of identity groups by heredity; the cultural heritage of the Portuguese-Spanish colonial project; the Roman Catholic religious matrix as dominant and the presence of cultural marks of the Jesuit utopia in the local space; the legislation of the national border strips varying between 150 km and 50 km, respectively.

On the US-Mexico border, in the place called Tex-Mex, we observe the opulence of the communication media; greater population density in border municipalities and reference cities on the border; industrial environment; presence of twin cities; historically established cultural fusion; English-Hispanic colonial project; Roman Catholic religious matrix also as dominant; presence of cultural marks of the Jesuit utopia in the local space; land demarcation disputes; legislation of national border strips 100 km. Among the results, we observed contrasting approximations between the two border spaces. The South American border space under study has a weakness in its media; the media representation takes place with the approximation of the local space and distancing from the border space. The northern hemisphere border space under study presents a vigorous media representation activity with an approximation of the local space and an approximation of the border space, which is not characterized in the global coverage. In addition, we identified a set of voices from sociocultural identities that echo across the border space, evidencing themselves from their intensities, as productivist, missionary and community voices. In the analysis of social representations based on news from local and reference media, we observe the predominance of the productivist voice that echoes with greater intensity from the media on/in the universe of international borders in the themata border with anchorage and objectification in the border as a space of violence and danger.

Keywords: Media; Border studies; Journalism; Identities, Representations

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estrutura de poder e fluxo das informações mundiais.....	p.49
Figura 2. Mapa da faixa de fronteira Brasil- América Latina e municípios fronteiriços.....	p.72
Figura 3. Representação da atual faixa de fronteira Estados Unidos- México Estados e cidades gêmeas.....	p.82
Figura 4. Mapa de representação da tipologia das relações transfronteiriças no Arco Central...	p.91
Figura 5. Mapa da Fronteira Mato Grosso Santa Cruz- Municípios transfronteiriços.....	p.94
Figura 6. Mapa Estados Unidos –México, com evidência no estado do Texas e fronteira com o México.....	p.98
Figura 7. Representação de rios e cidades do Estado do Texas.....	p.100
Figura 8. Mapa das mídias na fronteira Brasil-Bolívia.....	p.152
Figura 9. Mapa das mídias na fronteira Estados Unidos – México.....	p.161
Figura 10. Vozes da fronteira Brasil-Bolívia.....	p.173
Figura 11. Site de notícias Ripa nos Malandros.....	p.176
Figura 12. Vozes da fronteira estados unidos- México.....	p.177
Figura 13. A representação da voz missioneira na mídia da fronteira TEX- MEX.....	p.179
Figura 14. Publicação sobre a fronteira Brasil- Bolívia, da redação da agência de notícias The Associated Press, publicada pelo site de notícias New Heaven Register.....	p.181
Figura 15. Publicação do Portal de notícias G1 do Grupo Globo.....	p.183
Figura 16. Publicação do Portal de notícias G1 do Grupo Globo.....	p.185
Figura 17. Publicação do site local de notícias Jornal Oeste, do município de Cáceres.....	p.186
Figura 18. Publicação do site local de notícias Jornal Oeste, do município de Cáceres.....	p.187
Figura 19: Publicação do Site de Notícias Fox News On Line, da emissora de TV Fox.....	p. 188

LISTA DE QUADROS

- Quadro 1. Cronologia das relações bilaterais Brasil- Bolívia desde 1825 a 2019.....p.86
- Quadro 2. Nomenclatura das interações transfronteiriças nas cidades gêmeas localizadas na zona de fronteira Brasil- América do Sul e a localização dos estados brasileiros e sul-americanos correspondentes a estas interações na faixa de fronteira.....p.92
- Quadro 3. Regiões culturais do Arco Central na fronteira Brasil- Bolívia, Mato Grosso –Santa Cruz.....p.117
- Quadro 4. Comunidades da zona rural dos municípios fronteiriços mais próximos à linha de fronteira, na mesorregião Sudoeste de Mato Grosso e Departamento de Santa Cruz.....p.119
- Quadro 5. As mídias locais da fronteira Brasil- Bolívia, Mato Grosso – Santa Cruz.....p.149
- Quadro 6. Veículos de mídias localizados na região da fronteira cultural TEX- MEX, Estados Unidos México.....p.154
- Quadro 7. Quadro sintético dos elementos de aproximações sobre a realidade comunicacional midiática nas fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México.....p.170
- Quadro 8: Hierarquização das mídias locais no espaço fronteiriço.....p.172

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Localização e população dos municípios fronteiriços Cáceres e San Matías.....	p.95
Tabela 2. Localização e população dos municípios fronteiriços Pontes e Lacerda e San Ignacio de Velasco.....	p.95
Tabela 3. Localização e população dos municípios fronteiriços de Tangará da Serra e San Mathias, contidos na faixa de fronteira.....	p.96
Tabela 4. Localização e população dos municípios fronteiriços San Antonio e Monterrey.....	p.102
Tabela 5. Localização e população dos municípios fronteiriços Laredo e Nuevo Laredo.....	p.103
Tabela 6. Localização e população dos municípios fronteiriços Eagle Pass e Piedras Negras.....	p.103
Tabela 7. Territórios indígenas localizados em municípios inclusos na faixa de fronteira do Arco Central Mato Grosso- Santa Cruz.....	p.126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	p.17
CAPITULO I - QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS, TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DE PESQUISA.....	p.26
I.1 DO SENTIDO DE CARTOGRAFAR	p.28
I.2. ABORDAGEM TEÓRICO -METODOLÓGICA.....	p.30
I.2.1. DO CAMINHO PERCORRIDO.....	p.37
I.2.2. ANÁLISE DO ESPAÇO LOCAL- INTERNACIONAL DAS FRONTEIRAS AMERICANAS.....	p.40
I.2.3. DO SENTIDO DE APROXIMAÇÃO.....	p.42
I.3.MÍDIA, FRONTEIRA E PODER HIERARQUIZANTE.....	p.45
I.3.1. ESPAÇO LOCAL- INTERNACIONAL.....	p.52
I.3.2. MÍDIA DE REFERÊNCIA, MÍDIA LOCAL, HIERARQUIA DE RELAÇÕES E PERSPECTIVA DESCOLONIAL	p.57
CAPÍTULO II - O ESPAÇO LOCAL - INTERNACIONAL DE BRASIL - BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS - MÉXICO.....	p.67
II.1 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO LOCAL-INTERNACIONAL BRASIL- BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS – MÉXICO.....	p.71
II.2. AS FRONTEIRAS BRASIL- BOLÍVIA, MATO GROSSO – SANTA CRUZ E ESTADOS UNIDOS- MÉXICO, TEX- MEX.....	p.85
CAPÍTULO III - ASPECTOS SOCIOCULTURAIS NAS FRONTEIRAS MATO GROSSO - SANTA CRUZ E TEXAS -MEXICO (COAHUILA, TAUMALIPAS E NUEVO LEÓN).....	p.105
III.1. ATIVIDADE JESUÍTICA NAS FRONTEIRAS MATO GROSSO- SANTA CRUZ E TEX MEX.....	p.106
III.2. IDENTIDADES SOCIOCULTURAIS NAS FRONTEIRAS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEX MEX.....	p.116
CAPÍTULO IV- A ATIVIDADE MUDIÁTICA NOS ESPAÇOS LOCAIS - INTERNACIONAIS MATO GROSSO - SANTA CRUZ E TEXAS - MÉXICO (COAHUILA- TAUMALIPAS - NUEVO LEÓN).....	p.144

IV.1. A MÍDIA NAS FRONTEIRAS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEXAS – MÉXICO (COAHUILA-TAUMALIPAS -NUEVO LEÓN).....	p.146
IV.2. A MÍDIA DE REFERÊNCIA E SUA AÇÃO SOBRE OS ESPAÇOS LOCAIS INTERNACIONAIS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEX – MEX.....	p.164
CAPÍTULO V - REPRESENTAÇÕES SOCIOMIDIÁTICAS EM NOTÍCIAS DE / SOBRE AS FRONTEIRAS BRASIL -BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS MÉXICO.....	p.168
V. 1. APROXIMAÇÃO ENTRE AS FRONTEIRAS BRASIL- BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS- MÉXICO.....	p.169
V. 2. O ECO DAS VOZES FRONTEIRIÇAS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEX- MEX POR MÍDIAS LOCAIS.....	p.173
V. 3. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOMIDIÁTICAS: AS FRONTEIRAS BRASIL – BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS- MÉXICO COMO ESPAÇO DE PERIGO E VIOLÊNCIA.....	p.180
V.4 DOS ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E DAS REPRESENTAÇÕES.....	p.192
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.197
REFERÊNCIAS.....	p. 207

INTRODUÇÃO

A tese “Cartografia midiática de espaços fronteiriços: Aproximação entre Brasil- Bolívia e Estados Unidos México” observa as mídias locais e notícia corrente nestas fronteiras e a elas direcionada. A observação das mídias no espaço fronteiriço junto às notícias sobre estes espaços locais abrem caminho para estudos futuros e oportunizam a possibilidade de se conhecer mais o local fronteira como espaço de vivências, onde nem sempre o que se diz é o que realmente é em seu cotidiano. Neste estudo sobre as mídias e as fronteiras internacionais, compreendemos que os espaços sociais, globalizados, confrontam espaços locais, comunitários, lugar em que a representação midiática se faz presente, materializando em notícia falada e escrita culturas locais, junto a elementos de uma sociedade caracterizada por meios e fins, da razão, onde o que se descreve muitas vezes vem a ser compreendido como verdade absoluta, direcionada por um poder simbólico, através do rito da enunciação.

As fronteiras internacionais constituem “espaços entre centros de poder” (ZARTMAN, 2010). O poder de afetação ocorre por meio da enunciação, da palavra. Este vem a ser o poder simbólico (BORDIEU, 1998), de divisão dos espaços, criação das regiões e enunciação das sociedades subalternas como culturas excluídas de espaços sociais, assim como ocorre com diversos idiomas e modos de viver. As fronteiras, como espaços de alteridade (MARTINS, 2010), demarcam o encontro, o desencontro e a transformação diária das identidades sociais. A fronteira é porosa, é local de passagem, mas que ao mesmo tempo, também é local de se fixar raízes, da hibridação cultural em gerações binacionais (GARCÍA- CANCLINI, 1990).

Esta pesquisa questiona e observa a legitimação das fronteiras internacionais como espaços de perigo e violência. A partir de uma perspectiva descolonial, observamos estes espaços por meio da representação realizada pelas mídias locais e das notícias correntes sobre as fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México nas regiões de conexão entre os estados de Mato Grosso e Santa Cruz, na América do Sul e entre os estados do Texas, com Coahuila, Taumalipas e Nuevo León, da América do Norte. O conteúdo desta tese se propõe a partir daquilo que acreditamos seja uma discussão voltada à des- legitimação das fronteiras internacionais como espaços de perigo e violência, partindo-se de sua representação midiática.

Observamos a marcante hierarquização midiática sobre o espaço local-internacional, a fronteira, em que as mídias de referência (SILVEIRA, 2003), são apresentadas como mídias

hegemônicas colonizadoras das mídias locais e portanto detentoras da distribuição de notícias sobre este espaço local, a partir de um poder simbólico que nem sempre está atrelado às empresas de mídia e que é externo ao espaço fronteiriço, num contexto de globalização dos espaços locais.

A descolonização das mídias coincide com a descolonização do ser (MIGNOLO, 2007), e é entendida como a desestruturação de um poder central, a partir de um pensamento de borda (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009), que emerge da evocação de culturas externas a este poder, afetadas e excluídas por ele. As culturas constituem uma construção daquilo que é cotidiano e ao mesmo tempo histórico. Martín-Barbero (2001) explica a cultura atrelada a um contexto de historicidades, de onde nascem comunidades locais e sociedades globais. A narrativa de construção das sociedades globais pós-modernas se sobrepõe ao classicismo das comunidades locais e suas narrativas cotidianas e o que se entende como social se transforma então em espaços padronizados, conforme uma construção cultural, criada e legitimada pela globalização.

Na sociedade das massas observamos uma marcha migratória rumo aos Estados Unidos, como um ato criminoso. Sem olhar para trás, vivenciamos por meio principalmente das telas das TVs e dos aparelhos de celulares, aquela multidão caminhando rumo ao que mais parece uma batalha nos limites territoriais dos países. O frequente noticiário da mídia de referência sobre as fronteiras interamericanas nos alerta para o fluxo do narcotráfico e suas apreensões em direção à sociedade civil, condenada como desprovida de renda. Ali se encontra o preço de sua condenação: na pobreza. Enquanto pensamos no noticiário da mídia de referência, queremos também olhar para as mídias locais, num intento de se conhecer o que se passa nos noticiários do local fronteira. Mas este olhar se preocupa mais com as relações culturais, a partir daquilo que reconhecemos como fronteiras culturais, das relações entre as populações que habitam este espaço local-internacional.

A observação das mídias locais poderá nos responder questões, como: As mídias que compõem o espaço local realmente se veem como mídias locais ou se prestam apenas à retransmissão do noticiário global da mídia de referência enquanto mercado dominante na comunicação midiática? Entendemos que a observação das representações sócio-midiáticas do espaço local-internacional através da cartografia orientada pelas matrizes culturais revela o poder hierarquizante da mídia de referência, incidente nas fronteiras internacionais.

Esta pesquisa tem como objetivo geral construir uma cartografia midiática que explore a aproximação do espaço local- internacional de Brasil-Bolívia com o de Estados Unidos- México e pergunta: O estudo aproximativo de fronteiras do espaço local-internacional interamericano

permite reconhecer relações hierarquizantes entre o noticiário da mídia de referência internacional e o da mídia local?

Como objetivos específicos buscamos construir a aproximação do espaço local-internacional interamericano das fronteiras Mato Grosso (BRA)- Santa Cruz (BOL) e Texas (EUA) – Taumalipas, Nuevo León e Coahuila (MX); realizar um levantamento da atividade midiática no espaço local-internacional de Mato - Grosso (BRA) -Santa Cruz (BOL) e Texas (EUA) – Taumalipas, Nuevo León e Coahuila (MX) e por fim analisar as representações sociomidiáticas de notícias da mídia de referência sobre o espaço local – internacional de Mato Grosso (BRA) – Santa Cruz (BOL) e Texas (EUA)- Taumalipas, Nuevo León e Coahuila (MX) e seu poder hierarquizante sobre a mídia local. Justifica-se esta pesquisa a partir de busca incessante sobre temas em Comunicação, que evidenciam as fronteiras internacionais e suas conexões, envolvendo a mídia local das fronteiras interamericanas e relações interculturais entre os países, incluindo-se as constantes intervenções da mídia de referência sobre espaços fronteiriços. No percurso de pesquisa realizado pela autora deste trabalho, no ano de 2017, através de buscas selecionadas nos bancos de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e de Universidades localizadas em território brasileiro, diversos estudos com a temática da fronteira foram encontrados, nas inúmeras áreas do conhecimento, tendo em vista a amplitude de sentidos do termo. Em decorrência deste resultado, optei fazer o refinamento da busca a partir das palavras-chave: Fronteira; Comunicação; Jornalismo; Mídia de fronteira em bancos de dados de teses e dissertações, acessados remotamente. Foram observados os principais referenciais teóricos utilizados, as abordagens metodológicas e as concepções e conceitos do termo fronteira. Dos temas trabalhados e objetos de estudo pesquisados, é perceptível que a temática da fronteira em Comunicação ainda se trata de um assunto relativamente pouco abordado.

O total dos trabalhos que adotaram como objeto de estudo a mídia impressa na fronteira ou o rádio, ou ainda a televisão na fronteira somaram 92%. Embora isso ocorra, descobri que todos estes trabalhos foram realizados entre as regiões Sul e Centro- Oeste do Brasil; evidenciando assim a ausência de pesquisas de Pós-Graduação- mestrado e doutorado, publicadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, no que diz respeito à Comunicação na fronteira. Isto significa um campo aberto para se discutir o significado da fronteira por exemplo no Brasil, que se configura como um dos países que possui a maior quantidade de “vizinhos” no mundo. Ao se pensar nesta perspectiva,

temos um questionamento: Por que as fronteiras brasileiras se configuram tão silenciadas pelos pesquisadores em Comunicação?

As concepções de fronteira utilizadas dão conta de uma atenção especial voltada à concepção da fronteira geográfica e das relações de poder. Contudo a concepção de “elos de aproximação entre os povos” na perspectiva da autora Sandra Pesavento (2002), foi utilizada com maior frequência, como também na mesma perspectiva o conceito de “fronteiras vivas”, adotado por Padrós (1994). Ambas abordagens são culturais. A perspectiva da fronteira política foi colocada em evidência, embora houvessem escassas contribuições na concepção de território abordada por Santos (2000) e Souza Santos (2001). Atrelada ao conceito de globalização, o termo fronteira foi utilizado com base nos Estudos Culturais Britânicos e Latino-Americanos sempre em conexão com as identidades, o que considero ser relevante. Também foi evidenciada a discussão da fronteira e da globalização na perspectiva da mídia local, a partir de Silveira (2003). Por último pôde-se notar uma breve menção aos estudos pós-coloniais na perspectiva da fronteira, que acredito ser bastante apropriada para se compreender as fronteiras interamericanas, por estes estudos compreenderem realidades similares à lógica da exclusão social e subalternidade étnica a qual está condicionada a maior parte das fronteiras brasileiras e a própria América Latina em si.

Nesse sentido, compreendo a necessidade de se problematizar mais os estudos fronteiriços através da Comunicação para que haja uma aproximação às realidades locais. Evidencio a escassez de pesquisas em Comunicação realizadas na temática da fronteira, que constitui um tema relevante para ser abordado nos Programas de Pós – Graduação em Comunicação. Isso demonstrou o pouco interesse que as instituições possuem nesse sentido. Considero que os estudos fronteiriços constituem uma possibilidade de maior integração no que tange à partilha do conhecimento acadêmico com os países considerados nossos vizinhos, pois uma vez que não estudamos nossos espaços, isso abre oportunidade para que Escolas externas venham debater sobre os nossos problemas sociais, políticos, econômicos e territorialidades, utilizando conceitos externos aos nossos objetos empíricos e monopolizando um conhecimento que poderia ser construído por nós mesmos e posteriormente dialogado lá fora.

Esta é uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida de forma exploratória, que contou com extensa análise bibliográfica, correlacionando-a com as realidades da semiose da América, do processo de formação de identidades e sugestão sobre apontamentos referentes ao contexto das identidades locais e das mídias. O Capítulo I se inicia apresentando o que compreendemos que seja

cartografar os espaços fronteiriços, partindo-se de uma perspectiva midiática, ou seja incluindo as mídias e a notícia em seu sentido epistemológico. Abordamos o sentido da cartografia na Comunicação e sua relação com o pesquisador e o espaço social. Utilizamos o contexto cultural e suas conexões, como observatório das mídias locais e da notícia corrente nos espaços de fronteira. Compreendemos o ato de cartografar como um ato que relaciona o sujeito pesquisador e o objeto mídias e notícia imerso em um contexto cultural de historicidades.

A pesquisa documental contou inicialmente com a abordagem teórica dos autores dos temas poder simbólico e sua presença na humanidade e hierarquização do poder por meio dos idiomas (BOURDIEU, 2008;1998); as fronteiras internacionais ocidentais e sua formação (ZARTMAN, 2010); o pensamento decolonial (MIGNOLO 2005; 2007; 2009); a questão das fronteiras internacionais, mídias de referência e mídias locais (SILVEIRA 2007, 2012, 2017) e as agências mundiais de notícias e sua atuação nos países ocidentais (AGUIAR, 2017). Este capítulo conta ainda com o relato da abordagem teórico- metodológica.

A metodologia desta pesquisa compõe uma cartografia midiática de espaços fronteiriços com base nos estudos sobre as matrizes culturais em Martín-Barbero (2001), na visão da autora desta pesquisa, que realiza uma conexão com processos de Comunicação em Martín-Barbero (2001). Utilizamos as noções de povo e massa, citamos a mediação entre a Comunicação e o popular e demonstramos esta conexão a partir das respostas que recebemos sobre as pesquisas com as mídias locais, bem como das estruturas das comunidades e conjuntos dos grupos étnicos, relatos dos sujeitos habitantes das regiões das fronteiras Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México e identificação dos sujeitos protagonistas das fronteiras através daquilo que denominamos as vozes ecoantes das fronteiras internacionais Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México. Esta etapa metodológica compreendeu duas visitas à campo nas regiões das fronteiras, no período entre os anos de 2018 e 2019, onde pôde-se realizar observação local, além de entrevistas às mídias locais que ocorreram *in loco* e posteriormente em uma terceira fase desta pesquisa ocorrida entre 2020 e 2021, remotamente.

Do retorno das informações pesquisadas construímos o texto com o apoio na literatura local de pesquisas em ambos os espaços fronteiriços, bem como procuramos conectar estas pesquisas ao debate juntamente a autores clássicos que tem mergulhado profundamente seus olhares aos estudos sociais tanto no tópico fronteiras internacionais como em Comunicação. Utilizamos ainda os elementos tabelas, quadros e mapas, com dados geográficos, de localização, econômicos e

culturais, para ilustração do espaço local- internacional e também para uma melhor compreensão dos espaços fronteiriços e daquilo que denominamos a aproximação entre as fronteiras. Com o olhar nos dados de população e das mídias presentes nestes espaços locais, pudemos cartografar midiaticamente tais espaços locais – internacionais, aproximando-os. Foram criadas seis tabelas de localização entre os municípios fronteiriços, duas tabelas com as mídias locais das fronteiras Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México; além das tabelas e quadros complementares informativos sobre o espaço fronteiriço, das comunidades locais da fronteira Brasil - Bolívia e de aproximação entre as fronteiras internacionais Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México. Os dados presentes nas tabelas das mídias locais foram organizados conforme a modelagem de Silveira et. al. (2017). Além dos mapas de localização, construímos mapas que identificam os espaços fronteiriços e as mídias locais ali presentes. Utilizamos a aplicação Google Maps (2019), para listar e cartografar estas mídias, assim construindo uma análise através da observação das mídias locais por acesso remoto às informações presentes nesta pesquisa.

Destacamos as notícias das mídias e suas abordagens para um cotejamento da notícia presente no espaço fronteiriço Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México. Por fim, contextualizando o impacto da notícia nas fronteiras internacionais e a sua relação com um enquadramento padrão de acontecimentos, realizamos a análise de seis matérias jornalísticas ocorrentes nas fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos – México, utilizando a Teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 2011), operacionalizada pelas noções de themata, ancoragem e objetivação. A análise das representações sociais se concentra na abordagem do tema fronteira como espaço de perigo e violência.

O Capítulo II detalha sobre o que chamamos “A construção do espaço local- internacional Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México”. Este Capítulo trata de como tais espaços fronteiriços tomaram existência, na medida em que foram simbolicamente demarcados. Nos propomos a apresentar particularidades sobre ambos os espaços locais-internacionais, que, no nosso entendimento fazem aproximar as fronteiras. Os detalhes nem sempre são os mesmos, no entanto o que os aproxima corresponde aos seus modos de formação ou construção, como aqui propomos. Sobre territórios que se encontram há as comunidades plurais com seus laços e afetos, assim como a sociedade idealizada equivocadamente, por uma estrutura homogênea e condensada, neste espaço cultural.

A construção dos espaços locais -internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos – México se apresenta a partir de narrativas das comunidades ocidentais por meio de seus processos colonizatórios nos espaços locais- internacionais onde se encontram as fronteiras deste estudo. Para este capítulo, introduzimos com uma reflexão sobre os conceitos de povo e massa em Martín-Barbero (2001), e seguimos com os tópicos, em que citamos autores, tais quais (RIBEIRO, 2005), (FAUSTO, 2005); (CUNHA, 2013); (OLIVEIRA SILVEIRA, 2015); (MORENO, 1888); (BARREDA, 2018) e (GUZZI, 2008) para descrever a fronteira Brasil- Bolívia. No mesmo capítulo me proponho a realizar uma aproximação entre os Estados brasileiro e boliviano a partir de dados geográficos organizados em tabelas como as do (IBGE 2016;2018;2019), MIN (2005); MRE (2019) e COOTRADE (2016) e culturais, utilizando (GATTI, 2011), (MARTINS, 2018) e (GIOVANELLA et. al 2007), e menciono sobre a disposição do espaço local e dos municípios presentes nesta região cultural do Alto Paraguai – Vale do Guaporé, na fronteira Brasil - Bolívia.

Para a narrativa da construção do espaço fronteiriço Estado Unidos - México utilizamos (HERZOG, 1990) e (RESCALLA e MACLLOUGH, 1993) e citamos os processos migratórios e as políticas de industrialização dos territórios de fronteira, com Gonzalez (2006). Ao apresentar a fronteira Estados Unidos- México, utilizo a narrativa de Arreola (2002) que descreve a província cultural TEX-MEX. Busco apresentar este capítulo com a utilização de tabelas, gráficos e mapas que nos auxiliam para uma melhor compreensão dos dados geográficos, econômicos e sociais dos espaços locais- internacionais das fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México. Para a elaboração das tabelas e comentários sobre a fronteira Estados Unidos- México, nos apoiamos em (SILVEIRA et. al, 2017); (DISTANCE TO, 2019); (BEA.GOV, 2019); (PNUD, 2015); e (INEGI, 2019).

O capítulo III corresponde à narrativa dos “Aspectos socioculturais nas Fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos – México”. Buscamos através deste capítulo uma aproximação das culturas de ambas as fronteiras a partir do relato das comunidades locais e do próprio processo de colonização jesuítica, ocorrido nestes dois espaços fronteiriços.

Os aspectos socioculturais nas fronteiras Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México, constituem numa abordagem no olhar da pesquisadora sobre as populações do ontem e do hoje que habitam este espaço local- internacional. Mergulho em especificidades relativas aos aspectos culturais destas duas porções fronteiriças, que abrangem quase que em sua totalidade espaços latino-americanos. Abordamos o contexto da subalternidade étnica (SPIVAK, 2010), daqueles que

de alguma forma não são ouvidos ou vistos, e se encontram no contexto cultural dos entre - lugares (BHABHA, 2019), espaços fronteiriços povoados por suas mais diversas identidades culturais, inclusos nestas perspectivas. Neste capítulo apresento a perspectiva das missões jesuíticas e políticas identitárias do projeto colonizador nos espaços de fronteira Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México com Anzai (2008); Jackson (2003) e Bustamante (1991) e a discussão sobre as identidades socioculturais nas fronteiras Mato Grosso - Santa Cruz e Texas - México, em que descrevo as identidades sócio- culturais que vivem nas fronteiras Brasil- Bolívia, Mato Grosso – Santa Cruz e Estados Unidos- México, TEX – MEX (Taumalipas, Nuevo Leon e Coahuila). Para esta narrativa, utilizo os autores (SILVA et. al.; 2017); (PUHL 2011; 2018), (GATTI, 2011); (ARREOLA, 2002); (ROMO, 2012) e (ROMO e MARQUEZ, 2010).

O capítulo IV, corresponde à apresentação das mídias locais do contexto das fronteiras Mato Grosso - Santa Cruz e Tex - Mex (Taumalipas, Nuevo León e Coahuila). Mencionamos Araújo (2017) e a disposição das mídias sobre o espaço local- internacional fronteiriço, como parte da Amazônia Legal. Seguimos com a apresentação e discussão do mapeamento das mídias locais, transportando as informações das tabelas para os mapas de aplicação Google MAPS (2019). Comentamos sobre as mídias e sua disposição sobre o espaço local, o contexto de hibridação cultural (GARCÍA CANCLINI, 2006) e as identidades em transformação no espaço fronteiriço (ROMO e MARQUEZ, 2010). Encerrando este capítulo apresentamos a discussão sobre a Mídia de Referência e sua ação sobre os espaços locais – internacionais Mato Grosso – Santa Cruz e Texas – México (Taumalipas, Nuevo León e Coahuila), utilizando aportes teóricos de (SILVEIRA, 2017), e conceituando o que se entende por Jornalismo de referência com (ZAMIN, 2014; MERRIL, 1968).

No capítulo V apresentamos alguns aspectos que julgamos se adequarem a uma aproximação entre as fronteiras internacionais Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México, com o intuito de realizarmos a observação da notícia e das mídias locais envoltas no contexto social destas fronteiras. Para esta aproximação utilizamos a menção de Oliveira (2015), Costa; Alves (2014), Spivak (2010) e Foucault (2013). Ainda comentamos sobre identidades sociais habitantes em ambos os espaços fronteiriços e analisamos o eco destas vozes fronteiriças por mídias locais. São abordadas características sociais das duas fronteiras culturais, conforme minha análise como autora, bem como a presença da mídia local através da sua representação sobre comunidades locais ligadas às camadas identitárias identificadas nesta pesquisa. Concluindo este capítulo, nos

apoiamos na teoria das representações sociais de Moscovici (2011), discutindo em textos de veículos de mídias *on line*, as noções de *themata*, ancoragem e objetivação presentes no enquadramento de textos de coberturas jornalísticas referentes às fronteiras internacionais Brasil-Bolívia e Estados Unidos- México.

CAPÍTULO I

QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS, TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DE PESQUISA

Este capítulo traz reflexões epistemológicas sobre a tese Cartografia midiática de espaços fronteiriços: Aproximação entre Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México. O tópico I.1 explica o sentido de se cartografar as mídias dentro do imaginário social. Utilizamos Lopes (2015) e Martino (2017) para discorrermos sobre o que é epistemologia na Comunicação e Martín-Barbero (2002) na tentativa de dar sentido ao processo de cartografar os espaços fronteiriços a partir de uma visão midiática, destacando a aproximação entre as fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México.

O tópico I.2 apresenta a abordagem teórico – metodológica desta pesquisa e propõe o estudo das matrizes culturais e suas formações em conexão com processos de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2001). O mesmo tópico enfatiza a observação das mídias locais com o olhar nos estudos de Martín-Barbero (2002) que evidenciam processos de comunicação e dominação sobre as matrizes culturais, além da cultura como mediação social e teórica da Comunicação com o popular e das massas e a sua relação com processos históricos (MARTÍN- BARBERO, 2001). Apresenta o desenvolvimento da pesquisa e técnicas utilizadas, bem como, a pesquisa qualitativa a partir da triangulação de dados primários, com entrevistas, utilização de mapas, tabelas e quadros e a análise das notícias sobre as fronteiras internacionais com base na teoria das representações sociais em Moscovici (2011). O tópico I.2.1 intitulado: “O caminho percorrido” é apresentada a narrativa da autora sobre o desenvolvimento da pesquisa, e aspectos que julgo relevantes apresentar para o complemento dos procedimentos metodológicos, na caminhada acadêmica. No tópico I.2.2 continuo com um breve comentário, no tópico “Análise do espaço local -internacional das fronteiras americanas”, onde menciono Silveira (2003); (2017) e Foucault (2013), na representação do espaço fronteiriço como espaço heterópico. Seguindo com o tópico I.2.3, descrevo aquilo que me faz pensar “Do sentido de aproximações” em que menciono os dois espaços fronteiriços e aspectos que me instigam a aproximá-los, nesta pesquisa, bem como a exposição de questões que não puderam ser tratadas como similaridades.

O tópico I.3. intitulado “Mídia e poder hierarquizante” traz uma abordagem sobre a mídia, as fronteiras e a hierarquização da notícia, evidenciando como principais autores Silveira (2007, 2012; 2017; 2019); Silveira e Guimarães (2017) e Aguiar (2017).

O tópico I.3.1 diz sobre o espaço local- internacional. Trazemos abordagens sobre as fronteiras internacionais na perspectiva de Zartman (2010), comentamos o poder simbólico sobre as fronteiras na abordagem de Bourdieu (2008) e encerramos com Romo e Marquez (2010) e Romo (2012), sobre o espaço local- internacional das fronteiras americanas. O tópico I.3.2 discute

sobre a mídia de referência e a mídia local observando sua hierarquia de relações na perspectiva descolonial. Para este tópico utilizamos os autores Mignolo (2007) Mignolo e Tlostanova (2009), Silveira (2012; 2017) e Spivak (2010).

I.1 DO SENTIDO DE CARTOGRAFAR

A cartografia midiática nos aponta para a reunião de um grupo de mídia que atua nos espaços de fronteira. Neste contexto observamos de que forma simbolicamente estas mídias se estabelecem em tais espaços, bem como sua conexão com a mídia de referência. Para isto nos propomos a cartografar as mídias dentro do imaginário social, o espaço fronteiro. Não podemos jamais nos ausentarmos do contexto local-internacional, da presença das marcas histórico-culturais e geográficas inseridas neste espaço em transformação. Cartografar midiaticamente os espaços fronteiros constitui na observação da notícia e das mídias locais nestes espaços, além de discutir sobre a representação do espaço local-internacional através da mídia de referência. Por isso a importância de se conectar aspectos históricos, identidades socioculturais e espaço onde se localiza o que Silveira (2003) denomina ser a malha de Comunicação local-internacional. Ao localizarmos as mídias, conhecermos seus nomes, apontarmos a representação destas mídias no espaço local-internacional e sobretudo sua conexão com a mídia de referência, podemos compreender mais sobre a ação da mídia no/ sobre o espaço fronteiro, o que coopera na tomada de decisões, como a de orientá-las conforme objetos de Comunicação.

Assim utilizamos a cartografia num contexto de sentidos que nos auxilia a pensar nas mais diversas formas de como tratar estas mídias, buscando primeiro entendê-las a partir do seu cotidiano, num espaço de vivências. A leitura da representação da mídia de referência sobre o espaço local e como a mídia local se encontra hierarquizada nos serve de norte para o debate em torno da Comunicação e sua representação sobre o espaço local, compreendendo esta performance geograficamente estabelecida no continente americano, reconstruído a partir da interferência de culturas externas, por meio de um contexto temporal a ele atribuído e que gera mudanças, transformações no espaço local.

Quando cartografamos midiaticamente o espaço fronteiro, identificamos o apagamento cultural e as distorções causadas pela não compreensão de questões como a formação das comunidades locais e o seus princípios e organização num espaço de vivências. Observa Martín-Barbero (2002) que na nova percepção de espaço e tempo em que vivemos, com a entrada dos

veículos de Comunicação no meio social, ainda com as mais diversas formas midiáticas de se comunicar, ou seja a nova cultura comunicacional; é percebido um déficit de legitimidade acadêmica e que este “padece, como objeto recente”. Por aí nos deparamos com um grande desafio, que consiste nas transformações da sensibilidade, provenientes da experiência comunicacional, que atravessa questões de desordenamento social, ajustes entre comportamentos e crenças, a confusão entre a realidade e a simulação. Não há como negar que o viver simbólico e o ritualismo estão entrelaçados às redes de comunicação e aos fluxos comunicacionais (MARTÍN-BARBERO, 2002).

Buscamos no estudo da comunicação como processo social, observar a notícia e as mídias locais nos espaços de fronteira. Estudos científicos em Comunicação na contemporaneidade propõem a realização de abordagens epistêmicas na relação sujeito – objeto, que irão problematizar, questionar e rever principalmente a figura do sujeito, apreendendo o olhar e o *habitus* intelectual; que dirige o pesquisador nas suas decisões, escolhas, valores e subjetividade, entre outros aspectos (LOPES, 2015).

Por que observar a cobertura noticiosa e a mídia nos espaços de fronteira?

A observação das representações sociomidiáticas do espaço local- internacional através da cartografia orientada pelas matrizes culturais revela o poder hierarquizante da mídia de referência, incidente nas fronteiras internacionais.

Percebemos a real necessidade na abordagem das mídias e sua representação neste espaço local- internacional porque compreendemos que, pela singularidade vivida nos espaços de fronteira, esta mídia ou teria uma proposta que buscaria atender à demanda da própria Comunicação local dentro do imaginário social, ou se ater a cumprir a demanda da mídia globalizada, que centraliza seu trabalho conforme questões mercadológicas. Longe da polarização dos sentidos dos estudos em Comunicação, visamos entender a orientação da mídia local num contexto de hierarquização atrelado à mídia de referência.

Martino (2017) explica que a epistemologia não se trata de valores morais, metafísica ou política. Se dá a partir do pensar por meio do conhecimento, não extrapolando suas instâncias como em apelos a verdades dogmáticas como ideologias, crenças ou finalidades práticas. A epistemologia se trata de uma crítica colaborativa que aponta caminhos, não negando, sem construir, não se opondo sem a perspectiva de fortalecer o estudo científico. Parte portanto, daquilo

que o pesquisador tenta explicitar sem tolher ou proibir, no intuito de contribuir para uma melhor compreensão do assunto.

Nela repousa a diversidade das formas de conhecimento e também vários traços distintivos da ciência. Por exemplo a diversidade teórica (possibilidade de múltiplas perspectivas sobre um fenômeno) e disciplinar (cada disciplina equivale a um posicionamento em relação à realidade fenomênica) ou mesmo à natureza precária e transitória das teorias. Entre o nada e a verdade dogmática, a ciência se instaura como pensamento hipotético, conjectural (MARTINO, 2017, p.9).

Neste estudo, a cartografia representa, conforme abordagem de Martino (2017), uma tentativa de colocar a reflexão sobre os meios de comunicação em outro patamar, criando condições para o entendimento de sua especificidade tecnológica no que tange às tecnologias do simbólico e das simulações da mente, como chaves para a compreensão do mundo em que vivemos (MARTINO, 2017, p. 13). As mídias constituem meios de representação dos espaços locais; as fronteiras, espaços de significação, de encontro e vivências.

I.2. ABORDAGEM TEÓRICO -METODOLÓGICA

A abordagem teórico-metodológica desta pesquisa é construída a partir de uma cartografia midiática de espaços fronteirizos com base na proposta de Martín- Barbero sobre o estudo das matrizes culturais e suas formações em conexão com processos de comunicação (MARTÍN-BARBERO, 2001). A observação das mídias locais se dá por meio da noção sobre as cartografias da Comunicação na América Latina, nos estudos de Martín- Barbero (2002) que aponta processos de comunicação e dominação sobre as matrizes culturais. Martín- Barbero (2002) observa a cultura como mediação social e teórica da Comunicação com o popular, fazendo com que o espaço cultural do popular atinja dimensões inéditas de conflito social, norteados por novos objetos de investigação social (p.109).

Em alguns momentos desta pesquisa adotamos as noções de povo e massa, para que compreendamos a conexão entre as identidades culturais, o sujeito subalterno na mídia e a estruturação de poder desta mídia no cotidiano das fronteiras internacionais. Ao estudar as massas e a sua relação com a cultura e processos históricos, Martín- Barbero (2001 p. 51) comenta que a presença moderna das massas se encontra atrelada à oposição de dois tipos de coletividade, que são a comunidade, que é construída a partir de laços estreitos e concretos, que correspondem a identidades coletivas e locais, como é o caso dos grupos indígenas e suas representatividades, na fronteira Brasil- Bolívia, ou de grupos sociais menores das descendências hispano- americanas,

entre mexicanos e latinos e migrantes que habitam as regiões fronteiriças da fronteira Estados - Unidos- México e de outro lado temos a sociedade que se caracteriza pela separação entre meios e fins, onde o que se predomina é a razão não possuindo esta, relações de identidade ou de identificação entre grupos. O contrabando, o narcotráfico e a pobreza, são características de uma sociedade, onde a ausência de laços se compensa pelo controle social. O massivo é assim atravessado por contradições e conflitos sociais. Na relação entre a massa – cultura, a cultura constitui- se por normas.

Para Martín- Barbero (2001), “a cultura é a alma da história” que produz destinos. Ao ser deformada, degradada, a civilização toda se desagrega, perdendo o seu sentido, assim se reduzindo à mera “exploração das formas inorgânicas e mortas”. Por isso, comenta que as duas manifestações mais evidentes da morte da cultura ocidental são a democracia e a técnica. A democracia porque em sua forma moderna acaba com a verdadeira liberdade do indivíduo, e a técnica quando esta realiza a dissolução da ciência, sua fragmentação e atomização em ciências.

O jornal, por exemplo, com a sua uniformização imposta acaba com a riqueza e variedade de ideias que fazia possível o livro [...] o jornal faz com que cada qual pense só o que fazem pensar [...] o jornal pode assim, ao mesmo tempo ser o maior expoente da civilização moderna e a expressão mais acabada da morte da cultura (MARTÍN – BARBERO, 2001, p. 56)

A partir desta afirmação podemos pensar o papel das mídias no cotidiano fronteiriço e sua interferência sobre o espaço local, quando esta se encontra globalizada, por meio de um processo de hierarquização. Ao passo que a comunicação midiática possui este grande desafio que é a orientação das comunidades locais através de seus conteúdos informativos, em formatos cada vez mais curtos, podemos entender a grande necessidade de adequação destas mídias às suas realidades locais.

Martín-Barbero (2001) comenta que no momento em que se perde a unidade do saber também se perde a capacidade de se orientar a história, restando apenas a submissão ao dinheiro e à política, originando -se uma nova concepção de história que não é capaz de acompanhar novas contradições e portanto mata-se a si mesma.

A proposta metodológica deste trabalho, se concentra na observação das mídias e da notícia através de uma cartografia midiática de espaços fronteiriços, que consiste em uma pesquisa de natureza qualitativa, utilizando as técnicas de revisão literária e triangulação de dados primários, entrevistas e visitas à campo e observação direta, seguida da identificação das vozes das matrizes

culturais que se encontram circulantes pelas fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México, além da análise de notícias veiculadas em noticiários *on line* sobre as fronteiras internacionais, do ponto de vista das representações sociais em Moscovici (2011). Neste recorte é apresentada uma aproximação destas fronteiras utilizando-se aspectos históricos, culturais, sociais e econômicos representados por mapas, figuras, tabelas e quadros, com dados coletados *in loco* e também por meio de pesquisa *on-line*.

A cartografia das mídias locais foi desenvolvida por um processo iniciado através da triangulação entre dados primários extraídos de entrevistas e pesquisas nas instituições locais e regionais dos espaços fronteiriços, pesquisa literária e adaptação de dados geográficos, como os de localização da ferramenta Google MAPS (2019) sobre as fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México na construção de tabelas e mapas explicativos. A coleta de dados locais, realizada conforme modelagem de Silveira et al. (2017), foi essencial para a observação das mídias locais e como elas se encontram dispostas no espaço fronteiriço. Listamos estas mídias na fronteira Brasil- Bolívia através de visita à campo, e coleta de dados *in loco*, em três municípios fronteiriços localizados em território brasileiro. São eles: Cáceres, Tangará da Serra e Pontes e Lacerda, localizados no estado de Mato- Grosso. Empreendi o mesmo trabalho em território boliviano nos municípios de San Ignacio de Velasco e San Matías, no departamento de Santa Cruz. O trabalho de campo possibilitou a visita às emissoras locais de rádio e televisão, oficinas de veículos impressos e *on-line* e ainda a realização de entrevistas, técnica esta, que orientou o diálogo entre comunicadores e pesquisadora.

Com o apoio na revisão de literatura e da complementação com as visitas à campo e observação direta realizei a coleta de dados sócio- econômicos e aspectos culturais dos municípios fronteiriços. A coleta de dados a partir da observação direta buscou orientar esta pesquisa em dois sentidos: O primeiro, do entendimento das relações culturais, aspectos históricos econômicos e sociais e sua representatividade na construção da cultura (MARTÍN-BARBERO, 2001). O segundo, nas tendências em que os veículos de Comunicação se apoiam ao desenvolverem o seu trabalho cotidiano. A utilização das tabelas, sintetiza dados de dois espaços fronteiriços, que embora distintos, possuem aproximações.

As tabelas de 1 a 6, representam dados econômicos, territoriais de população, de conexão entre os municípios fronteiriços e de mobilidade e trânsito dos municípios fronteiriços entre si, com seus respectivos países de origem e com os municípios e países vizinhos a eles conectados. A partir

das tabelas podemos observar o grau de discrepância entre as populações, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), distâncias entre os municípios, se são populosos ou não, seu Produto Interno Bruto (PIB), se são desprovidos de capital financeiro, se há distanciamento entre educação formalmente imposta, ou não, e ainda as conexões dos municípios fronteiriços com capitais regionais e nacionais. Os quadros e figuras ilustram e sintetizam dados geográficos, culturais e da Comunicação midiática local dos municípios fronteiriços, o que nos possibilita uma melhor compreensão dos espaços onde se localiza o nosso objeto de estudo, a notícia sobre as fronteiras internacionais e as mídias que operam este trabalho. Acreditamos que o estudo das mídias locais nos possibilitará uma melhor compreensão sobre a notícia presente nos espaços fronteiriços locais- internacionais e suas complexidades. As tabelas das fronteiras Brasil - Bolívia foram criadas com o apoio nas informações encontradas em dados públicos disponibilizados pelos órgãos de pesquisa de população e geográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE (2018); do *Instituto Nacional de Estadística, INE (2019)*; *Indice de Desarrollo Humano para las entidades federativas, México, PNUD (2019)*; *GOOGLE MAPS (2019)*; *Bureau of Economic Analysis, BEA.US (2019)*; *DISTANCE TO (2019)*; *Economic Research, FRED (2019)*; *Instituto para la Competitividad y el Comercio Exterior de Nuevo Laredo, ICCE (2019)*, *Instituto Nacional de Estadística y Geografía, INEGI (2019)*, *World Population, REVIEW (2019)* e *IFT.ORG.MX (2019)* e MIN(2005), organizados conforme a modelagem de Silveira et. al (2017).

Para a organização dos quadros e dos mapas das mídias nas fronteiras, utilizou-se os *softwares* de aplicação Google MAPS (2019) e Google MY MAPS (2020). Tanto os quadros quanto os mapas das mídias nas fronteiras foram desenvolvidos através de pesquisa prévia de localização dos espaços físicos das mídias nas fronteiras no sentido de auxiliar e conduzir a investigação sobre as mídias locais e reunir o grupo das mídias presentes nos municípios pesquisados. Esta busca de informações foi realizada inserindo-se as palavras-chave “estações de rádio em Cáceres”, “estações de televisão em Cáceres”, “jornais impressos em Cáceres”; “estações de rádio em Tangará da Serra”, “estações de televisão em Tangará da Serra”; “jornais impressos em Tangará da Serra”; “estações de rádio em Pontes e Lacerda”, “estações de televisão em Pontes e Lacerda” ; “jornais impressos em Pontes e Lacerda”; “*estaciones de radio en San Matías*”, “*estaciones de televisión en San Matías*”; “*prensa en San Matías*”; “*estaciones de radio en San Ignacio de Velasco*”, “*estaciones de televisión en San Ignacio de Velasco*”; “*prensa en San Ignacio de Velasco*”; “*radio stations in San Antonio*”, “*television stations in San Antonio*”, “*radio stations*

in Laredo”, “television stations in Laredo”, “radio stations in Eagle Pass”, “television stations in Eagle Pass; nos softwares de aplicação Google MAPS (2019) e Google MY MAPS (2020). Em seguida utilizou-se a busca por meio do website Yellow Pages (YP, 2020) para os veículos impressos dos municípios fronteiriços que se encontram em território estado- unidense, são eles: San Antonio, Laredo e Eagle Pass. A busca pelas mídias locais em território mexicano se deu por meio da inserção das palavras – chave: “estaciones de radio em Monterrey”, “estaciones de televisión en Monterrey”, “prensa en Monterrey”, “estaciones de radio en Nuevo Laredo”, “estaciones de televisión em Nuevo Laredo”, “prensa en Nuevo Laredo”, “estaciones de radio en Piedras Negras”, “estaciones de televisión en piedras Negras”, “prensa en Piedras Negras” também nos softwares de aplicação Google MAPS (2019) e Google MY MAPS (2020). Os municípios pesquisados em território mexicano foram: Monterrey, Nuevo Laredo e Piedras Negras.

Inicialmente a busca por meio do software de aplicação Google MAPS configuraria uma ação de apoio à localização das mídias locais que não pudessem ser alcançadas *in loco*. No entanto com o advento da pandemia COVID-19 a busca remota se tornou fundamental para a investigação das mídias locais, não havendo possibilidade de continuidade da pesquisa com a realização das últimas visitas à campo na fronteira Estados Unidos - México, que supostamente ocorreriam no ano de 2020. As entrevistas às mídias locais na fronteira Estados Unidos – México, ocorreram via e-mail. Ao acessarmos as mídias locais da fronteira Estados Unidos- México, obtivemos acesso a um leque de informações, registradas tanto nos softwares de aplicação, quanto nos próprios websites das empresas, o que possibilitou o acesso à identificação e às grades de programação das mídias. Já na fronteira Brasil-Bolívia, a técnica de pesquisa remota funcionou como complemento às visitas a campo, possibilitando a padronização metodológica deste estudo no sentido da aproximação entre as fronteiras internacionais.

A pesquisa literária e abordagem de aspectos históricos se valem da reunião de um conjunto de informações, que se iniciam partir de uma interlocução entre o pensamento decolonial e estudos pós-coloniais. Quando citamos Mignolo (2005); Mignolo e Tlostanova (2009), Spivak (2010), Silveira (2017), queremos debater acontecimentos sociais do tempo hoje, olhando para trás. Assim como Martín-Barbero (2002) observa que a história é a alma da cultura, a formação das sociedades atuais, bem como das comunidades locais se baseia num contexto temporal de acontecimentos, que

é entendido partindo-se da discussão de processos como os de dominação dos territórios dos países americanos.

Assim, a presente investigação buscou ainda na literatura e em publicações de instituições locais informações de contextos atrelados aos processos de colonização dos países, e de formação das identidades, na tentativa de entender e apresentar aquilo que chamamos “vozes das fronteiras” e seus sujeitos protagonistas. A análise das notícias das mídias locais e mídias de referência, a qual denominamos análise das representações sociais dos espaços fronteiriços possuem orientação na teoria das representações sociais de Moscovici (2011). Esta análise é classificada pelas noções de *themata* (AMARAL; ALVES, 2013); ancoragem e objetivação (MOSCOVICI, 2011); (JODELET, 1993); (SÁ, 1998); (SILVEIRA; SCHWARTZ, 2017). Destaca-se nela, trechos das notícias locais e internacionais da mídia *On line*, que abordam o tema da fronteira como lugar de perigo e violência.

A *themata* corresponde à ideia fonte de um acontecimento a ser analisado, essa ideia é utilizada para compreensão da criação das representações sociais conforme apontam Amaral; Alves (2013). A ancoragem, conforme Jodelet (1993) é entendida de forma que as representações sociais e o seu objeto se arraigam na sociedade, se transformando em instrumentos capazes de serem utilizados tanto para a comunicação, quanto para a compreensão dos fatos, assim ancorar as representações, significa radicá-las no espaço e no contexto social. A objetivação, conforme salienta Sá (1988), consente que o objeto seja apreendido a partir do momento em que aquela ideia está cravejada, embutida em um saber comum, que acaba sendo compartilhado pelo coletivo reproduzindo e assim concretizando as ideias em imagens.

Para contextualizarmos o impacto da notícia nas fronteiras internacionais e a sua relação com um enquadramento padrão de acontecimentos, tomamos como objeto empírico 6 (seis) notícias referentes às fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México a partir da análise das Representações Sociais.

Moscovici (2011), contesta as representações sociais somente atreladas à teoria das representações, elaborada por Durkheim (1978), em que estas estão limitadas às relações coletivas através de hábitos, costumes, religiosidade, mitos e convivência em grupo. Para Moscovici (2011) o indivíduo participa em sua individualidade da elaboração dos fenômenos ligados ao cotidiano. Há uma perspectiva coletiva, que, no entanto, não perde de vista a individualidade. Assim destaca o estudo das simbologias sociais e como esses símbolos influenciam na construção do

conhecimento compartilhado da cultura. As representações sociais são assim consideradas como um resultado de um lado da reapropriação de conteúdos vindos de períodos cronológicos distintos, daqueles gerados por novos contextos.

A análise das representações sociais opera conforme as noções de ancoragem e objetivação, tendo em vista esta ideia de que as representações coletivas não contemplam a individualidade contemporânea pois os fenômenos sociais da atualidade ocorrem amplamente ligados ao cotidiano, considerando então as subjetividades de cada indivíduo. O estudo das representações sociais alerta para o sentido atribuído às práticas sociais alimentadas pela cultura, e as representações destas práticas, que podem transformá-las em outro contexto, por isso problematiza o objeto da representação social, pois “a existência ou não do fenômeno não é algo sempre evidente” (SÁ, 1998, p.47). Assim, a *themata* será tomada como uma ideia primeira, ou ideia fonte para a compreensão da criação destas representações sociais (AMARAL; ALVES, 2013. p. 72). A Ancoragem sustenta estas representações, conectando-as às suas raízes no espaço fronteiriço, neste sentido vinculando-os aos seus valores, crenças e costumes preexistentes nas fronteiras Brasil-Bolívia e Estados Unidos – México, de onde a representação social saiu. Ressaltam Jodelet (1993) e Silveira e Schwartz (2017), que tais representações ocorrem então articuladas ao grupo social, ou seja “o novo com o velho” (SILVEIRA; SCHWARTZ, 2017. p.71).

As representações sociais tornam familiar aquilo que não o é, categorizando e nomeando novos acontecimentos e ideias com as preexistentes e internalizadas por nós e amplamente aceitas pela sociedade. Este papel é assumido pelos mecanismos de ancoragem e objetivação. A ancoragem capta e fixa ideias estranhas e as reduz em categorias e em imagens comuns colocando-as em um contexto familiar. Para Moscovici (2011 p. 63) categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa dele. A objetivação significa transformar o abstrato em algo concreto, ou algo que está somente na mente em algo que existia no mundo físico. Neste processo é utilizada a classificação, isto é a busca pela nomeação da representação. Moscovici (2011 p.66) declara que: “é impossível classificar sem, ao mesmo tempo dar nomes. Na verdade, essas são duas atividades distintas”. Ao nomear algo, nós o libertamos do anonimato, para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, localizando o fato na matriz identitária de nossa cultura. Assim, os mecanismos ancoragem e objetivação acontecem de forma articulada, bem como a face figurativa e a face simbólica, ou seja, a imagem e a ideia das representações sociais.

Nesse sentido apresento nesta tese a análise de representações sociais constantes de matérias publicadas nos *web sites* de notícias: *New Heaven Register* e *Fox News*, dos Estados Unidos, e G1, Jornal Oeste do Brasil, em que identifiquei a atuação da mídia global sobre o espaço local, bem como a ação da mídia local. A análise se dá na identificação das ideias centrais das notícias, ou a *themata*, que se apresenta como fronteiras, da ancoragem em que a notícia se faz assentada, em que foi identificada como violência nas fronteiras e fronteiras como locais de perigo e a objetivação ou seja a concretização das noções de violência e local de perigo que se evidencia na narrativa do texto e no uso das imagens. É nesta perspectiva que se pode entender que as representações sociais, após sua circulação em ambientes midiáticos, convertem-se em representações sociomidiáticas.

I.2.1 DO CAMINHO PERCORRIDO

Para a pesquisa de campo foram realizadas duas expedições, no intuito de se conhecer os espaços locais- internacionais e de se realizar o levantamento das mídias locais e a observação direta nos espaços das fronteiras. A primeira expedição ocorreu nos meses de Agosto e Setembro do ano de 2018, momento em que visitei a fronteira Brasil-Bolívia no encontro do Estado de Mato Grosso com o departamento de Santa Cruz. Conheci e entrevistei pessoas que trabalham com veículos de mídia locais, atuantes nos municípios brasileiros de Cáceres, Tangará da Serra, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade. No departamento boliviano de Santa Cruz, visitei mídias locais dos municípios de San Ignacio de Velasco e de San Matías. Na segunda expedição visitei a região próxima à fronteira político- geográfica Estados Unidos – México, caracterizada na literatura, como região da fronteira cultural, TEX –MEX no município de San Antonio, Estado do Texas, nos Estados Unidos. Esta expedição ocorreu nos meses de Outubro e Novembro de 2018.

Para a captação das informações foram utilizadas as técnicas de observação direta, entrevistas e, posteriormente realizada uma descrição do espaço local- internacional e identidades presentes nas fronteiras internacionais Brasil – Bolívia, Mato Grosso- Santa Cruz e Estados Unidos–México, na fronteira Tex-Mex, com base na literatura citada. Na fronteira Tex-Mex o alto número de mídias locais encontradas naquela região e a distância que separa os municípios referência daquele espaço fronteiriço cultural impossibilitou a pesquisa *in loco* em todos os municípios deste trabalho de campo.

Do caminho percorrido para o desenvolvimento do trabalho, as expedições às fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México ocorreram no intuito de se conhecer o espaço local. O território Brasil – Bolívia já era de meu conhecimento pois ali tenho tido experiências, tanto relacionadas à produção de conhecimento, aos estudos, quanto à viagens para participação de congressos, um deles, o Congresso de Engenharia Geográfica na cidade de La Paz – Bolívia, realizado em 2014, momento em que pude ao percorrer o caminho terrestre que conecta o município de Cáceres à San Matías, e desta cidade à Santa Cruz, Cochabamba e La Paz, conhecer o rico território cultural boliviano. Quanto ao relacionamento com as populações locais, vivi na região da faixa da fronteira Brasil- Bolívia por três anos.

Após a conclusão da graduação em Jornalismo e da especialização em Docência no Ensino Superior, ambos os cursos pela Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro, me mudei em 2014 para o estado de Mato Grosso, onde cursei um ano de graduação no curso de Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no município de Cáceres. Em 2015, ingressei no curso de Mestrado pelo Programa interdisciplinar de Pós- Graduação em Ambiente e Sistemas de Produção Agrícola, na mesma Universidade, já no município de Tangará da Serra, onde tive acesso à temática das Políticas Públicas, sob orientação dos professores Dr. Raimundo França, meu orientador do mestrado, doutor em Ciências Políticas e Dr. Gilmar Laforga, professor do curso de Agronomia, meu co-orientador na pesquisa “Comunicação como Tecnologia Social no Programa de Aquisição de Alimentos em Tangará da Serra, MT”. Nesta ocasião tive contato com grupos identitários presentes na região da fronteira Brasil- Bolívia. A convivência com as populações locais, a diversidade cultural e a riqueza na quantidade de mídias locais em municípios menores me chamaram a atenção para os estudos da Comunicação Midiática e sua relação com as identidades socioculturais locais do espaço fronteiro Brasil – Bolívia.

Num segundo momento, já cursando os primeiros anos do doutorado e ainda com as “ideias soltas” me surgiu a oportunidade de realizar duas visitas à cidade de San Antonio no estado do Texas, nos Estados Unidos. A primeira, por ocasião da participação a uma conferência multidisciplinar sobre as fronteiras internacionais, e a segunda por meio de um curso de inglês que realizei na capital do estado, Austin, pela Universidade do Texas. Já na segunda visita à San Antonio, em Outubro de 2018, após ter também revisitado na fronteira Brasil- Bolívia parte da história relacionada às missões jesuíticas de San Ignacio de Velasco, na companhia do professor historiador Dr. João Ivo Puhl, em Setembro de 2018, notei certa semelhança na construção do

espaço local- internacional Estados Unidos- México com o espaço local-internacional Brasil-Bolívia. Neste momento, a partir de acordo e orientação do projeto de tese, convencionou-se buscar aproximações entre as fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos México, na formação de seus espaços locais- internacionais e ainda dos veículos midiáticos ocorrentes nestas regiões, levando-se em consideração suas idiossincrasias.

As visitas a campo às regiões de fronteira, duraram cerca de dois meses, cada uma. Na visita à fronteira internacional Brasil-Bolívia, houve a oportunidade de se conhecer a estrutura física e responsáveis ou trabalhadores, dos veículos de mídia locais. No entanto, na expedição aos Estados Unidos, não tive a oportunidade de visitar os municípios limítrofes pela distância do município de San Antonio e também pela ausência de recursos para a realização das viagens.

Ainda assim, a experiência na região da fronteira Estados Unidos- México nesses dois meses se mostrou relevante, porque ali pude, além de visitar as missões jesuíticas em San Antonio, ter acesso a material de pesquisa da sugestão de literatura das professoras pesquisadoras das Ciências Sociais e estudos fronteiriços, Dra. Raquel Marquez e Dra. Harriet Homo, da Universidade do Texas em San Antônio-UTSA. Material este que muito contribuiu tanto no aporte teórico, quanto das observações da construção do espaço local-internacional Estados Unidos-México. Mesmo que brevemente, pude ter acesso à orientação do professor da Faculdade de Comunicação da Universidade do Texas em Austin, Dr. Joseph Straubhaar, sobre pontos essenciais da pesquisa.

Os trabalhos desenvolvidos a partir das propostas de leitura realizadas nos primeiros anos do curso de doutoramento em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria contribuíram expressivamente na organização dos conteúdos do emaranhado teórico exposto no segundo capítulo. Destaco, a realização do Estado da Arte, momento em que pude realizar uma pesquisa sobre teses e dissertações em Comunicação que trazem a abordagem das fronteiras. O estudo das políticas identitárias, questionamentos e intervenções sobre o projeto forjado de construção da América, bem como o contato com o trabalho da orientadora desta pesquisa de tese, professora Ada Silveira, fundamental para as reflexões aqui propostas.

É preciso salientar ainda que, a busca pelas orientações desta vertente ideológica, se deu desde a primeira investigação sobre os estudos da mídia e das fronteiras ocorrido antes do ingresso no curso de doutoramento, pois o pontapé inicial deste trabalho de pesquisa se realizou por meio do contato com a literatura das publicações do grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras da UFSM e dos esforços do trabalho de sua coordenação, o qual tomei conhecimento,

após pesquisa através de busca *on-line* por sites e grupos de pesquisa que abordam esta temática de estudos. Trabalho este, iniciado antes da escolha da participação do processo seletivo para concorrer à vaga como pesquisadora estudante do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFSM. O primeiro ano, configurou um ano de desafios e confrontações epistemológicas e da adaptação ao conteúdo de estudos e dos conflitos culturais naturais entre os desencontros intelectuais do relacionamento orientador- aluno. Momento de aprendizado e de teste, para a convivência com as inúmeras pressões que ocorrem no meio acadêmico.

Os dois anos seguintes culminaram no trabalho de campo percorrido até aqui, também na participação de dois eventos internacionais sobre fronteiras, sendo eles o IV Encontro Geofronteiras - Por fronteiras do encontro e por encontros na fronteira, realizado em Dezembro de 2017 pela Universidade Federal da Grande Dourados, em Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil e a conferência anual da *Western Social Science Association*, realizada em Abril de 2018, em San Antonio, Texas, Estados Unidos. Acompanhei como aluna ouvinte uma semana de aulas no *Center for Latin American Studies*, na Georgetown University em Washington D.C., Estados Unidos, onde foram ministradas as disciplinas *Populism and Democracy* pelo Professor Dr. Hector Schamis; *Drug Trafficking: The Americas* pelo Professor Dr. Kevin Healy; e *Politics and Economy of Latin America* pelos Professores Dr. Ângelo Rivero Santos e Professora Dra. Mônica de Almeida Arruda. Realizei ainda uma publicação como primeira autora em anais de congressos e concedi quatro entrevistas às emissoras de rádio e de TV da fronteira internacional Brasil – Bolívia, Rádio Difusora FM de Cáceres, Rede TV de Tangará da Serra, Tele Canal 9 – repetidora UNITEL em San Ignacio de Velasco e TV Portal da Amazônia – RedeTV em Pontes e Lacerda. Em seguida nos dois últimos anos de curso, da redação do texto final desta pesquisa, apresentei o artigo *Media, identities and cross-border relations: Approaches and distances between Brazil-Bolivia and United States – Mexico Borders*, na Conferência remota da Western Social Science Association – WSSA, no ano de 2020 e participei como ouvinte e cadastrada como participante no GT Epistemologias da Comunicação, da Conferência da Associação Nacional dos Programas de Pós -Graduação em Comunicação Social - Compós 2020, que tratou do tema “Comunicação e fronteiras”.

I.2.2 ANÁLISE DO ESPAÇO LOCAL- INTERNACIONAL DAS FRONTEIRAS AMERICANAS

A análise do espaço local–internacional das fronteiras americanas, tem como direcionamento a pesquisa publicada por Silveira (2003) e Silveira et.al. (2017), a partir daquilo que Foucault

(2013) concebe por heterotopias, em ‘De outros espaços’, em que entende-se a disposição do espaço local transfronteiriço, com uma percepção que é dada a ele daquilo que tal espaço não é em sua totalidade, ou seja as realidades expostas na construção daquele espaço local- internacional e as disposições das paisagens locais e sua relação com as pessoas que ali vivem, foram condicionadas para que este seja percebido como lugar construído a partir de muitas utopias, como é o caso da utopia missioneira. Para Foucault (2013) na idade média o espaço era percebido de forma hierarquizada e os lugares do sagrado eram considerados protegidos ou fechados, enquanto espaços rurais ou urbanos, celestes e terrestres, desprotegidos, portanto, abertos. Ao observar a construção do espaço local- internacional das fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México, podemos perceber aspectos destas representações que se sobressaem em tal espaço. Há um contraste nas relações.

A formação da fronteira internacional se dá por uma pluralidade de aspectos culturais que além de se misturarem a estas múltiplas utopias do espaço local, não se sobressaem porque o cotidiano fronteiriço é subjugado pela perspectiva de um espaço de onde emanam muitos perigos, ou que estar na fronteira ou pertencer a ela, significa estar em constante condição de vulnerabilidade, por este ser um espaço sujeito a muitos flagelos, como a violência, o tráfico de drogas e o contrabando, que afetam as comunidades locais, condicionando-as a mal-estares sociais.

Assim esta pesquisa buscou destacar a disposição do espaço local -internacional nesta perspectiva observando a atuação da mídia no espaço local, pois esta é uma construção que ocorre desde os séculos anteriores e tem sido reforçada pelas pressões dos poderes centrais de Estado e da condição periférica que as fronteiras vivem. Assim, ações governamentais, por meio de políticas comunicacionais podem reafirmar ou intervir nesta condição do espaço fronteiriço cotidiano local a partir das mídias locais.

O quinto princípio de Foucault (2013) trata de um sistema de abertura e fechamento que permite isolar e penetrar em outros espaços. A partir deste princípio, podemos observar as diferentes formas em que o discurso midiático pode atuar (SILVEIRA, 2017). Uma das formas de atuação da mídia se dará por meio da adoção de uma perspectiva de inclusão, que pode ser fomentada por meio da promoção das políticas públicas de integração nacional, responsáveis pelo desenvolvimento da mídia local. Outra ação da mídia, seria obedecer ao princípio de exclusão da intervenção que a mídia de referência produz, ao penetrar na lógica da mídia local.

I.2.3. DO SENTIDO DE APROXIMAÇÃO

Do sentido de aproximação entre as fronteiras, reconhece-se que o universo fronteiro é composto por um lugar de múltiplas vivências e de contextos culturais, em muitos casos absolutamente distintos em suas formações. No entanto, consentiu-se pelo uso do sentido de aproximação, porque nos ocorreu que o continente americano, por ser constituído por ciclos migratórios constatando similaridades em dois momentos históricos; entendendo-se o primeiro movimento iniciado há 20 mil anos atrás com a primeira formação cultural e o segundo, a partir da expansão da Europa, notamos a constituição das fronteiras, embora idiossincráticas, com aproximação cultural, devido à sobreposição das identidades culturais legitimadas e ramificadas nestes territórios. Assim considera-se que estas tenham se concentrado em torno, de um lado nas etnias descendentes dos povos asiáticos que alcançaram este continente através do estreito de Bhering congelado, conforme aponta a ciência e a partir do segundo ciclo migratório, das caravelas europeias, que dominaram, renomearam e implantaram um novo sistema cultural.

Observamos que o encontro entre as etnias já existentes no Continente com as etnias denominadas colonizadoras causara profundo conflito, pois as ideologias de recriação do território originaram uma divisão que não existia, pelo menos da forma como é atualmente. As ideologias implantadas a partir do segundo ciclo migratório geram novas leis e dão novos contornos a um mundo antes existente legitimado pelos novos habitantes desta territorialidade.

Contudo ao observarmos o novo contorno, entendemos que as relações contemporâneas se traduzem em aproximação, porque a construção do conjunto que identifica a sociedade americana se baseia na territorialidade do ser americano, por isso a diferença de ser americano e não totalmente asiático ou árabe, ou Russo, mas nos aproximamos da África porque também nos encontramos com ela através do segundo ciclo migratório, em que parte desta, também dominada, é trazida à América, completando assim este conjunto étnico majoritário Indo- afro- europeu. Os americanos se padronizaram por meio do processo de ocidentalização das culturas, hoje correspondendo a identidades únicas. No entanto do único há muitos, milhões de pensares advindos do encontro étnico gerado por estes dois principais movimentos migratórios.

O que temos em comum é que dividimos a mesma territorialidade. O que temos de distinto são as culturas sobressalentes e existentes, que ocorrem nesse processo da construção das sociedades americanas, dos territórios denominados explorados e nos povoados; este último, no entanto também foi explorado e sacrificado, porque assassinou a muitos povos no processo de

dominação de um espaço anteriormente habitado. O que temos hoje são idiossincrasias territoriais, processos sociais de um movimento que transborda para suas extremidades artificialmente criadas.

O texto desta tese foi construído utilizando-se a percepção do elemento fronteira americana e sua relação entre os ciclos migratórios e culturas implantadas. As identidades sociais e culturais demonstram a complexidade destas relações. A construção das políticas territoriais e identitárias são processos que envolvem o estabelecimento das comunidades americanas e suas territorialidades, suas percepções de pertencimento.

As políticas sociais apontam para uma série de distinções quando tentamos encontrar dados que justifiquem os olhares que damos às formações sociais, identitárias e territoriais. A geografia por vezes nos propõe olhares positivistas, universais. Outras vezes nos apresenta respostas quando buscamos compreender as relações de territorialidade. A Sociologia, a Comunicação, a Antropologia, a ciência “Exata”, apresentam dados nem sempre coerentes e por aí vai. Entre conexão e desconexão, está a aproximação.

Destaco o meu olhar que aponta desde a região Sudeste brasileira, de uma vida vivida metade em cidade pequena, em comparação ao Brasil. Brasilândia de Minas, em Minas Gerais, com 15 mil habitantes se identifica mais com as atividades do campo do que da metrópole industrializada. Esse olhar é dividido com a experiência no Rio Janeiro, metrópole brasileira onde passei a metade da vida. Nos dias atuais, nas idas e vindas das viagens locais, regionais, nacionais e internacionais, após ter também vivido nos estados de Mato Grosso e no Rio Grande do Sul, carrego ainda traços dos três anos vividos entre Londres e na Ilha de Thanet, na Inglaterra, e nos últimos dois anos emergi na experiência de passar este período de quarentena 2020/2021 no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos, onde experienciei um intenso relacionamento transcultural vivido entre a expressiva comunidade Brasileira e a Americana nos interiores deste Estado.

Busco aqui retomar alguns questionamentos aos quais dou lugar, quanto ao uso de alguns elementos desta pesquisa. O ajuste do corpo teórico buscou relacionar principalmente elementos históricos das formações territoriais, com opiniões que são emitidas por aqueles que tem estudado processos sociais com experiências passadas/ sofridas por populações e que caracterizam similaridade à elementos da constituição territorial da formação do continente América. O que identifico como comum, são identidades legitimadas e identidades de resistência (CASTELLS, 2010), estabelecidas em todo o território americano. Então este processo se reflete em suas fronteiras, porque decerto as fronteiras constituem parte de um território comum, neste caso

específico, o continente americano, até o momento imutável, quando o apontamos como um termo semioticamente construído.

Na aproximação destas fronteiras, destaco que as fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México, constituem dois espaços dentro de um Continente ocidentalizado, onde predominam as relações de poder e as pressões político-sociais internas e externas dos países. Observo que suas culturas embora distintas quando observamos os processos migratórios, estão inseridas nos territórios em que predominam leis relativamente comuns, onde um processo, como a atual migração entre países americanos nem sempre se dá de maneira conflituosa. Há discussões que apontam para a comunhão das sociedades existentes nestes espaços territoriais. Uma delas está em torno do trabalho enquanto contribuição para o desenvolvimento econômico de seus países.

No campo comunicacional é evidente a escassez de pesquisas que abordam a temática que envolve o enunciado América à constituição de suas fronteiras, como espaço de lugares vividos e experiências múltiplas. O estado da arte realizado nesta pesquisa, identificou que não há no Brasil pesquisas de Pós-Graduação que enfatizam a abordagem sobre a problemática da representação midiática sobre os espaços de fronteira em torno do enunciado da fronteira como lugar de fluxos e não do espaço vivido. Nessa discussão, a construção de cada síntese é dificultada pela existência de múltiplas nomenclaturas para fenômenos comuns. Isso se dá quando reunimos dados geográficos, com sociais, antropológicos, comunicacionais, biológicos, entre outros. Conceitos como o de raça, se opõem.

Ao destacarmos a construção dos espaços locais – internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México, foi necessário o uso de diferentes fontes para dados geográficos, territoriais, sociais e comunicacionais, por exemplo. Há distinção de padrões, medidas e moedas. Assim buscamos nas tabelas padronizar a apresentação das moedas, utilizando o dólar americano como moeda anunciada nos PIBs dos municípios. As populações e distâncias geográficas foram medidas baseando-se no Brasil e na Bolívia em dados do IBGE (2019) e INE (2019); e do aplicativo GOOGLE MAPS (2019), enquanto nos municípios fronteiriços dos Estados Unidos e do México, utilizamos o aplicativo DISTANCE TO (2019). Para dados sobre as distâncias entre os municípios, utilizamos os *sites* INEGI (2019) e US CENSUS BUREAU (2019) para dados sobre as populações, e para as informações sobre a disposição das mídias locais nos espaços locais utilizamos dados das fontes YELLOWPAGES (2019); GOOGLE MAPS (2019); IFT.ORG.MX (2019), entre outras. Observo ainda a incompletude de alguns dados geográficos e de população, não encontrados, a

serem identificados e organizados, nas tabelas e quadros da fronteira Brasil –Bolívia, e também dados sobre a faixa de fronteira estados Unidos–México. A **Tabela 7** aponta dados sobre as etnias apresentadas com dados da FUNAI (2019), no entanto há ausência na menção de número da população que vive nas terras indígenas. Não se percebe na literatura pesquisada, a menção ao termo “cidades gêmeas”. Observa-se a utilização de dados genéricos para a elaboração dos quadros informativos, onde considerou-se necessário o cotejamento de dados oriundos de diversas fontes e autores, adequando-se orientações teóricas, como no caso do MIN (2005); do COOTRADE (2016); que apresentam dados do IBGE, o qual utiliza o conceito de raça identificando as pessoas pelo fenótipo cor da pele, enquanto autores como Romo e Marquez (2010), destacam a raça como uma invenção da sociedade, ao citar a disposição das identidades sociais na fronteira Estados Unidos-México, mas no entanto utiliza a categorização étnica estado-unidense, por regiões geográficas e por fenótipo cor da pele, a partir do que apresenta o US CENSUS BUREAU, também inclusa nesta pesquisa.

Por esta razão houve dificuldade de adequação nos termos abordados quanto aos usos dos sentidos dos termos Estado, nação, raça, etnia. Sobretudo na leitura das comunidades fronteiriças observou-se entre os autores citados, rica construção em torno da disposição das culturas locais e do contexto regional, da fronteira TEX-MEX utilizando-se elementos culturais como a culinária e rituais festivos, havendo ausência do relato de uma possível diversidade de grupos étnicos nesta porção fronteiriça, enquanto que no relato da disposição das identidades socioculturais da fronteira Brasil- Bolívia observamos diferentes grupos identitários, como o caso da disposição das etnias indígenas no quadro com os dados da FUNAI (2019).

Na análise das vozes, convencionou-se a adequação à aproximação entre as estruturas de poder que abraçam as duas fronteiras. Observou-se diferentes intensidades, porém em condições de similaridade étnica e social, onde a condição sócio-econômica do fronteiriço é primordial, porém o estereótipo do fronteiriço se vê marcado pela sua condição étnica, subalterna. Assim, a aproximação é marcada na minha percepção de autora, como aquilo que entendo identificar estas fronteiras em uma mesma ordem social, inserida nas relações de poder que costuram as complexidades da fronteira, enquanto a sociedade vive as relações de fronteira.

I.3 MÍDIA, FRONTEIRA E PODER HIERARQUIZANTE

Dentro da perspectiva cultural das identidades americanas, localizamos a mídia e sua performance relacional, com as populações que residem nas regiões de fronteira. Sobre a mídia de

referência e os povos fronteiriços, afirmam Silveira et al. (2017) que os significados das fronteiras representam um impacto maior no seu cotidiano que geralmente não é abordado pelo noticiário desta grande mídia. A mídia de referência constitui aquela que se estabelece a partir de uma cultura positivista e globalizadora, noticiando a fronteira apenas como espaço de fluxo (CASTELLS, 2010), e por interesses particulares, favorece a transmissão de conteúdos a partir de um enquadramento padrão dos acontecimentos (SILVEIRA, 2012). Esta mídia privilegia o imaginário fronteiriço da cidade dividida: “Neste sentido, há a insistência na divisão dos espaços para a prevenção da contaminação pelo estranho” (SILVEIRA, 2012, p. 5). Este pensamento é apresentado pela mídia de referência na construção de um imaginário social das fronteiras internacionais como um lugar de conflito social entre o país pobre e o rico, entre a língua superior e a inferior, seja ela português e espanhol ou inglês e espanhol, e sobretudo entre as etnicidades indígenas e europeias.

Conforme Silveira (2012, p.1) as fronteiras internacionais são percebidas como espaços heterotópicos, por sua capacidade de revelar aquilo que a sociedade nacional tem como próprio e distinto, que os acontecimentos que ali ocorrem são retratados pela cobertura jornalística num enquadramento de situações limite, que podem ser observadas a partir das ações de forças militares e de segurança pública nestas regiões, onde há centralização política e evidência do Estado nacional como super protetor de seus limites territoriais, partir das ações das forças armadas. Isto nos reforça que, muitas vezes as relações de poder estão à frente das relações puramente culturais e que pressões externas ao espaço fronteiriço se sobrepõem à discussão de pátria e sociedade: “Trata-se de um sistema que as mantém atreladas a um imaginário de situações recorrentes articulado pela ausência do Estado” (SILVEIRA, 2012, p. 2).

Silveira e Guimarães (2014) problematizam que “os processos relacionados ao poder sobre certos territórios - o poder de afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico - não criam homogeneidade ou uma qualidade única do território, nem mesmo, obrigatoriamente, geram um território, pois podem se “empilhar” tanto quanto articular-se em tensão constante ou gerar conflitos abertos” (SILVEIRA; GUIMARÃES, 2014, p. 6). Ao contrário da perspectiva de território, que de alguma forma delimita o espaço entre “nós” e os “outros”, assim carregando um sentido de exclusividade, a territorialidade trata-se de “um processo de caráter ‘inclusivo’, incorporando novos e velhos espaços, não separando quem está ‘dentro’ de quem está ‘fora’ ” (SILVEIRA; GUIMARÃES, 2014, p.6). Para as autoras, a territorialidade de algum elemento

geográfico dificilmente coincide com os limites de um território, assim como não se distingue entre os territórios formalmente instituídos e a territorialidade do espaço vivido.

O cotidiano fronteiriço constitui um espaço de relações simbólicas que ocorrem como em qualquer outro espaço social, porém as fronteiras internacionais constituem espaços de alteridade (Martins, 2010), do encontro e desencontro da diversidade cultural que nela habita, ligada a um processo constante de formação e transformação o qual ocorre sob pressão dos Estados – Nação, em suas perspectivas voltadas aos poderes econômicos e políticos de cada Estado em separado. A fronteira internacional como um espaço de conexão, deve ser repensada por meio das relações que ocorrem no cotidiano fronteiriço para o próprio fortalecimento dos Estados, como países autônomos, mas integrados. É nesse sentido que pensamos a descolonização dos espaços fronteiriços na América Latina.

A mídia, ao representar as relações que ocorrem no cotidiano fronteiriço, possui papel relevante neste contexto. Ela pode ser guiada na direção das adversidades político-econômicas que são desencadeadas por meio de pressões vividas pelos países subalternos, diante de uma situação conflituosa provocada por forças econômicas externas e globais. Assim, facilmente a globalização pode atingir o espaço local no sentido de desestabilizar os espaços fronteiriços, que se de fato conectados e eliminando os conflitos locais, se fortalecem.

Um conflito local jamais poderá ser tomado por proporções globais, por que é local, a não ser que haja uma preocupação externa e direcionada para que isso ocorra. A fronteira internacional Brasil – América Latina, compõe um grupo de 10 Estados- Nação, com 10 economias conectadas entre si. Considero estas fronteiras Latino- americanas, dentro da perspectiva cultural ligada ao radical dos idiomas com base no latim. Observando a dinâmica desta conexão, entendemos que as relações precisam ser refletidas e sobretudo a representação destes espaços fronteiriços, por meio da atuação midiática, deve ser repensada num contexto social do cotidiano local. Assim também podem ser refletidas questões que perpassam a fronteira Estados Unidos- México. Ambos os espaços são considerados, conforme o entendimento de Zartman (2010) como fronteiras em profundidade, alvo da representação midiática como locais violentos, desterritorializados, marginalizados, despovoados e perigosos.

Tomamos a questão midiática com referência à abordagem de Martin- Barbero (2001, p. 140), sobre Estado-Nação, centralização política e unificação cultural, em que o autor aponta que, ao longo dos séculos, a sociedade moderna, partindo ainda da Europa, se constitui por dois

dispositivos básicos em que um deles está no aparato do Estado, que demonstra a sua incompatibilidade com uma sociedade polissegmentada, como aquela conformada pelas culturas populares regionais, locais. A esta abordagem da cultura popular, o autor chama de integração horizontal. De outra parte comenta que há a integração vertical, a qual se faz presente na sociedade a partir de determinadas relações sociais novas, onde o indivíduo é desligado de relações sociais grupais e religado às relações de uma autoridade central.

A midiaticização, processo que ocorre a partir da apropriação da mídia e de seus aparatos, que visa dar significado às ocorrências do cotidiano popular, se serve de uma estrutura a qual se conecta à uma visão cultural de mundo e de suas relações. As mediações compreendem as relações que ocorrem na sociedade, um processo complexo que se dá nas sociedades dos meios, estes que regulam o nosso cotidiano. Portanto a sociedade é uma grande produtora de conteúdos, estando a vida toda midiaticizada. Tal processo abarca as lógicas de produção e de consumo e assim, a sociedade é controlada pelas mídias, pelas tecnologias comunicacionais. Na sociedade midiaticizada somos controlados pelas mídias, onde há uma intervenção dialógica de vários conhecimentos que geram um posicionamento teórico (Silveira, 2019).

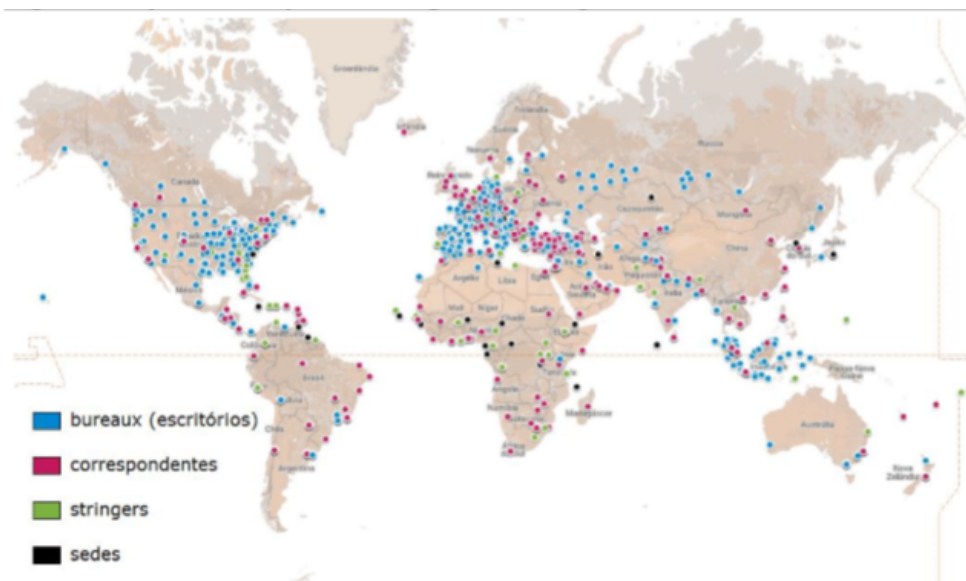
O uso dos próprios aparatos tecnológicos por si, ocorre a partir de um estruturado de poder que visa a ampliação dos acontecimentos de acordo aos interesses dos próprios produtores de mídia. Estes se conectam à uma estrutura mais ampla que não somente se resume aos seus próprios recursos, mas mais ainda a uma estrutura global midiática que agenda as informações, tomando-as conforme padrões noticiosos e envolvendo os acontecimentos locais à perspectivas globais, enquadrando-as no sentido dos universais.

A notícia da fronteira perpassa por este âmbito, o de um lugar estigmatizado, em que o que dali emana são acontecimentos ligados à questão conflituosa em que se encontra a perspectiva do local fronteira. Ou seja não há como não falar de fronteira e não se ater aos problemas que ali ocorrem, não há espaço dentro daquele contexto para que se discuta ou se noticie o que ali se passa, se o local está marcado como um lugar de conflitos culturais. Assim, um exemplo claro está na articulação da notícia às fronteiras latino-americanas. A abordagem tomada, sempre se referirá aos conflitos culturais e envolvimento num enquadramento relativo à violência, ao narcotráfico e ao contrabando, principalmente pela localização geográfica destas fronteiras, que são fronteiras do sul, fronteiras latinas. No caso da fronteira Estados Unidos- México há ainda a abordagem da migração ilegal. Estas situações de conflito, são todas ligadas ao massivo, que por conseguinte é

relacionado equivocadamente às populações fronteiriças. As massas de migrantes pobres que buscam atravessar a fronteira Estados Unidos- México é presença constante nas *redlines* da mídia de referência nos Estados Unidos, assim como a violência nunca possui poucos, mas sim muitos nomes, que se tornam invisíveis. A violência passa então a ser uma característica social do povo e das massas.

A estrutura midiática de poder pode ser percebida conforme a disposição das agências mundiais de notícias e suas filiais representadas em espaços locais (Aguiar, 2017). Arelada à uma perspectiva de noticiabilidade que remete às teorias funcionalistas da Comunicação, em que o jornalismo deve se ater ao imediatismo, e que o importante é aquilo que acontece aqui e agora, o aparato midiático é colocado à serviço do consumo gerenciado por uma estrutura da informação, aqui entendida a partir do colonialismo europeu e do imperialismo estado- unidense. Estas mídias são formadas conforme padrões ocidentais (AMBROGI- YANSON, 2010), buscando assim enquadrar acontecimentos locais atrelando-os à perspectivas globais.

Figura 1: Estrutura de poder e fluxo das informações mundiais



Fonte: Aguiar (2017)

A **Figura 1**, constitui o mapeamento das Agências de notícias que produzem e distribuem conteúdo midiático para veículos de informação em todo o mundo. Pode-se perceber que estas agências possuem quase que em sua totalidade seus escritórios concentrados em países da Europa ou nos Estados Unidos. Conforme aponta Aguiar (2017), as agências de notícias, para a economia das mídias sempre constituiu desde o princípio de sua criação, entre 1835 e 1851, com as agências Associated Press nos EUA, Reuters na Inglaterra e AFP na França, um meio para

repassar aos veículos jornalísticos informações inalcançáveis a estes, ou pelo custo, ou pela capacidade de recursos humanos ou pela distância geográfica, o que era mais comum. Assim as agências noticiosas se estruturaram como centro da informação mundial, implantando uma rede de escritórios, que eram e são até os dias atuais os controladores da maior parte das informações que circulam no globo terrestre. Estes escritórios são denominados *bureaux*. Os correspondentes destas agências, sinaliza Aguiar (2017), se mesclam entre contratados fixos e colaboradores sem vínculos trabalhistas, os chamados *stringers*. Estes constituem jornalistas locais, os quais são submetidos às decisões editoriais de uma redação central, que se encontra na sede administrativa.

Os *bureaux* e correspondentes, tratados como praças, podem estar localizados no mesmo país, da sede ou em outros países, mas invariavelmente, no modelo operacional canônico das agências, obedecerão e remeterão seus conteúdos (textos, fotos, vídeos, gravações sonoras, dados brutos e de apuração) apenas à redação central, sem circular a informação diretamente entre as pontas da rede, isto é, entre as diferentes *bureaux* (AGUIAR, 2017 p. 2).

O surgimento das agências de notícias acontece junto à criação dos cabos telegráficos terrestres e submarinos, no apoio a bancos, governos e forças armadas, que constituíram os principais usuários dessa infraestrutura de telecomunicações desde o século XIX. Assim, nasce a comunicação à distância, onde informações que levavam semanas para serem transmitidas, agora passam, por meio dos impulsos elétricos a serem dadas em “tempo real”.

Com tal potencial, o capital imperialista tratou de expandir essa rede a uma escala mundial, ao perceber sua inovadora utilidade para a gestão de impérios coloniais, para a expansão do comércio e das finanças, para a maximização de lucros, para as estratégias de guerra e, em face mais visível, para a comunicação de notícias (AGUIAR, 2017).

Como relata Aguiar (2017), a partir da eficiência do modelo de criação das Agências e a rentabilidade dos negócios da Comunicação, estas se tornaram as mais privilegiadas fontes de notícias, num avanço continental, se responsabilizando então pela transmissão das notícias publicadas nos principais veículos de comunicações, internacionalizando a notícia local, especialmente acontecimentos ocorridos fora das metrópoles e em países mais pobres, numa perspectiva de dominação imperial/colonial. Tais empresas correspondem atualmente às gigantes da comunicação internacional, que possuem suas sedes em Londres, Nova York e Washington DC, entre outras capitais, de onde partem os grandes fluxos internacionais de informação.

Inúmeras reações à dominação das agências de notícias e independências durante a Guerra Fria, partiram de regiões como o Sul da Ásia, nas décadas de 1940-50; da África em 1960-70; do Caribe em 1970-80 e mais recentemente já nos anos 1990 do leste Europeu e da Ásia Central. Estes

ao criar estados soberanos nas periferias do mundo, trouxeram à tona “o problema da continuidade da dominação de agências das antigas potências imperialistas sobre a imprensa dos novos países recém – libertos” (AGUIAR, 2017 p. 4). O que não se registrou na América do Sul. No entanto, a constatação deste processo demandou estudos sobre a medição dos fluxos de informação, e o grau de dominação das agências de notícias dos países denominados centrais aos países então tachados como periféricos; estudos estes que se iniciaram na década de 1960, se expandindo ao longo das próximas décadas, mas desaparecendo, justamente na era da informação mediada pela internet.

A partir de uma discussão dentro do contexto da globalização mundial e midiática de dominação das agências de notícias sobre os espaços locais das fronteiras internacionais, compreendo que, para a notícia universal da mídia, do Sul é que emanam as misérias do mundo, como a fome na África e com ela a imigração ilegal de pessoas aos países centrais dominantes; os conflitos territoriais que partem dos países árabes, respondem pelo terrorismo que assola tanto seus vizinhos, quanto países em grande evidência em território Ocidental. O narcotráfico alimenta estatísticas que afetam a etnicidade das sociedades ditas caucasianas dos países dominantes colocando-as no nível étnico das sociedades subalternas e moralmente incapazes (LACERDA, 2014, p.65), pois estas precisam das drogas para sobreviverem, porque se presume que ricos e bem educados não consomem drogas. Esta condição de tráfico de drogas e contrabando, recai sobre a América Latina e suas fronteiras. Dos espaços locais surgem acontecimentos que se evidenciam mundialmente, e isto é o que ocorre com muitas das fronteiras internacionais, enquadradas a partir de acontecimentos ligados à universalidade, que limitam a fronteira a apenas um espaço de onde emanam perigos diversos.

Atreladas às agências mundiais de notícias estão àquelas que denominamos “mídias de referência” (SILVEIRA; ALMEIDA, 2017). Identificadas numa perspectiva do jornalismo de referência, por um conjunto de qualidades que assim a classificam como uma mídia que representa confiabilidade e segurança das informações prestadas; pelo alto poder de circulação do material noticioso e estrutura econômica de suas empresas, esta mídia toma suas proporções a partir de seu jornalismo, medido pela circulação de seus conteúdos que mais irá agradar o público leitor. “Nossa melhor publicidade são os noticiários de televisão” (GALEANO, 2009 p. 107).

Santos (1998, p. 92) ao estudar as regiões e os “nexos de informação”, afirma que existem dois recortes espaciais: as horizontalidades e as verticalidades”. As horizontalidades, segundo o autor, se tratam das áreas produtivas, espaços contíguos, formados por pontos que se

juntam num mesmo espaço. Estas consistem nas regiões agrícolas, cidades, os conjuntos urbano-rurais. As verticalidades, correspondem aos pontos do espaço que estão separados uns dos outros mas que asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia.

As horizontalidades consistem na fábrica da produção propriamente dita, que seria o *locus* de uma cooperação mais limitada, enquanto as verticalidades, dariam conta dos outros momentos da produção, como a circulação, a distribuição e o consumo, sendo estas, o veículo de uma cooperação mais extensa e implacável, ou seja, dominante. O autor integra esta discussão ao poder da informação:

A informação, sobretudo ao serviço das forças econômicas hegemônicas e ao serviço do Estado, é o grande regedor das ações definidoras das novas realidades espaciais. Um incessante processo de entopia desfaz e refaz contornos e conteúdos dos subespaços a partir das forças dominantes (SANTOS, 2008 p.93).

A partir da perspectiva da Comunicação e sua relação com as forças econômicas hegemônicas e do Estado, como aponta Santos (2008), é possível o entendimento das ações governamentais sobre o espaço cotidiano fronteiriço, não somente compreendendo-se a fronteira por sua formação, que de forma alguma se dá de maneira natural, conforme aponta Bourdieu (2008) em sua noção sobre regionalismos. Estas ações acabam por definir este espaço, sentenciando-o pelos mais diversos males que ocorrem na sociedade. É necessário também se entender à custa de quais interesses a conexão das fronteiras é reforçada ou repudiada também pelas mídias.

I.3.1. O ESPAÇO LOCAL- INTERNACIONAL

As fronteiras e seus significados são aplicados em estudos das mais diversas áreas do conhecimento, sobretudo abrangendo temas que remetem ao sentido do extremo, ou do limite de alguma coisa ou lugar. Me atento neste trabalho ao universo das fronteiras internacionais, lugares de encontro, conexão e interação social, onde se chega, se vai, se passa e se fica.

As fronteiras internacionais desde a sua formação em tempos remotos até os dias de hoje, constituem objetos centrais em meio à uma profunda disputa de poder entre as sociedades globais (ZARTMAN, 2010). Formadas a partir de invasões territoriais, por partilhas realizadas por meio de acordos entre nações, porções terrestres foram renomeadas ou simplesmente incluídas em dado território por populações originárias dos diversos fluxos globais. Em muitos casos, lugares tidos como inabitados foram drasticamente invadidos e alvo de intensa imposição de culturas distintas, desencadeando em transformações culturais que dizimaram populações inteiras.

Podemos entender a imposição das fronteiras em territórios do continente americano, a partir das relações internacionais entre os países, que faziam parte de territórios já demarcados, como o Império Otomano e a Europa, antes do tratado de paz de Westfália, ocorrido no século XVII. Entre outras, guerras como a dos 30 anos, desde o século anterior desenharam um cenário que posteriormente desencadeou na separação dos estados europeus, sua independência e luta por hegemonia política, buscando o fortalecimento dos impérios através do apoderamento de territórios aparentemente desconhecidos. Assim se deu todo o processo ocorrido no continente europeu em que os impérios se transformaram em nações independentes, à custa de inúmeras guerras de cunho religioso, pois com o enfraquecimento da Igreja Católica Romana e o advento do Protestantismo, na transição para o período que data a Idade Moderna, os estados se fragmentam, mas continuam a sua busca por hegemonia territorial e política.

O Tratado de Westfália, assinado em 1648, engajou progressivamente uma nova ordem geopolítica no seio da Europa. O tratado consolidou um conjunto de estados, dispostos em fronteiras precisas e reconhecidas, sob o qual exerceu seu poder. A fixação e o traçado de uma fronteira são destinados a evitar uma invasão na soberania de um país e implica também o reconhecimento mútuo. Essas regras “garantem” mais a paz do que a guerra. A tradição westfaliana está associada à imagem de *ligne-frontière* (linha fronteira), associada a atores fortes como o Estado e a representação da nação. Portanto, a formação dos estados está extremamente ligada à formação dos territórios e fronteiras. (ANTUNES, 2015; p.37)

Nesse sentido, o Estado territorial, uma invenção estabelecida pelo Império Sagrado Romano, se atém às fronteiras como um limite político que é imposto à população desde tempos anteriores, independentemente de sua estrutura social, neste caso específico para dificultar a expansão de povos bárbaros, da Europa medieval.

De outra sorte, percebemos em alguns casos, que há regiões que continuam em evidência na atualidade, na disputa religiosa por territórios, como é o caso da questão Palestina – Israel, e também de povos advindos do Império Otomano, nas regiões da Turquia e países árabes, muçumanos, onde a fronteira é subjugada como objeto de conflitos diversos. As fronteiras, ao redor do mundo sempre se caracterizarão por territórios alvo de conflitos entre os países, muitas vezes por questões religiosas ou mesmo àquelas, onde se sobressaem com maior frequência e em tempos mais recentes, as questões de cunho político- econômico; e estas sempre caminharam junto às disputas de poder por meio da religião. No entanto, esta condição não se difere em países de continentes como África e América, e nem mesmo estão isentos, territórios como os asiáticos e

os da Oceania. Embora conheçamos suas particularidades em menor intensidade, tais espaços fronteiriços se tratam de localidades que tocam duas ou mais diferentes regiões, com orientações políticas e econômicas que ali se estabelecem e onde prevalece a soberania de cada Estado.

Em seus estudos sobre o poder simbólico, Bourdieu (1998) nos elucidam a respeito da condição operacionalizada nos sentidos das relações entre as populações mundiais constituídas através dos regionalismos. O autor enfatiza um poder simbólico que é invisível sendo expressado a partir da cumplicidade daqueles que se sujeitam a ele. Isso ocorre com por exemplo a religião, a língua e a ciência. Estes constituem os sistemas simbólicos, que exercem um poder estruturante, sendo ao mesmo tempo este poder, também estruturado. Esta estruturação se dá por meio de um consenso, que, neste caso é o da hegemonia, da dominação. Ali estão presentes as relações de comunicação, que se constroem a partir de uma relação simbólica de luta, que envolve as diferentes classes definidoras do mundo social a partir de seus próprios interesses. “as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulados pelos agentes” (BOURDIEU, 1998, p.11).

Pela leitura sobre os sistemas simbólicos compreendemos que estes diferenciam-se de acordo com a sua instância de produção e de recepção e a autonomia de um campo do saber constitui-se na medida em que um corpo especializado na produção de um determinado discurso se desenvolve. Desta forma a Comunicação se estabelece e é legitimada, a partir de outras formas de poder. “O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação [...] só se exerce se for reconhecido” (BOURDIEU, 1998, p.14).

A região constitui objeto de luta entre as diversas áreas do conhecimento, como entre geógrafos, historiadores, sociólogos, antropólogos, economistas e até movimentos regionalistas. Assim, esta discussão ocorre à medida em que o monopólio da autoridade científica se dá de forma menos autônoma, já que a concorrência pelas disciplinas se constitui por um processo que resulta de políticas governamentais.

O conflito na noção de região, pode ser refletido também no âmbito das etnias ou das etnicidades, conceitos e objetos produzidos por meio de uma abordagem de uma percepção individual, que ao se impor será fortalecida a partir de um consenso de unidade de determinado grupo, o que irá envolver a disputa por poder através de uma visão de mundo por meio do princípio da divisão.

A região e as fronteiras constituem o que restou de um ato de autoridade imbricado no vestígio de uma imposição legitimadora do princípio de divisão do mundo e daí podemos refletir na perspectiva de que tais conceitos constituem um ato de direito o qual afirmam com autoridade uma verdade que tem força de lei pelo reconhecimento produzido a partir da existência de algo que foi enunciado.

As fronteiras sempre existiram, mesmo antes do período medieval, que foi considerado marco na constituição das estruturas de poder dos estados ocidentais, e as fronteiras são artificiais. Isto ocorre porque elas, muitas vezes são reconhecidas de forma limitada, e não na totalidade de suas relações. Zartman (2010) afirma que a natureza e as condições da fronteira são afetadas pela natureza da fronteira por ela mesma sob condições artificiais. Esta assertiva se dá porque a fronteira, criada pelo homem- político traça linhas através de regiões e assim essas linhas podem ser nítidas, claras e profundas, constituídas, politicamente como linhas reforçadas, distinções que irão aparecer como naturais em termos físicos e humanos da geografia, mas que no entanto, estes são locais onde as populações são diferentes entre si, nos dois lados da linha. Strassoldo (1989) em seus estudos sobre as fronteiras africanas, afirma que as fronteiras podem unir e dividir, ligando o interior e ao mesmo tempo promovendo um *link* com o exterior, e então observamos suas barreiras, junções, muros e portas, que se tratam de órgãos de defesa e ataque, porque ali se encontram áreas militarizadas e um gerenciamento que constitui baluartes contra seus vizinhos, ou simplesmente áreas criadas no sentido de promover um suposto intercâmbio pacífico. São as políticas governamentais que ali se estabelecem, tornando a fronteira um campo de batalha.

Duas características da fronteira estão evidentes, sua natureza política e sua profundidade (ZARTMAN, 2010). A natureza política, é entendida como a relação com o poder central e a força e autoridade que se estabelece por trás desta fronteira, o grau de execução que sustenta tal poder e a vontade e capacidade de manutenção dessa divisão artificial que perpassa por toda uma área povoada. Assim, fronteiras podem ser apoiadas por Estados fracos, não demarcados e não administrados ou forçosamente afirmados e mantidos pela força de uma autoridade central, que executa um mandato para o fim de sua terra, ou por alguma condição entre estes dois extremos.

A profundidade observa o grau da diferença ocorrente nas áreas entre os dois lados da fronteira. Assim, a linha pode ser meramente uma imposição política, onde ocorre uma população indiferenciada que ignora o ato da separação de suas mesmices, ou que ela mesma corresponda a pré- existência de distinções identitárias baseadas em uma linguagem, religião, cultura,

etnicidade, história, raça recentemente adotadas, ou outras coisas que fazem as pessoas pensarem nelas mesmas como diferentes umas das outras. Ali estão presentes suas políticas identitárias.

Assim, a fronteira Estados Unidos – Canadá, não é muito profunda, porque ela não se divide muito, exceto pelos funcionários aduaneiros e formulários fiscais, enquanto a cortina de ferro, que dividia a Europa Ocidental do Leste europeu, era muito mais profunda, não naturalmente profunda, como era entre o Leste e o Oeste da Alemanha, mas ela mesma se fez assim, criando novas distinções entre as pessoas e o outro lado. No entanto, mesmo as fronteiras que aparentam ser muito profundas, como as israelenses, ou a linha verde do Chipre, a *DMZ* (Zona desmilitarizada) coreana, ou a *LOC* Caxemira (Índia- Paquistão- China), a fronteira Estados Unidos - México, e as fronteiras entre a África do Sul do *Apartheid* e a linha de frente dos estados, se tornaram bem mais disruptivas do que separativas para as zonas de fronteiras e menos profundas do que as autoridades poderiam desejar (ZARTMAN, 2010). Esta profundidade será observada onde as civilizações se encontram, se chocam e então desenham uma trégua, entre os impérios históricos e religiosamente apoiados.

Nestes espaços locais- internacionais, as complexidades das fronteiras nos dão a dimensão das estruturas de poder que se estabelecem, tanto na perspectiva do poder central, quanto na de um poder periférico, que está aliado a outras periferias continentais, distantes dos centros de poder dos estados nacionais. Estes locais são portanto estigmatizados como regiões periféricas, alvo das políticas de segurança nacionais, que transformam estas regiões em verdadeiras zonas de guerra, locais visados como perigosos, áreas onde o outro deve ser tratado como inimigo, perigo eminente para a nossa pátria (SILVEIRA, 2012).

Zartman (2010) afirma que há ainda nas fronteiras, os relacionamentos de mudança, pois as populações fronteiriças vivem em seus limites, conhecendo pessoas que também vivem no limite do outro lado da fronteira. Esta população trata daquela às margens dos centros de poder, travestidas por uma política fronteiriça, sob uma dinâmica de relações internas e externas com o centro de poder. Assim, o poder simbólico na fronteira, conforme aponta Bourdieu (1998) está na condição operacionalizada pela estruturação deste poder a partir dos estados nacionais que irradia para as bordas destes estados, influenciando os espaços de conexão entre os países, espaços locais, mas ao mesmo tempo internacionais. Mas este poder será maior ou menor, porque está condicionado a cada nação, por sua força política e econômica. A condição de afetação já está posta, mas há no entanto, o que faz mover as fronteiras, que é justamente o seu contexto social. Notamos na mídia de referência a ação deste poder simbólico, com relação às mídias locais.

O Espaço local- internacional do qual me refiro nesta pesquisa, trata-se das fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México. Este espaço compreende na travessia de saberes e aspectos culturais sobressalentes às razões territoriais, às delimitações de espaços físicos e integrações entre meios e fins. O estudo das mídias locais em conexão com as comunidades locais nos revelam a representação de tais espaços ou como estes aparecem no noticiário diariamente. Os pontos de conexão preponderantes nas fronteiras fronteira Brasil – Bolívia e Estados Unidos- México correspondem à multiplicidade de aspectos econômicos, sociais e culturais assentados nestas porções territoriais e que apontamos nesta pesquisa.

As particularidades observadas nos apontam para a construção de espaços locais, a partir de comunidades locais refletidas nas mídias locais. As fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México correspondem a espaços locais–internacionais estruturados por pressões externas e subjugados como locais onde a violência, o contrabando, o narcotráfico e a ‘migração ilegal’, apresentada como criminosa, sobressaem às atividades do cotidiano das comunidades a quem tal espaço pertence. Os espaços locais-internacionais Brasil-Bolívia e Estados Unidos México constituem espaços onde a vida cotidiana é percebida através de suas formações culturais e interações como espaços fronteiriços entre países (ROMO; MARQUEZ, 2010).

É na fronteira Estados Unidos–México que podemos notar a transculturalidade ou as instituições formais e informais na construção das vidas transnacionais de mexicanos americanos, bem como conflitos de relacionamento entre anglo-saxões, descendentes e seu impacto na persistência mexicana sobre o senso de comunidade que envolve vidas de mexicanos americanos e mexicanos migrantes e seus comportamentos (ROMO, 2012).

Na fronteira Brasil-Bolívia o agronegócio flutua entre os países, assim como o comércio local e o trânsito de estudantes universitários, interessados nas universidades bolivianas. O espaço local internacional se faz, desfaz e refaz, como um espaço de vivências e relações entre as comunidades locais e suas necessidades, aprendizados e recriações.

I.3.2. MÍDIA DE REFERÊNCIA, MÍDIA LOCAL, HIERARQUIA DE RELAÇÕES E PERSPECTIVA DESCOLONIAL

Estudos de Walter Mignolo sobre a construção da América, nos elucidam sobre um processo histórico- social que desencadeou no apagamento de grande parte das comunidades americanas. A semiose da América, advém de uma narrativa de dominação ocorrida a partir do

colonialismo Europeu e na consolidação e expansão das ideias e instituições ocidentais, que são retratadas pelo autor como um projeto forjado, constituindo desdobramentos que impactaram as civilizações até os dias atuais. Especialmente a dominação da América Latina ou a ideia de América Latina, corresponde à expansão cristã na criação moderna/ colonial do racismo. Esta reinvenção da história nos remete ao apelo Barberiano sobre a morte da cultura, quando interrompida por ações externas ao cotidiano das comunidades locais americanas, nos espaços de fronteira.

Mignolo (2007) declara que há duas diferentes interpretações da construção da América e com elas está a colonização do ser. Uma delas é a versão do descobrimento, e a outra é a da invenção; paradigmas distintos para um mesmo acontecimento. Assim, a linha que separa estes dois pensamentos advém de uma transformação geopolítica do conhecimento, que não se dá apenas pela terminologia, mas ocorre em seu discurso. Mignolo (2007) nos elucida que o descobrimento, se dá por uma perspectiva imperialista de uma história particular de triunfo e vitórias, conhecida como a modernidade. A invenção é colocada pelo autor como uma crítica àqueles que foram deixados de lado, daqueles que os europeus esperaram que seguissem e sobretudo que acreditassem que realmente pertenciam a esta história construída.

La colonización del ser consiste nada menos que en generar la idea de que ciertos pueblos no forman parte de la historia, de que no son seres, Asi, enterrados bajo la historia europea del descubrimiento estan las historias, las experiencias y los relatos conceptuales silenciados de los que quedaron fuera de la categoria de seres humanos, de actores historicos y de entes racionales. (MIGNOLO, 2007, p.30).

Pensando nas práticas sociais da atualidade, nos deparamos com as fronteiras internacionais latino americanas, espaços de alteridade entre Estados- Nação, que partilham algo em comum, um processo histórico que gerou segregação e exclusão de suas populações.

Deste processo Mignolo (2007) apresenta a geopolítica do conhecimento e a expansão jesuítica, como apreensoras de línguas e memórias ausentes da visão de mundo apresentada por intelectuais do período medieval. A expansão Cristã se ocupava apenas da implantação de instituições, anulando as línguas originais pelo estabelecimento dos idiomas e cultura europeia.

En esta simetria aparente hay una diferencia: el misionero español y el filosofo frances no debieron incorporar las lenguas ni las experiencias indigenas en su marco de pensamiento teologico o egologico. Los intelectuales aimara o nahuatl de los territorios que hoy ocupan Bolivia, Mexico y America Central no tuvieron otra opcion, porque en sus territorios, en los lugares donde ellos vivían, se establecieron instituciones españolas y francesas. Esa es la razon material por la cual el pensamiento fronterizo es la consecuencia del diferencial de poder existente en el contexto moderno/colonial, un diferencial de poder que constituye la diferencia colonial (MIGNOLO, 2007 p.36).

Ao debater sobre a mídia e questões de alteridade na América, Silveira (2017), ressalta que um contexto negligenciado pela mídia, e que se evidencia nas fronteiras da América de modo geral, trata-se da alteridade das culturas nacionais diferidas por idiomas. Segundo aponta a autora, a América é constituída por 35 estados nacionais, com exceção de alguns estados não soberanos, assunto pouco abordado pela mídia de referência. Os idiomas tomados em evidência pela mídia em toda a América se resumem majoritariamente ao inglês, francês, espanhol e português.

Conforme a autora, à medida em que nos aproximamos das fronteiras, podemos entender que as diferenças são grandes e consideráveis no contexto da alteridade. Assim, podemos citar alguns exemplos da quantidade de idiomas falados em toda a América, desconsiderados pela mídia e também em alguns casos, pelos Estados-nação, o que se configura uma grave situação atrelada ao colonialismo latino americano, na abordagem de Mignolo (2007). Dentre os idiomas que chegaram a partir dos colonizadores, temos o espanhol/castelhano, o inglês, o português (ou brasileiro). O francês e o Criollo, da África em boa parte das costas litorâneas do mundo, nas Antilhas, o Neerlandês que é falado no Suriname e o Alemão e o Italiano que são idiomas secundários dentro do Brasil e da Argentina, no Chile e no Paraguai.

Possuímos, na América do Sul, idiomas indígenas, em que conhecemos muito pouco e que principalmente pouco tem se debatido a respeito destas questões de alteridade através do jornalismo no Brasil. Temos o Guarani que, dos idiomas indígenas das Américas é o único que é um idioma oficial de Estado, ou seja praticado também como é o Castelhana, o Estado Paraguaio tem o Guarani como idioma oficial (SILVEIRA, 2017). É relevante afirmar conforme aponta a autora, que os cidadãos do Paraguai possuem documentação em Guarani, o que difere por exemplo do Quechua, do Peru o qual constitui um idioma de raiz do país, mas não possui *status* oficial por implicações jurídicas que isso representaria.

Há ainda os idiomas considerados minoritários, como o Aymara, o Maputi; os idiomas Maias no México, o Havaiano, o Sherokee, o Esquimó, entre outros, e também os idiomas indígenas praticados no Brasil, que totalizam mais de 40 idiomas, e entre eles estão o Tucano, o Ticuna e o Ianomami. Pratica-se no Brasil outros idiomas relacionados a diferentes etnias, contudo o código brasileiro de telecomunicações, em vigência desde 1961, proíbe qualquer transmissão que não seja em português. Há no Brasil uma presença expressiva do árabe, do japonês, que depois do Japão, tem a sua maior colônia em território brasileiro e ainda a crescente presença do Chinês e de seus dialetos (SILVEIRA, 2017).

O projeto de colonização europeu, conforme declarado por Mignolo (2007), nos aponta para um processo de criação de uma hierarquia dos idiomas, através da percepção que se tem do poder colonizador, da autoridade de um idioma de transferir todos os seus saberes e sedimentar uma cultura conforme seus interesses, desprezando os idiomas existentes em dada porção territorial. Se tem o mais forte e mais praticado e se tem o mais fraco, excluído, sem valor algum.

Gayatri Spivak (2010) observa o sujeito subalterno na Índia, e sua condição de representação por meio do sujeito colonizado. O sujeito subalterno, conforme ressalta a autora, muitas vezes é representado na literatura, por uma narrativa que favorece os interesses ocidentais e portanto se vê em seu próprio país, sem voz. Isso pode ser observado e também conforme aponta Spivak (2010) através das próprias leis implantadas nos países considerados subalternos, aqueles que foram acondicionados à imposição de idiomas e culturas externas, tendo impedidas as suas próprias práticas culturais, por meio da expressão de suas vozes, do seu trabalho, das práticas sociais subsumidas por ideologias imperiais. Neste sentido se dá a afirmação de Silveira (2017), sobre a representação da mídia sobre o cotidiano fronteiriço e às práticas totalizantes impostas pelo Estado que cada vez mais alijam os sujeitos fronteiriços da expressão da sua voz, enquanto comunidade estabelecida num espaço de vivências.

Mignolo e Tlostanova (2009) afirmam que as fronteiras não são somente geográficas, mas também políticas, subjetivas ou culturais e também epistêmicas. Conforme os autores, isto se dá pelo fato de que as fronteiras constituem espaços que foram limitados não somente por meio de um processo histórico, mas foram criados atrelados ao projeto do colonialismo, que produziu diferenças entre os impérios e as colônias, assim como foi estabelecido com as línguas dominantes, a religião e o conhecimento. Isso justifica o controle do conhecimento a partir da exclusão de diversos idiomas, pela globalização da cultura.

Conforme Mignolo e Tlostanova (2009), indianos e latino-americanos, não possuem muitas diferenças, pois são enquadrados na mesma história imperial/colonial imposta pelo ocidente capitalista a partir de impérios cristãos como Espanha, França e Inglaterra.

A respeito da globalização, Mignolo e Tlostanova (2009), afirmam que esta se relaciona ao território e não no sentido epistemológico. Portanto, a ideia do global parte da Europa Ocidental e dos Estados Unidos irradiando para o restante do mundo, em que está inserido o local.

la globalización es vista como el conjunto de procesos que engendran respuestas y reacciones de aquellos que defienden “la culturas auténticas” o bien la soberanía política amenazada por fuerzas locales. Nuestras tesis asumen lo contrario, es decir, que las historias locales están en todas partes tanto en Estados Unidos y la Unión Europea como

en Tanzania, Bolivia, China o el MERCOSUR. Sin embargo, el asunto es que no todas las historias locales están en una posición de idear ni hacer el papel de un diseño global, la mayoría de las historias locales en los últimos quinientos años han tenido que lidiar la expansión incrementada del diseño global del Imperial en todos sus aspectos: religioso, político, económico, lingüístico, epistémico y cultural. (MIGNOLO e TLOSTANOVA, 2009 p. 18).

Os estudos de Silveira aqui citados, tratam da representação do cotidiano fronteiriço pela mídia de referência brasileira e dão conta de um espaço singular de complexidades, relacionadas a um contexto macro de situações limite. Aponta a autora que o jornalismo de fronteira não tem tomado em consideração as questões de alteridade que nós vivemos nas sociedades americanas como um todo, que diz respeito a uma aculturação das relações fronteiriças pela ação globalizadora das mídias de referência sobre o espaço local. Sinalizamos então duas questões que se sobressaem na fronteira, a fronteira territorial e a fronteira epistêmica.

Silveira (2017) observa que a percepção de fronteiras no Brasil é construída pela mídia de referência a partir dos interesses da globalização, ou seja, territorial. Nesse sentido a mídia não fala da fronteira pelo interesse na fronteira, mas pelos fenômenos que ali ocorrem, os quais resultam de fluxos globais; porque o que ali ocorreu no passar dos séculos, ou dos anos não interessa para as mídias de referência, que estão localizadas na costa litorânea do país.

Segundo a autora, o centro político do Brasil, onde se localiza a capital está na região Centro-Oeste do país, local mais próximo às fronteiras. No entanto este não representa a centralidade da Comunicação no Brasil, mas sim um centro político. As ações econômicas ocorrem a partir das capitais litorâneas, o que não difere de muitos outros países do mundo, como os Estados Unidos, que possuem seus centros políticos e econômicos espacialmente separados.

Nesse sentido Silveira (2017) alerta que o jornalismo que se faz nas fronteiras internacionais brasileiras é caudatário de um poder hierarquizante que vem das mídias de referência, praticadas por oligopólios de mídias que possuem as suas bases estruturais territorialmente localizadas no litoral do país. Assim, argumenta a autora que esta percepção que se tem da fronteira se constitui interessada e orientada pelo interesse econômico dessas empresas em grupos que possuem seus valores situados na costa litorânea.

Tal percepção da mídia de referência apresentada por Silveira (2017), se dá em conexão com as duas vertentes epistemológicas abordadas por Mignolo e Tlostanova (2009), em que os autores relatam os processos colonialistas e imperialistas de dominação do mundo.

Curiosamente, o colonialismo na mídia brasileira, ocorre no sentido da instalação da mídia de referência nas regiões litorâneas. As capitais litorâneas do Brasil, constituem aquelas fundadas pelos colonizadores europeus e estabelecidas como capitais brasileiras e centros de poder econômico desde o século XVI. A mídia de referência atua, conforme aponta Silveira (2017) num processo de criação de outras emissoras menores, que atuarão num contexto local, por todo o país, segundo interesses particulares de suas centrais. As regiões dominadas por esta mídia, são neste sentido entendidas como locais periféricos, onde a notícia que circula ali será interessada, conforme os valores da mídia de referência. Assim também ocorre nos Estados Unidos. O veículo impresso *San Antonio Express News*, da região fronteira Estados Unidos- México, pertence à *Hearst Corporation*, cujo escritório central está localizado em Nova York.

O contexto imperialista e globalizador da mídia de referência, se dá, segundo Silveira (2017), por meio da veiculação das notícias a partir de um enquadramento padrão dos acontecimentos da fronteira, nos temas violência e contrabando, em que a autora percebe como “alarmes de incêndio” (SILVEIRA, 2012). Este padrão de reportagens tende a mostrar pessoas subalternas em situação de criminalidade ligadas ao narcotráfico, ao contrabando ou roubos, não se atendo ao total fluxo de um negócio de contrabando, por exemplo, que configuraria a raiz do problema (SILVEIRA; GUIMARÃES, 2016). Este tipo de reportagem é produzida como a presença de agentes da segurança pública, das forças armadas e Polícia Federal, como uma voz de autoridade. Os agentes se posicionam como centro da verdade num discurso que estigmatiza a identidade social daquelas pessoas que vivem e trabalham nas regiões de fronteira. Esta abordagem, conforme Silveira e Guimarães analisaram empiricamente (2016), tem sido construída e alimentada, sendo observada no Brasil desde os anos 1990 e mais intensamente a partir dos anos 2000.

Dentre as situações retratadas pela autora no tema que tange à representação da mídia de referência sobre o cotidiano fronteiriço, estão algumas observações realizadas por Silveira et. al. (2017) sobre a organização política do espaço fronteiriço, o estabelecimento da mídia local e a relação com as identidades locais em duas tríplexes fronteiras internacionais brasileiras: o Arco do Norte, localizado na região Norte do Brasil, no Estado de Amazonas, em que a fronteira se dá entre as cidades de Tabatinga (Brasil), Leticia (Colômbia) e Islandia-Ilha de Santa Rosa (Peru); e ainda o Arco do Sul, onde se localiza a tríplex fronteira Sul do Brasil, constituída pelas cidades de Foz do Iguaçu (Brasil); Ciudad del Leste (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina). Neste estudo as

autoras relatam que as duas regiões constituem a construção de um espaço identitário composto por utopias missionárias, onde houve uma missão jesuítica, retratada desde os primórdios da colonização. Dentro da perspectiva da fronteira como espaço de fluxo, para as identidades que por ali transitam e de lugar, para aquelas que ali vivem e trabalham, as autoras evidenciaram a atuação da mídia em sua narrativa jornalística como aquela que toma a fronteira somente como um espaço de fluxo, daqueles que estão por ali apenas de passagem. Neste sentido o narcotráfico e o contrabando constituem a representação de pessoas que estão por ali também de passagem.

As autoras evidenciam ainda a relevância de se tomar também a fronteira como um espaço de lugar, pois a fronteira se caracteriza pelo discurso dos fronteiriços, que é o que os identificam com o espaço em que vivem. Enfatizam, portanto que estas são duas narrativas completamente diferentes de um único espaço local e observam que em ambas as regiões estudadas, os jornais locais não praticam somente o jornalismo hegemônico. Embora isso ocorra, há tentativas de outras formas, para que se consiga transmitir a notícia local para o público que ali reside, contudo, a força hierárquica da mídia de referência está fortemente presente no jornalismo local de ambas as triplíces fronteiras.

Assim, a fronteira Tabatinga- Leticia, cidades-gêmeas do Arco do Norte, já chegou a ser intitulada pela mídia de referência como o Vietnã-Sul Americano, pela representação do trânsito de situações conflituosas que ali podem ocorrer, em função da localização da fronteira ser em meio à densa floresta amazônica e junto à Venezuela e à Colômbia. Situação também similar pode ser observada na representação da mídia sobre o espaço local fronteiriço na faixa da fronteira internacional Brasil-Bolívia, em reportagens que noticiam a região das cidades fronteiriças Cáceres-San Matias, como porta de entrada de cocaína do Brasil. As notícias veiculadas pela mídia de referência apontam para crimes e contrabando ocorridos diariamente naquele espaço fronteiriço.

Silveira e Guimarães (2014) ressaltam que a perspectiva da comunicação e consequentemente do jornalismo é a de que estes formam profissionais técnicos que irão trabalhar a partir de uma base teórica sólida. Contudo, levando-se em consideração uma crítica cultural ao jornalismo no Brasil e nos Estados Unidos, a notícia da fronteira é construída pela mídia de referência, a partir de uma visão positivista e globalizadora, dentro da lógica da instantaneidade. Assim, as identidades do cotidiano fronteiriço são substituídas, por acontecimentos relacionados à violência ocorrida nesses espaços. A mídia então reforça o estereótipo do pensamento mítico-

mágico sobre o latino-americano, fadado a viver sob intempéries extremas. Enquanto o pensamento ocidental ou dos nórdicos, reforça a racionalidade.

Tal perspectiva alinhada ao colonialismo latino-americano (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009) pode ser entendida como uma estigmatização da matriz mítico-mágica que, argumenta Martín-Barbero (2001), é constituída pela pluralidade das matrizes culturais, atreladas às bases das culturas mundiais, estas constituídas por elementos identitários arraigados à comunidades locais.

A mídia de referência, ao tratar as situações conflituosas das fronteiras internacionais irá considerá-las dentro da perspectiva da matriz mítico-mágica, refletindo o modo em que os latino-americanos tem de sobreviverem em meio ao caos e à guerra, sendo as intempéries minimizadas e tomadas como algo comum, pertencente àquele universo cultural, assim como ocorre com a representação de conflitos territoriais em países árabes. Esta perspectiva, reforçam Silveira e Guimarães (2016), é tomada quando se observa a construção dos acontecimentos fronteiriços.

Para Mignolo e Tlostanova (2009) as bordas podem ser estudadas a partir da epistemologia territorial das ciências sociais ocidentais. Nesse caso o problema não seria estudar o que se passa nas regiões das fronteiras, mas sim resignificá-las, reescrevendo as fronteiras geográficas como foram constituídas, no sentido inverso às subjetividades coloniais e imperiais e também das epistemologias territoriais.

Os autores, ao questionarem de que forma poderia ser tal abordagem realizada a partir do pensamento de borda, chamam a atenção para a dupla consciência, a qual é a tese de “inclusão do outro”, que se confronta com a epistemologia colonial/imperial. A epistemologia de borda nos leva a compreender e praticar as epistemologias chamadas anti-imperiais dos povos que correspondem à diferença colonial, construída a partir do discurso hegemônico que os denomina “os outros”, ou seja, povos projetados a pertencerem a um nível inferior de conhecimento, se comparados às populações dos países dominantes, os quais foram legitimados a partir do contexto geo-histórico e social. O giro epistemológico, conforme afirmam os autores, se dá dentro da perspectiva da descolonização das sociedades subalternas, fadadas a serem limitadas geograficamente e também excluídas epistemologicamente:

Por esa razón, el giro hacia una episteme des-colonial propone cambiar las reglas del juego- y no solo el contenido-, así como también la razón por la cual el conocimiento es producido: la des-colonización en lugar de trabajar hacia la acumulación del conocimiento y el manejo imperial trabaja hacia el empoderamiento y la liberación de los diferentes estratos (racial, sexual, género, clase, lingüístico, epistemológico, religioso, etc.) desde la opresión hacia el sentido asumido donde el poder es naturalizado, actuado y corrompido. (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009 p. 5).

A partir do pensamento de borda também surge uma diferença imperial, partindo do mesmo sentido em que pensamos o colonialismo, mas desta vez, apontando para pessoas com padrões sócio-econômicos semelhantes aos dos países dominantes. Mignolo e Tlostanova (2009) citam o exemplo do cristianismo e do secularismo, sobre os índios e os negros africanos transportados como escravos para as Américas, como o ponto de partida para a criação de uma matriz de racismo moderna e se referem à epistemologia do ponto zero, como aquela que parte da teo - política e da ego - política do conhecimento que se expandiu durante os cinco séculos de colonização ocidental.

O pensamento de borda questiona tal configuração dada a partir das relações entre os locais denominados geo-históricos e suas epistemologias, contrapondo-as às identidades ali presentes e às epistemologias do *outro*. [...] *“cómo la gente se enfrenta en el mundo a la expansión epistémico, económica y política de Occidente, si no quieren ser asimiladas sino más bien imaginar un futuro que sea su propia invención y no la invención de imperios hegemónicos o subalternos.”* (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009, p. 6).

O giro epistemológico, parte de princípios opostos à epistemologia colonial (Teológica e egológica) apontando para a reconfiguração da perspectiva geo-política (das segundas qualidades, mas aquelas as quais se referem às histórias imperiais locais e às subjetividades, como os corpos racializados e inferiorizados, classificados e moldados pelo conhecimento europeu, do cristão e secular homem branco.

Las teorías de los bordes (es decir que “describen y representan” las experiencias de los bordes, aunque el enunciante no habita el borde sino el territorio, y desde el promontorio mira hacia baja, las victimas en los bordes) y la no- occidental (es decir las teorías que surgen del habitar el borde, de la experiencia del borde, desde donde se mira la arrogancia del enunciante que en el territorio “nos” mira, a veces con lástima y a veces con sentimiento de culpa) radical son difíciles de reconciliar (MIGNOLO e TLOSTANOVA, 2009 p. 8).

A partir da perspectiva da diferença colonial as condições e possibilidades do pensamento de borda não são diferentes, mas difíceis. Contudo conforme afirmam os autores, a China, por exemplo se propõe a um pensamento através da diferença imperial, com “adaptação sem assimilação” (MIGNOLO; TLOSTANOVA, 2009 p. 8).

Para Silveira (2014) o espaço fronteiro pode ser entendido na perspectiva da territorialidade: “os processos relacionados ao poder sobre certos territórios - o poder de afetar, influenciar, controlar o uso social do espaço físico - não criam homogeneidade ou uma qualidade única do território, nem mesmo, obrigatoriamente, geram um território, pois podem se “empilhar”

tanto quanto articular-se em tensão constante ou gerar conflitos abertos” (SILVEIRA, 2014, p. 6). Para além da perspectiva de território, que de alguma forma delimita o espaço entre “nós” e os “outros”, assim carregando um sentido de exclusividade, a territorialidade trata-se de “um processo de caráter ‘inclusivo’, incorporando novos e velhos espaços, não separando quem está ‘dentro’ de quem está ‘fora’ ”(SILVEIRA, 2014, p.6). A territorialidade de algum elemento geográfico dificilmente coincide com os limites de um território, bem como não se distingue entre os territórios formalmente instituídos e o espaço vivido.

Spivak (2010) destaca que as elites indianas, por serem nativas, são os principais expoentes que disseminam para os intelectuais do primeiro mundo a “voz do outro”, tendo-se em consideração que o subalterno, que é o sujeito colonizado, não se trata de um sujeito heterogêneo. Assim também comenta Silveira (2017) que a mídia de referência é aquela que representa o sujeito fronteiriço numa condição de criminalidade. O trabalho de descolonização desta epistemologia se trata de “ identificar, investigar, e medir a natureza específica e o grau de desvio dos elementos (Grupos dominantes nativos locais e regionais) a partir do ideal e situá-los historicamente” (SPIVAK, 2010 p. 59).

Tanto Mignolo e Tlostanova (2009) como Silveira (2017) e Spivak (2010), destacam a situação do sujeito alijado de poder, que se vê numa condição de subalternidade étnica, política, social e econômica. O sentido da descolonização da mídia, está na descolonização do ser, o ser fronteiriço, subalterno, latino-americano, indígena, negro, migrante e pobre, moralmente desqualificado por sua identidade social atrelada à uma classificação imposta a partir de um projeto colonizador. Tal projeto constitui no genocídio indígena, causando neste sentido um epistemicídio, ou seja a eliminação de múltiplas formas de pensar e criar, como os saberes populares, o conhecimento adquirido e passado adiante através de gerações, conhecimento este, que poderia assim ser praticado e replicado nos diversos setores da sociedade contemporânea.

CAPÍTULO II

O ESPAÇO LOCAL- INTERNACIONAL DE BRASIL- BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS- MÉXICO

A interlocução da fronteira Brasil- Bolívia com a fronteira Estados Unidos- México, pode ser analisada no entendimento das fronteiras internacionais como espaços de relações sociais profundas (ZARTMAN, 2010), em que percebemos, a partir das relações das populações locais e suas trocas simbólicas, dos passantes informais, migrantes que por estas regiões transitam, das relações ilícitas e das comunidades que povoam as regiões destes dois espaços fronteiriços, as diferentes identidades, legitimadoras e resistentes (CASTELLS, 2010), as identidades que dali nascem e aquelas que se sentem mais bolivianas de que brasileiras, ou mais estado-unidenses do que mexicanas ou binacionais. Também existem as trocas comerciais locais-internacionais e as pressões governamentais federais e estaduais. Estas são características das duas fronteiras, que em medidas distintas transbordam em suas relações.

A relações transfronteiriças “foram e sempre serão um elemento chave de diferenciação, comunhão e comunicação, interpondo-se entre a ordem e a desordem, entre o formal e o funcional, abraçando, nem sempre com equilíbrio, as regras e os ritos socioculturais conexos e desconexos” (OLIVEIRA, 2015, p.235). A partir desta abordagem, percebemos as fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México, em dois aspectos, porém em intensidades diferentes: o funcional, de complementaridade dialética, abrigando a convivência compartilhada de costumes e modulando comportamentos sociais no sentido da aproximação, da aceitação do outro: “se posta como a coluna vertebral do processo de reprodução da capacidade criativa dos fronteiriços, cujas vértebras emitem fibras nervosas em todas as direções e sentidos, depurando ramificações que sustentam desde coloridas interações, até tenebrosas transações” (OLIVEIRA, 2015, p. 243); e no seu aspecto formal, em que a legalidade é imposta formalmente, constituindo as integrações que ocorrem dentro da legalidade, imposta verticalmente e seletivamente, onde se sobressaem os interesses dos Estados Nacionais, estes, muitas vezes incompreendidos pelos fronteiriços, lugar de interesses da economia nacional, e das grandes empresas, que se encontram distantes e ausentes da região da fronteira (ALMT-COOTRADE, 2017). Na fronteira Brasil- Bolívia, conforme poderemos notar adiante, há nos tempos mais recentes a preocupação com o registro das relações formais, a presença da aduana, a fiscalização e políticas de segurança pública sobre as fronteiras e as relações comerciais.

Na fronteira Estados Unidos –México as políticas anti-imigrantista e anti-tráfico de drogas estão presentes na vida cotidiana da fronteira atual, intensificando com isso as relações formais. Estas relações, se caracterizam como uma tensão entre a ordem global e a local (OLIVEIRA, 2015).

Deste modo também ocorrem desde o início do século XX e por interesses econômicos dos Estados Unidos e das elites mexicanas, a integração comercial formalizada, ou seja, a industrialização da fronteira (RESCALLA; MCCULLOUGH, 1993).

Conforme as fronteiras sempre estão em movimento, há momentos no tempo em que a integração formal estará sempre em sobreposição à integração funcional, e quando nos referimos às mídias dos países fronteiriços, notamos que a perspectiva da grande mídia ou mídia de referência se apoia à acontecimentos relativos ao fluxo populacional destas regiões e também às suas relações funcionais de forma negativizada ou seja à criminalidade na fronteira, ao narcotráfico, ao fluxo migratório informal, que se sobrepõem às conexões formais e até mesmo às conexões funcionais relativas às culturas, comunidades e trocas simbólicas do espaço vivido.

A partir das noções de povo e massa na cultura, Martin- Barbero (2001) explica que com o decorrer dos processos históricos, a noção política de povo nasce legitimada do Governo Civil, a partir de uma ideia negativa do popular, como ignorante e desordeiro. O povo como protagonista de um movimento histórico, ou ator social designa “a condição de possibilidade de uma verdadeira sociedade”, sendo fundador da democracia, esta não enquanto população, mas sim uma “categoria que permite dar parte, enquanto garantia do nascimento do Estado Moderno” MARTIN-BARBERO (2001, p.24). Por isso uma sociedade moderna não seria pensável, a não ser que esta fosse constituída pela “vontade geral”, que seria o que constituiria o povo como tal. Quando atravessamos o político ao econômico, observamos o dispositivo central “de inclusão abstrata e exclusão concreta, ou seja, a legitimação das diferenças sociais” (MARTIN- BARBERO, 2001 p. 24-25).

Conforme observa Martin- Barbero (2001), a invocação do povo legitima o poder da burguesia a partir da exclusão do povo em relação à cultura, na articulação desta. Nesse sentido tais movimentos gerariam então as ideias de culto ou popular. O popular significaria o inculto, da identidade representada ou reflexa, constituída, não pelo que ela seria, mas pelo que lhe falta. Esta definição é então constituída pela exclusão do povo, tanto da riqueza, como do ofício político e da educação.

Observamos nesse sentido que esta travessia dos imaginários nos auxilia na compreensão da concepção romântica do popular, quando aliada às políticas conservadoras atuais. Entendemos o lugar da mistificação na relação povo- nação. O povo, quando pensado como alma ou matriz se torna como uma “entidade não analisável socialmente, não trespassável, pelas divisões e pelos

conflitos, uma entidade abaixo ou acima do movimento social” (MARTIN- BARBERO, 2002, p. 29). Assim, a noção de povo – nação dos românticos ocorre representada por uma comunidade orgânica, sendo constituída por laços biológicos ou naturais, sem traços históricos como seriam a raça e conceitos da geografia. A noção de massa nos leva a analisar a partir de uma representação de quantidade, daquilo que é atribuído ao meio social. As mazelas da sociedade são assim incorporadas à massa, na medida estruturante da sociedade. Entender as massas e sua ligação às fronteiras seria como visualizá-las a partir dos extremos de cada nação. As massas, podem ser nesse caso relacionadas às comunidades migrantes, os atos violentos, às multidões que vivem em situação de pobreza. As massas correspondem neste modo de pensar, nas minorias que atravessam as fronteiras, nos traficantes de drogas, nas populações subalternas. Essa visão, representa justamente o entendimento de limite, da noção entre meios e fins.

Neste sentido, este capítulo busca conhecer os espaços locais do universo desta pesquisa, que ocorre nas fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos - México, destacando algumas características políticas, econômicas e sociais de suas formações, além das características geográficas, para que percebamos as interações contidas em tais espaços e como percebemos a mídia local, com algumas de suas características que justamente irão identificá-las ao espaço fronteiriço. Nos baseamos em narrativas da história ocidental, no intuito de atravessarmos o ontem ao hoje, porque entendemos que, assim como ressalta Martín- Barbero (2001) é a partir dos fatos históricos que compreendemos quando a cultura é construída ou é destruída ou onde a história se desfaz.

No tópico II.1, intitulado “A Construção do espaço local- internacional Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México” me proponho a trazer à memória alguns aspectos histórico- culturais sobre as realidades sociais do Brasil e da Bolívia e dos Estados Unidos e México, partindo de seus processos colonizatórios, na abordagem dos autores (RIBEIRO, 2005), (FAUSTO, 2005); (DA CUNHA, 2013); (SILVEIRA, 2015); (MORENO, 1888); (BARREDA, 2018). Menciono a questão das políticas anti-drogas estado-unidenses, com Guzzi (2008) e apresento em seguida a narrativa da construção do espaço fronteiriço Estado Unidos- México, a partir de Herzog (1990), em que abordo os temas da construção geográfica do espaço local- internacional e sua perspectiva litigiosa, com Rescalla e Macllough (1993). Introduzo os processos migratórios e as políticas de industrialização dos territórios de fronteira, utilizando Gonzalez (2006) e estabeleço um breve comentário sobre as identidades culturais presentes neste contexto.

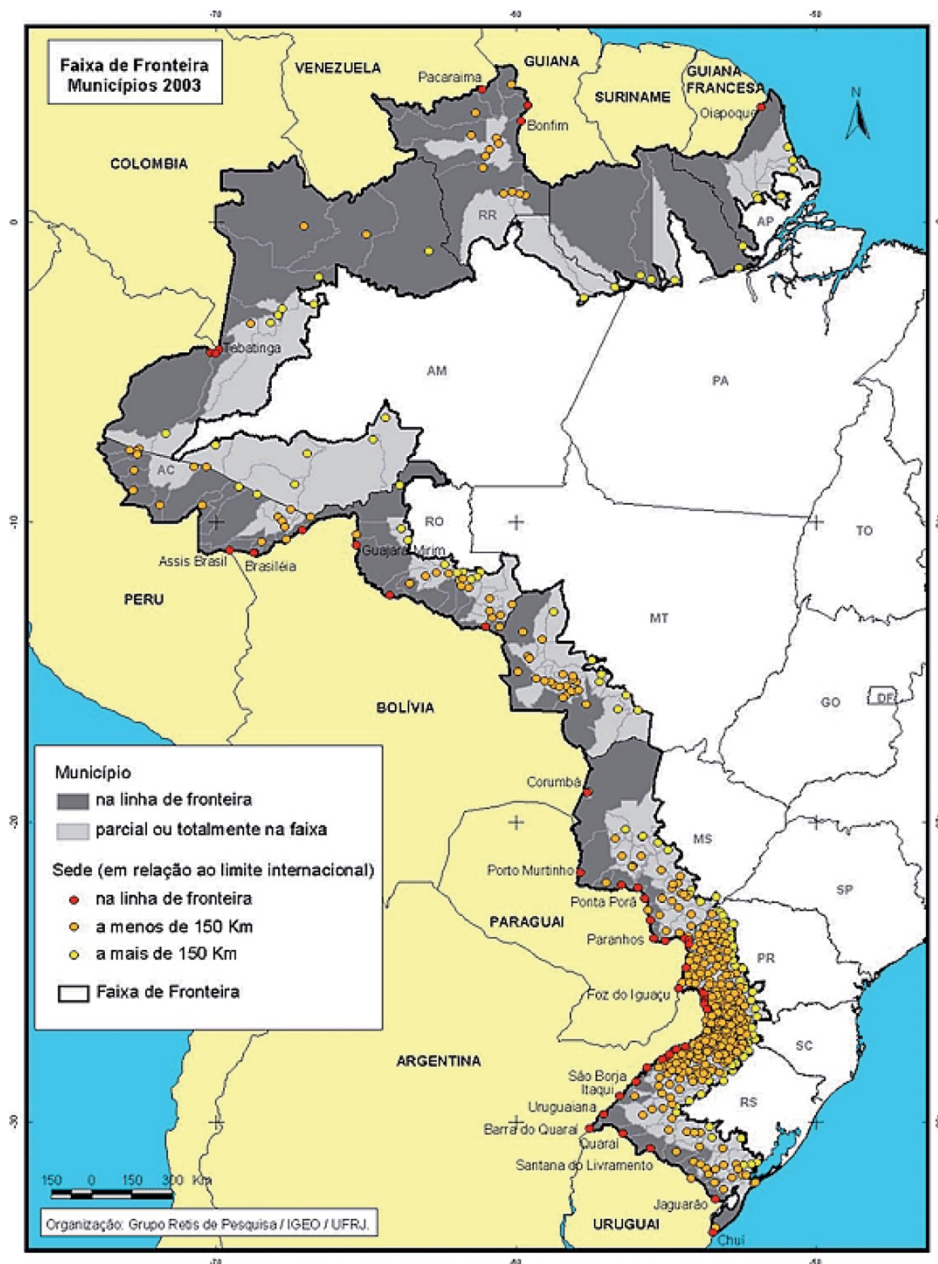
No tópico II.2. “As fronteiras Brasil- Bolívia, Mato Grosso – Santa- Cruz e Estados Unidos- México, TEX- MEX”, realizo a aproximação entre os Estados brasileiro e boliviano a partir de dados do IBGE (2016;2018;2019), MIN (2005); MRE (2019) e COOTRADE (2016). Estabeleço então uma interlocução com Gatti (2011), Martins (2018) e Giovanella et. al (2007), sobre a disposição do espaço local e dos municípios presentes nesta região cultural do Alto Paraguai – Vale do Guaporé. Ao comentar sobre a fronteira Estados Unidos- México, apresento a província cultural TEX-MEX, utilizando a abordagem de Arreola (2002). Em seguida apresento as tabelas sobre as aproximações entre os Estados mexicano e estado unidense na abordagem sobre dados dos municípios da fronteira Estados Unidos – México, incluídos nesta pesquisa. Para a elaboração das tabelas e comentários do tópico foram utilizados Silveira et. al (2017); DISTANCE TO (2019); BEA.GOV (2019); PNUD (2015); INEGI (2019).

II.1 A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO LOCAL-INTERNACIONAL BRASIL- BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS – MÉXICO

Inicialmente é preciso assinalar que a fronteira internacional Brasil- América do Sul se estende por 23.086 quilômetros e entre eles 15.719, correspondem à faixa de fronteira com países dos quais, apenas o Chile e o Equador não têm fronteiras com o Brasil (IBGE, 2016). Os Estados nacionais fronteiriços com o Brasil são: França (através da Colônia Guiana Francesa), Suriname, Venezuela, Guiana, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Esta porção, constitui uma das fronteiras de contato entre um maior número de países, comparando-se apenas às fronteiras da Rússia e China. Temos uma conexão diversificada e um processo que marcou toda a sua extensão.

As fronteiras internacionais brasileiras são espaços de alteridade, principalmente pelos idiomas falados e também nas culturas vividas e implantadas ao longo dos séculos. Processos migratórios também são responsáveis pelo movimento destas fronteiras e condições climáticas bem como reservas ambientais colaboram para uma conexão de profundidade entre as populações que vivem nestas regiões. Portanto na porção fronteira mais ao Norte do Brasil podemos encontrar clima tropical com temperaturas mais elevadas, quase sempre superiores a 25 graus celsius, extensas reservas ecológicas e indígenas e áreas menos populosas, florestadas e pouco urbanizadas.

Figura 2: Mapa da faixa de fronteira Brasil- América Latina e municípios fronteiriços



Fonte: MIN (2005)

Nas regiões centrais das fronteiras internacionais brasileiras prevalecem as extensas propriedades agrícolas, reservas indígenas e ambientais e comunidades tradicionais e já na porção Sul, percebemos a presença de maior número de cidades gêmeas, conforme aponta a Figura 2, regiões conurbadas, onde as populações dos países possuem um maior contato, hibridando-se no contexto urbano. Nas regiões Norte e Centro Oeste ocorrem cidades gêmeas, contudo em menor número.

Na região Nordeste do país, estão as cidades litorâneas, onde ocorrem as fronteiras oceânicas, com a África e a Europa e foi pelas fronteiras oceânicas que o país recebeu e recebe até os dias de hoje grande fluxo turístico e migratório. Por estas fronteiras o país foi e é reconhecido mundialmente a partir de outro ponto de vista, o de um lugar de oportunidades, de segurança para muitos que aqui decidem viver e ainda um paraíso tropical para aqueles que decidem aqui praticar o turismo. Mas o nosso tópico neste momento é a fronteira seca, aquela que integra o Brasil à América Latina, sendo esta, conhecida como uma fronteira antiga, porque é a partir da chegada dos exploradores europeus que é imposta a divisão dos territórios da então Abya Yala. Desde o século XV as fronteiras latino-americanas são marcadas por inúmeros conflitos territoriais até o estabelecimento das demarcações atuais.

A fronteira Brasil América do Sul com a porção Brasil- Bolívia é estabelecida primordialmente, pela divisão dos territórios ultramarinos entre Portugueses e Espanhóis do século XV, por meio do tratado de Tordesilhas. Este, se sobrepõe ao anterior tratado de Alcáçova (1479), que dava direito a Portugal de possuir territórios conquistados e a conquistar, ao Sul das Ilhas Canárias, divisão que acontecia então por meio de uma linha paralela.

Portugal, a principal potência marítima dos séculos XV e XVI, que já dominava países da África e a costa Sul da Ásia, descontente com o tratado de Alcáçova, reivindica o de Tordesilhas, demarcado à 370 léguas a Oeste da Ilha de Santo Antão, no arquipélago de Cabo Verde, na África. A conquista das terras do Norte das Canárias era por este acordo de direito dos Espanhóis, o que abriu caminho para o que a história ocidental intitula o descobrimento da América. A linha consistia em um meridiano desde o Polo Sul até o Polo Norte. Assim, Portugal ficaria com as terras do lado oriental e Espanha, com as do lado ocidental (BACELAR, 2019; DA MOTA, 1973). A chegada dos Portugueses ao Brasil no ano de 1500, precedeu a dos Espanhóis à Bolívia, por 35 anos. Neste período o espanhol Francisco Pizarro, invadiu o Império Inca, enforcando o líder daquela nação, no território atual do Peru. Os povos Incas que ocupavam a região dos Andes desde o ano 12 000 AC, tiveram parte de sua população dizimada e seus povos colonizados, ou seja, dominados politicamente. Espalhada por toda a região dos Andes, permanece parte de sua cultura, que também é representada pela República Plurinacional de Bolívia, que conhecemos hoje, e que se tornou um estado independente da Espanha após uma guerra que durou de 1809 a 1825. O Brasil, após a invasão dos Portugueses, tem sua independência no ano de 1822.

Ambas as nações, sofreram um processo exploratório de suas riquezas naturais, mortandade humana, que dizimou milhares da população milenar que já habitava estas terras; criação e imposição de duras leis e regras civilizatórias que excluía os grupos indígenas do contexto de cidadania, ou seja de pertencimento a estas terras, e ainda a implantação da cultura europeia em sua totalidade, iniciada através da catequização das populações indígenas, que eram obrigadas a aprender a ler e escrever nos idiomas Espanhol (Bolívia) e Português (Brasil), ou eram castigadas, senão mortas. Grande parte das populações indígenas já morriam naturalmente pelas doenças trazidas pelos colonizadores europeus, tal brutal se configurou o processo de conquista destas terras.

A partir de um processo genocida de exclusão social, as populações indígenas destas regiões que permaneciam vivas, sofriam inúmeros abusos como a obrigação de trabalharem até se esgotarem suas forças (MATOS, 2007). Tal trabalho era concentrado na exploração de metais preciosos, que abarrotavam os navios espanhóis e portugueses, enviados para a Europa, a fim de encherem os cofres dos reinos europeus, os quais se encontravam numa situação de dívida com seus pares naquele continente.

Em diversas regiões – mas sobretudo em São Paulo, no Maranhão e no Amazonas – foram grandes os conflitos entre jesuítas e colonos, defendendo cada qual, sua solução relativa aos aborígenes: a redução missionária, ou a escravidão. A curto ou longo prazo, triunfaram os colonos, que usaram os índios como guias, remadores, lenhadores, caçadores e pescadores, criados domésticos, artesãos; e sobretudo as índias, com os ventres nos quais engendraram uma vasta prole mestiça, que viria a ser, depois, o grosso da gente da terra: os brasileiros (RIBEIRO, 2015 p. 53)

A existência das comunidades indígenas brasileiras data o mesmo período de existência dos povos Incas, há 14 mil anos atrás. No período de chegada dos europeus a população da América compreendia em torno de 57 milhões de pessoas, enquanto toda a Europa teria em torno de 80 milhões de habitantes. A população do Império Inca, contava com 10 milhões de habitantes, e o Brasil com 8 milhões de etnias indígenas, divididas em torno de 1000 grupos. As comunidades indígenas mais populosas deste período no Brasil eram: Tupiniquim, que se encontrava nas regiões atuais de São Paulo, Espírito Santo e Bahia, Potiguar, no Nordeste, os Tamoios, no Rio de Janeiro, os Carijós em São Paulo e no Paraná, no Rio Grande do Sul os Charrua, e os Guaranis em Mato Grosso do Sul (FAUSTO, 2000; DA CUNHA, 2013).

Portanto, as identidades que compõem o universo destes dois países, compreendem um emaranhado entre a multiplicidade étnica brasileira e boliviana dos povos já existentes antes do domínio das coroas portuguesa e espanhola, com as populações europeias que vieram

posteriormente, sendo, franceses, britânicos, holandeses e os africanos escravizados pelos europeus, que chegavam a estas terras, acorrentados em navios. Os escravos eram trazidos da África Ocidental, das regiões do Gana, Tracur, Mali, Axânti e Iorubá, este último, correspondendo atualmente aos maiores e mais diversos grupos étnicos e linguísticos, habitantes da Nigéria, os então povos mamelucos (RIBEIRO, 2015). Já no século XVIII, a população africana trazida à América desde a África Ocidental por meio do comércio de escravos, era tão numerosa, que superou todas as populações que já habitavam no continente, tanto na porção Norte, quanto na porção Sul, contando ainda com os exploradores europeus que aqui chegavam para habitar (ELTIS; RICHARDSON, 2002).

Posteriormente, no caso do Brasil, muitas nações europeias migram em massa para povoar o país em todas as regiões, por diversas razões, como fugindo da fome que assolou a Europa Pós-Revolução Industrial e das grandes Guerras Mundiais. A maioria destas comunidades correspondem a populações oriundas da Alemanha e Itália, se concentrando na região Sul do país (FAUSTO, 2000). Nas regiões Sudeste, Norte e Nordeste se concentram em sua maioria descendências de povos portugueses, que vinham em busca da exploração do ouro e de metais preciosos, os descendentes dos judeus sefarditas, chamados Cristãos Novos, expulsos da península Ibérica, no período da inquisição, franceses, holandeses, africanos e espanhóis e as descendências dos múltiplos povos étnicos já habitantes no Brasil.

A predominância étnica das populações indígenas no Brasil atual percorre as regiões Norte e Centro-Oeste, sofrendo a região Centro-Oeste do país, expressivo movimento étnico, iniciado na década de 1930 pela Marcha para o Oeste, em que descendentes de alemães e italianos passam a ocupar estas terras a fim de se estabelecerem economicamente por meio do cultivo agrícola (BENITES, 2013). O cultivo da cana de açúcar e o chamado processo de modernização do meio rural e conseqüentemente a fronteira agrícola, contribuíram para a chegada de milhares de migrantes nordestinos àquela região para trabalharem no corte da cana. Populações estas, que se moveram no intuito de atender a indústria do açúcar na região fronteira dos estados de Mato Grosso com Santa Cruz (COSTA; ALVES, 2014). Acontecimentos como estes redesenham o espaço fronteiro Brasil-Bolívia, dos anos 2000, em que a identidade legitimada dos fazendeiros, se sobressai à das populações das comunidades descendentes dos que já habitavam as regiões rurais da fronteira, nos séculos anteriores.

Os modos de sobrevivência indígenas antes da chegada dos jesuítas, se baseavam na caça para a sobrevivência, contudo após o processo implantado pelas reduções jesuíticas, que contava com modos de produção baseados no campesinato, sofrem tempos depois profundas transformações também com a contribuição do período das ditaduras militares, já no século XX, devido à acordos de concessão de terras a baixos custos, o que ocasionou na migração de grandes proprietários rurais da região Sul do Brasil para o Paraguai e para a Bolívia.

Embora diversos populacionalmente, é a partir da matriz cultural europeia, que se tem legitimada tanto no Brasil quanto na Bolívia a religião Cristã Católica Romana, implantada desde o século XV. No caso do Brasil, em segundo lugar está o Protestantismo das igrejas reformadas que chega com a migração de populações também europeias, alemãs dos missionários estadunidenses descendentes de europeus, e as doutrinas pentecostais e neopentecostais, mais recentemente implantadas, grupos religiosos estes de grande expressividade, que até mesmo causaram impacto às políticas governamentais deste país no atual governo federal. As religiões afrodescendentes trazidas pelos então escravos africanos e as religiões oriundas das comunidades indígenas dos povos remanescentes do Brasil e Bolívia pré- dominação europeia, possuem menor expressão.

Na Bolívia, a maior expressividade cultural é notada por meio dos costumes, como no cultivo da terra, nos moldes das habitações e na moda, em que predomina o uso de artefatos de múltiplas cores em suas vestimentas. A expressão cultural tanto nas regiões andinas quanto nas regiões baixas do país, também se relaciona à economias locais, em que o artesanato se faz presente em todas as regiões do país a partir do uso das matérias primas com base no cultivo das sementes, da lã das alpacas e lhamas, do barro e da palha, usados também nas artes e na construção civil. Rituais fúnebres em comunidades populares, também demonstram traços de sua cultura milenar. Na cultura alimentícia, as regiões se dividem e se encontram, se sobressaindo nos Andes a cultura do cultivo das sementes e da batata, que supera mais de 20 diferentes qualidades deste alimento; nas regiões baixas do país se consome também o milho e a mandioca.

A Bolívia é popularmente conhecida por sua divisão política identitária entre Collas e Cambas. Os Collas são povos andinos, provenientes da antiga província de Collasuyo, uma das regiões que integravam o Império Inca, onde residiam os antigos povos Aymara tendo a prática de seu idioma até os dias atuais. O processo de colonização redireciona o processo de exploração dos minérios, antes realizado através do trabalho em comunidade praticado pelo povo Inca, para servir

à realeza de seu império, assim ocorreu em todo o território andino, como destaca Oliveira Silveira (2015) sobre os povos Mariátegui do altiplano peruano:

A chegada dos espanhóis, para Mariátegui, destruiu a economia agrária inca, sendo substituída por uma colonização de exploração que visava maior produtividade. Através das encomiendas, mitas, ponguaje, os índios são escravizados e os grandes latifúndios se sobrepõem às antigas comunidades. Contudo, determinados fatores culturais indígenas não são perdidos neste processo, o espírito coletivista, de cooperação está presente nestes povos, constituindo sua principal força revolucionária. (OLIVEIRA SILVEIRA, 2015, p. 68)

A exploração principalmente da prata no altiplano boliviano se sobressai como uma atividade que marca a identidade *Colla*, colonizada, agora miscigenada com os espanhóis. A partir desta divisão étnica e política tem-se a percepção que o *Colla* é assim auto afirmado, como povo dos Andes que tem o reconhecimento de sua economia pelo trabalho na mineração. Por outro lado, podemos notar atualmente a presença dos múltiplos conflitos culturais entre as inúmeras etnias que povoam o altiplano, justamente pela não aceitação da exploração exacerbada realizada pelas mineradoras que trabalham nestas terras.

A identidade Camba, é proveniente das regiões do chamado Oriente boliviano onde se localizam os atuais departamentos de Pando, Beni e Santa Cruz. Os Cambas correspondem a povos assim denominados inicialmente pela sua autoafirmação como povos guerreiros, de descendência Tupi-Guarani. Moreno (1888) define os Cambas como “castas de Guaranis da província de Beni”.

Conforme o entendimento de Barreda (2018); Claros e Boschetti (2008) desde o processo de colonização da Bolívia, é que se tem a construção das identidades Collas e Cambas engendradas na economia e na política boliviana. Isso porque os povos Cambas provenientes das terras baixas do Oriente, advém de uma cultura diferente da dos *Collas Tiawanaku*, do altiplano Boliviano, que eram submetidos aos senhorios Aymara e ao império incaico. Os Cambas já partem de uma construção menos complexa em sua estrutura organizacional, de uma cultura de caçadores e coletores de hábitos nômades. A conquista europeia nessas regiões, consideradas de difícil acesso ocorreu tardiamente, a partir do vice-reinado do reino da prata. Enquanto no Oriente boliviano não se encontrava metais de alto valor, não havia interesse dos exploradores espanhóis por estas regiões. Ali se formaram as reduções jesuíticas, houve o aldeamento e o processo de evangelização das populações indígenas. Na região oriental boliviana e fronteira com Brasil trabalharam os missionários jesuítas no intuito de impedir a entrada e permanência das bandeiras portuguesas. Em

seguida as próprias missões se tornaram centros de produção e comercialização dos alimentos que seguiam ao Alto Peru e também para o Sul do Continente Americano.

A partir do século XIX se sobressaía a produção da carne, do arroz, da banana, da mandioca do milho e da batata, e ainda a exploração da silvicultura, se tornando esta produção de grande prestígio social com base na gleba, que era de domínio dos terratenentes, detentores das propriedades e dos meios de produção (Barreda, 2018). Assim a partir da descoberta da eficiência destas terras no cultivo agrícola, já na segunda metade do século XX, o processo exploratório capitalista da chamada modernização agrícola e os governos ditatoriais brasileiros e paraguaios, proporcionaram parte destas terras à brasileiros nos territórios de Bolívia e Paraguai, desde a região de Santa Cruz até o Chaco boliviano, regiões estas marcadas pela presença da produção agrícola e pecuária em larga escala, com certa contribuição destes brasileiros os quais possuem suas terras neste país. Esta intervenção agrícola, em terras onde, anteriormente se praticava somente o campesinato, proporcionou o crescimento da economia nesta região e uma autoafirmação elitizada dos Cambas, a exemplo de Santa Cruz de la Sierra, capital do Estado.

No processo independentista ocorrido no século XIX, o movimento criollo pró-independência de Santa Cruz estava vinculado ao Rio da Prata e não ao Alto Peru, o que desencadeou em 1825 a independência política da província de Santa Cruz. Assim, o Estado boliviano se organiza como uma república unitária e o Altiplano é então reconhecido como eixo sociopolítico e econômico da Bolívia, justamente porque as reservas minerais estariam na região do altiplano. Contudo, a dificuldade de articulação da parte Oriental aos Andes, neste período acaba por obrigar os representantes da sociedade do Oriente a produzirem o chamado Memorandum de 1904, que questiona o governo central sobre sua política econômica, e este é então o documento que simboliza “La crucenidad” ou o “ser cruceno”; justamente porque já nos idos da última década do século XIX, o Oriente alcança significativa projeção econômica por meio da extração da borracha (BARREDA, 2018). Na segunda década do século XX o Oriente boliviano se sobressai ainda mais economicamente, devido à exploração do petróleo somada à crise da oligarquia mineira.

Em tempos atuais, percebemos como a noção de fronteira e das identidades socioculturais recai sobre as regiões Brasil- Bolívia e América do Sul. A região dos Andes, rica culturalmente, é protagonista no cultivo de um dos principais alimentos do mundo, a batata, que foi levada à Europa para matar a fome daquelas populações que padeciam na miséria, no período do mercantilismo e na transição do sistema econômico feudal para o capitalista. Os Andes também são marcados por

um dos mais dramáticos dilemas da estigmatização dos povos latino-americanos. Tendo suas terras totalmente favoráveis ao plantio da coca, cultura milenar Inca, se torna alvo de uma estrutura de poder que a condena, pela expressão de sua própria cultura.

A batata andina, levou a fama para os europeus, sendo renomeada, naquele continente como batata inglesa. Já a região andina, que compõe porções da Colômbia, do Peru e da Bolívia, se tornou a principal responsável pelo cultivo da folha da coca e de sua exportação, em formato de pasta-base para o abastecimento do mercado global de entorpecentes e principalmente, de onde sai a droga que é consumida nos Estados Unidos e na Europa. Outras regiões do mundo também produzem diversos tipos de entorpecentes, como é o caso da heroína, produzida na Ásia e no Oriente Médio e exportada para diversas regiões. Mas nenhuma dessas regiões se sobressai midiaticamente à América Latina, quando o assunto é o narcotráfico.

Os Estados Unidos, o maior consumidor e financiador da cocaína produzida nos Andes, também é o responsável, desde a década de 1960 pelas múltiplas políticas externas de combate à produção da coca, realizadas constantemente nestes países. Estas medidas na maioria dos casos ocorrem unilateralmente ou com apoio restrito. Entre as políticas realizadas, estão a utilização das forças armadas estado-unidenses em região estrangeira e além-mar, no combate direto às fontes produtoras das drogas consumidas naquele país e em medida decrescente, programas de erradicação, educação, tratamento, reabilitação e repressão, no objetivo de conter o seu consumo interno de drogas (GUZZI, 2008). Estas políticas são usadas mais na perspectiva de controle de políticas locais, do que no sentido da intervenção e combate ao narcotráfico. Outras medidas políticas contra os países andinos foram realizadas, como o bloqueio de exportações de produtos norte-americanos, e alta cobrança de impostos, o que acontece atualmente com o México, para controle de migração. O Brasil é reconhecido como um país que intermedia o comércio destes entorpecentes entre os Andes e os Estados Unidos, através de suas fronteiras.

As fronteiras internacionais latino-americanas, são marcadas, não por sua multiplicidade étnica, mas sua estigmatização parte de uma violência epistêmica produzida e sistematicamente reproduzida pela ação dos meios comunicacionais desde uma semiose da América construída há séculos e que tem seu reflexo nos dias atuais, no seio da grande mídia, colonizada. Isso porque a coca cultivada milenarmente pelo povo Inca era utilizada apenas pela nobreza incaica e pela liderança religiosa, que conheciam os efeitos alucinógenos e por isso usavam a folha da coca em festividades, rituais religiosos e na medicina. No entanto com a chegada dos espanhóis e a

descoberta dos efeitos narcóticos da folha deste vegetal, estes estimularam o consumo generalizado da coca que era antes proibida entre as populações Incas, para explorá-las com relação às mitas, consideradas por aquele povo como um trabalho comunal, utilizado em favor da comunidade e do próprio inca.

Um exemplo deste tipo de dominação era o estímulo do uso da coca para o trabalho nos campos de mineração, para a comercialização destes minérios no continente europeu. O caso de Potosí, na Bolívia é amplamente conhecido e relatado na literatura e até mesmo na história da colonização. Potosí, em 1611 já era a maior produtora de prata do mundo, cidade que tinha em torno de 150 mil habitantes. Potosí alcançou seu apogeu durante o século XVII, tornando-se a cidade mais populosa do mundo, apenas atrás de Paris e a mais rica do mundo, justamente por causa da prata ali saqueada e enviada à Espanha. Este feito somente pôde se concretizar, através da exploração da mão de obra Inca.

A profunda estigmatização das populações latino-americanas, parte de um interesse na desestabilização das nossas fronteiras, portanto na constante tentativa de dominação territorial, por meio da globalização econômica e dominação da cultura, dos costumes, da religião e da imposição de culpa de males sociais que atingem a humanidade, como a corrupção, a miséria e o consumo de drogas, problema este atrelado à constante exploração do capital, controlado pelos países onde a droga chega ao ápice do seu fluxo, com maior potência econômica. conforme aponta o pensamento descolonial de Mignolo (2005) sobre o processo de apagamento das comunidades pré – colombianas, observamos a dominação dos territórios latino americanos atrelados a este contexto atual envolto em mazelas e frustrações.

Esta complexidade social, recai sobre as etnicidades, estigmatizando-as, como sociedades pobres ou massas populares dependentes de apoio externo, dos países dominantes, assim como ressalta Martin- Barbero (2002) sobre as matrizes culturais latino- americanas. As fronteiras estão no centro destas pressões externas sofridas pelos estados nacionais latino-americanos e internas dos países atingidos pela colonização do poder global, centralização europeia e imperialismo estado- unidense.

A fronteira internacional Estados Unidos- México está representada por uma linha divisória que conecta a América Latina em sua porção geográfica denominada América Central à América do Norte ou América Anglo-Saxônica. Sua extensão corresponde a 3.145 quilômetros, partindo desde o golfo do México e seguindo pelo Rio Grande até chegar à fronteira da cidade mexicana de

Juárez, estado de Chihuahua, conectada à cidade estado-unidense de El Paso, no Texas. A linha perpassa os desertos de Chihuahua e Sonora até chegar ao delta do Rio Colorado e às paisagens paradisíacas dos *Grand Cânions* para então encontrar as cidades gêmeas de San Diego, na Califórnia estado-unidense e Tijuana, no estado mexicano de Baixa Califórnia. (HERZOG, 1990).

A fronteira Estados Unidos- México, criada em 1821, possui este atual traçado desde 1853, reivindicado através do Tratado de Adams Onís, ou Tratado de Transcontinentalidade de 1819, uma negociação entre Espanha e Estados Unidos para fixar a fronteira desde o Rio Sabine, na Flórida, até o Paralelo 42 N, em que a Espanha perde os seus territórios, que iam até o estado do Oregon, perdendo assim também, suas possibilidades de navegação pelo Rio Mississippi.

A coroa espanhola, então soberana do estado do Texas, sofria inúmeras pressões dos Estados Unidos que reivindicavam este território como parte do estado de Luisiana, adquirido através de compra pelos franceses que ali habitavam; e perde assim, esta porção, após a guerra Estados Unidos – México, impulsionada pelo Destino Manifesto, uma crença de que os Estados Unidos tinham direito dado por Deus à posse das terras. A Compra de Gadsden, é o desfecho que determina então a aquisição pelos Estados Unidos em 1853, de territórios da porção mais a Oeste da fronteira, desenhando assim o traçado final, com uma área total de aproximadamente 77.770 Km², atualmente ao sul dos Estados norte-americanos de Arizona e Novo México. Através do acordo de La Paz (1983), tem se o estabelecimento da faixa de fronteira atual de 100 km.

Figura 3: Representação da atual faixa de fronteira Estados Unidos- México Estados e cidades gêmeas.



Fonte: LIVETRADINGNEWS.COM (2019)

Estas constituem porções fronteiriças que possuem diferentes características, quando nos referimos às suas políticas nacionais e às populações que ali se encontram. Mas tudo se conecta quando nos atemos às suas formações, que partem de um único contexto de historicidades. A América Latina é composta por nações em que suas identidades são legitimadas a partir da construção que se dá pela expansão do cristianismo de orientação romana e os Estados Unidos, país com uma população majoritariamente cristã protestante, possui sua maior representatividade na América do Norte seguindo esta matriz cultural. Embora isso ocorra, suas fronteiras conectadas ao México, correspondem à uma população de maioria Católica Romana, que confirma que os dados históricos não mentem na narrativa do processo de chegada dos europeus a estas terras e seu projeto expansionista.

O estado do Texas, anteriormente pertencente ao México, carrega em si características culturais de um estado latino-americano em um país onde a cultura de origem étnica anglo-saxã é imposta como dominante, junto ao constante impulso à produção do capital, que desenha as marcas da centralização do poder político- econômico e sua representatividade no estado pós-moderno, primordialmente na produção Agrícola e Pecuária e setor industrial, companhias ligadas ao setor

de serviços turísticos, como hotéis de padrão executivo, e empresas que comercializam produtos derivados da indústria têxtil, os famosos *Outlets*, também compõem a construção de um espaço onde predomina a indústria das *franchises*, em que as pessoas se referenciam pelas *griffes* do que vestem e comem que se popularizaram como uma marca registrada do país, se consolidando e se expandindo mundialmente. Este contraste é percebido na região Sul do estado do Texas, denominada como uma província cultural mexicana-americana ou americana- mexicana - TEX-MEX, em alusão à atual região onde se encontrava a província mexicana Texas, antes da separação com os Estados Unidos. Ali se encontram diversos municípios fronteiriços, como San Antônio, Laredo e Eagle Pass atualmente do lado estado-unidense, e Nuevo Laredo, Piedras Negras e Monterrey, do lado mexicano.

É possível se perceber, mesmo que em menor intensidade, a presença das *franchises* ou franquias dos *fast-foods* e cadeias hoteleiras, assim como as indústrias estado-unidenses do setor comercial em Nuevo Laredo e Monterrey. Traços que reforçam o movimento de transfronteirização incluso no próprio processo de industrialização da parte Norte da fronteira México- Estados Unidos, ocorrida a partir do ano de 1964, pelo *Border Industrialization Program* (BIP). Este Programa se caracterizava por um esquema em que fabricantes norte-americanos sob propriedade limitada, foram autorizados a implantar plantas em parques industriais ao longo da fronteira, configurando um arranjo apelidado de plantas gêmeas ou maquiladoras, que, como o próprio nome *maquila*, se referia a processos de produção e montagem realizados manualmente, sendo assim mão de –obra não especializada.

Os objetivos da implantação destas plantas era de promover a industrialização das fronteiras, incluindo os investimentos estrangeiros, estimular as indústrias mexicanas, que poderiam fornecer *commodities* ou componentes para propriedades estrangeiras montadoras na zona franca da fronteira, e a redução do desemprego nas fronteiras do México (RESCALLA; MCCULLOUGH, 1993). Assim o acordo permitia que fabricantes dos Estados Unidos enviassem componentes básicos pela fronteira, para que fossem montados no México.

Outro interessante fator de transfronteirização ocorrido na fronteira Estados –Unidos México, foram os *guest workers* ou *braceros*. Estes correspondem a trabalhadores mexicanos que migraram para os Estados Unidos, por curto período de tempo, atendendo à políticas públicas estado-unidenses, implantadas a partir do fim do século XIX, para captação de mão-de-obra barata necessária ao avanço de sua economia, na construção de estradas de ferro, para o trabalho na

mineração, indústria petrolífera e Agricultura. Este configurava um acordo de livre-comércio entre os países, em que estradas de ferro foram construídas nos dois lados das fronteiras, tanto em território mexicano, quanto estado-unidense, por um sistema arranjado para facilitar a exportação de matéria –prima do lado Sul ao Norte e a importação dos produtos manufaturados ao México (GONZALEZ, 2006). Este processo que perdura por muitos anos, trouxe como consequência às populações mexicanas, o êxodo rural de mais de 300 mil camponeses que abandonaram suas terras produtivas no México, se tornando neste período inicial, a primeira redistribuição da população mexicana em larga-escala de territórios rurais para urbanos.

Os camponeses que abandonavam suas terras, ao retornar não as tinham mais, tendo que se estabelecer desempregados, nos aglomerados urbanos do país. Este processo de industrialização que tinha o intuito de uma modernização unilateral das relações entre os países, começou nos territórios mexicanos e em seguida foi implantado nos Estados Unidos o que gerou como resultado a migração em massa, que já em 1910 ultrapassava mais de 60 mil trabalhadores mexicanos migrando anualmente aos Estados Unidos. Esta correspondeu à primeira grande onda migratória de mexicanos aos Estados Unidos. Somente de 1917 a 1921, 83 mil trabalhadores foram importados para trabalho temporário, o que durou até a depressão de 1929, quando os mesmos trabalhadores foram deportados também em massa para seu país de origem.

Not until the eve of the depression did migration dwindle, supplanted by wholesale deportations to rid the welfare roles of unemployed immigrants – the very people who previously had been eagerly recruited to work for railroad, mining and agricultural corporations. However the migratory hiatus was short lived. Migration resumed with the onset off highly controlled state managed “gest worker” bracero program, designed to import workers for large-scale agribusiness mainly in Texas and California, under conditions of undertured servitude bordering on slavery (GONZALEZ, 2006.p.24).

No fim do século passado, a política de “conquista pacífica” a partir de colaboração ativa das elites pré-capitalistas mexicanas, se tornou o núcleo da política externa dos Estados Unidos para o México e em seguida, para toda a América Latina. A partir dos anos 1900 o monopólio capitalista estado-unidense liderado por J.P. Morgan, Daniel Guggenheim, J.D Rockfeller e Jay Gould, bem como monopólios seguintes como a *Southern Pacific*, *Union Pacific*, *Atchison Topeka* e *Santa Fé*, tomaram o controle da economia mexicana dominando as indústrias de petróleo, mineração, estradas de ferro e grande parte da agricultura do país, o que afetou diretamente os camponeses locais que foram redistribuídos ao trabalho ativo se movendo para outras regiões. Tal processo promoveu assim migrações internas de trabalhadores rurais para setores industriais no México e

posteriormente a emigração para os Estados Unidos. Somente no início do século passado, com a implantação das mineradoras e a construção das estradas de ferro os Estados Unidos tiveram o retorno de 300 milhões de dólares, do investimento realizado, enquanto o México obteve no mesmo período, 15 milhões (GONZALEZ, 2006).

Tal processo gerou ainda a segregação dos trabalhadores mexicanos nos Estados Unidos, que eram obrigados pelos administradores e gerentes das indústrias a abandonarem suas famílias no México, taxando-os nos termos de que quem realizava “trabalho mexicano” deveria então receber “salário mexicano”. Assim a segregação não ficou apenas na fronteira, mas se transfronteirizou para as mídias impressas, livros e artigos que eram oferecidos aos investidores norte-americanos, viajantes, missionários, jornalistas e acadêmicos, numa perspectiva de expansão daquilo que gerou uma expressão de autoridade colonial, que retratava os mexicanos inseridos num emaranhado patológico, a partir de uma cultura e genética de inferioridade que era requerida como processo de americanização para que estes tivessem seu potencial desenvolvido (Warnock, 2001 apud GONZALEZ, 2004, p. 22).

Neste cenário do trabalho colonizado, conforme afirma Gonzalez (2004), se dá a construção da fronteira internacional Estados Unidos- México que se soma à dominação étnica, iniciada com a mortandade de grande parte das populações Maias, Aztecas, Apaches, Sioux, Shawnee entre outras, orientada pelo projeto colonial espanhol que se inicia no século XV e de outra parte se contrasta com o projeto colonial dos migrantes anglo-saxões e franceses, que também protagonizaram, em diversas regiões do Norte da América, inúmeros conflitos territoriais, o que redesenhou o atual traçado das linhas divisórias. Entre condados e municípios, a zona fronteira Estados Unidos- México possui cerca de 12 milhões de habitantes.

II.2. AS FRONTEIRAS BRASIL- BOLÍVIA, MATO GROSSO – SANTA- CRUZ E ESTADOS UNIDOS- MÉXICO, TEX- MEX

O marco da divisão mais recente entre Espanha e Portugal, referente à América do Sul se dá através do tratado de Madri, assinado em 1750. Este tratado estipulava a transferência do posto fronteiro português da Colônia do Sacramento, Uruguai, estabelecido em 1680, em troca de 500 mil metros quadrados de território na área ocupada pelo Rio Grande do Sul e pelo Norte do Uruguai modernos, incluindo cinco missões jesuíticas presentes naquele espaço fronteiro à Leste do Rio

Uruguai - San Miguel, Santo Angel, San Juan Bautista, San Lorenzo Martir, San Francisco de Borja e San Nicolas (JACKSON, 2003).

A fronteira política entre o Brasil e a Bolívia acontece por meio do tratado de Amizade, Limites, Navegação, Comércio e Extradicação, chamado Tratado de Ayacucho Brasil- Bolívia, de 27 de Março de 1867; do Tratado de Petrópolis Brasil- Bolívia, realizado em 17 de Novembro de 1903; do Tratado de Natal Brasil- Bolívia, realizado no dia 25 de Dezembro de 1928 e das notas Reversais de Roboré, de 1958, em que, no dia 29 de Março de 1958, os chanceleres José Carlos Macedo Soares, representante do Governo brasileiro e Manuel Barrau Pelaez, representante do governo boliviano, se reuniram na cidade de Roboré, na Bolívia para assinar os instrumentos de negociação do petróleo, do comércio e de cooperação técnica e econômica, de livre trânsito, limites e ligações ferroviárias e também o intercâmbio fronteiriço entre os países (CAVALCANTI; CIDREIRA, 2017).

Devido à grande extensão da fronteira Brasil- Bolívia, esta foi então dividida nas partes Norte, se deslocando da Foz Yaverija, no ponto de encontro da tríplice fronteira Brasil-Bolívia-Peru, no Acre, até o rio Madeira em Rondônia, que se encontra com o departamento boliviano de Beni. Desde o seu projeto político inicial a Fronteira Brasil- Bolívia possui uma agenda de acordos bilaterais que testificam da importância da proximidade e conexão entre estes dois países. O Quadro 1 remonta uma cronologia das relações formais vivenciadas por Brasil e Bolívia e de seus encontros políticos desde os acordos iniciais firmados para o atual traçado fronteiriço entre os países.

Quadro 1: Cronologia das relações bilaterais Brasil- Bolívia desde 1825 a 2019.

Cronologia das Relações Bilaterais entre o Brasil e a Bolívia (1825-2019)
1825 – Declaração de Independência da Bolívia.
1867 – Tratado de La Paz de Ayacucho estabelece linha Madeira-Javari como fronteira comum.
1872 – Chile e Bolívia rompem relações diplomáticas. Brasil representa Bolívia em Santiago.
1879 – Início da Guerra do Pacífico. O Brasil permanece neutro.
1884 – Fim da Guerra do Pacífico contra o Chile. Bolívia perde acesso ao Oceano Pacífico.
1899 – Ex-diplomata espanhol Luís Galvez R. Arias proclama a independência do Acre.

- 1902 – Revolução Acreana de Plácido de Castro (60 mil brasileiros opõem-se ao Governo boliviano e ao arrendamento do Acre à companhia norte-americana "Bolivian Syndicate").
- 1903 – Modus vivendi sobre o Acre é assinado com a Bolívia para cessação das hostilidades.
- 1903 – Tratado de Petrópolis. Acre é incorporado ao Brasil, que paga indenização de 2 milhões de libras à Bolívia e se compromete a construir ferrovia Madeira-Mamoré.
- 1912 – Inauguração da ferrovia Madeira-Mamoré.
- 1932-1935 – Guerra do Chaco. A Bolívia é derrotada pelo Paraguai.
- 1958 – Acordos do Roboré (exploração de petróleo, obras ferroviárias e cooperação econômica).
- 1969 – Tratado da Bacia do Prata (Argentina, Brasil, Bolívia, Paraguai e Uruguai).
- 1973 – Acordo para construir gasoduto entre Santa Cruz de la Sierra e a refinaria de Paulínia (SP).
- 1984 – Visita do Presidente Figueiredo a Santa Cruz: primeira viagem de um Presidente brasileiro à Bolívia.
- 1992 – Acordo de Compra de Gás Natural Boliviano. Construção de gasoduto de 3 mil km.
- 1996 – Área de Livre Comércio entre o MERCOSUL e Bolívia.
- 1996 – Acordo para Isenção de Impostos para Implementação do Gasoduto Brasil-Bolívia.
- 1999 – Início do funcionamento do gasoduto GASBOL.
- 2003 – Visita do Ministro Celso Amorim a La Paz, à frente de Missão Brasileira de Cooperação (outubro).
- 2004 – Acordo Brasil-Bolívia de Facilitação para o Ingresso e Trânsito de seus Nacionais em seus territórios.
- 2004 – Visita Presidencial a Santa Cruz de La Sierra, com assinatura de acordo bilateral de perdão da dívida boliviana no valor atual de US\$ 53 milhões. Acordo-Quadro BNDES para Bolívia (julho).
- 2005 – Aprovação de nova lei boliviana para a nacionalização dos hidrocarbonetos, por meio de referendo popular.
- 2005 – Visita do Ministro Celso Amorim a La Paz. Acordo, por troca de Notas, sobre regularização Migratória (agosto).
- 2006 – Visita do Presidente-eleito Evo Morales ao Brasil (Janeiro).
- 2006 – Efetivação, em 1º de maio, da nacionalização dos hidrocarbonetos.
- 2006 – Início das negociações com Petrobras sobre nacionalização dos seus ativos (maio).
- 2006 – Visita do Ministro Celso Amorim a La Paz. Criação dos Grupos de Trabalho sobre questões agrárias e migratórias (maio).
- 2006 – Visita do Ministro das Relações Exteriores e Culto, David Choquehuanca, ao Brasil (dezembro).
- 2006 – Adesão da Bolívia à Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA).
- 2007 – Visita de Estado do Presidente Evo Morales ao Brasil (fevereiro).

- 2007 – Visita do Chanceler Choquehuanca ao Brasil (agosto).
- 2007 – Visita do Presidente Lula a La Paz. Petrobras anuncia novos investimentos na Bolívia. Firmam-se acordos de cooperação e de financiamento para a Bolívia (dezembro).
- 2008 – Visita do Vice-Presidente García Linera e do Ministro Carlos Villegas a Brasília (fevereiro).
- 2008 – Convite do Governo boliviano ao Brasil para integrar “Grupo de Países Amigos da Bolívia”, com vistas a promover a facilitação do diálogo entre Governo e oposição (março).
- 2008 – Viagem do Ministro Celso Amorim a La Paz e Santa Cruz de la Sierra, em que manteve contatos com o Presidente Morales, o Vice-Presidente Linera e o Ministro de Negócios Estrangeiros Choquehuanca (abril).
- 2008 – Encontro entre Ministro Celso Amorim e Chanceler David Choquehuanca, na véspera da Reunião Extraordinária de Cúpula da UNASUL, em Brasília (maio).
- 2008 – Visita do Presidente Lula a Riberalta, na Amazônia boliviana, com assinatura do protocolo sobre financiamento brasileiro para construção de estrada entre Riberalta e Rurrenabaque (julho).
- 2008 – Reunião bilateral entre o Presidente Lula e o Presidente Morales, à margem do encontro quadripartite de Manaus – Brasil, Bolívia, Venezuela e Equador (setembro).
- 2008 – Reunião do Presidente Lula com o Presidente Morales, à margem da Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento (CALC), em Sauípe (dezembro).
- 2009 – Encontro de Fronteira entre Presidentes de Brasil e Bolívia, entre Puerto Suárez e Ladário. Inauguração de dois trechos do futuro Corredor Interoceânico Brasil-Bolívia-Chile. Aprofundamento das discussões sobre infra-estrutura regional, narcotráfico e comércio bilateral (15 de janeiro).
- 2009 – Reunião de Alto Nível sobre os Projetos Hidroelétricos do Rio Madeira, em Brasília (março).
- 2009 – Visita do Ministro David Choquehuanca ao Brasil (março).
- 2009 – Visita do Ministro Celso Amorim a La Paz, por ocasião da comemoração do Bicentenário da Gesta Libertária (julho).
- 2009 – Encontro entre Presidentes de Brasil e Bolívia em Villa Tunari, ocasião em que foi assinado Protocolo sobre financiamento brasileiro da Rodovia San Ignacio de Moxos (Villa Tunari, agosto).
- 2010 – Posse do Presidente Evo Morales para seu segundo mandato (22 de janeiro).
- 2010 – Visita do Assessor Especial da Presidência da República, Marco Aurélio Garcia, a La Paz (abril).
- 2011 – Visita do Ministro Antonio de Aguiar Patriota a La Paz (25 de março).
- 2012 – Visita do Ministro David Choquehuanca a Brasília (19 de março).
- 2012 – Assinatura do Protocolo de adesão do Estado Plurinacional da Bolívia ao MERCOSUL (7 de dezembro) [Declaração conjunta].

- 2013 – Visita do Ministro Antonio de Aguiar Patriota a Cochabamba (2 de março).
- 2014 – Visita do Ministro Luiz Alberto Figueiredo Machado a Cochabamba (31 de março).
- 2015 – Visita do Presidente Evo Morales a Brasília por ocasião da posse da Presidenta Dilma Rousseff (1º de janeiro).
- 2015 – Viagem da Presidenta Dilma Rousseff a La Paz, por ocasião da posse do Presidente Evo Morales (22 de janeiro).
- 2015 – Reunião entre Bolívia, Brasil, Equador e Peru para promover a migração segura na América do Sul – Comunicado Conjunto (14 de julho).
- 2016 – Visita do Presidente Evo Morales a Brasília (2 de fevereiro) [Declaração à imprensa].
- 2017 – Visita do Ministro de Governo do Estado Plurinacional da Bolívia, Senhor Carlos Romero Bonifaz (12 de maio).
- 2017 – Visita do ministro das Relações Exteriores da Bolívia, Fernando Huanacuni (6 de outubro) [Assinatura do Acordo Interinstitucional Internacional Subscrito entre o Ministério da Saúde da República Federativa do Brasil e o Ministério da Saúde do Estado Plurinacional da Bolívia em Matéria de Cooperação em Saúde na Fronteira].
- 2017 – Visita ao Brasil do presidente da Bolívia, Evo Morales (5 de dezembro) [Atos adotados].
- 2018 – Visita do ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes Ferreira, à Bolívia (La Paz, 20 de agosto).
- 2019 – Participação do Presidente Evo Morales na solenidade de posse do Presidente Jair Bolsonaro (1º de Janeiro).

Elaboração da autora com dados do MRE (2019)

A fronteira internacional Brasil- Bolívia corresponde à parte mais extensa da faixa de fronteira Brasil-América do Sul, e compõe próximo à totalidade da região classificada geograficamente como a do Arco Central brasileiro (MIN, 2005). São 3.423,2 quilômetros, e destes, 2.609,3 correspondem a uma região em que os países se encontram através de rios e canais, sendo 63 quilômetros de áreas de lagoas e 750 quilômetros de contato por regiões terrestres, ou fronteiras secas, as chamadas linhas convencionais (SCDL, 2018). Esta noção geográfica de linhas também possui relevância para o estudo das relações que se dão nos espaços de fronteira, pois a linha representa, nesse sentido o lugar de contato dos países, que demarca o encontro e as interações que ali ocorrem. No entanto, para as populações que ali residem, a linha é invisível, porque as interações se extravasam pelos países, se tornando então em relações transfronteiriças. Na fronteira internacional Brasil- América do Sul, conforme estudo do extinto Ministério da Integração (MIN, 2005), uma série de classificações realizadas nos dão a conhecer a faixa de fronteira, que se trata de toda a extensão da fronteira brasileira, que conforme a legislação vigente,

possui uma largura de 150 quilômetros, desde a linha de fronteira em que se encontram os países, em direção ao interior do Brasil.

Na parte da faixa fronteiriça dos países que fazem contato com o território brasileiro, cada Estado – Nação, possui, conforme sua legislação uma largura compreendida. No caso da Bolívia, a zona de fronteira boliviana, corresponde à largura de 50 quilômetros.

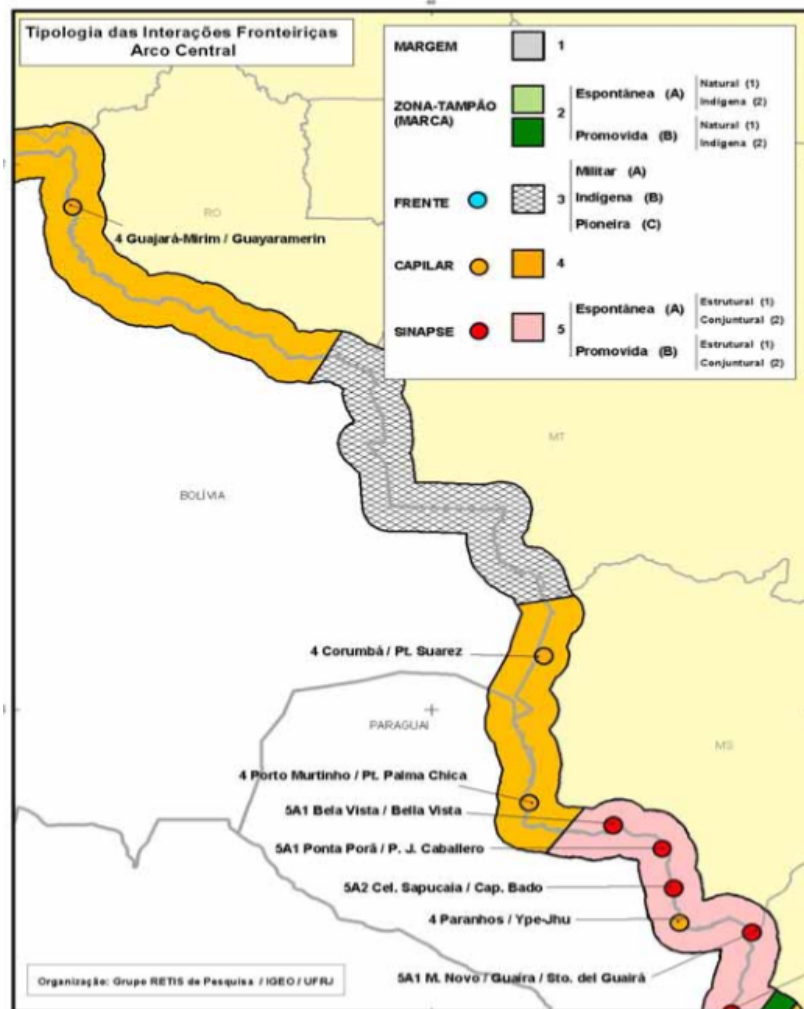
Esta informação espacial da faixa estabelecida pelos Estados nacionais, nos comunica que tais países possuem responsabilidade sobre as demarcações em que se estabelecem as zonas de fronteira, que, no caso do Brasil, são denominadas áreas especiais.

Tais espaços estão condicionados sob as regras de segurança nacional, obras públicas de Engenharia Civil, participação de estrangeiros em propriedades rurais ou empresas nestas áreas, concessão de terras e serviços e auxílio financeiro do Governo Federal, secundariamente, no tocante a gratificação especial de localidade (IBGE, 2017).

Portanto, estas porções territoriais denominadas áreas especiais, possuem uma maior atenção devido à gratificação dada pelo Estado nacional brasileiro, em consideração a uma região que demanda a realização de atividades voltadas ao bem estar e conexão dos países que se comunicam entre si. É o que se faz entender. Embora isso ocorra, percebe-se a todo o momento que esta região é denominada como “área sensível”, característica apontada pela Segurança Pública que se refere a uma região que pode ser atingida por diversos males, como doenças em humanos e criações de animais, violência e conflitos culturais.

Os estados brasileiros do Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul se encontram nesse espaço, com os departamentos bolivianos de Pando, Beni e Santa Cruz, respectivamente.

Figura 4: Mapa de representação da tipologia das relações fronteiriças no Arco Central



Fonte: MIN (2005)

Na **Figura 4**, podemos conhecer de forma resumida as relações fronteiriças que ocorrem entre as cidades- gêmeas que fazem fronteira entre o Brasil e a América do Sul. Destas relações, na zona da faixa de fronteira que conecta o Brasil à Bolívia temos uma conexão de Margem, Frente, Capilar e Sinapse. Estas relações correspondem a toda uma dinâmica de contato que se dá entre os países, no que se refere à parte comercial, econômica e cultural. A região da fronteira Brasil-Bolívia estudada nesta pesquisa compreende a mesorregião Sudoeste do estado de Mato Grosso no Brasil, conectado ao departamento de Santa Cruz de La Sierra na Bolívia.

Esta região se caracteriza por uma fronteira rural, onde os países se conectam e são ali representados pela região do Pantanal mato-grossense, áreas onde também se encontram grandes extensões de terras de propriedades privadas, as fazendas, e também reservas indígenas e

quilombolas, além de assentamentos rurais de reforma agrária, sem a presença de cidades-gêmeas. Por este motivo esta região é conhecida e classificada geograficamente como uma região de frente (MIN, 2005), percebida como um espaço onde há apenas a presença de postos militares e comunidades indígenas, tradicionais e fazendeiros (pioneiros), criadores de gado e produtores rurais que se servem tanto da Agricultura Familiar, quanto do Agronegócio brasileiro.

Quadro 2: Nomenclatura das interações fronteiriças nas cidades gêmeas localizadas na zona de fronteira Brasil- América do Sul e a localização dos estados brasileiros e sul-americanos correspondentes a estas interações na faixa de fronteira.

Definições	Zona-tampão	Margem	Frente	Capilar	Sinapse
	Zonas estratégicas onde o Estado central restringe ou interdita o acesso à faixa e à zona de fronteira, criando parques naturais nacionais, áreas protegidas ou áreas de reserva, como é o caso das terras indígenas. Mesmo que em certos locais exista uma relação de tipo cultural ou de ordem comercial ou uma combinação deles para justificar sua criação, a situação de bloqueio espaço-institucional ‘pelo alto’, ou seja, pelo governo central, pode criar uma dicotomia espacial com potencial de conflito entre o institucional e os nexos de passagem e expansão espontânea do povoamento no nível local.	Na margem a população fronteiriça de cada lado do limite internacional mantém pouco contato entre si, exceto de tipo familiar ou para modestas trocas comerciais. As relações são mais fortes com o nacional de cada país do que entre si, apesar da vizinhança. Em outras palavras, a primazia da dinâmica é local ou nacional.	O termo é usualmente empregado para frentes pioneiras, nome proposto faz mais de cinquenta anos para caracterizar frentes de povoamento. No caso das interações fronteiriças, o modelo “frente” também designa outros tipos de dinâmicas espaciais, como a frente cultural (afinidades seletivas), frente indígena ou frente militar.	Interações no nível local, como no caso das feiras, integração fronteiriça espontânea. Trocas difusas entre vizinhos fronteiriços com limitadas redes de comunicação, ou resultam de zonas de integração espontânea. Estado intervindo pouco, principalmente não patrocinando a construção de infraestrutura de articulação transfronteira. A primazia é o local, antes de ser nacional ou bilateral como no modelo sináptico.	Presença de alto grau de troca entre as populações fronteiriças. Interação apoiada pelos Estados contíguos, que geralmente constroem em certos lugares de comunicação e trânsito infraestrutura especializada e operacional de suporte, mecanismos de apoio ao intercâmbio e regulamentação de dinâmicas, principalmente mercantis. As cidades-gêmeas mais dinâmicas podem ser caracterizadas de acordo com este modelo. No caso da sinapse, os fluxos comerciais internacionais se justapõem aos locais.
Estados brasileiros correspondentes	Amazonas		Mato Grosso	Mato Grosso; Mato Grosso do Sul;	Paraná; Rio Grande do Sul

Países Sul-americanos	Colômbia	Bolívia	Bolívia	Bolívia; Peru	Paraguai; Argentina; Uruguai
-----------------------	----------	---------	---------	---------------	------------------------------------

Elaboração da autora com dados do MIN (2005)

Nesta análise e nomenclatura observada no **Quadro 2**, localizamos a interação na região Mato Grosso – Santa Cruz no aspecto cultural e das relações comerciais, considerada de uma interação de frente. No entanto estas relações se sobressaem para além de uma interação considerada apenas como uma frente pioneira e cultural, das populações que ali residem, o que configura expressivo crescimento nas relações fronteiriças.

O Pantanal brasileiro, se trata de uma reserva ecológica, com extensão de 150.000 km² e que está presente nesta região da fronteira Brasil- Bolívia, correspondendo no estado de Mato Grosso a 35% do total da reserva. Ela se encontra com o Pantanal boliviano, na região denominada Alto Paraguai. Ali podem ser observados animais silvestres como jacarés, capivaras, onças e tuiuiús, que compõem a biodiversidade desta fronteira, que se encontra alagada em algumas partes, mas contendo especificamente nesta região maior extensão de fronteira seca e vegetação florestada, com estradas que conectam os municípios de Cáceres a San Matias, de Tangará da Serra a Cáceres e San Matías, e de Pontes e Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade e Porto Esperidião a San Ignacio de Velasco. Neste espaço também é percebida a conexão do Pantanal mato-grossense e sua transição à Floresta Amazônica, onde se localizam os municípios fronteiriços de Pontes e Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade e Comodoro com as regiões bolivianas onde se localiza na província de Velasco, o município de San Ignacio de Velasco e o Parque Nacional Noel Kempf Mercado.

Figura 5: Mapa da Fronteira Mato Grosso Santa Cruz- Municípios fronteiriços



Fonte: GATTI (2011)

Elementos da transfronteirização podem ser percebidos com mais evidência na dinâmica do comércio local, tanto nos municípios brasileiros de Cáceres e Pontes e Lacerda, quanto nos municípios bolivianos de San Matías e San Ignacio de Velasco. As informações correlacionadas nas Tabelas 1, 2 e 3 nos dão uma dimensão da integração dos municípios considerados em maior evidência, mais populosos, contidos na faixa da fronteira Brasil- Bolívia, onde se localizam os estado de Mato Grosso e departamento de Santa Cruz.

Tabela 1: Localização e população dos municípios fronteiriços Cáceres e San Matías:

País	Brasil	Bolívia
Cidade	Cáceres	San Matías
Estado/Subregião/ Província	Mato Grosso/Sudoeste	Santa Cruz / San Mathías
População Urbana	93.882 Hab.	13.000 Hab.
Distância entre municípios	103 km	103 km
PIB dos municípios		
IDH dos municípios	0,703	0,693
Distância da Capital Estadual	219,5 Km	
Distância da Capital Federal	1.307 Km	1.526 Km
Território	24 398 km ²	
Presença de população entre as cidades	Sitiantes / fazendeiros / Comunidades tradicionais / População Indígena	Sitiantes / fazendeiros / Comunidades tradicionais / População Indígena
Pavimentação nas estradas	Não	

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Silveira et. al (2017) e dados de IBGE (2018); INE (2019); PNUD (2019); GOOGLE MAPS (2019)

Tabela 2: Localização e população dos municípios fronteiriços Pontes e Lacerda e San Ignacio de Velasco:

País	Brasil	Bolívia
Cidade	Pontes e Lacerda	San Ignacio de Velasco
Estado/Subregião/ Província	Mato Grosso/Sudoeste	Santa Cruz / San Matías
População Urbana	45.093Hab.	31.196 Hab.
Distância entre municípios	333Km	333km
PIB dos municípios	276 Mi	
IDH dos municípios	0,703	0,693
Distância da Capital Estadual	443 Km	462 Km
Distância da Capital Federal	1542 Km	1200 Km
Território	8.423 km ²	
Presença de estradas que conectam os municípios	Sim	
Presença de população entre as cidades	Sitiantes/fazendeiros/ Comunidades tradicionais	
Pavimentação nas estradas	Não	

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Silveira et. al. (2017) e dados de IBGE (2018); INE (2019); PNUD (2019); GOOGLE MAPS (2019)

Tabela 3: Localização e população dos municípios fronteiriços de Tangará da Serra e San Matias, contidos na faixa de fronteira:

País	Brasil	Bolívia
Cidade	Tangará da Serra	San Matías
Estado/Sub-região/ Província	Mato Grosso/Sudoeste	Santa Cruz / San Mathias
População Urbana	Hab. 101.764	Hab.13.000
Distância entre municípios	324 km	324 km
PIB dos municípios	710 Mi	
IDH dos municípios	0,703	0,693
Distância da Capital Estadual	240 km	691 Km
Distância da Capital Federal	1.310 Km	1.526 Km
Território	11 324 km ²	
Interações Transfronteiriças	Linha de fronteira Zona Fronteiriça: Frente	Linha de Fronteira Zona fronteiriça: Frente
Presença de estradas que conectam os municípios	Sim	
Presença de população entre as cidades	Sitiantes/fazendeiros/ Comunidades tradicionais	
Pavimentação nas estradas	Não	

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Silveira et. al. (2017) e dados de IBGE (2018); INE (2019); PNUD (2019); GOOGLE MAPS (2019)

As tabelas de 1 a 3, observam aproximações entre os países fronteiriços, no intuito de se conhecer dados correspondentes às suas classificações geográficas e econômicas. Estas informações nos auxiliam na tentativa de entender, quais discrepâncias poderiam haver no encontro das populações sobressalentes nas regiões das fronteiras pesquisadas. Não poderíamos comparar países tão diferentes, a começar pelas suas dimensões espaciais e populações tão distintas em números. No entanto, podemos tanto aproximar os países vizinhos em seus números, quanto aproximarmos as fronteiras, a partir de um contexto de similaridades. Primeiro porque são unidades urbanas, ou rurais localizadas em espaços fronteiriços, de encontro entre países. Segundo que são países que dividem o mesmo continente, ou seja possuem orientações político- econômicas dentro de uma construção ocidentalizada, componentes de um projeto colonizador de aculturação das populações preexistentes nestas regiões, portanto envolvidas nesta construção social. Ao observar as horizontalidades, nos deparamos com as populações e culturas, as comunidades locais e sua construção social. Nos dirigindo as verticalidades, nos deparamos com as economias locais, e sua comunicação com as cidades onde há maior centralização de poder político e econômico, as capitais regionais e nacionais.

A **tabela 1** corresponde ao encontro entre os municípios de Cáceres e San Matías, por meio daquilo que o estado denomina linha de fronteira. Os municípios não são conurbados, mas enquanto

fronteira compartilham das políticas públicas oferecidas por ambos os governos, seja assim formalmente ou informalmente. Além disso, há o compartilhamento do espaço e das relações simbólicas, em que Cáceres se sobressai com uma população de aproximadamente 90 mil habitantes, enquanto San Matías possui a maior parte de sua população na zona rural, e apenas pouco mais de 5 mil habitantes na zona urbana. É percebido o trânsito de bolivianos em Cáceres, tanto no contexto urbano, quanto entre as comunidades rurais, da mesma forma pudemos identificar projetos educacionais para receber estudantes bolivianos em Cáceres e vice- e – versa, assim como os estabelecimentos comerciais, como restaurantes brasileiros em San Matías e médicos brasileiros atuando em postos de saúde bolivianos em San Matías.

Tangará da Serra na **Tabela 3**, é outro município em evidência na região fronteira, em que também compartilha a linha de fronteira com San Matías. Esta no entanto dista 324 quilômetros. A interlocução entre Cáceres, Tangará da Serra e San Matías pode ser observada a partir das relações comerciais rurais, assim como ocorre em Pontes e Lacerda e San Ignacio de Velasco, da **Tabela 2**, que possuem populações em números similares. No entanto a forte presença do comércio urbano brasileiro é também observada em ambos os municípios bolivianos, tanto San Mathías, quanto San Ignacio de Velasco.

É importante afirmar que os IDHs, Índices de Desenvolvimento Humano dos países fronteiriços não possuem diferença significativa, o que revela que os níveis de condições de vida, ou de felicidade da população são similares, entre aproximadamente 0,69 e 0,70; conforme observa a Organização das Nações Unidas, ONU, através do PNUD (2019). Isso nos orienta no sentido de que as populações possuem ainda similares níveis educacionais. A distância entre as capitais Federais revela a necessidade dos municípios bolivianos na interação com os municípios brasileiros, como com relação às áreas do comércio e da saúde. Já que os países não possuem restrições de intercâmbio entre si.

Na fronteira Estados Unidos- México, a província Tejano South Texas ou Tex-Mex, assim como é conhecida por muitos autores, se trata da região em formato de cunha, que conecta a parte Sul do estado do Texas, nos Estados Unidos à região Norte dos estados mexicanos de Tamaulipas e Coahuila, e embora não esteja na linha da fronteira, o estado de Nuevo León também se encontra nesta região, sendo assim impactado por ela. O espaço se trata de uma fusão cultural entre os dois países e que é bastante conhecida e explorada em seu contexto cultural, que se sobressai na culinária e nas festas populares e gera renda e inúmeros atrativos turísticos. A paisagem cultural da região

reage, conforme o seu sistema social é comunicado, reproduzido, experienciado e explorado, o que implica não somente nas práticas sociais, mas está arraigado em suas representações simbólicas. A região mexicana do Sul do Texas é regionalmente e culturalmente parte essencial da fronteira espanhola-americana. Regiões culturais, não são coincidentes com fronteiras políticas, mas com processos políticos, que estabelecem áreas, exercendo controle e autoridade sobre determinado espaço (ARREOLA, 2002).

Figura 6: Mapa Estados Unidos –México, com evidência no estado do Texas e fronteira com o México



Fonte: VOYAGEPHOTOS.MANU.COM (2019)

No espaço fronteiro da região TEX- MEX, se localizam os municípios de San Antonio, Laredo e Eagles Pass, estado do Texas e Nuevo Laredo, Piedras Negras e Monterrey nos estados de Tamaulipas, Coahuila e Nuevo León, respectivamente. Estes são os municípios de maior evidência desta porção fronteira. Há municípios menores e cidades gêmeas nesta região, tendo em vista, que demograficamente, economicamente e culturalmente, San Antônio é a capital do Sul do Texas (ARREOLA, 2002).

O município de San Antônio, fundado há 300 anos, possui a terceira maior população texana, com em torno de 1.6 milhões de habitantes. Sua economia se evidencia como a 34ª maior economia dos Estados Unidos (BEA, 2019), sendo este o sétimo maior município do país e com 60% de sua população latino- americana, que se divide entre mexicanos descendentes de grupos étnicos Astecas e Apaches nascidos nos Estados Unidos, mexicanos com dupla nacionalidade e migrantes residentes no país, como estudantes e trabalhadores mexicanos.

Ao analisar a região Sul do Texas e o encontro com o Norte do México, percebemos que seu espaço possui muitos significados, que perpassam por um contexto geográfico e se retrata no plano social. Ali se encontram múltiplas subculturas. Laredo, com população de 260 mil habitantes, no Rio Grande, é quase tão velha quanto San Antônio, se configurando como a porta de entrada identitária e a ponte entre o México e o Texas, “se revigorando com o vento do acordo de Livre Comércio da América do Norte” (ARREOLA, 2002).

Esta percepção é notória, como também a noção de que, nas regiões de fronteiras, iremos perceber que estados mais fortes se sobrepõem a estados mais fracos economicamente (ZARTMAN, 2010). Ainda assim, temos do contato dos dois países, a partir do movimento de transfronteirização as diversas atividades econômicas e sociais, aquelas que transbordam as fronteiras atingindo os municípios dos países vizinhos. Nuevo Laredo, cidade mexicana gêmea a Laredo, possui 548 mil habitantes.

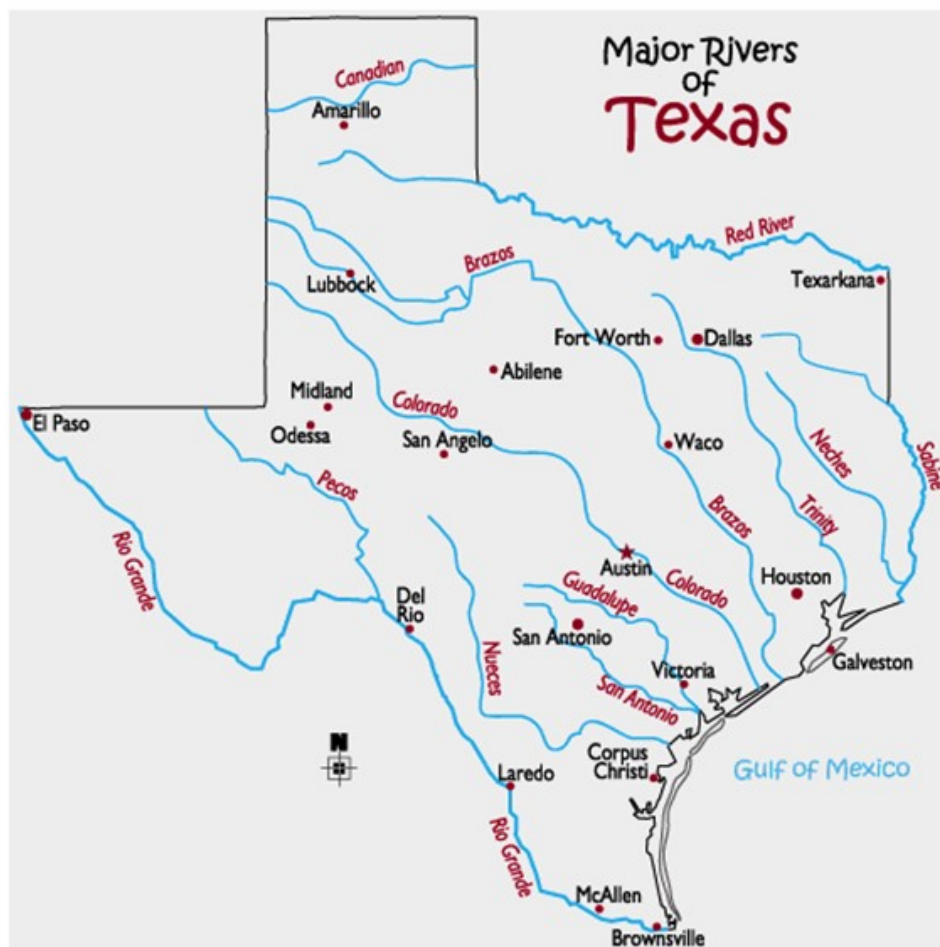
Fundada em 1596, Monterrey, estado de Nuevo Leon, é, assim como San Antônio, considerada referência econômica na região fronteira com o Texas, sendo a maior cidade mexicana próxima à zona da fronteira Tex-Mex, com 1.1 milhões de habitantes. O estado de Nuevo León configura o terceiro estado com a maior economia do país. Monterrey é também considerada uma cidade com alto nível de americanização, sendo a nona maior cidade do México, com a terceira maior zona metropolitana do país.

O Rio Nueces e o Rio Grande remontam a “zona cultural texana”. Os primeiros relatos sobre a região Sul do Texas, correspondem a escritos de europeus- americanos, que detalham esta porção desde o Século XVI, apresentando assim terras exploradas pelos espanhóis, que, atravessando o Rio Grande, traçaram uma rota que seguia ao longo do arco Norte em direção Noroeste, pelo Rio Grande e passando então por Monclova, em Coahuila e San Antônio, no Texas.

O Sul do Texas foi primordialmente nomeado pelos espanhóis como Seno Mexicano ou Golfo do México. O traçado cruza o canto Noroeste do Sul do Texas como em formato de uma

cunha à Oeste pelo Rio Grande entre Eagle Pass e Del Rio e à Leste em San Antônio. Sua paisagem consiste em um mosaico que desenha o Sul do Texas, uma zona de transição triangular composta de áreas com diferentes ambientes, desde a planície costeira compondo em sua curva estuários e baías e a transição da floresta de pradaria para o interior da costa, com terra negra, na região de San Antonio (ARREOLA, 2002).

Figura 7: Representação de rios e cidades do Estado do Texas



Fonte: SECRETMUSEUM.COM (2019)

Esta zona de transição, é de uma paisagem ribeirinha, que segue o fluxo dos rios Nueces, Medina, San Antônio e Guadalupe. Embora, primordialmente esta não tenha sido uma paisagem atrativa aos viajantes que por ali passavam nos séculos anteriores, viajantes que cruzavam o Sul do Texas durante o século XIX descreviam esta como uma região singular, com uma percepção de boas condições, após terem atravessado um vasto deserto, os rios se caracterizavam como

fundamentais para a sobrevivência das populações que ali habitariam no decorrer dos próximos anos (ARREOLA, 2002).

Assim, toda base da estrutura territorial que se tem conhecimento, de onde se sobressai as atividades econômicas desta região, se veem desenhadas por um processo de reconhecimento da geografia regional, sobre a geologia, os solos, e as condições topográficas. Esta região foi identificada desde a década de 1931 como “planícies do Sul do Texas”, excluindo-se apenas as fronteiras com o Rio Colorado. Os estados mexicanos fronteiriços ao Norte da fronteira da chamada Nova Espanha eram administrados no período colonial pelo governo da Cidade do México que dividia aquela região em cinco diferentes partes: Pánuco, Nuevo León, Coahuila, Texas e Novo Santander. O período de colonização dessas terras durou dois séculos, sendo os estados Mexicanos de Nuevo Leon e Coahuila os que permaneceram com seus nomes e traçados atuais. Nuevo Santander se tornou posteriormente o estado Mexicano de Tamaulipas. Houveram dois importantes fluxos migratórios nesta região no século XX. O primeiro, conhecido como a grande onda migratória, que se iniciou em 1910 e durou até 1930. Neste período a população do estado do Texas obteve um crescimento populacional de 67%. A população mexicana no Texas dobrou e na região Sul do Texas, triplicou.

In the decades before 1930, Mexican immigration to the United States and to Texas picked, although the proportion of Mexican immigrants to the state dipped slightly as migrants redistributed to other border states and as a result of deportations and repatriations during the early years of the Great Depression (GREBLER, MOORE AND GUZMÁN Apud ARREOLA 2002).

A persistência dos rancheros nos condados fronteiriços e a expansão das atividades agrícolas, já em pleno exercício nesta região, configuraram os fatores mais importantes que impulsionaram esta primeira onda migratória. Em seguida se destacou o ciclo migratório de 1950, em que os trabalhadores não mais se estabeleciam apenas no estado do Texas, mas seguiam para estados como Michigan e Montana, a fim de receberem melhores salários do que o que lhes era pago no Texas. Assim, as populações mexicanas se estabeleciam nas fazendas para o trabalho nas épocas de colheitas. De 1950 a 1990 a população mexicana no Texas já atingia a metade da população do estado e no Sul do Texas a população texana- mexicana correspondia a 71%, do total da população da região neste período.

As **Tabelas 4, 5 e 6** apresentam algumas dimensões das populações e território da fronteira cultural TEX –MEX, incluindo-se ainda a tipologia utilizada por MIN (2005):

Tabela 4: Localização e população dos municípios fronteiriços San Antonio e Monterrey:

País	Estados Unidos	México
Cidade	San Antônio	Monterrey
Estado/Sub-região/ Província	Texas	Nuevo León
População	1.532.233	1.130.960
Distância entre municípios	475 km	475 km
PIB dos municípios	129 Bi	102 Bi
IDH dos municípios	0.914	0.790
Distância da Capital Estadual	128 km	0 km
Distância da Capital Federal	2.573 Km	903 km
Território	1.194 km ²	324 Km ²
Interações Transfronteiriças	Centros econômicos estaduais Zona Fronteira: Urbanizada / Sinapse	Centros econômicos estaduais Zona Fronteira: Urbanizada/ Sinapse
Presença de estradas que conectam os municípios	Sim	
Presença de população entre as cidades	Sitiantes/fazendeiros/municípios, rios.	Sitiantes/fazendeiros/municípios, rios.
Pavimentação nas estradas	Sim, presença de pontes	Sim, presença de pontes

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Silveira et. al (2017) e dados de DISTANCE TO (2019); BEA.GOV (2019); PNUD (2015); INEGI (2019).

Tabela 5: Localização e população dos municípios fronteiriços Laredo e Nuevo Laredo:

País	Estados Unidos	México
Cidade	Laredo	Nuevo Laredo
Estado/Subregião/ Província	Texas	Tamaulipas
População	261.639	402,626
Distância entre municípios	0km	0km
PIB dos municípios	8,285 Bi	1,44 Bi
IDH dos municípios	0.914	0.758
Distância da Capital Estadual	379 Km	511 Km
Distância da Capital Federal	2.850 Km	1.129Km
Território	269.55 km ²	1.334Km ²
Interações Transfronteiriças	Cidade Gêmea Zona Fronteira: Sinapse, Capilar	Cidade Gêmea Zona fronteira: Sinapse
Presença de estradas que conectam os municípios	Sim, presença de Pontes	Sim, presença de pontes
Presença de população entre as cidades	Zona urbana	Zona urbana
Pavimentação nas estradas	Sim	Sim

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Silveira et. al (2017) e dados de DISTANCE TO (2019); BEA.GOV (2019); PNUD (2015); INEGI (2019).

Tabela 6: Localização e população dos municípios fronteiriços Eagle Pass e Piedras Negras:

País	Estados Unidos	México
Cidade	Eagle Pass	Piedras Negras
Estado/Subregião/ Província	Texas	Coahuila
População	29.487	163.595
Distância entre municípios	0 km	0 km
PIB dos municípios		
IDH dos municípios	0.914	0.768
Distância da Capital Estadual	356.86Km	402.52 Km
Distância da Capital Federal	2.827.87 Km	1.251.96 Km
Território	24.8 km ²	914,2 Km ²
Interações Transfronteiriças	Cidade Gêmea Zona Fronteira: Sinapse	Cidade Gêmea Zona fronteira: Sinapse
Presença de estradas que conectam os municípios	Sim	Sim
Presença de população entre as cidades	Zona Urbana	
Pavimentação nas estradas	Sim, presença de 5 Pontes	Sim, presença de 5 Pontes

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de Silveira et. al (2017) e dados de PNUD (2012); ICCE (2016); DISTANCE TO (2019); BEA.GOV (2019); PNUD (2015); INEGI (2019)

As tabelas 4, 5 e 6 representam as interações fronteiriças entre os países e seus respectivos municípios contidos na região da fronteira TEX- MEX, Estados Unidos- México. Os dados das

tabelas indicam uma fronteira verticalizada, ou seja industrial, com municípios mais populosos e economia elevada. A tabela 4 observa os municípios mais populosos da região fronteiriça TEX-MEX, estes também constituem os municípios com maior produto interno bruto desta fronteira. San Antonio e Monterrey correspondem aos municípios com maior concentração de poder econômico dos estados do Texas e Nuevo León, respectivamente. Os IDHs dos municípios possuem uma diferença pouco maior do que um ponto percentual, o que significa uma pequena margem de discrepância entre os sistemas educacionais formais, se comparando-se o índice de desenvolvimento humano e de felicidade dos municípios fronteiriços. As tabelas 5 e 6 apresentam os únicos municípios das duas fronteiras, que constituem cidades gêmeas. A cidade estado - unidense de Laredo, embora seja menos populosa apresenta um PIB oito vezes maior do que sua cidade gêmea mexicana Nuevo Laredo, um reflexo do trabalho das maquiladoras ao longo dos últimos séculos, parte do projeto Border Industrialization Program (BIP).

CAPÍTULO III
ASPECTOS SOCIOCULTURAIS
NAS FRONTEIRAS BRASIL- BOLÍVIA
E ESTADOS UNIDOS - MÉXICO

Os aspectos socioculturais nas fronteiras Brasil - Bolívia e Estados Unidos - México, constituem numa abordagem no olhar da pesquisadora sobre as populações do ontem e do hoje que habitam este espaço local- internacional fronteira. Mergulho em especificidades relativas aos aspectos culturais destas duas porções fronteiriças, que abrangem quase que em sua totalidade espaços latino-americanos. Por isso, uma questão que tratarei em seguida, é a da subalternidade étnica (SPIVAK, 2010), daqueles que de alguma forma não são ouvidos ou vistos, e se encontram no contexto cultural dos entre - lugares (BHAHBA, 2019), em que entendo os espaços fronteiriços povoados por suas mais diversas identidades culturais, inclusos nestas perspectivas.

As fronteiras internacionais, como espaços sociais de relações profundas (ZARTMAN, 2010) se estruturam num contexto heterópico (FOUCAULT, 2013) e de alteridades (MARTINS, 2010). A mídia neste universo possui o relevante peso de representar as interações sociais e identidades que ocorrem neste espaço. Contudo a problemática desta pesquisa, justamente questiona a representação midiática sobre o espaço local-internacional, a partir da realidade do contexto de representações utilizado pela mídia, da noticiabilidade, que evidencia aquilo que deve ser notícia.

No tópico III.1. intitulado “A atividade jesuítica na fronteira Mato Grosso – Santa Cruz e Texas - México” apresento a perspectiva das missões jesuíticas e políticas identitárias do projeto colonizador nos espaços de fronteira Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México com Anzai (2008); Jackson (2003) e Bustamante (1991) com sua abordagem sobre as interações assimétricas entre os países e passo então no tópico III.2 à discussão sobre as identidades socioculturais nas fronteiras Mato Grosso- Santa Cruz e Texas- México (Coahuila, Taumalipas e Nuevo Leon), em que descrevo as identidades socioculturais habitantes dos espaços das fronteiras Brasil- Bolívia, Mato Grosso – Santa Cruz e Estados Unidos- México, TEX – MEX (Taumalipas, Nuevo Leon e Coahuila) na abordagem de Silva et. al. (2017); Puhl (2011; 2018) e Gatti (2011); Arreola (2002); Romo (2012) e Romo e Marquez (2010).

III.1. ATIVIDADE JESUÍTICA NAS FRONTEIRAS BRASIL- BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS - MÉXICO

A atividade jesuítica nos espaços fronteiriços Brasil- Bolívia, se coincide conforme salienta Anzai (2008), com os interesses das coroas ibéricas no processo de demarcação de fronteiras no século XVIII, que abrange o território Centro Oeste sul-americano, correspondente à capitania de Mato Grosso, criada pela coroa portuguesa no ano de 1748. O interesse dos espanhóis por este

território já existia desde o século XVI, no entanto na exploração de minérios nos Andes foi que se concentraram os esforços dos espanhóis. Com isso os portugueses traçaram um caminho pela bacia do rio Paraguai, à procura de índios que pudessem escravizar.

A descoberta de ouro em Cuiabá acirrou a disputa por estes territórios pois os espanhóis também receavam que os portugueses pudessem alcançar os minérios andinos através do rio da Prata ou do Rio Paraguai, além de temerem perder territórios já ocupados por meio do tratado de Tordesilhas. A região se tornou populosa, por causa da exploração das primeiras minas em Cuiabá e também de ouro nas bacias dos rios Paraguai- Guaporé – Juruena. Foi criada a Capitania de Mato Grosso, deliberada por meio de alvará, pelo Conselho Ultramarino, em 1748. O território se limitava com Grão Pará (atual estado do Pará) e São Paulo e a Oeste com os territórios espanhóis. Os povos ali existentes eram indígenas e escravos que eram trazidos para as lavras de ouro. A fundação da capital Vila Bela da Santíssima Trindade ocorre em 1752, consolidando a ocupação portuguesa no extremo- Oeste do Brasil, já legalizada pelo tratado de Madri (ANZAI, 2008).

Havia na região duas frentes colonizadoras ibéricas, uma delas assegurava a posse destes territórios pelo Tratado de Tordesilhas e outra “em um movimento a fim de garantir e ocupar aquilo que lhe seria concedido *uti possidetis*, aumentando ainda mais a elasticidade da ‘linha’ demarcadora” (ANZAI, 2008 p.254). Atravessando o Guaporé se situava as missões religiosas dos Moxos e dos Chiquitos, que se configuravam então como parte da política de ocupação espanhola daquele território.

As missões jesuíticas percorreram toda a América, por ordens religiosas franciscanas e mercedárias. Suas práticas culturais ocorriam por meio da implantação das reduções, que se tratava de uma política colonizadora onde eram aplicadas normas que se diferem entre si por questões históricas e particularidades étnicas e regionais, conforme a intenção dos grupos envolvidos. As missões dos chiquitos e dos moxos, observa (Anzai, 2008) ocorreram como uma estratégia espanhola no intuito de controlar suas fronteiras, principalmente as que se encontravam distantes dos núcleos coloniais. Por isso concentravam diferentes grupos indígenas para o trabalho na instalação de padrões de territorialidade. Assim, a localização tanto dos Moxos, quanto dos Chiquitos era de interesse da coroa espanhola, porque estes se estabeleciam nas regiões da fronteira. A Companhia de Jesus realizava uma mediação civilizatória, que aos índios se mostrava hostil. Ameaçados pelos ataques dos ‘encomenderos’, não podiam fugir para o leste, porque se deparariam com uma das frentes colonizadoras portuguesas. Assim, para garantir sua segurança física, os

índios aceitavam as reduções. O sistema reducional garantiu proteção aos indígenas, porque os jesuítas, que conheciam técnicas militares, as repassavam aos indígenas, utilizando treinamento com armas de fogo.

A região de Santa Cruz de La Sierra se tornou o principal foco de expedições escravagistas, por isso os missionários foram enviados para protegerem as populações indígenas que povoavam as fronteiras. Assim era de interesse da coroa espanhola que as missões fossem estabelecidas. A convite do governador de Santa Cruz, os jesuítas foram chamados e orientados a se estabelecerem em pontos estratégicos na região do Chaco boliviano. Ali se assentaram dois grupos de missões: Os Chiquitos e os Moxos, organizados nos moldes dos povos Guaranis, que se localizavam nas bacias dos rios Uruguai, Paraná e Paraguai.

Jesuítas e espanhóis tentavam passar para a margem direita do Guaporé, estratégia para se alcançar o Rio Paraguai e havia também o desejo dos missionários de atravessar o Chaco de Norte a Sul até chegar ao Pilcomayo, consolidando as possessões da província de Chiquitos. Por isso a fundação de San Ignacio, no centro do Chaco. A região de Chiquitos seria o posto-chave para o domínio da bacia do Paraguai e a comunicação de Mato Grosso com o Alto Peru e o Amazonas. (ANZAI, 2008, p 255).

Assim, San Ignacio de Velasco se tornou a capital da missão dos Chiquitos e o local onde os Jesuítas criaram as reduções plantando algodão e o fizeram também da mesma forma com os Moxos que nas missões do Paraguai plantavam também a erva –mate e o cacau. As reduções das províncias dos Chiquitos somam na atualidade cinco províncias bolivianas: A província de Nulo de Chávez, que correspondem às antigas reduções de Concepción e San Javier; e a Província de Velasco, onde estão as missões de San Ignacio, Santa Ana, San Rafael e San Miguel. A província de Chiquitos que corresponde às missões de San José, San Juan e Santiago; a Província de Angel Sandoval, à qual corresponde à missão de Santo Corazón e a província German Busch (MORENO, 2004).

Do lado português da fronteira, as vilas e os arraiais de onde se extraíam o ouro, passavam por períodos de escassez de alimentos. Por Cuiabá se tentava comunicar com as capitânicas de Goiás, São Paulo e Pará, para o abastecimento por meio do caminho dos Chiquitos, que poderiam abastecer as minas com bois, cavalos e tecidos e até mesmo possibilitar aos portugueses que chegassem à Santa Cruz de La Sierra para conseguirem instrumentos de mineração, sal e alimentos. No entanto a maioria das missões de Chiquitos estavam localizadas mais próximas das vilas de que das Capitânicas de São Paulo, Goiás e Pará e suas autoridades, castelhanas, negavam passagem.

Com isso houveram muitos contatos clandestinos entre as aldeias de Chiquitos e a Capitania de Mato Grosso (LOBO, 1960 p. 427 apud ANZAI, 2008).

Embora tanto os grupos de Moxos quanto os grupos de Chiquitos da fronteira fossem auto-suficientes, grande número de indígenas eram cooptados para desertarem para Mato Grosso, orientados por capitães gerais portugueses, que mantinham funcionários que pudessem orientá-los no caminho, já que naquela localidade as terras que iam sendo incorporadas por meio de tratados precisavam ser povoadas.

Os índios das missões eram considerados ideais, porque já estavam “domesticados”. Nesse sentido os jesuítas transformaram suas 11 reduções de Chiquitos e 15 de Moxos, em instituições que defendiam o território espanhol, o que preocupava os portugueses. Os Chiquitos eram considerados como guardiães do território dominado pelos espanhóis, porque impediam que os portugueses avançassem para as minas do Peru. Assim, os grupos de missões tinham características comuns, por exemplo a sua localização, sempre à beira de rios e em terras planas ou de pouca altitude. Neste ponto, aponta Anzai (2008) que tanto os Chiquitos, quanto os Moxos, assentados na extensão que corresponde aos limites com o Paraguai, o Brasil e o Peru (moxos, baures, pampas e chiquitos), seguiram o mesmo método das missões do Paraguai.

A escolha dos locais para a instalação das reduções priorizavam a qualidade do solo, das águas, a existência de peixes e estas reduções correspondiam a um complexo missional organizado com a construção de cemitérios, oficinas, colégios, armazéns e uma estrutura realizada a partir de um modelo de reordenamento espacial e social que remetia à racionalidade cristã, por isso dava-se muita importância ao ensino da música, que era ensinada aos índios para que fosse então aproveitado o seu talento musical (MONTROYA, 1985; p.138).

Uma diferença era que as missões tanto dos Chiquitos, quanto dos Moxos, representava um modelo de evangelização intermitente com a presença dos religiosos, o que não ocorria nas missões volantes, que foram as missões iniciais do processo de chegada dos espanhóis e portugueses na América do Sul, em que eram organizadas de forma que os indígenas eram convertidos, doutrinados e civilizados. Com os Chiquitos e Moxos ocorriam inúmeras práticas culturais, e a esta experiência os portugueses denominavam sistema de aldeamento (HERNANDEZ, 1913). No espaço da redução, tanto índios quanto jesuítas atribuíam significados à cultura do outro e com isso reelaboravam elementos culturais, partindo de uma convivência muitas vezes conflituosa, mas que, no entanto, reinterpretava suas relações cotidianas. “As missões foram grandes produtoras de

instrumentos musicais e seus corais foram elogiados pelos viajantes que as visitavam, mesmo após sua decadência” (ANZAI, 2008 p. 258).

Algumas práticas realizadas, remetiam a um modo de viver que se alternava entre a defesa do território e a necessidade de sobrevivência. Nessas relações fronteiriças havia a necessidade de intercâmbio comercial e de povoamento, e essas relações muitas vezes se sobressaíam à revelia dos acordos e tratados entre as metrópoles ibéricas.

Os jesuítas, por meio da missão evangelizadora, assumem com isso papel defensivo no território espanhol. No entanto muitos problemas relacionados a como deveriam ser administradas as reduções da Companhia de Jesus ocasionaram na expulsão da Ordem dos territórios portugueses em 1759, dos territórios franceses em 1762 e dos territórios espanhóis em 1767.

No Paraguai a expulsão dos padres jesuítas ocasionou na destruição das reduções. Já no Oriente Boliviano não ocorreu o mesmo. Estas reduções, no entanto, passaram por mudanças administrativas, o que desorganizou a produção e originou na perda de seus bens. Uma vez transferida a administração da Companhia de Jesus para o bispado de Santa Cruz, o despreparo dos novos administradores e o desencontro de ordens para as atividades comuns, resultaram no desvio dos produtos das comunidades indígenas para Santa Cruz e Cochabamba e ainda no contrabando com o Mato Grosso para seu proveito. Assim entende-se que se deu então a institucionalização do contrabando através das missões de Mochos e de Chiquitos. Estas práticas contribuíram para a completa destruição da capacidade produtiva que havia sido organizada pelos jesuítas. Os negócios ilícitos garantiam grande margem de ação aos negociantes, estas também articuladas com outras formas de negócios coloniais.

O contrabando de animais, principalmente de mulas era intenso. Embora proibido na fronteira desde 1764, esse produto continuou a circular, envolvendo administradores coloniais, espanhóis, portugueses e índios, que se articulava em uma rede na qual a reciprocidade e o parentesco representaram importante papel. Tolerado pelas autoridades portuguesas, o contrabando era praticado por pessoas que eram responsáveis pela defesa dos territórios. Desse modo, fazer ‘vistas grossas’ funcionava como uma espécie de concessão, em um território de domínio instável (ANZAI, 2008, p. 259-260).

Após a expulsão dos padres jesuítas muitos índios deixaram as missões e se dirigiram para a Capitania de Mato Grosso onde foi fundada a Vila Maria do Paraguai, em 1778, atual território onde se localiza o município de Cáceres. A posição geográfica de Vila Maria era privilegiada, por estar próxima ao Rio Paraguai, ao Rio Prata e também à Capital da Capitania, o que a conferia importância militar e econômica. Ali constatou-se neste período 161 pessoas desertadas da

província de Chiquitos. O governador da Capitania solicitava para a Vila Maria, o envio de famílias brancas e reclamava que os índios da capitania eram ferozes, indolentes, indomáveis e inconstantes. No entanto na falta dos brancos, eram os índios das reduções espanholas, como os quarenta vindo das missões de Coração de Jesus, São João, da província de Chiquitos, que chegavam em cavalos, éguas e mulas que supriam as necessidades de povoamento e segurança daquela localidade (ANZAI, 2008).

A partir da perspectiva que se dão as missões jesuíticas na fronteira é que se tem uma realidade a ser discutida, o próprio conceito de fronteira. Neste período a fronteira significava um lugar de muitos significados. Era no espaço fronteiriço que se dava a transformação da mercadoria em contrabando, que muitas vezes era praticado pelos soldados e oficiais colonizadores do período imperial. Para aqueles que viviam dos dois lados da fronteira estas relações se faziam presentes mesmo em tempos de guerras. As trocas de animais ocorriam com muita frequência, porque justamente neste período, os animais se escasseavam. Nesse sentido o contrabandista poderia ser então o mesmo que defendia seus territórios.

Estas práticas marcam um modo de vida em que a área de defesa dos territórios era também um lugar de sobrevivência de quem ali vivia e por mais rígidas que fossem as leis portuguesas ou espanholas, a conduta daqueles que habitavam estes territórios se sobressaía às regras impostas, se destacando a Capitania de Mato Grosso e as missões dos Chiquitos da fronteira Oeste em que ao mesmo tempo se alternavam entre a preocupação com a defesa de seus territórios e a necessidade do intercâmbio comercial e também do povoamento local.

Nesse sentido conforme ressalta Anzai (2008), as proibições legais não conseguiam impedir o intenso relacionamento que se dava entre as possessões ibéricas e esta movimentação na fronteira se organizava num senso de comunhão entre espanhóis, portugueses, Chiquitos, entre grupos étnicos diversos, africanos e afrodescendentes e povos já miscigenados, e esta complexidade nos leva a um estado de compreensão e análise destes múltiplos grupos de ação deste período.

Na fronteira Estados Unidos e México, as primeiras atividades exploratórias que se tem notícia, também se deram por meio das missões jesuíticas. Padres jesuítas espanhóis avançaram pela região onde corre o Rio Grande, implantando um projeto comunitário que incluía a construção de templos cristãos e de novas moradias para as populações que ali habitavam anteriormente. As moradias eram estabelecidas lado a lado, formando um grande quadrado no entorno da igreja. Assim, se conserva até os dias atuais a Missão de *San Jose*, em San Antônio, no Texas. As

populações catequizadas nas reduções, viviam em pequenos quartos onde dividiam os alimentos que cultivavam em grupo. Aprendiam os ofícios ensinados pelos padres, incluindo as artes e realizavam trabalhos braçais na construção das reduções. O caminho a partir da pequena cidade de Guerrero no estado de Coahuila, localizada ao Sul da cidade de Eagles Pass, no Texas, cruzando o Rio Grande pela aldeia de El Índio foi considerado o ponto fulcro deste corredor de viagem. Ali se localiza o *Presidio del Rio Grande* e a Missão de San Juan Bautista, estabelecida em 1699 e 1700, respectivamente. Este assentamento colonial se configurou como a porta de entrada dos espanhóis no que hoje se chama estado do Texas. Em 1827, o assentamento teve seu nome mudado para Villa de Guerrero. Por mais de dois vãos localizados próximos a este local passaram também aqueles que estiveram viajando desde o Texas ao México no período colonial espanhol até a segunda metade do século XIX. A rota continua a partir dos rios Nueces, Medina e Frio e seus tributários. Este foi o caminho dos exploradores espanhóis no Sul do Texas descrito como “Borda da fronteira mexicana” (ARREOLA, 2002).

No Texas se encontra atualmente o Parque histórico Nacional das missões de San Antônio, que consiste em 84 locais históricos ao longo do Rio San Antônio, que demarcam as missões datadas desde 1875. O parque histórico, é reconhecido como patrimônio histórico e cultural, desde 1978 e estabelecido em 1983. Parte das missões ali existentes continuam ativas, por meio de um trabalho realizado pela Arquidiocese de San Antônio. O parque inclui as missões Conceção - *Misión Nossa Senora de la puríssima Concepción de Acuna*, Missão Espada - *Misión San Francisco de la Espada*, Missão São José - *Misión, San Jose y San Miguel de Aguayo*, Missão São João Capistrano - *Misión San Juan Capistrano*, Aqueduto Espada – Rancho de Las Cabras e Casa Ethel Wilson Harris, onde recebe milhares de turistas visitantes desta região, periodicamente.

Para avaliar o desenvolvimento das missões na América espanhola, considera-se não apenas os objetivos políticos dos espanhóis, mas os benefícios que as populações indígenas criam receber ou não, num processo de autonomia indígena, ao trocar seu modo de vida tradicional, pelo modo de vida nas missões. Os grupos coahuilcos do Texas exemplificam populações indígenas que previam benefícios com a entrada nas missões do Texas e no Nordeste do México, porque se sentiam ameaçados pelos Comanches e pelos Apaches *Lipan*, que os rodeavam (JACKSON, 2003). No entanto algumas similaridades podem ser notadas no processo das missões, como é o caso da formação das fronteiras Brasil- Bolívia e Estados-Unidos México. Nestas terras a coroa espanhola estava em busca de indígenas sedentários, que ocupavam vastos territórios, onde pudesse ser

possível o cultivo agrícola e a domesticação através das reduções, destas populações, com maior facilidade e utilidade.

As missões do Texas tiveram populações pequenas, sendo *San Jose y San Miguel*, a missão mais populosa da área de San Antônio, com 350 neófitos em 1768. A população da missão Rosário, no Sul do Texas tinha entre 400 a 500 pessoas durante a década de 1750. As populações do Norte do México não foram viáveis, porque se mostravam instáveis e não se reproduziam naturalmente, sendo de baixa fertilidade e com elevadas taxas de mortalidade, o que se diferenciava das missões da porção Sul da América, que tinham alto número de indivíduos, que embora tivessem alta taxa de mortalidade, tinham também alta taxa de fertilidade.

Da mesma forma no Texas, a agricultura e a criação de gado eram a base econômica das reduções, contudo em menor intensidade, devido às menores populações que viviam nas reduções. Algumas das missões da fronteira TEX-MEX eram nomeadas com o mesmo nome das missões guaranis do Brasil- Paraguai. Como era o caso de *Concepción, San Jose e Corpus Christi*. Estas localidades existem, tanto na fronteira TEX-MEX, quanto na fronteira da região Sul do Brasil, onde aconteceram as reduções jesuíticas dos povos Guaranis. No entanto, enquanto no Brasil- Paraguai- Argentina- Bolívia se produziam grandes variedades de colheitas de milho, mandioca, tabaco, índigo, cana-de-açúcar, algodão e erva –mate, tudo para sua autossustentação e para o comércio, nos Estados Unidos e no México as colheitas eram menores e as missões do Texas, assim como também as da Baixa Califórnia não participaram de forma ativa em uma economia de mercado e no máximo, os missionários forneciam produtos para as forças militares, como foi o caso de *San Jose y San Miguel de Aguayo* (JACKSON, 2003).

As missões do extremo Sul da América resultaram em conflitos entre os espanhóis e os indígenas orientados por caciques Guaranis, que passaram por um processo de autonomia, porque eram nomeados responsáveis por grupos das missões, posteriormente se tornando uma classe privilegiada. Este processo desencadeou na revolta Guarani. Os conflitos foram diversos, e incluíam as reduções que eram saqueadas e destruídas, o que se diferencia das missões do Texas e do Norte do México, se aproximando das missões dos Chiquitos e Moxos, da região Brasil- Bolívia- Paraguai, deste estudo.

As missões nas regiões do Texas e das Baixa e Alta Califórnia também passaram por um processo conflituoso, contudo de forma menos intensa do que as do Sul do Brasil – Uruguai - Paraguai. Alguns exemplos de lutas armadas da fronteira Norte do México e Sul dos estados Unidos

incluem a revolta na missão Rosário, no Texas e a revolta Chumash de 1804, na Alta Califórnia. As missões do Texas, bem mais fracas que as estruturas das reduções do Sul da América, eram organizadas de forma que os missionários selecionavam neófitos maleáveis para ocupar posições de chefia, no sistema governamental indígena. Não existia um conselho formal nas aldeias missionárias, no entanto havia um controle por parte dos jesuítas aos agrupamentos militares localizados naquelas regiões de fronteiras.

Com a decisão em 1767 tomada pelo governo espanhol de expulsar os jesuítas das possessões espanholas na América, a situação se alterou tanto nas fronteiras Sul da América, quanto nas fronteiras do Norte, em que as missões jesuíticas foram substituídas por missões franciscanas. O desvio de bens foi um resultado comum em todas as missões americanas. Como resultado desta mudança, no Texas houve o “processo de pilhagem sistemática das propriedades das reduções executada pelos administradores civis encarregados da administração dos bens temporais graficamente visível no número total de cabeças de gado, que eram retiradas para o benefício próprio dos administradores” (JACKSON, 2003 p.61).

Nestas regiões, tanto quanto no Sul da América, as reduções continuaram a ser administradas por entidades autônomas, denominadas aldeias de índios, que, no entanto, sofreram significativamente pela perda de seus membros, assolados por diversas endemias. Nas missões do Norte do México, a exemplo de Nova Viscaya, Sinaloa, Sonora, e Baixa Califórnia não há registros que estas tenham sofrido ataques tais qual o saqueamento de suas provisões. Ali, o governo ordenou a secularização das missões e a substituição pelos franciscanos.

O fim das missões do Norte do México resultou, em parte, do drástico declínio das populações indígenas, porque, no caso das missões no Texas, os colonos tiraram maior proveito da secularização das missões, pressionando-as. Assim ocorreu em San Antônio de Valero. Os pequenos grupos indígenas ali existentes no fim do século XVIII, foram usados como justificativa para o fechamento das missões ali existentes. Em 1790 a missão de San Antonio de Valero contava somente com um grupo de 48 pessoas, contendo nas demais missões da fronteira na área de San Antonio, apenas 305 pessoas.

Em 1815, quando o governo decretou a secularização das quatro missões restantes só existiam 107 neófitos, e apenas uma meia dúzia de famílias de neófitos sobreviveu, para receber a maior parte das terras que anteriormente pertenciam às missões. Como agravante, os administradores civis encarregados de gerir os negócios das missões secularizadas, aproveitaram as posições das suas missões para arrebatar as melhores parcelas de terra. A influência de movimentos como o Iluminismo e o Liberalismo e os

onze anos da guerra de Independência do México contribuíram para o fechamento das missões do norte do México. (JACKSON, 2003 63-64).

Esta situação desencadeou na pressão dos colonos sem-terra que chegavam para povoar aquela região, provocando a dispersão das populações indígenas daquele território e foram os colonos os principais beneficiados com a distribuição das terras que tinham pertencido às missões.

O relato das missões jesuíticas nas fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos México nos aponta para o que hoje conhecemos como uma utopia Jesuítica em espaços fronteiriços. Os espaços heterópicos, como afirma Foucault (2011) constituem lugares criados e estabelecidos conforme se vê, envoltos a uma paisagem que lhe remete àquilo que representa algo, que no entanto na realidade não é visto ou representado como tal. Os espaços fronteiriços Brasil- Bolívia e Estados -Unidos México são marcados pela utopia Jesuítica, demarcados por ela. Conhece-se as marcas culturais jesuíticas destas regiões mas não se vê as fronteiras a partir delas. Os traços culturais e as populações fronteiriças, correspondem a um ambiente que predomina sobre ambas as fronteiras.

Assim como as paisagens do pantanal mato-grossense e o Rio Grande representam traços marcantes e importantes a estas regiões fronteiriças, a presença das ruínas e das missões jesuíticas consiste em um legado cultural pertencente a estas regiões, que pode até ser explorado turisticamente, mas continuará invisível aos olhos da mídia, quando relacionados ao pertencimento às fronteiras. Ao conhecermos estes espaços locais- internacionais, observamos a arquitetura, atividades culturais e povos remanescentes e descendentes dos grupos étnicos participantes das reduções jesuíticas. Nesse sentido remontamos um ideal histórico, real e pertencente ao espaço local- internacional das fronteiras Brasil -Bolívia e Estados Unidos- México, mas no entanto este é um cenário que parece ser invisível socialmente e desinteressante, quando relacionado às fronteiras, e presente nas pautas das mídias de referência. As populações fronteiriças e seu legado cultural se sobressaem como identidade missioneira, participante das regiões de fronteira e ativas até o tempo presente. O espaço local- internacional fronteira Brasil – Bolívia nos atenta para o contexto dos entre – lugares, onde a diferença cultural está presente mas não é vista ou representada. As missões jesuíticas nos servem como marco referência que aproxima estas fronteiras, ainda que na fronteira Estados Unidos – México, nos deparemos com uma porção marcada pela industrialização, observamos identidades marcadas por um processo colonizador utópico, porque na mídia, não se vê.

III.2. IDENTIDADES SOCIOCULTURAIS NAS FRONTEIRAS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEX- MEX

A atual fronteira Brasil- Bolívia é marcada por uma construção geográfica com um recorte denominado dos arcos culturais. O Arco Central constitui, culturalmente, uma grande área de transição entre o Arco Sul claramente identificado com a cultura europeia de descendentes de migrantes, principalmente italianos e alemães, e o Arco Norte, onde predomina a cultura dos diversos grupos indígenas amazônicos. Trata-se assim de um espaço bastante diversificado em termos culturais, tendo ao centro a grande área ou sub - arco cultural pantaneiro, uma continuidade das áreas do Chaco boliviano e paraguaio. No Pantanal aliam-se a identidade do pantaneiro, desde o Pantanal em Mato Grosso do Sul, produto histórico da criação extensiva de gado e a herança indígena e quilombola, através de hábitos culturais (MIN, 2005).

Paralelo e parcialmente integrado ao grande Arco fronteiro Central estende-se uma espécie de Arco interior vinculado à modernização agrícola, do Cone Sul-mato-grossense (estado de Mato Grosso do Sul) à Chapada dos Parecis (estado de Mato Grosso) com alguns intervalos, como o do Alto Paraguai, por onde se propaga a influência da colonização sulista. Áreas culturais mais específicas carregam traços da contribuição afrodescendente, como nos remanescentes de quilombos na área de Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso, indígena, de grupos étnicos diversos, em várias reservas em Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, com maior continuidade física, em Rondônia (MIN, 2005).

Os fazendeiros pantaneiros correspondem ao grupo identitário que tem sua origem a partir do processo migratório das populações do Sul, com expressiva identificação a partir da marcha para o Oeste, iniciada na década de 1930. Este grupo corresponde majoritariamente aos produtores rurais com predominância no trabalho com a pecuária, agricultura extensiva e exploração de madeira, se veem como o povo que trabalha no desenvolvimento do espaço fronteiro. Guarim Neto et. al. (2012), afirmam que a região da fronteira Brasil- Bolívia, o Pantanal brasileiro e sua sazonalidade, ora alagado, ora não, propicia a formação dos fazendeiros ali existentes que são extremamente dependentes da planície pantaneira, onde a água é fator marcante.

O município de Cáceres constitui região estudada por seus recursos naturais e conservação em fazendas (GUARIM NETO et al., 2005; CARNIELLO et al., 2010). Na região há propriedades rurais que se dedicam à pecuária em extensa área que encontra as margens do Rio Jauru. Os

fazendeiros são denominados tradicionais, o que os intitula como proprietários da territorialidade. Guarim Neto (2012) ressalta que ao adentrar na área da fronteira Brasil- Bolívia é comum perceber a presença de um elemento importante e constante na paisagem local, que se trata da boiada que ocupa as fazendas locais, o que mostra estratégias de adaptação do homem ao ambiente pantaneiro e indica “uma atividade tradicional nessa região pantaneira: A pecuária” (GUARIM NETO, 2012, p. 3).

Quadro 3: Regiões culturais do Arco Central na fronteira Brasil Bolívia, Mato Grosso – Santa Cruz

Regiões Culturais do Arco Central	Chapada dos Parecis	Alto Paraguai – Vale do Guaporé
Identidade Cultural	Plural com tendência a preponderância de colonos sulistas	Plural (Afrodescendentes, Etnias Indígenas etc.)
Espaços de Referência Identitária	Fazendas de soja e chapadões	Alto Paraguai e rio Guaporé
Referenciais históricos de identidade	Tradições Indígenas	“Ciclo da mineração” quilombos, Vila Bela, Forte Príncipe da Beira
Base produtiva	Agricultura (soja)	Pecuária, agroindústria
Composição étnica majoritária	Descendentes de Europeus (Italianos, alemães), população miscigenada e Grupos étnicos indígenas	População Miscigenada, Grupos étnicos indígenas e Afrodescendentes remanescentes de quilombos.
Modalidade da População	(Forte imigração (sulistas e nordestinos)	Forte imigração (diversas origens)
Sub-regiões isoladas ou sobrepostas	Chapada de Mato Grosso	Alto Paraguai, Vale do Guaporé.

Fonte: Elaboração e adaptação da autora, com dados do MIN (2005)

O **Quadro 3**, apresenta a referência segundo o estudo do MIN (2005) da disposição das regiões identitárias da fronteira Brasil- Bolívia, no Arco Central, região Mato Grosso- Santa Cruz. As populações fronteiriças que conectam os municípios brasileiros aos bolivianos na fronteira Brasil – Bolívia em Mato Grosso e Santa Cruz, compõem grupos identitários de trabalhadores do campo, e comunidades assentadas neste território, provenientes de fluxos migratórios internos dos países e de gerações anteriores que já habitavam a região. A população rural se sobressai à população urbana da região da faixa de fronteira do lado boliviano, dinâmica esta que se diferencia da população fronteiriça brasileira, que se encontra em sua maioria, nas áreas urbanas dos municípios. No entanto as populações rurais dos municípios do lado brasileiro se encontram

distantes das zonas urbanas e as populações rurais bolivianas mais concentradas ou mais bem distribuídas nos territórios dos municípios, e vale ressaltar que, as áreas de fronteira do lado brasileiro possuem municípios mais extensos do que o espaço fronteiriço da porção boliviana. Nesse sentido as comunidades fronteiriças se comunicam e se interagem por meio das escolas rurais, do comércio de produtos do campo, e dos fluxos para e das zonas urbanas, tanto dos municípios bolivianos, quanto dos brasileiros.

Uma das marcas identitárias de conexão entre o Brasil e a Bolívia na zona urbana de Cáceres é percebida pela transfronteirização dos comerciantes bolivianos que se estabeleceram na região central da cidade. Estes vendem, principalmente roupas e recebem tanto em reais, como em pesos bolivianos ou em dólares, e alguns deles realizam ainda cambio destas moedas. Este grupo se mistura a comerciantes do município tendo sido identificado por Arruda (2000) como camelôs brasileiros e camelôs bolivianos. O fortalecimento econômico da república boliviana também se evidencia na zona urbana de Cáceres, que é um dos municípios fronteiriços selecionados pelas famílias bolivianas para realizarem as compras mensais nos supermercados da cidade. Fato que tem aquecido o comércio local não só de Cáceres, mas também ocorre em Pontes e Lacerda.

O intercâmbio entre as escolas locais, marca a interação das identidades de bolivianos e brasileiros entre os municípios de Cáceres e de San Matías a partir de eventos culturais e programas de intercâmbio de línguas para estudantes bolivianos que desejam aprender o idioma português. Estas são atividades que ocorrem ainda com pequenos grupos, mas constituem trabalhos constantes na região. Embora haja a presença de uma Universidade pública e também de uma Universidade privada em Cáceres, não se percebe intercâmbio entre alunos brasileiros e bolivianos nestas instituições, mas há nelas projetos acadêmicos que enfatizam a relação cultural entre o Brasil e a Bolívia.

Nas regiões da fronteira Brasil-Bolívia é conhecida a presença do sujeito Bugre, identificado como aquele que não possui um grupo étnico definido, mas é o sujeito miscigenado entre diferentes grupos indígenas brasileiros e bolivianos, sendo assim, mestiço. Esta população se faz presente tanto nas zonas urbanas quanto no meio rural e está estabelecida nas regiões do estado de Mato Grosso, em territórios fronteiriços. A figura do sujeito pantaneiro é também ali observada, entre as pessoas características de um ambiente rural e bucólico, dos pescadores, e dos capatazes que, em comitivas, transportam entre as fazendas e nas regiões alagadas do Pantanal, grandes

boiadas para seus patrões. Identifiquei nesta pesquisa que geralmente o sujeito caracterizado como o bugre, originário de uma miscigenação multiétnica também se aponta como sujeito pantaneiro.

Quadro 4: Comunidades da zona rural dos municípios fronteiriços mais próximos à linha de fronteira, na mesorregião Sudoeste de Mato Grosso e Departamento de Santa Cruz:

Municípios	Vilas e Comunidades	Propriedades Privadas
Cáceres	Limão, Clarinópolis, Soteco, Corixo, Sapiquá, Rancho da Saudade, Barranqueira, Jatobá.	Fazendas e sítios de agricultores familiares em áreas mais distantes ou isoladas
San Matías	Ascención de La Frontera, San José de Marquito, San Antonio de La Serra, Las Petas, San Manoel, San Jose de La Fronteira, San Juan de Corralito, Santa Clara e Cañon Fátima.	Cantón Las Petas
Pontes e Lacerda	Vila Matão, Triunfo, área condomínio de Fazendas (Reunidas, Santa Luzia, Furna Azul...)	Fazendas e sítios de agricultores familiares Em áreas mais distantes e isoladas
Porto Esperidião	Comunidade Chiquitana Portal do Encantado, São Fabiano, Vila Picada, Vila Asa Branca, Postinho.	Fazendas e sítios de agricultores familiares em áreas distantes e isoladas
Vila Bela da Santíssima Trindade	Fortuna, Palmarito, São Simão, Santa Clara do Monte Cristo (Ponta do Aterro, Subprefeitura), Aparecida, Santa Mônica, Região do Trevo.	Fazendas e sítios de agricultores familiares em áreas distantes e isoladas
San Ignacio de Velasco	Santa Teresa de Pataju, San Nicolás de Cerrito, El Marfil, Mercedita, Buena Hora, Ascención de Macoño, San Ignacio de Coyú, San Joaquin de La Frontera, San Vicente de La Fronteira (Sub Alcaldia), San Bartolo.	Distritos 11 e 12

Fonte: Elaboração da autora, adaptado de COOTRADE (2016)

O **Quadro 4** apresenta comunidades assentadas na zona rural da fronteira Brasil- Bolívia, no estado e departamento Mato Grosso e Santa- Cruz. Na zona rural do município de Cáceres-MT, se concentram pelo menos cinco grupos identitários: Os assentados de reforma agrária, agricultores familiares ou pequenos produtores rurais, os fazendeiros ou grandes produtores rurais e também intitulados pantaneiros, migrantes de diversas partes do Brasil, com destaque à população sulista, descendentes de europeus, e a população chiquitana, descendente daqueles que ali radicaram suas raízes após o encerramento das reduções jesuíticas e miscigenaram, com indígenas,

afrodescendentes remanescentes dos quilombos, e povos migrantes. As comunidades do Limão, Clarinópolis, Soteco, Corixo, Sapiquá, Rancho da Saudade, Barranqueira e Jatobá foram formadas na primeira década dos anos 2000, a partir da reforma agrária realizada através do aceleramento da distribuição de recursos para populações de baixa renda, que foram beneficiados por políticas públicas como as ligadas ao Programa Fome Zero, criado pelo primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Estas comunidades estão localizadas em pequenas unidades produtivas rurais de até 40 hectares, classificados como Projetos de Assentamentos Federais, de propriedade recebida por concessão com infraestrutura básica, como estradas, água e energia elétrica de responsabilidade da União e distribuídos às famílias para fim de incentivo à produção do trabalho no campo, dentro da perspectiva campesina.

Os assentamentos foram estabelecidos a partir da demarcação de terras improdutivas na região, e implantados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), neste período vinculado ao extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA (INCRA, 2019). Sua população é originária de diversos municípios brasileiros e é constituída de grupos identitários que migraram especialmente das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, e ali construíram suas famílias no convívio e trabalho voltado à agricultura familiar campesina. Entre as suas inúmeras atividades, estão as cooperativas de mulheres que trabalham com o manejo dos frutos do cerrado, como o cumbaru, o pequi e o babaçu que utilizam na fabricação de iguarias alimentícias como pães, bolos, farinhas, compotas e doces, comercializados em feiras, instituições civis e educacionais e em praça pública (MENDES et. al., 2014).

Silva et al.(2017) comentam práticas de solidariedade e cooperação, além de conflitos vivenciados em relações sociais econômicas, culturais, étnicas e ambientais e de sociabilidade constituídas pelos camponeses que vivem no território da faixa de fronteira Brasil- Bolívia em específico nos assentamentos rurais que compõem o município de Cáceres, MT, Sapiquá, Rancho da Saudade, Nova Esperança, Katira, Jatobá, Corixo e Bom Sucesso. O estudo “Configuração socioprodutiva da economia e cultura camponesa: análise da organização econômica e de capacidades de processos inovadores em três territórios de agricultura familiar” (SILVA et. al., 2017 p. 198), observa estratégias de resistência que foram vivenciadas tanto individualmente quanto coletivamente, por grupos de camponeses, envolvendo aspectos sociais, culturais e étnicos, mapeando redes de sociabilidade, sobrevivência e permanência na terra conquistada, partindo do

cotidiano destas pessoas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos relacionados aos camponeses assentados e à região de fronteira.

Os projetos de assentamento da fronteira Brasil- Bolívia, aponta Moreno (2007), foram adquiridos mediante desapropriação, dando prioridade às áreas conflitadas, e outra parte foi adquirida mesmo por meio da compra.

Silva et. al. (2017) comentam que somente no município de Cáceres há 23 assentamentos rurais de reforma agrária, e estes grupos foram incluídos no contexto regional do Pantanal Norte, pelo INCRA. Este conjunto de comunidades assentadas somente foi possível ser formado devido à disponibilidade das terras e ao processo de organização da estrutura fundiária do município, realizada a partir do sistema de acesso às sesmarias, e ainda à sazonalidade climática que propicia inundações periódicas naquela região. Assim, há parcelas de terras não legitimadas em cartório e então consideradas devolutas. Ali ocorre a luta pelo acesso à terra apoiada pela comissão Pastoral da Terra (CPT) e pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Na região fronteira de Cáceres os latifúndios passam a ceder lugar à agricultura camponesa e novas formas de vida e produção são conhecidas neste território. Entre as características das comunidades ali assentadas estão listadas:

(...) a luta pela permanência na terra, pela via de acesso aos recursos governamentais de crédito e infraestrutura para produção e organização do trabalho e da vida na terra, como também a construção de alternativas de reprodução que envolvem ações/ atividades mais solidárias e mais adequadas ecologicamente (SILVA et. al., 2017, p. 200).

As populações residentes nestas comunidades são migrantes de diferentes localidades do Estado de Mato Grosso e também dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraná, Goiás, Paraíba e Alagoas, entre outros. Em suas unidades de produção os assentados produzem o alimento para o seu sustento, como milho, mandioca, café e cana, a fruticultura, tal qual banana, abacaxi, laranja, mamão, possuindo ainda horticultura diversificada e criação de animais, como galinhas, porcos, bezerros e gado. Os alimentos são consumidos pelas famílias ali residentes e ainda comercializados tanto no Brasil quanto na Bolívia. Os assentados possuem diversos desafios para permanecerem produzindo em suas comunidades, como o acesso restrito à água potável, pois apenas utilizam água de poços artesianos e há a falta de água até para as criações.

Silva et. al. (2017) constataram que os sitiantes do território fronteiro não costumam contratar bolivianos para o auxílio nas atividades agrícolas e pastoris, e observa que a falta de dados mostra que as relações de trabalho em território de fronteira ainda se configuram “obscuras” o que

entende-se estar atrelado à falta de proteção ao trabalho migrante, que por não possuir uma relação de trabalho regularizada tende a ser alvo de trabalho ainda mais preconceituoso. Assim pode-se notar que o sujeito boliviano acaba sendo incluído em uma dinâmica de exploração e ainda dos estereótipos criados em torno do boliviano como “o outro”, caracterizado como índio, traficante, pobre e sem trabalho, que atravessa a fronteira em busca de melhores alternativas de sobrevivência (...) “as pessoas insistem em esconder essa relação com o boliviano, mas que não podem ser descartadas, pois existem e estão em todo o tempo sendo reelaboradas (SILVA et. al. 2017, p. 202).

Este se configura como um processo transnacional levando-se em consideração a dinamicidade das relações sociais vividas nos espaços de fronteira, por isso a ambiguidade de identidades. Relata Silva et. al. (2017) que o aspecto da nacionalidade não conseguiria manipular os elementos identitários referentes à proteção em um Estado Nacional, no caso a proteção militar ou do acesso a recursos como à saúde e educação. Assim afirma que situações concretas também burlam e manipulam esta identidade por meio dos representantes dos Estados Nacionais fronteiriços. Por isso as redes de solidariedade são confirmadas, a exemplo de situações como os casamentos entre os nacionais brasileiros e os bolivianos.

As redes de sociabilidades na fronteira Brasil- Bolívia são percebidas pela multiculturalidade que perpassa a fronteira, como nas atividades desenvolvidas para o sustento e entretenimento das famílias que moram nesses assentamentos e ainda por relações como a presença de crianças bolivianas matriculadas nas escolas brasileiras localizadas próximas aos assentamentos da fronteira no lado brasileiro.

O estudo de Silva et. al (2017) observou que muitos assentados vão à San Matías, Bolívia para comprar ou vender produtos que utilizam em seu cotidiano, para participarem de festividades religiosas e bingos, e também de jogos, como de campeonatos de futebol. Estas trocas culturais foram evidenciadas em todos os projetos de assentamentos pesquisados, bem como a afirmação de que a fronteira, ao invés de misérias e de moléstias, é percebida pelas comunidades locais como um lugar de convívio entre as famílias.

Silva et. al (2017) atenta para a construção identitária em espaços multiculturais que passa por um processo contínuo de resignificação, devido a essas relações de intercâmbio e transferência, como no caso da região de Cáceres- San Mathias, em que é preciso se captar as práticas e variações étnicas que estão sendo conformadas nestas identidades sociais de fronteira, aspectos negociados e influenciados.

A população Chiquitana na fronteira vive o dilema de ser boliviana ou brasileira, manejando sua identidade fronteiriça num território por eles já conhecido em tempos que antecedem a colonização europeia. Phul (2018) relata que indígenas reduzidos no período das missões jesuíticas, foram genericamente denominados Chiquitos. Após o fim das reduções em 1850, os chiquitos perderam o estatuto legal que lhes assegurava algumas regalias, como tinham nas reduções. Com as novas leis as reduções se transformaram em cidades ou vilas bolivianas trazendo-os para um convívio comum do país, do habitante nacional ou estrangeiro, dentro da perspectiva de cidadania, criada conforme as leis implantadas pelos europeus. Nesse sentido o território habitado pelos chiquitos, passa a ser objeto de intensas competições. Os chiquitos ao perderem seu gado, suas terras e seus espaços urbanos, se tornaram habitantes desterritorializados, subjugados pelo poder dos migrantes, que usurparam seus bens comuns (FISHERMAN, 1997).

Registra-se muitas intervenções ocorridas por meio de engajamentos forçados para a inclusão dos chiquitos no trabalho em fazendas de criação de gado e produção agrícola, nas minas, nos seringais, nos períodos do século XIX ao século XX e ainda sua participação no exército boliviano na Guerra do Chaco, ocorrida entre 1932 e 1935, da qual participaram cerca de 8000 indígenas Chiquitanos (PUHL, 2011). Assim, na luta pela sobrevivência, após o fim das reduções, os Chiquitanos empreenderam longa diáspora, na reocupação dos territórios que vão desde a Amazônia, nas regiões de fronteira com o Brasil ao chaco boliviano e brasileiro e ainda, espaços urbanos compreendidos na intersecção dos conjuntos populacionais do encontro do Brasil com a Bolívia. Puhl (2018) ressalta que os chiquitos, guardiães dos poderes coloniais espanhóis, se depararam com o avanço da coroa portuguesa sobre seus territórios, recortados por limites internacionais da república boliviana e do inicialmente Império brasileiro. Nas gerações seguintes nos deparamos com a característica “do ser e viver transfronteiriço dos chiquitanos contemporâneos” (PUHL, 2018, p. 3).

A pesquisa de Puhl (2018) registra diversos casos de comunidades Chiquitanas residentes na fronteira Brasil- Bolívia, que tiveram seus antepassados nascidos em regiões dos municípios brasileiros, mas que vivem em municípios bolivianos, como é o caso de famílias como a da localidade de San Juan de Coralitos, próxima à San Mathias, Bolívia; em que os pais viviam em San Ignacio de Velasco, onde os filhos nasceram e em seguida, ao passar dos anos, uma filha se muda e se casa em Cáceres, mas encontra sua vida já em idade idosa, pertencente à comunidade de San Juan de Coralitos. Casos de intercâmbios entre os chiquitos das comunidades do distrito de

Santa Clara, em Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso, Brasil com Chiquitos de comunidades presentes no município de San Ignacio de Velasco, Santa Cruz, Bolívia, são frequentes nas atividades diárias de comércio, estudantes bolivianos e brasileiros compartilhando experiências em escolas, atividades culturais e sociais em festas religiosas, como a romaria, em que a imagem de Santa Ana, avó de Jesus Cristo, faz pelas comunidades dos dois lados da fronteira, durante os meses de Maio e Junho, antes da festa de Santa Ana de Velasco.

Afirma Phul (2018) que a política identitária Chiquitana, adotada em tempos mais recentes ocorre desde a década de 1980 com as mobilizações da Organização Indígena das Terras baixas da Bolívia – OIT e a Organização Indígena Chiquitana, que possui suas centrais regionais ou municipais. A regulamentação da Convenção 169 da OIT retomou a identidade indígena entre os chiquitanos e suas organizações estimulando sua participação em lutas de causas indígenas nos departamentos e municípios bolivianos. Assim, a identidade chiquitana é protagonizada na instituição das Alcadias, poderes municipais onde o *Alcade* é o prefeito e os vereadores, os *concejales*, que decidem sobre a aplicação dos recursos dos orçamentos nas comunidades do município, além de atuarem junto às escolas e projetos produtivos grupais nas comunidades, festas e atividades tradicionais (PUHL, 2018).

Nos dois últimos séculos, o território Chiquitano foi invadido e apropriado por muitos atores socioeconômicos, disputando espaços e propriedades. Como os Chiquitanos apenas possuem o seu território por tradição de posse, para sua utilização e manejo dos recursos naturais, acabaram perdendo suas terras. Os domínios Chiquitanos, cada vez mais estreitos, deram lugar aos colonos, novos proprietários que delimitaram as terras existentes na região da fronteira Brasil- Bolívia, agregando-as à territórios de populações que ali trabalhavam, como peões e praticantes do trabalho agregado. Aqueles que se opusessem às novas delimitações eram expulsos de seus territórios, buscando abrigo em brechas de propriedades rurais já consolidadas e ainda em locais onde o uso das terras era descartado pelos fazendeiros, pela má qualidade dos solos. Muitas pessoas despejadas de suas terras seguiam para as zonas urbanas de municípios fronteiriços, como Cáceres, Vila Bela da Santíssima Trindade, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e regiões próximas.

Alguns Chiquitanos brasileiros e bolivianos da fronteira possuem documentos de dupla nacionalidade, conseguindo acesso a seguros provenientes das políticas públicas de ambos os países, tais quais o *bonos* boliviano, o Bolsa Família brasileiro e o salário da aposentadoria, além do acesso aos serviços públicos de saúde e educação. Assim, também participam de atividades que

envolvem o comércio de mercadorias, como intercâmbios de produtos e serviços sociais e culturais diversos. No entanto há Chiquitanos que não possuem qualquer tipo de documentação que os inclua em serviços públicos no Brasil, como foi o caso do Manoel Chiquitano Brasileiro, que perdeu sua esposa por falta de tratamento médico. Manoel e sua esposa não tinham o documento de identidade, e não tinham meios de conseguir o documento por não terem sido registrados no momento do nascimento, nem no Brasil e nem na Bolívia. A obrigatoriedade da posse do documento no registro aos serviços hospitalares impediu que a esposa de Manoel fosse tratada de uma doença grave, provocando assim o seu falecimento (ACERVO, 2019).

Puhl (2018) afirma que em exigências aos trâmites legais de construção do gasoduto que liga o Brasil à Bolívia, historiadores, antropólogos e arqueólogos trabalharam na região da fronteira Cáceres – San Mathias, encontrando registros de indícios de populações pertencentes aos grupos étnicos Guatós, Bororos e Chiquitos que viveram nesta região, o que confirmou oficialmente a posse do território chiquitano. Em 2004 a Fundação Nacional do Índio- FUNAI, reconheceu então a primeira Terra Indígena Chiquitana com extensão de 43 mil hectares. Este território estava ocupado por duas comunidades e criadores de gado, que se consideravam proprietários daquele território. Neste ponto, um conflito entre proprietários de terras e chiquitanos se estabeleceu através de debates em audiências públicas, ações políticas e judiciais, na discussão sobre a identidade Chiquitana brasileira (PUHL, 2018). Os conflitos envolvem os chiquitos, pecuaristas da região fronteira e políticos interessados no “progresso destas terras”.

Conforme ressalta Puhl (2018) são inúmeros os registros de antropólogos e etnólogos que apontam elementos únicos, pertencentes à identidade chiquitana, tais quais o intercâmbio cultural, o aprendizado da música barroca no violino tocado pelas crianças e jovens de Mato Grosso e os bailados Chiquitanos com maestros chiquitos de Sant Ana onde funciona uma escola de música para crianças e adolescentes.

Se antes se falava dos chiquitos como bugres, mestiços, trabalhadores para depreciá-los, nas disputas eles passaram a ser denominados como trabalhadores nacionais ou descendentes de bolivianos. Preferencialmente só bolivianos para subtrair-lhes quaisquer direitos em território nacional brasileiro (PUHL, 2018. p. 9).

O elemento transfronteiriço se mostrou peça chave nas relações de conflito, na luta pelo uso do território. Recorda Puhl (2018) que muitas relações novas se construíram e outras se fragmentaram. A romaria de Santa Ana que percorria comunidades em municípios brasileiros e bolivianos, sofreu restrições, por parte dos fazendeiros, criadores de gado, que impediam assim a

passagem da procissão por suas terras, todavia o interesse por se evidenciar e conhecer práticas exercidas pelos chiquitanos aumentou, o que tem levado muitas pessoas a participarem das festas de Santa Ana em San Ignacio de Velasco, na Bolívia.

A faixa da fronteira Brasil- Bolívia, percorre 3.423,2 km por rios, e áreas florestadas. A região da fronteira que corresponde ao estado de Mato Grosso em sua conexão com o departamento de Santa Cruz, possui 28 municípios contidos na largura de 150 km. A **Tabela 7** traz uma demonstração das identidades culturais provenientes de grupos étnicos que possuem seus territórios demarcados pela Fundação Nacional do Índio- (FUNAI), nesta porção fronteiriça.

Tabela 7: Territórios indígenas localizados em municípios inclusos na faixa de fronteira do Arco Central Mato Grosso- Santa Cruz

Terra Indígena	Etnia	UF	Município	População	Superfície (Ha)	Fase do Procedimento	Modalidade
Baía dos Guató	Guató	MT	Barão do Melgaço	313	19.216	Homologada	Tradicionalmente Ocupada
Enawenê-Nawê	Enawenê-Nawê	MT	Comodoro		0,0000	Em estudo	Tradicionalmente Ocupada
Enawenê-Nawê	Enawenê-Nawê	MT	Comodoro		742.088	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Estivadinho	Paresí	MT	Tangará da Serra		2.031	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Figueiras	Paresí	MT	Barra do Bugres, Tangará da Serra		9.858	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Juinhã	Paresí	MT	Conquista D'Oeste		70.537	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Lagoa dos Brincos	Negarotê	MT	Comodoro	262	1.845	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Nambikwara	Nambikwara	MT	Comodoro	2237	1.011.961	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Paresí	Paresí	MT	Tangará da Serra	2015	563.586	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Paukirajausu	Nambikwara	MT	Conquista D'Oeste, Vila Bela da S. Trindade e Nova Lacerda		8.400	Delimitada	Tradicionalmente Ocupada
Pequizal	Nambikwara	MT	Nova Lacerda	618	9.886	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Perigara	Boróro	MT	Barão do Melgaço	2795	10.740	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Pirineus de Souza	Nambikwára	MT	Comodoro	618	28.212	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Portal do Encantado	Chiquitana	MT	Porto Esperidião, Vila Bela da S. Trindade, Pontes e Lacerda	324	43.057	Declarada	Tradicionalmente Ocupada

Rio Formoso	Paresí	MT	Tangará da Serra	122	19.749	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Sararé	Nambikwara	MT	Vila Bela da Santíssima Trindade	213	67.419	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Taihantesu	Wasusu	MT	Nova Lacerda	28	5.362	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Tirecatinga	Halotesu	MT	Sapezal	38	130.575	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Uirapuru	Paresí	MT	Nova Lacerda, Campos de Júlio		21.680	Declarada	Tradicionalmente Ocupada
Umutina	Umutina	MT	Barra do Bugres	80	28.120	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada
Utiariti	Paresí	MT	Sapezal		412.304		
Vale do Guaporé	Nambikwára	MT	Comodoro, Nova Lacerda		242.593	Regularizada	Tradicionalmente Ocupada

Fonte: Elaboração da autora, com base em dados da FUNAI (2019) e do IBGE (2010).

A **Tabela 7** representa dados da FUNAI (2019), sobre a situação de demarcação das comunidades indígenas contidas na faixa da fronteira Brasil- Bolívia, Mato Grosso Santa Cruz e suas respectivas áreas territoriais em hectares. Os municípios marcados em cinza claro, correspondem àqueles que em algum aspecto tem sido abordados nesta pesquisa. A classificação identifica os grupos étnicos e seus respectivos territórios em suas modalidades, conforme indicação de ocupação tradicional realizada pela FUNAI, que contempla as fases de procedimento regulatório destas terras, contidas na legislação vigente, lei 6001/73 do Estatuto do Índio, decreto n. °1775/96 (FUNAI, 2019). Dentro deste perfil, destacamos que as modalidades regulatórias correspondem a:

Terras Indígenas Tradicionalmente ocupadas: terras doadas por terceiros, adquiridas ou desapropriadas pela União, que se destinam à posse permanente dos povos indígenas. São terras que também pertencem ao patrimônio da União, mas não se confundem com as terras de ocupação tradicional. Existem terras indígenas, no entanto, que foram reservadas pelos estados-membros, principalmente durante a primeira metade do século XX, que são reconhecidas como de ocupação tradicional. **Terras Dominiais:** São as terras de propriedade das comunidades indígenas, havidas, por qualquer das formas de aquisição do domínio, nos termos da legislação civil. **Interditadas:** São áreas interditadas pela Funai para proteção dos povos e grupos indígenas isolados, com o estabelecimento de restrição de ingresso e trânsito de terceiros na área. A interdição da área pode ser realizada concomitantemente ou não com o processo de demarcação, disciplinado pelo Decreto n.º 1775/96 (FUNAI, 2019).

A Constituição Federal vigente observa que os povos indígenas detêm direito originário e também o usufruto exclusivo sobre as terras que tradicionalmente ocupam. Conforme o procedimento demarcatório destas terras tradicionalmente ocupadas destacamos as fases definidas por Decreto da Presidência da república:

Em estudo: Realização dos estudos antropológicos, históricos, fundiários, cartográficos e ambientais, que fundamentam a identificação e delimitação da terra indígena. **Delimitadas:** Terras que tiveram os estudos aprovados pela Presidência da Funai, com a sua conclusão publicada no Diário Oficial da União e do Estado, e que se encontram na fase do contraditório administrativo ou em análise pelo Ministério da Justiça, para decisão acerca da expedição de Portaria Declaratória da posse tradicional indígena. **Declaradas:** Terras que obtiveram a expedição da Portaria Declaratória pelo Ministro da Justiça e estão autorizadas para serem demarcadas fisicamente, com a materialização dos marcos e georreferenciamento. **Homologadas:** Terras que possuem os seus limites materializados e georreferenciados, cuja demarcação administrativa foi homologada por decreto Presidencial. **Regularizadas:** Terras que, após o decreto de homologação, foram registradas em Cartório em nome da União e na Secretaria do Patrimônio da União. **Interditadas:** Áreas Interditadas, com restrições de uso e ingresso de terceiros, para a proteção de povos indígenas isolados.

A região fronteira que corresponde aos municípios de Cáceres, Tangará da Serra, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda, Vila Bela da Santíssima Trindade e Comodoro, corresponde a espaços fronteiriços tradicionalmente ocupados por diversas etnias entre as quais estão aquelas apresentadas na **Tabela 7**. No município de Tangará da Serra vivem os povos Paresí, nas terras indígenas Estivadinho, Figueiras, Paresí e Rio Formoso. Em Vila Bela da Santíssima Trindade, Porto Esperidião e Pontes e Lacerda se concentram os povos Nambikwara e os Chiquitanos, nas terras indígenas Paukalirajausu, Sararé e Portal do Encantado.

A região fronteira de Comodoro que se encontra com o Parque Nacional Noel Kempf Mercado, possui uma diversidade étnica também característica das populações indígenas desta região e de maior expressividade, contendo grupos que vivem tanto na zona rural quanto na zona urbana. As etnias registradas pela FUNAI (2019) que possuem seus territórios tradicionalmente ocupados nesta região são Enawenê-Nawê, Negarotê e Nambikwara, nas terras Enawenê-Nawê, Lagoa dos Brincos, Nambikwara e Pirineu de Souza, respectivamente.

Sobre a população residente nestas terras indígenas, os números são de mais difícil acesso, tendo em vista que o trabalho da FUNAI é realizado também a partir dos registros de dados populacionais do censo do IBGE em que o senso da população indígena brasileira ocorre a partir da autodeclaração e também há uma contagem através das famílias étnicas, por suas línguas faladas. Conforme os dados censitários do IBGE (2010) a população autodeclarada indígena no Brasil é de 896 mil pessoas, residindo 572 mil ou 63,8% em área rural e 517 mil ou 57,5% em terras identificadas pela FUNAI. Nas mesorregiões Sudoeste e Oeste de Mato Grosso, por onde ocorre a faixa de fronteira Brasil- Bolívia, identifica-se, grupos indígenas das famílias Nambikwara, entre outras, em diversas áreas, bem como mostra a **Tabela 7**, que identifica os

grupos por suas terras. No entanto nem todos os grupos populacionais puderam ser identificados quanto ao quesito população total. Todavia, observa-se que há numerosa população indígena nesta região, quando analisamos os números que encontramos, com base na contagem do número absoluto das pessoas autodeclaradas indígenas no Brasil. Conforme os dados da FUNAI (2019), a região Centro Oeste se caracteriza pela terceira região do Brasil com maior concentração de povos indígenas.

Em primeiro lugar está a região Norte, onde fica o Estado do Amazonas e em segundo a região Nordeste. Pelo tronco linguístico, família linguística, etnia ou povo, identificamos os povos que falam a língua do radical Macro- Jê, os Boróro, com 2795 falantes e os povos Umutina, com 447 falantes, os Guató com 313 falantes. Entre as etnias pertencentes a outras famílias não classificadas em troncos estão Nambikwára com 2237 habitantes no primeiro grupo étnico e num segundo grupo étnico, 951 pessoas. Na divisão das etnias Nambikwára identificamos Halotesu com 38 pessoas, Wasusu, com 28 pessoas, Wakalitesu, com 8 pessoas, Sararé, com 213 pessoas, Negarotê em dois grupos, o primeiro com 174 pessoas e o segundo com 88 pessoas. A partir de experiência em visita à terra indígena Tirecatina, constatei que os povos Halotesu e Wakalitesu, tem em suas escolas indígenas a prática de seus idiomas e o ensino dos mesmos. Entre os povos Paresí, também pertencentes à famílias não identificadas por troncos linguísticos, identificamos um grupo de 2015 pessoas e dentro da mesma classificação estão os Enawenê-Nawê, com 627 pessoas e os povos Chiquitanos, não classificados nem em troncos linguísticos e nem em famílias, com 324 habitantes neste grupo.

É importante afirmar que a classificação do IBGE contempla uma estrutura sensitária que utiliza o conceito de raça a partir do fenótipo cor da pele, mas que, no entanto, o indígena é classificado com esta nomenclatura. Observa-se que no tratamento que se tem da não identificação por troncos linguísticos, por vezes não há a menção das línguas faladas, apenas dos grupos étnicos. Percebi que, quando visitamos alguns grupos étnicos, identificamos indícios da prática dos idiomas por eles falados, mesmo que timidamente. Assim, compreendo que uma menção ao idioma poderia ser dada mesmo que não houvesse a prática majoritária do idioma pelos grupos étnicos.

A partir de dados primários, esta pesquisa identificou, conforme relatos dos moradores da região da fronteira que as comunidades indígenas em Vila Bela da Santíssima Trindade possuem a seguinte nomenclatura: Santa Luzia, São Miguel, Aparecida, Santa Clara do Monte Cristo, em Ponta do Aterro, Cruzes, Santa Maria, Santa Lúcia, Morrinhos, Santa Mônica em São Simão,

Cantão, Palmarito, Nova Fortuna, Matão, Barata, São Sebastião e Bocaina e também no Perímetro Urbano do município, no bairro Jardim Aeroporto. Algumas destas também identificadas por Gatti (2011). As Comunidades quilombolas pertencentes à região de Vila Bela da Santíssima Trindade são Retiro, Boqueirão, Casalvasco e Manga. Todas seguem os deltas dos Rios Guaporé, Alegre e Barbados.

Na região rural do município de Vila Bela da Santíssima Trindade há ainda as comunidades que vivem nos assentamentos de reforma agrária, que são Seringal, Ritinha, Arrozal, Ricardo Franco, Carla Patrícia, Antonieta, São José do km 8 e Turmalina.

Algumas comunidades indígenas passaram pelo processo de organização territorial como assentamentos rurais de reforma agrária, com o objetivo fim da desestruturação de sua luta e autoafirmação autóctone. Nesse sentido foram renomeadas, como foi o caso das comunidades Palmarito, Nova Fortuna e Bocaina, que mesmo após este processo permanecem com a sua estrutura cultural, firmada nos costumes de seus grupos étnicos.

Vila Bela da Santíssima Trindade é conhecida como a primeira capital do estado de Mato Grosso. Está localizada às margens do Rio Guaporé, e possui três rios afluentes: o rio Sararé, o rio Capivari e o rio Vermelho. As populações residentes neste município se mesclam entre os povos descendentes de quilombos, e povos indígenas das etnias brasileiras e chiquitanos, brasileiros e bolivianos ou binacionais. Estas populações vivem nos espaços rurais e urbanos deste município fronteiro com San Ignacio de Velasco. Gatti (2011) observou ali duas diferentes expressões culturais, além das que realizam os povos Chiquitanos. São elas o Congo e o chorado, realizadas pelos povos remanescentes de quilombos. A Dança do Congo é um tipo de manifestação que ocorre não só em Mato Grosso, mas em diferentes regiões do Brasil. Constitui um enredo de guerra que representa o embate entre os reinados do Congo e de Bamba. O congo retrata influências culturais africanas. O chorado é dançado pelas mulheres e significa a dor da escravidão expressada pela população afrodescendente já no Brasil “A dança veio das escravas que iam pedir aos patrões para que eles libertassem os filhos ou os maridos presos. Muitas vezes elas conseguiam. Os patrões ficavam com dó”. (SEDTUR, 2009, apud GATTI, 2011, p. 97).

Afirma Gatti (2011) que os primeiros quilombos em Mato Grosso, datam o período do século XVIII. A formação destes se dá a partir da fuga dos escravos dos campos de mineração. Assim, registra-se neste período, na região o quilombo de Piolho ou Quariterê, constituído de população africana e afro- descendente, nascidos no Brasil e unidos a povos indígenas na miscigenação

conhecida como Cafusa (GATTI, 2011). A partir do registro dos quilombos tem-se o povoamento do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, que se inicia com ex-escravos remanescentes e descendentes. Esta população constitui 70% dos habitantes do município (GATTI, 2011), na zona urbana, e na zona rural, com comunidades conhecidas como povos Quilombolas.

Nos espaços de fronteira do município de Vila Bela da Santíssima Trindade ocorre um fenômeno peculiar: a hibridação cultural entre quilombolas e Indígenas, da etnia Chiquitana, originando o termo popular Chiquibolas. Esta hibridação é resultante das relações de matrimônios mais intensas e comuns entre homens quilombolas e mulheres Chiquitanas.

Algumas comunidades especialmente em Vila Bela da Santíssima Trindade, estão sob processo de desaparecimento populacional, como é o caso de grupos indígenas e quilombolas, como as comunidades do Barata, Morrinhos, Retiro, Cantão e Matão. O desaparecimento se deve à migração destas populações para as zonas urbanas, devido ao fechamento de escolas. As crianças e jovens são obrigados então a migrarem para as cidades, no entanto, nestas comunidades ainda resistem grupos de idosos e adultos.

Do lado Boliviano, as comunidades na faixa de fronteira, seguem o padrão organizacional das missões jesuíticas, sendo assim muito comum o compartilhamento de relações como as familiares, sociais, culturais e econômicas, que sobrepõe à linha da fronteira em sua porosidade, fluidez e dinâmica. Nota-se na região da fronteira onde se encontram os municípios, o processo de transfronteirização em alguns casos específicos como o contato e a presença de moradores oriundos de comunidades bolivianas que se torna mais trivial pela proximidade, de municípios brasileiros. Isso caracteriza a familiaridade destes grupos sociais, que vivem nos entre lugares, como é o caso de San Nicolas del Cerrito, comunidade boliviana que dista 200 quilômetros de San Ignacio de Velasco, estando a apenas 10 quilômetros da comunidade de Palmarito, já na faixa de fronteira, do lado brasileiro, que é distante 90 quilômetros da zona urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade, no Brasil.

O município de Porto Esperidião, vizinho a Vila Bela da Santíssima Trindade, também localizado na faixa da fronteira, Brasil – Bolívia, embora ausente de mídias locais, possui tanto em seu Perímetro Urbano, quanto na zona rural, comunidades indígenas. Entre elas estão: São Fabiano, Fortuna, Vila Nova Barbecho, Acorizal e Fazendinha, que estão em processo de reconhecimento de suas terras pela FUNAI.

Do lado boliviano, destacamos o município de San Mathias que é a capital da Província de Angel Sandoval, no território fronteiro da Bolívia com o Brasil. A divisão política dos estados bolivianos é demarcada a partir de um processo que é baseado no modelo de divisão territorial que unifica o modelo realizado pelos colonizadores espanhóis a partir das missões jesuíticas no Oriente boliviano e as comunidades étnicas residentes neste território. Assim, este se diferencia do Brasil, em que os estados e municípios são criados após a separação das capitâncias hereditárias.

No território boliviano, o país é dividido em Departamentos, como os nossos Estados, estes são divididos em províncias e as províncias em municípios. Os municípios se dividem nos *cantones*, que são como os distritos brasileiros, mas os *cantones* se dividem em comunidades. Assim, desde o primeiro mandato do presidente Evo Morales, iniciado em 2006, as políticas de Estado têm sido voltadas à um governo local autônomo, criado conforme a mobilização das comunidades locais, desde pequenos grupos identitários, que escolhem seus representantes.

San Matías é um município do departamento de Santa Cruz, mas também a capital da província de Angel Sandoval, e possui quatro *cantones*: Asensión de La Fronteira, Las Petas, San Fernando e Santo Corazón. Ao todo, são 37 comunidades distribuídas entre os *cantones*. Assim os *cantones* de Asensión de La Fronteira e Las Petas e suas comunidades, correspondem à região fronteira com o Brasil.

Toda a região fronteira do estado de Santa Cruz, com o Estado de Mato Grosso, possui uma divisão identitária, que advém da divisão entre os grupos maiores Collas e Cambas. O estado boliviano assim chamado República Plurinacional de Bolívia, possui inúmeras nações povos e línguas, que são praticados até os dias atuais. No entanto, politicamente é no território do grupo dos Cambas ou da nação Camba, assim como é denominada, que se encontra o território da milenar e também denominada nação Chiquitana, tendo se tornado conhecida a partir do processo de colonização vivido nas reduções jesuíticas espanholas assentadas na Bolívia.

As comunidades indígenas ali existentes ao resistirem ao processo colonizatório, se fundiram à matriz religiosa Católica Romana, originando a cultura chiquitana com tradições arraigadas na arte Barroca, na música e nas rezas cristãs. O entre lugar *La Gran Chiquitania*, sobreviveu ao longo dos séculos, sendo ainda nos tempos atuais pouco popularizada e minimamente conhecida entre a grande maioria dos brasileiros fronteiros e não fronteiros do país e ainda desconhecida pela grande maioria das mídias locais da fronteira brasileira.

A Chiquitania constitui toda a região cultural da fronteira Brasil – Bolívia que conecta o estado de Santa Cruz, na Bolívia ao Estado de Mato Grosso, no Brasil. Temos na fronteira Brasil-Bolívia, na região de San Mathías- Cáceres, do lado boliviano, os *cantones* de Ascención de La Frontera e Las Petas e as comunidades de San José de Marquito, San Antônio de La Serra, San Manoel, San Jose de La Frontera, San Juan de Coralito, Santa Clara e Canon Fátima. Estas são comunidades pertencentes às populações Chiquitanas estabelecidas no território boliviano, na província de Angel Sandoval, município de San Mathias.

Contudo, o município onde mais se sobressai a expressão cultural Chiquitana boliviana em sua cultura marcada pelas missões jesuíticas é San Ignacio de Velasco, onde se encontram algumas das missões da Mancomunidade da Gran Chiquitania, em que podem ser observadas suas características históricas e culturais tombadas pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) como patrimônio cultural da humanidade.

Nesta região também se encontram as missões Franciscanas dos Guarayos, que são El Puente e Urubichá, missões de Moxos (GATTI, 2011). A região da Chiquitania compõe um conjunto de seis cidades fundadas pelos missionários jesuítas espanhóis entre 1696 e 1760. Somente em anos mais recentes, as províncias de Nuflo de Chavez, Velasco e Chiquitos se tornaram mundialmente conhecidas por causa de um Festival anual de música barroca que é realizado nas igrejas com músicas barrocas transcritas pelos grupos indígenas daquela região, descobertas pela população boliviana, após séculos de existência. Os concertos musicais são apresentados por músicos latino americanos e também europeus, que se deslocam para aquela região para celebrarem esta festa anualmente (UNESCO, 2019).

Alves (2006); Gatti (2011), relatam que as tradições seculares da Mancomunidade Chiquitania vividas tanto no campo econômico quanto político administrativo, não se alteraram na faixa de fronteira, ou seja, os territórios são similares a séculos atrás, sendo alicerçados pelas tradições das comunidades locais, mas que estão contudo, enfraquecidas, conforme dificuldades econômicas e dos próprios pólos econômicos das capitais das regiões fronteiriças, que são Santa Cruz, na Bolívia e Cuiabá, no Brasil. Neste sentido, as comunidades se encontram envolvidas em projetos que impactam diretamente na melhora de suas condições de vida, através do trabalho em atividades produtivas locais.

Sobre a fronteira TEX- MEX, a partir da literatura local, observou-se que grupos identitários podem se manifestar através de inúmeras qualidades culturais. A língua e a religião

constituem dois dos mais óbvios diagnósticos identitários também ali expressados. O espanhol falado, a partir de sua aderência ao Catolicismo também é considerada norma comportamental inserida em subgrupos latino- americanos, que determinam uma variação nos dois aspectos, na retenção da língua espanhola e na sua religião integrada entre os mexicanos- americanos.

Especialmente a língua, tem sido estudada como uma assinatura da persistência étnica, por outro lado se configurando também uma bandeira da erosão étnica (ARREOLA, 2002). No Sul do Texas, sócio linguistas e estudiosos do folclore mexicano encontram variações evidentes no vocabulário, dialetos e músicas que distinguem grupos identitários do entre lugar, da fronteira cultural TEX-MEX ou fronteira mexicana- americana. Celebrações envolvendo variações de comidas, língua e religião definem grupos étnicos identitários. A formação de um padrão alimentar incluindo comidas mexicanas pode ser observada em diversas regiões metropolitanas dos Estados Unidos, o que configura, conforme a abordagem de Zelinski (1985), na transnacionalização destes modos alimentares, que atravessam fronteiras.

As procissões comemorativas são outro aspecto cultural reconhecido na fronteira TEX-MEX. Esta é uma das principais festividades com rituais que reforçam a memória cultural e a solidariedade em grupo. As procissões reúnem mais de 5000 fiéis em festas civis e religiosas do lado mexicano celebrando anualmente a *Fiesta*, que também ocorre em San Antônio, Texas (ARREOLA, 2002). A comida Mexicana é ritualizada nesta celebração assim como as práticas culturais se perpetuaram entre mexicanos- americanos da fronteira Sul dos Estados Unidos. Mexicanos- americanos celebram todo um calendário associado a feriados mexicanos, religiosos e políticos. Há muitas celebrações no Natal, como *Las Posadas* e *El dia de los Reyes*.

Arreola (2002) descreve que estas características tem sido abraçadas em alguns casos da mídia local, como o Jornal American *Folk-Lore*, de 1895, que foi o primeiro periódico a distinguir tipos de comidas regionais da fronteira mexicana- americana desde a região do Arizona ao Sul do Texas. Pessoas comendo em restaurantes, como em San Antônio, com *tamales*, *tortillas*, *chiles relenos*, *huevos revueltos*, *lengua lapreada* *pucheros* e *ollas*. Aproximadamente a 100 anos atrás a comida mexicana se tornou aceita à região Sudoeste da fronteira, como comida mexicana, o que ajudou a torná-la influente e popular nos Estados Unidos. Entre os texanos estas comidas possuem representações emblemáticas no cotidiano fronteiriço, configurando assim parte da identidade texana- mexicana.

Dos shoppings de San Antonio nasce a famosa cozinha TEX-MEX que configura um estilo descrito como “comida nativa estrangeira”, nativa, porque foi inventada nos Estados Unidos, e também é estrangeira, porque possui “inspiração mexicana”. Isso não significa necessariamente que todos os texanos- mexicanos seriam definidos TEX-MEX, como ‘sua’ comida, mas isso apenas sugere como a comida mexicana se incorporou a outros estilos alimentares. O emblemático prato TEX-MEX é um prato mexicano, baseado em uma combinação de pimentões cobrindo as *enchilladas* ou *tamales*, ou os dois juntos, feijões fritos e arroz mexicano (ARREOLA, 2002).

Um indicativo da importância da comida *TEX-MEX*, dentro da perspectiva comercial, está no Centro de produtos mexicanos de San Antonio, onde foi criada a primeira salsa comercial, que corresponde a uma variação do molho de tomate do Norte do México com vinagre e pimenta, chamado *Red Sauce*. Este foi produzido pela primeira vez pela Pace Picante Company, em 1947 e amplamente conhecido e utilizado nos Estados Unidos. Desde a criação deste molho, a grande maioria dos competidores do mercado alimentício criaram molhos com a mesma base, incluindo tomates, água, cebola, pimentas, vinagre, sal e temperos. A partir dos anos 1990 a salsa ultrapassou o *catchup*, se tornando o condimento mais comercializado nos Estados Unidos, sendo produzida por companhias transnacionais como a Beatrice e Cheese Bourough Ponds, que fabricaram diversos tipos de molhos picantes, vendendo a sua salsa base para a companhia Campbell Soup, por 1.1 bilhões de dólares. (ARREOLA, 2002).

A cidade de San Antonio corresponde ao local onde a comida mexicana se evidenciou comercialmente sendo introduzida aos estado-unidenses, e considerada à frente de outras cidades onde se desenvolveu uma linha culinária em torno da fronteira Estados Unidos- México.

As cabras correspondem à parte da pecuária do Nordeste do México, particularmente nos estados de Coahuila e Nuevo Leon, em que as práticas de manejo destes animais ali permanecem desde os tempos coloniais. As cabras tem também sido parte do rebanho pastoril dos rancheros do Sul do Texas, principalmente os mexicanos- americanos.

No Sul do Texas os *chivos* ou cabras pastadas e cabritos, são a comida predileta das crianças, servidos em espetinhos nos restaurantes locais. O prato mais popular entre os texanos- mexicanos é o *barbacoa* ou churrasco, uma iguaria que não tem semelhança nenhuma com o churrasco estado-unidense. “*While Barbacoa is known and eaten in Mexico, as well as throughout the Mexican American Southwest, it has become particularly associated with the South Texas border region.* (ARREOLA, 2002, p.167).

O Churrasco TEX-MEX está amplamente associado aos municípios de San Antonio, Laredo, McAllen, e a todos os municípios da região do Sul do Texas, passando pelo baixo Vale do Rio Grande e sendo apropriado por uma cultura dominante, se tornando assim um indicativo cultural da fronteira Estados Unidos-México.

Sobre as celebrações públicas “O Ethos da cultura é representado em seus rituais, cerimônias e celebrações” (TORRES- RAINES apud ARREOLA, 2002 p. 176 tradução minha). As celebrações são divididas em rituais de fé, familiares e cerimônias públicas. Muitas das celebrações e cerimônias correspondem a práticas similarmente realizadas no lado fronteiriço mexicano, pelos considerados irmãos étnicos e de fé. As celebrações públicas compreendem rituais sacros, exposições culturais e cerimônias, que remetem à religiosidade popular, se refletindo no “Folclore Católico, na Peregrinação e no Lugar Sacro” (ARREOLA, 2002, p.176 tradução minha). Estas práticas se destacam em toda a fronteira Estados Unidos México, possuindo maior presença nos municípios da fronteira TEX-MEX, como parte de sua cultura praticada em lugar comum. A tradição das celebrações anuais nos ranchos do Sul do Texas é conhecida desde o século XIX, a exemplo da *Feria del Algodón*, que ocorre no estado de Coahuila desde 1925, com exposição de gado, danças folclóricas, shows de música popular, jogos, eventos culturais e comércio de produtos culturais. Os *rancheros*, agricultores e a população local buscam estes eventos para comprar alimentos, roupas e suprimentos para suas propriedades. Uma das atrações culturais arraigada a esta cultura é a apresentação do Conjunto, que se trata da música regional extremamente apreciada e popularizada nas fronteiras mexicanas- americanas e levada a outras partes, como a região Oeste dos Estados Unidos, para onde os trabalhadores das fazendas e populares das zonas urbanas seguiram, em decorrência do movimento migratório de Mexicanos aos Estados Unidos nos últimos séculos. Conforme esta classe de trabalhadores foi relocada para outras regiões, a cultura musical também seguiu com eles.

A cultura do *Tejano* tem suas raízes em uma diversidade baseada em lares dos territórios mexicanos, que são por vezes denominados *patrias chicas*.

De todas as expressões culturais observadas, entendemos que a fronteira TEX- MEX possui identidade única, ao mesmo tempo em que esta é subjugada a partir de diversos olhares, como no caso da representação midiática. Por isso a fronteira Estados Unidos- México possui muitas dimensões que causam efeitos múltiplos nas vidas daqueles que ali vivem. O sujeito transfronteiriço é afetado pela fronteira pelo fato de residir nela. Isso porque a mesma fronteira que

divide países é no caso dos Estados Unidos e do México aquela que determina onde termina um Estado – Nação e onde começa outro. A intensidade da migração transnacional mexicana para os Estados Unidos desafia o poder definidor dos Estados- Nação. “Membros das comunidades transnacionais também escapam do poder dos Estado- Nação para informar o seu senso de identidade coletiva” (KEARNEY, 1998 p. 126, tradução minha).

A arbitrariedade e a natureza de mudança da fronteira podem ser percebidas pelas mudanças ocorridas na fronteira no rescaldo das guerras entre os Estados- Nação. A anexação dos territórios mexicanos pelos Estados Unidos através do tratado de Guadalupe Hidalgo, encerrando a guerra Estados Unidos- México, em 1848 é o resultado de uma negociação que trouxe em torno da metade do território mexicano para dentro dos Estados Unidos, e incorporou de 75 a 86 mil mexicanos habitantes daquele território e que a partir deste processo se tornaram de imediato cidadãos estado unidenses (Montejano 1987; Martinez, 1975). Os 3200 km de linha de fronteira foram completados a partir da aquisição da compra de Gadsden em 1853. Os ajustes subsequentes foram realizados a partir do objetivo da divisa por trás da linha de fronteira desencadeando em consequências reais para aqueles que vivem na região da fronteira (ROMO; MARQUEZ, 2010).

Os limites fronteiriços determinam quem pertence e quem não pertence ao Estado Nação, e também à região da fronteira, como podem em certa medida ajudar a moldar as características que identificam aqueles que a eles pertencem. No movimento além da visualização da região da fronteira percebemos apenas o território geográfico como uma área que abrange determinada população com seus relacionamentos, instituições, Estados- Nação, línguas e então, seus dois sistemas políticos e sociais, de onde a riqueza da fronteira começa a emergir. Além disso, a dinâmica da natureza das comunidades da fronteira requer de nós a visão dos espaços entre fronteiras, lugares ou até mesmo eventos, mas como processos sociais. Quando observamos os processos sociais, podemos perceber o importante papel que a migração desempenha dentro das comunidades de fronteira (ROMO; MARQUEZ, 2010).

O relacionamento entre a migração e as comunidades de fronteira permanece entrelaçado e sem dúvida complexo. O movimento dos migrantes mexicanos enquanto procuram trabalho sempre os levam para a fronteira e enquanto muitos migram para as regiões mais ao Norte outros se estabelecem nas regiões da fronteira Sul dos Estados Unidos. Percebe-se múltiplas abordagens a respeito da complexidade que permeia a dinâmica da migração.

Entre elas está a noção de comunidades de envio e comunidades receptoras (Bustamante, 1973; Fuentes, et. al. 2007). Hoje a pesquisa em migração reconhece que o processo migratório nem sempre segue a estrutura de uma trajetória tão linear. Cada vez mais, pesquisadores estão documentando a forma como as pessoas vivem vidas transnacionais que permitem ligações emaranhadas e contínuas entre as comunidades (MARQUEZ; ROMO, 2010).

A construção de grupos identitários vivendo vidas transnacionais ao longo da fronteira Estados Unidos – México nas cidades de San Antônio e Laredo, Texas e Monterrey, no Estado de Nuevo Leon, México observa que os latinos que vivem nessas áreas urbanas são produto de uma grande mistura entre africanos, indianos, espanhóis e anglo- saxões, que tem vivido nestas regiões, advindos de diferentes processos migratórios. Apesar da raça ter sido comumente associada às características físicas, conforme o entendimento de Marquez ; Romo (2010), a raça é socialmente construída, sendo que o senso realizado pelo governo dos Estados Unidos não trata latinos / hispânicos como um grupo racial, mas como um grupo étnico. Como resultado, latinos são livres de serem identificados como “branco”, “outro”, ou “multirracial”, ou no caso de uma pequena proporção “*Black*”. As variações notadas pelo senso estado unidense reportam que a população latina sugere que os Estados Unidos e os estrangeiros nascidos latinos têm diferentes noções do conceito de raça. Muitos estrangeiros nascidos latinos nos Estados Unidos não foram membros de grupos minoritários em seu país de origem e veem a identidade racial com considerável fluidez (SAENZ, 2004). Similarmente, atenta Romo; Marquez (2010) que latinos podem mudar suas raças ou identificações étnicas em contextos e situações variadas. A maneira pela qual uma pessoa se identifica reflete em parte o nível de assimilação daquela pessoa e até que ponto esta mesma pessoa se incorporou à sociedade americana convencional, que identificada como “branca” está associada com a assimilação ou pertencimento à identidade americana estado- unidense, enquanto que a identificação como “outra” ou “multirracial” é associada à uma retenção étnica. Migrantes recém-chegados constantemente formam identidades da moda em algum lugar no encontro de suas comunidades de origem e as novas possibilidades nos Estados Unidos, resultando em uma complexa construção identitária (Alba, 1990).

Para mexicanos, esta construção identitária pode significar também os fatos ocorridos e relativos ao tempo de migração, como os processos realizados nos anos 1970, 1980 ou 1990. Marquez; Romo (2010) atentam para outros fatores como a fluência em inglês, o Status de cidadão estado- unidense, o nível sócio- econômico, a participação na força de trabalho, a ocupação, tempo

nos Estados Unidos, o gênero, a geração, as redes de conexões com as famílias que permanecem no México e experiências prévias nos Estados Unidos, que também influenciam em como os indivíduos veem a si próprios e aos demais. Há também os migrantes que lutam com estes fatores para sua integração em novas comunidades.

Pais de migrantes lutam ainda mais com sua segunda geração que se acultura dentro da sociedade convencional americana. Eles precisam se agarrar aos efeitos geracionais, em questões relativas a seus filhos, no sentido de como estes irão manter sua identidade étnica, língua, cultura e valores e outras marcas identitárias. Romo; Marquez (2010) observam que a complexidade da construção identitária aumenta dentro do contexto transnacional em que os indivíduos são confrontados com a fluidez dos processos transnacionais.

Assim, a identidade da população de origem mexicana nos Estados Unidos é também afetada pelo crescente número de migrantes recém-chegados do México, pelo crescente número de mexicanos-americanos concentrados na região Sudeste dos Estados Unidos e o crescimento da população latina em geral. A taxa de crescimento da população latina nos Estados Unidos, expandiu de 22.4 milhões em 1990 para 35.3 milhões em 2000, uma taxa de crescimento de 58% e continua a crescer com uma taxa ainda maior que 6 vezes a mesma quantidade da população não latina no país (U.S. Census, 2000).

Romo; Marquez (2010) observam que de acordo com o senso estado- unidense (U.S. Census, May 1, 2008), o número de latino- americanos nos Estados Unidos representa um crescimento de 1.4 milhões desde julho de 2007, tornando este grupo o de mais rápido crescimento entre todos os grupos étnicos ou grupos raciais nos Estados Unidos e permanecem como o maior grupo minoritário dentro da nação, sendo 64 % dos latinos que vivem nos Estados Unidos de origem mexicana. Estes mesmos latinos no decorrer dos anos também aumentaram sua influência política e social nos Estados Unidos.

Considera-se portanto, de extrema relevância o entendimento de como os latinos se refletem nessas mudanças e o que contribui para as identidades latinas e americanas. Observa-se ainda como é entendido o relacionamento Estados Unidos-México e como este tem-se tornado cada vez mais importante na economia global e como ainda os Estados Unidos enfatizam o fechamento das fronteiras ao invés do cruzamento das fronteiras.

Isso é importante para se entender a complexidade das interações entre necessidades domésticas, condições fronteiriças, e trabalho, e como as pessoas levam suas experiências pessoais. A necessidade de renda, ideologias familiares, e diferenças geracionais também

correspondem a fatores dentro dos complexos espaços fronteiriços (ROMO; MARQUEZ, 2010 p. 220. Tradução minha).

A pesquisa de Romo; Marquez (2010), observa populações de áreas urbanas dos municípios de San Antonio, Laredo, Nuevo Laredo e Monterrey. As populações mexicanas e estado unidenses constituem um emaranhado identitário que se fortalece e se transforma ao passar dos anos, porque as identidades constituem produtos de processos sociais em constante mudança (ZARTMAN, 2010). Observamos que o movimento destas identidades socioculturais gera o movimento da fronteira, em suas características fundamentais, que são a multiplicidade étnica e cultural. A fronteira Estados Unidos- México é caracterizada por áreas urbanizadas e conurbadas entre si. A presença das cidades gêmeas intensifica cada vez mais as interações iniciadas séculos atrás por meio dos processos migratórios. Ali os encontros são frequentes e as transformações mais ainda.

San Antonio é reconhecida como a cidade onde se concentra a maior população latina da região Sudoeste do Estado do Texas. Mais de 59% dos residentes deste município constituem lares latinos de origem mexicana. O censo estado- unidense prevê um crescimento populacional que atingirá os 1.2 milhões de habitantes no município em 2040. Assim a migração mexicana produz um legado de raízes culturais mexicanas, configurando este, um campo social transnacional (ROMO; MARQUEZ, 2010).

Dentre a lista de relações sociais apontadas por Romo; Marquez (2010) está o expressivo Consulado Mexicano em San Antonio, que trabalha ativamente na promoção do bem-estar dos mexicanos residentes nos Estados Unidos, naquela região. Há 60 anos, San Antonio inaugurou o campus da Universidade Nacional Autônoma de México. A cidade abriga ainda o San Antônio Museum of Art; o Instituto Cultural do México, fundado pelo governo do México, que promove atividades culturais, exposições de artes e diferentes formas e expressões da identidade cultural mexicana e o Mercado cultural de produtos diversos, este denominado “A pulga”. Recentemente, foi inaugurado o Alameda Museum, um museu cultural mexicano, construído em cooperação com o *Smithsonian Institution*, em Washington DC.

San Antonio patrocina clubes regionais, o que promove a interação de atividades culturais com clubes sociais dos estados de Nuevo Leon e Coahuila, no México, em que as atividades sociais envolvem residentes do município com residentes dos seus estados de origem. Como resultados, estas conexões contribuíram para o constante crescimento de bairros mexicanos nos Estados Unidos, originando as mais recentes comunidades transnacionais. Romo; Marquez (2010)

observaram em San Antonio problemas relacionados à classificação social das populações latinas no município, a representação de classes sociais, transmitidas por famílias e seus estereótipos, o contexto dos bairros, onde há bairros mexicanos populares e bairros mexicanos elitizados; o legado histórico e o significado da língua entre estas famílias. O influxo de novos migrantes que renova e reforça as identidades mexicanas na cidade. Um exemplo de impacto do tempo nessas comunidades de fronteira está por exemplo em como a classe jovem discute a noção de se tornar mais consciente de sua identidade americana, por serem constantemente comparados com ‘os outros’ jovens mexicanos imigrantes. De outra parte, migrantes mais velhos já se auto afirmam “mais mexicanos” do que migrantes mais jovens, tentando assim manter as raízes culturais, em meio às pressões de assimilação.

Rótulos de identidade própria são agregados às comunidades fronteiriças conforme períodos históricos o fizeram. Repertórios culturais remontam identidades étnicas fronteiriças e suas condições estruturais. A pesquisa de Romo e Marquez (2010) identificou que atitudes em resposta a algum grupo étnico particular e sentimento anti- imigrantes com o passar dos tempos, influenciaram membros de diferentes grupos étnicos. Ao perguntarem para um cidadão estadunidense, em San Antonio, explicando quais termos ele usava para identificar a si mesmo e que estes termos tem mudado com o passar dos anos, em resposta a atitudes de mexicanos, obtiveram a seguinte resposta: “Eu sou um mestiço, somente Deus sabe quantas misturas existem, mas eu provavelmente sou um índio. Eu diria que sou um Apache com algum parente espanhol e talvez italiano. Somente Deus sabe quais misturas existem no México” (ROMO; MARQUEZ, 2010, p. 225, tradução minha). Quando perguntado sobre qual etnicidade era a sua, respondeu:

Bem, nós somos identificados como tudo. Nos anos trinta, nós éramos os mexicanos. Então vieram os anos quarenta, com os latinos e latino americanos. Naquela época a polícia usava isso, que eu odeio. Latino, que diabos é latino? ... Nós não éramos do Panamá ou da Colômbia, claro que para os gringos, nós somos os ‘lubrificantes’ e você sabe, os ‘misturadores’”. Então nos tornamos os mexicanos americanos nos anos 1950. Nos anos 60 nos tornamos os chicanos. E agora, o mais novo nome é hispânico- americano ou latino. Uma época eu colocava ‘C’, caucasiano.” (ROMO; MARQUEZ, 2010, p. 225, tradução minha).

Observam Romo; Marquez (2010), que as respostas indicaram uma continuidade de hierarquias raciais presentes nos espaços de fronteira dentro das categorias identitárias que os sujeitos mexicanos normalmente se classificam. O cidadão da pesquisa experienciou relações de mudança nas pessoas de origem mexicana e europeias- americanas e como estas evoluíram ao longo do tempo na região Sudoeste dos Estados Unidos. Ele relembrou o uso de termos

depreciativos como “*greasers*” ou “*mescans*” e ainda a relutância em até mesmo utilizar o termo mexicano, nos anos 30 e 40. Se identificando então aos termos criados por movimentos de direitos civis, os chicanos. Também se reconheceu incluso em um movimento mais inclusivo, o grupo de hispânicos, ou latinos e em seguida notou uma certa confusão sobre a identificação da raça, em referência ao registro oficial do governo estado-unidense em referência aos caucasianos como pessoas de origem mexicana, com base nas diferenças por não serem negros, portanto não marcaria negro ou *Black*.

Romo; Marquez (2010), indicam que foram muitos os casos em que as pessoas lutam para manterem suas identidades étnicas frente à diversos desafios enfrentados junto a outros grupos em situação de mudança. A maioria dos respondentes citados na pesquisa, se autodeclararam hispânicos ou mexicanos americanos, ao invés de chicano ou latino. Isso porque San Antônio possui a maioria da população de origem mexicana. No entanto a complexidade referente ao tratamento dado à identidade étnica é intensificada por causa da chegada de novos migrantes os quais tem a sua presença reforçada no sentido de que imigrantes recém-chegados são denominados mexicanos, e aqueles nascidos nos Estados Unidos “mexicanos americanos” ou ‘hispânicos’. Contudo a solidariedade étnica ou consciência própria pelo reconhecimento de sua origem como um vínculo, se torna mais forte, sob certas condições, como entre concentrações de grupos étnicos, pertencentes às organizações étnicas, e tendo amigos do mesmo grupo étnico.

Quando observamos a mídia de referência e o que se discute sobre as identidades sociais nas duas fronteiras, observamos uma situação totalmente oposta às discussões das comunidades locais. Percebemos um debate verticalizado, que segue a temática política ligada à questões econômicas de cada Estado- Nação em separado. Esta discussão ocorre a partir de um contexto social marcado pela violência epistêmica, que discute, no caso da fronteira Estados Unidos- México, o controle da migração latina e aponta para esquemas de crimes e corrupção afetando não somente o local fronteira, mas mais ainda o ser latino, ou hispânico, nesse caso mexicano ou mexicano- americano. Nesse sentido a mídia de referência se propõe a apresentar o espaço fronteiro no noticiário, somente no contexto da travessia da fronteira, ou do contrabando, e do narcotráfico, da violência na fronteira, assim como ocorre também, na fronteira Brasil- Bolívia. Esta abordagem, toma assim, questões globais a partir de perspectivas locais. A presença mexicana na mídia já vem carregada deste sentido de estigmatização das próprias populações locais fronteiriças e isto se demonstra atrelado ao próprio sentido da sociedade, onde a ausência de laços se compensa pelo controle social.

Percebemos que de dispositivos de regulação social, tais como a raça e o racismo, nascem o repúdio e os dilemas de uma comunidade latina nos Estados Unidos com identidades em transformação, se autodeclararem como tendo raízes mexicanas ou latinas.

Portanto, a observação das mídias constitui numa tentativa de, a partir do local, descolonizar esta representação da fronteira violenta, investigando, mesmo que de maneira introdutória, a ação das mídias locais e também sua abordagem sobre as comunidades que habitam este espaço local-internacional fronteiriço. Nos propomos a conhecer as mídias locais, porque entendemos que é a partir da perspectiva local, que teremos melhor compreensão dos espaços locais – internacionais Brasil – Bolívia e Estados Unidos- México.

CAPÍTULO IV

**A ATIVIDADE MUDIÁTICA NOS ESPAÇOS
LOCAIS- INTERNACIONAIS
MATO GROSSO – SANTA CRUZ
E TEXAS – MÉXICO
(TAUMALIPAS-NUEVO LEÓN-COAHUILA)**

No capítulo IV apresento o quadro das mídias locais da fronteira Estados Unidos- México afim de aprofundar detalhes sobre o meu olhar a respeito destas mídias. Observamos que as representações sociomidiáticas do espaço local-internacional através da cartografia orientada pelas matrizes culturais revela o poder hierarquizante da mídia de referência incidente sobre as fronteiras internacionais. A mídia quando usa seus aparatos para reproduzir os fatos ocorrentes no cotidiano transfronteiriço, ao midiaticizá-los, transforma-os em notícias de alta relevância no contexto global.

Esta dinâmica de representações que proponho analisar, ocorre no entendimento de que a própria mídia local se encontra conectada à uma estrutura de poder que referencia o espaço local, numa perspectiva de acontecimentos globais, padronizando-os SILVEIRA (2003); SILVEIRA (2017);(SILVEIRA e ALMEIDA (2017); Compreende-se que a mídia local siga estes padrões. Porém, estudos anteriores demonstraram que, pelo menos nos Arcos Norte e Sul das fronteiras internacionais do Brasil, há casos em que a mídia local possui autonomia para veicular conteúdos locais referentes ao cotidiano das fronteiras, numa perspectiva de suas próprias interações comuns, o que significa uma desconexão com o controle midiático global, mesmo que ainda seja timidamente percebida (SILVEIRA et. al 2017). Desta vez, buscamos uma aproximação entre as fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos – México no sentido de mapear a comunicação local (MARTÍN-BARBERO, 2002). A cartografia midiática de espaços fronteiriços nos auxilia na compreensão da comunicação e sua relação com o espaço local- internacional.

Cartografamos as mídias porque observar é sobretudo conhecer o que se diz sobre as fronteiras internacionais. Neste espaço de relações, observamos as mídias locais dos espaços fronteiriços, no intuito de aos olhos da pesquisadora, buscar na análise das notícias a compreensão desta hierarquização. Assim podemos também verificar em que medida conhecemos e entendemos as articulações das mídias locais neste espaço de características que podem ser medidas como um espaço profundo, heterópico e de alteridades. Nosso esforço se concentra na perspectiva de que evidenciamos as fronteiras internacionais como não somente espaço de fluxo, mas sobretudo espaço de vivências.

No tópico IV.1 intitulado “A mídia nas fronteiras Mato Grosso – Santa Cruz e Tex-Mex (Taumalipas, Nuevo Leon e Coahuila)” mencionamos Araújo (2017) e a disposição das mídias sobre o espaço local- internacional fronteiriço, como parte da Amazônia Legal. Apresentamos e comentamos o **Quadro 1**, com os nomes das mídias que compõem o espaço fronteiriço Brasil-

Bolívia, assim como o **Quadro 2**, que compõe o espaço fronteiriço Estados Unidos- México desta pesquisa. Seguimos com a apresentação do mapeamento das mídias locais, transportando as informações das tabelas para os mapas da aplicação Google MAPS (2019). Ao comentarmos as mídias e sua disposição no espaço local, mencionamos a hibridação cultural (GARCÍA CANCLINI, 2006) e as identidades em transformação (ROMO e MARQUEZ, 2010). O tópico IV. 2 apresenta a discussão sobre a Mídia de Referência e sua ação sobre os espaços locais – internacionais Mato Grosso – Santa Cruz e Texas – México (Taumalipas, Nuevo León e Coahuila), utilizando aportes teóricos de (SILVEIRA, 2003; 2007; 2017), e conceituando o que se entende por jornalismo de referência (ZAMIN, 2014; MERRIL, 1968).

IV.1. A MÍDIA NAS FRONTEIRAS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEX-MEX (TAUMALIPAS, NUEVO LEON E COAHUILA)

O estado de Mato Grosso, configura o terceiro maior estado Brasileiro em extensão territorial, com população de 3,4 milhões de habitantes e que tem crescido nos últimos anos, devido aos processos migratórios tanto de sulistas e nordestinos e de outras regiões do Brasil, como São Paulo e Minas Gerais, em menor escala. O estado possui 5 mesorregiões e 22 microrregiões, totalizando, 141 municípios.

Mato Grosso é um dos nove estados brasileiros que compõe a Amazônia Legal, uma área de 5.015.067,75 km² situada ao Oeste do meridiano 44° e que corresponde à cerca de 61% do território Nacional (IBGE 2018). Dos nove estados que compõem o território da Amazônia Legal, sete se concentram nas regiões da fronteira Brasil- América do Sul.

Criado pelo decreto de lei n. 291, de 28.02.1967, o termo Amazônia Legal foi instituído devido à uma demanda do Estado com o objetivo de reduzir as desigualdades regionais do país, já que, conforme o Art. 43 da Constituição Federal a área é parte das competências da União. Com isso “a Amazônia Legal foi instituída com o objetivo de definir a delimitação geográfica da região política captadora de incentivos fiscais com vistas à promoção de seu desenvolvimento regional” (IBGE, 2019).

A partir da criação da Amazônia Legal, foi instituída também uma legislação especial que permitiu o crescimento do número de retransmissoras de televisão aberta que produzem conteúdo local, nesta região. Araújo (2017) explica que, no restante do país as retransmissoras apenas captam a programação das geradoras e retransmitem, sem nenhuma interferência no conteúdo, porque

perante a lei, as geradoras são empresas de televisão com concessão da União e que produzem conteúdo para a comunicação de massa. Assim, as concessões aprovadas pelo presidente da república e referendadas pelo Congresso Nacional, são válidas por 15 anos, e podem ser renovadas. No entanto as retransmissoras ou RTVs constituem apenas os equipamentos, que são o decodificador e o transmissor, ligados a uma antena. Para as retransmissoras o processo de outorga é mais simples e passa apenas pelo ministro das comunicações.

A partir do decreto nº 81.600, de 25 de Abril de 1978, criado pelo governo do então presidente Geisel, todas as retransmissoras situadas nas regiões da “fronteira de desenvolvimento”, poderiam então realizar inserções locais na programação. Na próxima década, já no Governo José Sarney, o então Ministro das comunicações Antônio Carlos Magalhães definiu que essas áreas pertenceriam à Amazônia Legal.

A partir deste momento inicia - se um novo capítulo nas telecomunicações do Brasil, que ao mesmo tempo que facilita a criação e veiculação de conteúdo de mídias locais, também proporciona a criação do chamado “coronelismo na mídia”, em que grande parte das emissoras de TV da Amazônia Legal, foram implantadas por políticos locais e regionais (ARAÚJO, 2017). A lei foi criada com o intuito de atrair novos investidores à região da Amazônia Legal, considerada até então uma região inóspita e de difícil acesso. Com o decreto, o proprietário da retransmissora teria autonomia financeira para gerar recursos por meio da publicidade local e poderia ainda produzir três horas e meia de programação local por dia. Esse decreto gerou o total de 1.737 canais cobrindo 742 municípios nos estados fronteiriços de Mato Grosso, Rondônia, Amazonas, Roraima, Pará, Amapá e ainda nos estados de Tocantins e Maranhão.

A fronteira Brasil- Bolívia na mesorregião sudoeste de Mato Grosso, região cultural do Alto Paraguai e também da Chapada dos Parecis, onde se localizam os municípios de Cáceres, Pontes e Lacerda e Tangará da Serra possui 11 emissoras de TV retransmissoras de sinal e que transmitem conteúdo local todos os dias. Assim, temos na fronteira Brasil-Bolívia um fenômeno de mini retransmissoras que transmitem conteúdo diário local com telejornalismo e prestação de serviços, o que, acredita-se incentivou também o estabelecimento de outros meios comunicacionais como a mídia impressa e o rádio nestas regiões.

Pôde-se perceber nesta pesquisa que na segunda década dos anos 2000 houve também crescimento do número de sites informativos. Embora pareça pequeno, o número de emissoras desta região se evidencia quando comparamos aos interiores do Brasil. Uma outra ocorrência é a

coincidência destas emissoras pertencerem a políticos locais ou regionais, subentendendo-se que seus conteúdos estariam veiculados a um suposto controle do poder político e também dos oligopólios de mídia, tendo em vista a presença de emissoras, que além de retransmissoras, sejam repetidoras de grupos como é o caso do grupo Globo de televisão e das emissoras Record de Tangará da Serra e de Pontes e Lacerda.

Das emissoras que ocorrem nestas duas regiões culturais, foi identificado através de dados primários das entrevistas realizadas junto aos trabalhadores das emissoras da fronteira e com base na pesquisa de Araújo (2017), que pelo menos quatro TVs pertencem a políticos locais e do estado de Mato Grosso. As demais emissoras pertencem a empresários locais e regionais. Cáceres possui duas emissoras, sendo uma a TV Vitória Régia, canal 6 da Band e a TV Descalvados, canal 8, SBT, pertencente à família do ex-Senador brasileiro Pedro Henry. O município de Pontes e Lacerda possui quatro emissoras, a TV Centro Oeste, canal 6, SBT, a TV Guaporeí, canal 8, analógico e 38 no sinal digital, da Rede Record, esta adquirida inicialmente pelo ex-Prefeito de Pontes e Lacerda, Nilton Miotto; e a TV Portal da Amazônia, canal 12, RedeTV! Já Tangará da Serra possui seis emissoras de televisão com conteúdo locais: A Bem TV, SBT Canal 3; a TV Cidade Verde, Band, Canal 10; a TV Centro América, Rede Globo, Canal 13; a RedeTV! Tangará, Canal 16, esta, pertencente ao ex-deputado estadual Wagner Ramos, atual Assessor Especial 1, da Casa Civil do estado de Mato Grosso; a TV Vale Record Canal 7, pertencente à família do Senador Wellington Fagundes e a TV Viva, da Igreja Católica.

Embora algumas das emissoras sejam menores, todas elas possuem estrutura física moderna, com estúdios de gravação e programação local. Além do conteúdo jornalístico, as emissoras transmitem programas esportivos locais e debates políticos e de assuntos que abordam questões voltadas ao bem-estar da família e programas religiosos.

Pode-se afirmar que todo o interesse na criação de veículos de mídia na região da fronteira Brasil- Bolívia tenha sido apropriado a partir de um fundo político, já que grande parte das emissoras locais, tanto de rádio, quanto de TVs pertençam a políticos locais ou pessoas ligadas aos políticos do Estado de Mato Grosso, assim como diversos sites dos municípios brasileiros desta pesquisa recebem apoio financeiro de políticos para veicular seus conteúdos.

É importante destacar que estas emissoras de Rádio, TVs, também os veículos impressos e websites da região, embora sirvam ao coronelismo dos políticos locais e regionais, possuem certa autonomia na produção dos conteúdos locais. Isso porque a competição pelo imediatismo força os

produtores de mídia a construírem novas narrativas todos os dias, já que o jornalismo local possui grande peso na audiência destas emissoras. O jornal local é assistido no horário do almoço, e varia entre as emissoras de TV que transmitem seus conteúdos informativos locais entre 11:30 e 13:30 horas, algumas emissoras transmitem uma segunda edição de jornal local às 18 horas, outras não. O assunto mais abordado pelos telejornais e pelos sites de notícias é o policial. No rádio o horário nobre para o jornalismo é sempre a parte da manhã. E os sites e veículos impressos circulam seus conteúdos diariamente e semanalmente.

Observou-se que as emissoras não possuem meios para medir a audiência de seus conteúdos, mas, no entanto, todas se auto afirmam populares nos conteúdos veiculados e também livres no sentido da produção de suas pautas. A partir de entrevista às emissoras de TV, rádio e sites da região da fronteira no Brasil, entendemos que a percepção da mídia local se encontra desconectada à sua dimensão fronteiriça, tendo em vista a fronteira como um espaço de vivências. No entanto a mídia local se ocupa em destacar em seu noticiário cotidiano, de maneira geral, temas relacionados ao meio ambiente e às políticas governamentais, e suas ações principalmente nas zonas urbanas dos municípios da faixa de fronteira, e quando o assunto remete à fronteira Brasil- Bolívia, há a centralização da disseminação das notícias de fatos policiais ligados ao narcotráfico. Estas notícias envolvem principalmente a zona rural dos municípios fronteiriços, numa perspectiva de que ali nada há, além do narcotráfico e da violência.

A partir do **Quadro 5** conhecemos a estrutura de mídia atuante nos municípios fronteiriços e uma aproximação de seus respectivos gêneros informativos, conforme entrevistas com comunicadores fronteiriços e de minha percepção. Estes correspondem a dados primários da pesquisa de campo realizada nos meses de Agosto e Setembro de 2018.

Quadro 5: As mídias locais da fronteira Brasil- Bolívia, Mato Grosso – Santa Cruz

Cidade País	Jornais Impressos, Blogs e Websites	Estações de Rádio FM	Redes de TV
Cáceres	Expressão Notícias(semanário) http://www.expressaonoticias.com.br/	Rádio Clube (Centro América- Rede Globo)	TV Vitória Régia (Band) Repetidora
	Jornal Cacerense (semanário)	Rádio Difusora 102, 3 FM e NOVA FM 97,3	TV Descalvados (SBT) Repetidora
	Correio Cacerense (Diário) http://www.jornalcorreiocacerense.com.br/	Rádio Jornal de Cáceres	
	Jornal O Comunitário(mensal) http://www.caceresnoticias.com.br/	Rádio Nova	

	http://www.jornaloeste.com.br/		
	http://www.ripanosmalandros.com.br/		
	http://www.olknews.com.br/		
	http://zakinews.com.br/		
San Matías			Canal 11 Matieña de Televisión (Repetidora- TV UNO Santa Cruz de La Sierra)
Pontes e Lacerda	Folha Reginal MT (semanário) http://www.folharegionalonline.com/	Rádio Cidade	TV Centro Oeste Repetidora (SBT)
	http://www.Portallacerdense.com.br/	Rádio Conti	TV Guaporeí Repetidora (Rede Record)
	http://www.akitafacilnews.com.br/	Rádio Jornal de Pontes e Lacerda	TV Portal da Amazônia Repetidora (REDETV)
	http://www.vipcidade.com.br/		
	http://www.rec8.com.br/		
	http://www.toamil.com.br/		
San Ignacio de Velasco		Radio Juan XXIII	Tele Canal 9 Repetidora (UNITEL- Santa Cruz de La Sierra)
		Rádio Millenium	Tele Canal 18 Repetidora (Bolivisión-
		Rádio Modelo - Niño Jesus	
Tangará da Serra	Jornal Diário da Serra http://www.diariodaserra.com.br/	Rádio Band FM	Bem TV Repetidora- (SBT)
	Jornal Tangará (semanário)	Rádio Gazeta FM	Rede Cidade Verde Repetidora (Band)
	Revista Stylo/ Stylo Agro (Mensal)	Rádio Serra FM	TV Centro América Repetidora (Rede Globo)
	Revista Imagem(mensal)		REDETV Tangará Repetidora (REDETV)
	http://www.abroncapopular.com.br/		TV Valle Repetidora (Rede Record)
	http://www.bemnoticias.com.br/		TV Viva
	http://www.folhadetangara.com.br/		
	http://www.tangaraemfoco.com.br/		
	http://www.gazetafintangara.com.br/		

Elaboração da autora, adaptado de Silveira et. al (2017).

Notamos que do lado fronteiriço boliviano, conforme os municípios sejam menores, há poucos veículos de mídia. No município de San Ignacio de Velasco há duas retransmissoras que realizam a veiculação de conteúdos locais. Uma delas é a Tele Canal 9, Repetidora da TV UNITEL

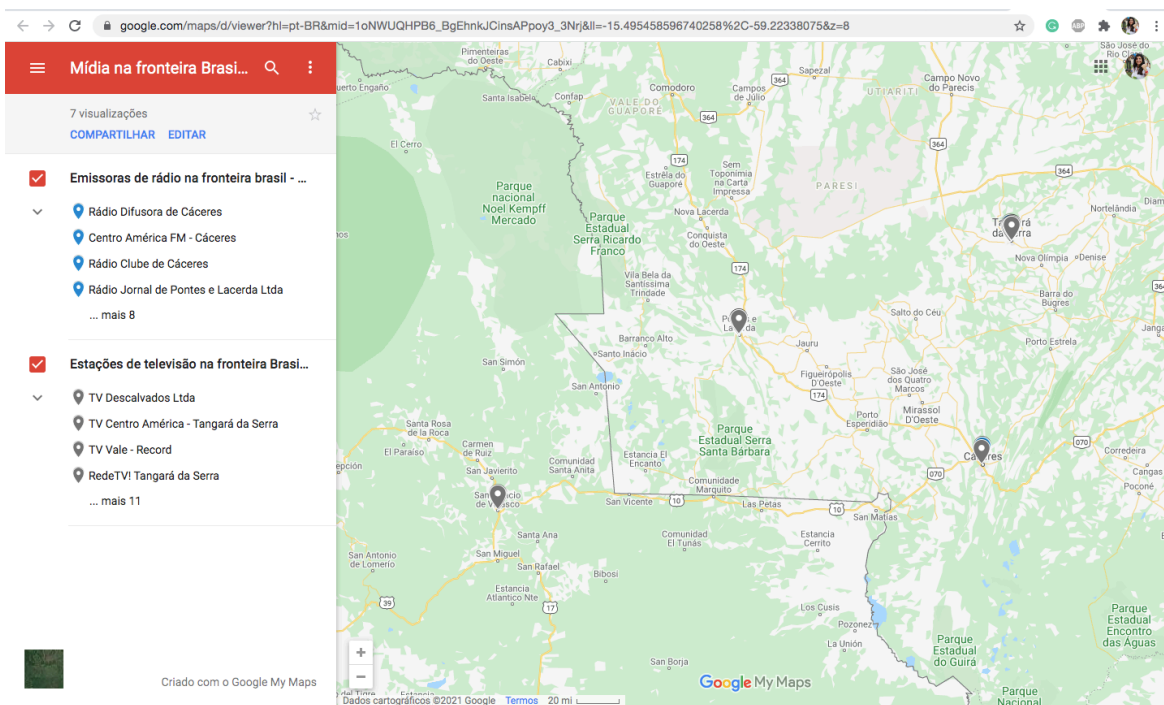
de Santa Cruz de La Sierra, além da rádio Juan XXIII, que pertencem à Arquidiocese de San Ignacio de Velasco. A Tele Canal 9 transmite noticiário local diariamente e possui em seus conteúdos espaço aberto para que os moradores do município comuniquem seus problemas jurídicos e relacionados ao poder público ou à comunidade local, em entrevista na TV.

A rádio Juan XXIII transmite programação local, com noticiário em notas curtas e gêneros musicais voltados à cultura local chiquitana e de toda a Bolívia. A TV Tele Canal 18 Bolivisión é uma retransmissora que transmite o noticiário da TV direto da capital La Paz e possui em sua programação espaço aberto para que jornalistas locais através de compra de horários, realizem o seu trabalho autônomo. Desta forma também é veiculada programação religiosa local. Esta TV pertence a uma família de pai militar reformado e filha que trabalha na área da saúde. A mesma família também possui os equipamentos de uma emissora de rádio local. A rádio Millenium veicula apenas conteúdo musical. A família relatou que mantém os veículos de mídia, porque possui os equipamentos retransmissores, mas que as mídias não dão muito retorno lucrativo, e que as mantém num atento de contribuição para atender a população local. Os gêneros musicais veiculados pela rádio Millenium são diferentes das demais rádios que operam no município. Há ainda espaço aberto para os comunicadores locais no rádio através da compra de horários, ou por vezes voluntariado.

A rádio Modelo Niño Jesus, se sobressai como uma Rádio do gênero jovem e popular, veiculando conteúdo musical pop nacional e noticiário local diário pago pelos jornalistas que atuam autonomamente na apresentação de seus conteúdos. Esta rádio pertence a um cantor brasileiro, popularmente chamado Piva, que se mudou do estado do Paraná para San Ignacio de Velasco anos atrás.

San Mathias possui o Canal 11 –Matieña de Comunicação, repetidora da TV UNO de Santa Cruz de La Sierra. Esta emissora de TV foi implantada pela prefeitura do Município de San Mathías e veicula noticiário local diariamente. Considera-se que do lado boliviano da fronteira, a imprensa, de modo geral embora possua estrutura física deficiente, não se ocupa em noticiar a fronteira somente como local de fluxo, incluindo em sua pauta diária ocorrências cotidianas de acontecimentos locais apontando suas relações culturais. A fronteira se apresenta timidamente na mídia boliviana, e observa-se ainda que relações diplomáticas entre os países possuem seu lugar nas pautas referentes às notícias locais.

Figura 8: Mapa das mídias na fronteira Brasil- Bolívia:



Elaboração da autora, a partir das aplicações Google MAPS e Google MY MAPS (2021)

O mapa das mídias na fronteira Brasil- Bolívia constitui uma representação daquilo que encontramos geograficamente a partir de pesquisa e organização pela ferramentas Google MAPS (2019) e Google MY MAPS (2020). Através da utilização deste mapa pudemos localizar e documentar cerca de 50% de todas as mídias pesquisadas nesta região. Observou-se dificuldade na localização de grande parte das mídias impressas locais, bem como de mais de 90% das mídias bolivianas, embora estas se apresentem em menor número.

Percebe-se por meio deste estudo, que muitas empresas de mídia local ocorrem apenas atreladas a um negócio que possui apenas um proprietário, se configurando como empresas domésticas e que não aparecem nem no Google MAPS, tampouco no Google MY MAPS. O que importa visualizar tais veículos em ferramentas como estas, são questões como um leque de informações que são registradas por tais ferramentas, como, além da localização física, informações de registro das mídias e imagens, que são armazenadas em um banco de dados onde, ao acessarmos, já possuímos as primeiras noções dos objetos estudados. Observamos nesse sentido como o controle de poder da informação se encontra atrelado à um sistema estruturado e

globalizado o que evidencia uma estrutura central econômica também relacionada à comunicação local.

Ao observarmos a mídia na fronteira Estados Unidos México, percebemos suas bases marcadas a partir de uma construção do espaço local- internacional de uma área industrializada, onde evidencia-se uma região caracterizada por grande número de operadores de comunicação, que cada vez mais contribuem para a ampliação da malha de comunicação da fronteira, bem como em suas conexões.

Quadro 6. Veículos de mídias localizados na região da fronteira cultural TEX- MEX (Taumalipas, Nuevo Leon e Coahuila), Estados Unidos - México

Cidade País	Jornais Impressos, Blogs e Websites	Estações de Rádio FM	Redes de TV e Websites
San Antonio	Archdiocese of San Antonio http://www.archsa.org Today's Catholic http://www.archsa.org/todays-catholic	Guadalupe Radio Network Airwave Radio Inc	Catholic TV http://www.catholicstv.org/
	African American Reflections	Alpha Media	KSAT 12 (ABC) https://www.ksat.com/
	Broadway News	Beat 98.5 FM	KABB FOX NEWS 29 San Antonio https://foxsanantonio.com/
	Buena Suerte https://sanantonio.buenasuerte.com	Call 1310	KENS5 TV
	Business Journal https://www.bizjournals.com/sanantonio	CC Media Holdings Inc	KLRN Public Television http://www.klrn.org/home/
	Construction News LTDA http://www.constructionnews.net/	Clear Channel Outdoor – San Antonio	KCWX http://www.kcwx.com/
	Herbert Douglas Media Group	Clear Channel Outdoor Holdings	WOAI NBC NEWS Channel 4 https://news4sanantonio.com/
	La Prensa De San Antonio http://www.laprensasa.com/	CMG Local Solutions	KMYS 35 http://cw35.com/
	News Express	Cox Media	KVDF TV 31 Azteca America Transmitter Site
	San Antonio Express News https://www.mysanantonio.com/	Dailey Wells Communication	KHCE-TV23 San Antonio https://iontelevision.com/
	San Antonio Observer http://www.saobserver.com/	DOTX Radio	UNIVISION https://www.univision.com/local/san-antonio-kwex
	Southern Livestock Standard http://www.southernlivestock.com/	Freedom 1160 AM - KRDY	KVDA 60 Telemundo https://www.telemundosanantonio.com/
	Texas Monthly News	Hispanic Broadcasting	Getv Prayer Line https://www.jhm.org/
	Tribune Company	iHeartMedia San Antonio	
	Welcome Home http://www.welcomehomesa.com/	JACK - FM	
		KAJA FM \KJ97	

		Kchl	
		Kcor	
		KCYY-FM Y100	
		Kdry	
		Keda	
		Kiss	
		Kkyx	
		KLMO 98.9 - TEJANO FM	
		KLRN	
		KLUP	
		KONO 101 KONO-FM	
		KPAC- FM San Antonio	
		KPWT	
		Krio	
		Krom	
		KRTU	
		KSMG	
		KSYM 90.1 FM http://sacrtf2.sac.alamo.edu:8000/stream KT FM – FM San Antonio	
		KTSA	
		KTKR	
		KQQB	

		KQXT- FM San Antonio	
		KXTN	
		KXTN 1350 AM	
		KXXM- FM San Antonio	
		Kzep	
		LA NUESTRA 1130 AM	
		104.5 Latino Hits	
		Mix	
		Mx Broadcasting Co	
		Norteno 720 AM	
		ModSnap Radio KMOD	
		96.1 NOW	
		Premiere Radio Networks INC	
		Pub Sports Radio	
		1160 AM Radio Luz	
		R Communications LLC	
		Radio Jalapeno 99.9 Fm 1540 AM http://www.kedaradio.com/	
		Radio Ola	
		Radio Tower	
		Salem Communications Corporation	
		Texas Public Radio https://www.tpr.org/	
		Tha lradio Penthouse	

		TheFishSanAntonio.com	
		AM 930 The Answer - KLUP	
		98.5 The Beat	
		The 'What's it Worth?' Real State Show	
		930 AM The Word – KSLR	
		Ticket 760	
		Univision	
		95 X Tu Musica	
		WOAI Clear Channel Transmitter	
		1200 WOAI AM RADIO	
Monterrey	ABC de Monterrey	ABP Media Group La mejor FM 96.1 Orlando FL; LA Nuova 107 Queretaro Ke buena 92.5 los reyes michoacan, Ke buena 95.5, Ruetamo Michoacan, cristal 103.7, Cd. de Mexico.	A+ Canal 7.2 (La Nueva Televisión)
	Crucero http://red-crucero2.com/2019/	Beat 90.1 FM	Canal 28
	El Horizonte https://www.elhorizonte.mx/	Contacto 1190 AM	Izzi Hub Escobedo
	El Norte https://www.elnorte.com/	Comercializadora de Servicios Imagen	Multimedios televisión
	El Porvenir http://www.elporvenir.mx/?content=tag&tag=Monterrey	Dominio FM	Televisa Monterrey
	El Sol	Frecuencia Tec	Radio y Televisión Nuevo León

	El Tren	FM Globo 88.1	UANL Canal 53
	Express	Genesis 98.1 FM	Canal de Las Estrellas
	Milenio Monterrey https://www.milenio.com/monterrey	Grupo Acir, Monterrey	Teleactiva
	Publimetro Monterrey https://www.readmetro.com/es/mexico/monterrey/	Grupo Radio Joy	Canal 5
	Regio.com http://www.elregio.com/	Grupo Radio Monterrey	Universidad Tec. Virtual- Canal Internet I
	Reporte Indigo https://www.reporteindigo.com/?s=monterrey	Grupo radio Monterrey Online	
		La Sabrosita	
		Multimedios	
		Radio Auditorio	
		Radio Formula Monterrey	
Laredo	El Financiero https://www.elfinanciero.com.mx/	Arcanasa	Canal 15 Laredo
	Laredo Daily News https://laredodaily.news/	Big Buck Country 98.1	KGNS TV
	Laredo Morning Times https://www.lmtonline.com/	BMP Radio	KYLX CBS 13 News
	Laredo Today	IBS	Ketf
		Imagen Radio 94.1 FM Laredo, Texas	Kxof
		Inspiracom, World radio network Inc	Unimas Laredo
		Guerra Enterprises	Zenitram Communications Inc
		KBDR	TV Azteca
		KBNL 89.9 FM	Eagle Creek Broadcasting kvtv
		KHOY	Noticias Univision 27
		KLAR 1300 AM Radio Poder	

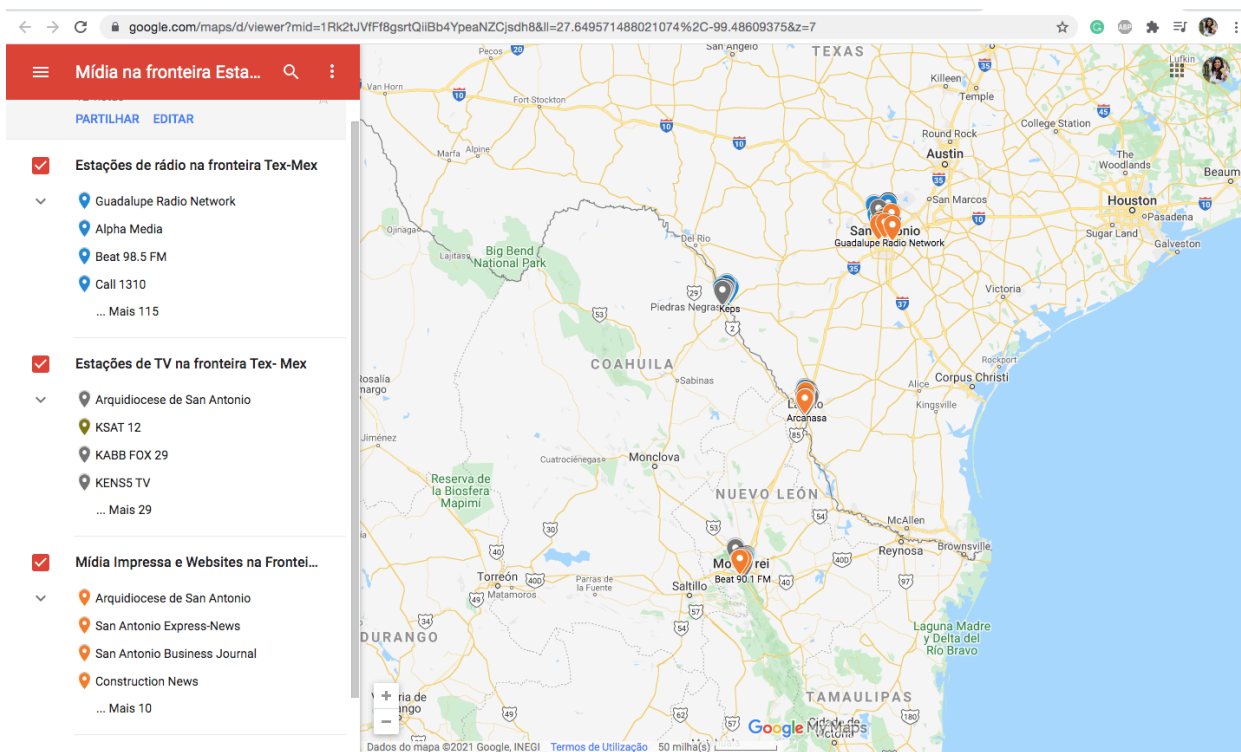
		KLNT	
		Knex	
		KOYE – FM Laredo	
		KRRG FM Laredo	
		Kvoz AM	
		La Mega 95.7	
		La raza 95.7 FM	
		Noticias Univision 27	
		Radorama Laredo	
		R Communications LCC	
		FM Records LTDA	
		XHTLN	
		XHNOE – Stereo 91(US Sales Office)	
Nuevo Laredo	El Correo	Dígital	Airecable/Canal 29
	El diario de Nuevo Laredo http://www.diariolaredo.com/	I- Like 107.3 FM	Multimedios Television
	El Manana https://elmanana.com.mx/	Imagen Telecomunicaciones/ Imagen Radio	Nuevo Laredo TV
	Primera Hora http://www.primerahora.com.mx/	Fiesta Mexicana	Televisa Nuevo Laredo
	Última Hora http://www.primerahora.com.mx/index.php?p=uh	Grupo Radorama en Nuevo Laredo	Televisión Canal 17
		KEK	TV Azteca
		La Caliente	Xefe La Imagen Familiar
		La Frontera FM	
		La Raza	
		Los 40	

		NOTIGAPE 104.1 FM Nuevo Laredo	
		Radio Formula Nuevo Laredo	
		Radio Stereo Uncion	
		RMX Nuevo Laredo	
		Stereo 91	
		Stereo Vida	
		Ultra Sonido Radio	
		XENLT –AM Radio Formula Nuevo Laredo	
		XHNOE – FM Stereo 91	
		Xtrema 103.7 FM/1090 AM	
Eagle Pass	El Latino https://www.noticiasellatino.net/	Keps	Direct TV Eagle Pass
	The Gram http://www.thenewsgramonline.net	KEPX 89.5 FM	
		KINL – FM Eagle Pass	
		La Mera Leona	
		Gap FM	
		Kepi 88.7 FM	
		Eagle Pass Police, Fire and EMS, Maveric County Sheriff Dispatch	
Piedras Negras	http://www.zocalo.com.mx/	Amor 107. 1 FM	Televisa Piedras Negras
		@ FM 101.7	Cable com Piedras Negras
		Back FM 100.9	Star Tv Piedras Negras
		Capital FM 97.9	Canal 9 Noticias
		Dinami – K 94.5 FM	
		Exa FM 105.5	

		Fiesta Mexicana 103.6 FM	
		FM Radioativo	
		Kpop Radio PN	
		Latin Trend	
		La Fiera	
		La Radio Inteligente	
		La Rancherita del Aire	
		Recuerdo 96.7 FM	
		Radio Zócallo Saltillo	
		Super Estelar 107.9	
		Vida Romántica 99.9 FM	

Elaboração da autora, adaptado de Silveira et.al (2017), com dados de YELLOWPAGES (2019); GOOGLE MAPS (2019); IFT.ORG.MX (2019).

Figura 9: Mapa das mídias na fronteira TEX-MEX:



Elaboração da autora, a partir das aplicações Google MAPS e Google MY MAPS (2021)

A construção do mapa das mídias na fronteira TEX-TEX, representado na **Figura 9**, foi fundamental para que fosse possível uma aproximação com as informações destas mídias locais, pois a ocorrência da pandemia viral COVID – 19 minou todas as possibilidades de acesso in loco desta pesquisa às mídias locais em 2020. No entanto a pesquisa no Google MAPS (2019) já havia sido realizada, quando pôde-se observar a opulência nos meios comunicacionais desta região. Através desta primeira pesquisa pudemos conhecer por meio das informações desta ferramenta, os numerosos sites de notícias, bem como estações de rádio e de TVs e também tivemos acesso à cerca de 90% de material fotográfico da estrutura local destas mídias. Assim, através dos websites, alcançamos o conteúdo da grade de programação, bem como do noticiário local.

A construção do mapa na ferramenta Google MY MAPS (2020) nos orienta quanto à localização destas mídias locais, produzindo um banco inicial de dados sobre as mídias na fronteira TEX- MEX. O acesso a estas mídias por meio das ferramentas de aplicação possibilitou o acesso remoto às mídias locais e seus conteúdos e também à imagens internas das estruturas físicas dos prédios de grande parte das emissoras pesquisadas. Este acesso ocorre por meio do click sobre os símbolos de cada mídia local das camadas, aparecendo em seguida as informações sobre a mídia e um link de acesso à aplicação Google MAPS (2020). A relevância do acesso à este material informativo, pode-se afirmar que se encontra justamente na acessibilidade aos produtores destas mídias locais. Infelizmente, não foi possível o acesso físico às estruturas destas mídias locais na fronteira TEX-MEX. No entanto, destaca-se que a reunião das informações coletadas sugere justamente um caminho para pesquisas posteriores.

Na análise das mídias na fronteira Estados Unidos – México, observou-se dois idiomas prevalentes nos veículos comunicacionais, sendo eles o inglês e o espanhol. Nas mídias mexicanas, pôde-se observar, por vezes notas ou palavras em inglês, mas não localizamos mídias em diferentes idiomas. Já entre os veículos de mídias localizados em território estado-unidense, destacam-se mídias que veiculam seus conteúdos no idioma espanhol. Este fato somente é possível devido às leis norte-americanas, que não restringem a criação de mídias estrangeiras em território nacional ou a veiculação de conteúdo midiático em diferentes idiomas. Percebe-se até em outras regiões mídias locais que veiculam noticiários em português para as comunidades brasileiras, como ocorre no estado de Massachusetts, próximo à fronteira com o Canadá. Nas áreas da fronteira do lado estado- unidense observadas neste estudo se sobressaem as mídias com seus conteúdos em espanhol.

Percebe-se a notícia nas mídias locais da fronteira TEX-MEX como um grande observatório da fronteira em situações de debate sobre o tema migrações. A migração latino-americana aos Estados Unidos ocupa as páginas dos jornais locais quase que diariamente. O noticiário varia entre a exposição fotográfica de abrigos para pessoas que atravessam a fronteira a pé, à discussões sobre as leis norte americanas e mexicanas. Observa-se presente nestas mídias a abordagem da patrulha de borda estado-unidense junto aos migrantes no momento em que estes concluem a travessia do México para os Estados Unidos, e o tratamento recebido em locais de detenção. A mídia noticia ainda pressões da polícia mexicana para evitar a travessia de pessoas.

No entanto há questões que nos chamam a atenção, quanto à expressividade cultural destas mídias locais. O noticiário local se divide, nele não estão presentes apenas as situações factuais que ocorrem nas fronteiras, mas há ali uma intervenção de situações presentes nestas comunidades locais. Uma delas ocorre na expressividade da língua herdada através de gerações. Conforme as comunidades locais da fronteira TEX-MEX possuem um contexto de hibridação cultural (GARCÍA CANCLINI, 2006), a presença das comunidades mexicanas nos Estados Unidos demanda um conjunto de informações dentro de suas próprias raízes. Há as comunidades que não se ocupam em aprender o idioma inglês.

Conforme apontam Romo e Marquez (2010) a presença das identidades em transformação nas regiões dos municípios pesquisados nos leva a compreensão de que há ainda as comunidades bilíngues. Estas possuem também necessidade em acessar as mídias locais e por elas serem representadas, não somente através dos noticiários, o que entende-se que não aconteça majoritariamente, mas em uma perspectiva de nuances, por vezes. Percebemos estes grupos sociais quando ligamos o rádio e ouvimos a reprodução da cultura rural através da música, os conjuntos musicais constituem expressiva presença na grade de programação destas emissoras locais fronteiriças. Isto pode ser observado em um ambiente de mídia de uma região de fronteira industrializada.

O estado do Texas ocorre como uma sub-região da porção Sul, legitimada como uma parte do país onde predominam estados rurais, com o idioma inglês também legitimado como aquele que possui um sotaque ruralizado. Esta expressividade cultural pode ser notada na mídia local no que tange à presença da música *country* estado-unidense e ainda da representação das comunidades mexicanas através da música mexicana de influência espanhola. Esta pesquisa não encontrou a presença de representatividade de múltiplos grupos étnicos, tanto de povos indígenas latino

americanos quanto de povos indígenas estado - unidenses nas mídias locais, nem na música e nem nos noticiários.

Há ainda a presença das emissoras religiosas da fronteira TEX- MEX. Emissoras católicas, como a rádio Guadalupe, pertencente à Arquidiocese de San Antonio, são apenas parte de um conjunto de mídia que inclui ainda TV e website. Estas mídias configuram a herança do processo de colonização jesuítica nesta região. A rádio Guadalupe opera outras 37 estações de rádio no estado do Texas, que podem ser alcançadas através do acesso *On – line*. As rádios evangélicas podem ser percebidas nos dois lados da fronteira. Foram encontradas estações evangélicas ligadas a grupos sociais tais quais os das matrizes afro descendentes para os Estados Unidos, ligadas à doutrinas pentecostais e neopentecostais, bem como estações evangélicas relacionadas às comunidades latinas do lado mexicano. Todas as emissoras puderam ser acessadas via internet.

IV.2. A MÍDIA DE REFERÊNCIA E SUA AÇÃO SOBRE OS ESPAÇOS LOCAIS – INTERNACIONAIS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEXAS – MÉXICO (TAUMALIPAS, NUEVO LEÓN E COAHUILA)

Estudos de Silveira (2017) sobre mídia de referência e fronteiras internacionais problematizam o uso destes espaços e o sentido que se tem dado a eles, quando remetem às pautas dos acontecimentos ocorridos nos espaços locais, do convívio cotidiano. Aponta (ZAMIN, 2014, p. 938) que o jornalismo de referência constitui um conjunto de empresas jornalísticas de atuação internacional que tem como características tradição, credibilidade, seriedade, hierarquia da informação, satisfação estilística, apelo cosmopolita e caminha pelas ciências políticas e econômicas, possuindo leitores competentes em todo o mundo que se utilizam de saberes complexos.

A imprensa de referência, de acordo a abordagem positivista de Merrill (1968), mantém relações com o espaço local, em parte para aproximar acontecimentos políticos e econômicos dos culturais e sociais, contribuindo para a significação social. Assim, para Zamin (2014) cada empresa jornalística intervém na configuração de seu próprio modelo de jornalismo, segundo as condições materiais de que dispõe, os investimentos que realiza, e também conforme os papéis políticos que desempenha. Estes possuem ainda investimentos em tecnologia e em especialização, não apenas dos conteúdos, mas das audiências que selecionam leitores reunindo maior interesse público (ZAMIN, 2014 p. 933).

É indubitável que as estruturas de poder midiáticas tenham suas ações voltadas ao seus próprios interesses, conectados à poderes políticos e econômicos. O próprio processo da organização das culturas se encontra atrelado à dimensão econômica das nações, isto nos remete tanto ao poder simbólico, na abordagem de Bourdieu (1998), quanto na estrutura das pressões externas e internas das quais afirma Zartman (2010) ocorrerem nos espaços de fronteira. É por isso que quando abordamos a temática das fronteiras internacionais, nos confrontamos com uma perspectiva padrão dos acontecimentos, ou seja, o enquadramento organizado conforme orientações de ordens política e econômica.

Ao observar o comportamento das mídias locais na fronteira Estados Unidos- México, percebemos que há a proliferação das mídias locais que cobrem uma diversidade de identidades também locais. No espaço fronteiro do lado estado- unidense há mídias que se ocupam em noticiar assuntos religiosos, há ainda mídias que ocorrem relacionadas às grupos afro-descendentes, bem como àquelas que refletem as comunidades de descendência anglo-saxônica e por isso expressam a cultura dentro da música e entretenimento identificando-se com esta matriz cultural. Ainda nota-se naquele espaço a presença expressiva de veículos de mídia locais que transmitem a sua programação e noticiários locais no idioma espanhol. Estas correspondem às mídias que noticiam acontecimentos relacionados a fatos ocorrentes no Estado do Texas, mas as notícias são direcionadas a um público alvo pertencente às identidades culturais de raízes mexicanas, mas que vivem nos Estados Unidos. Observou-se que a grande mídia mexicana possui centrais locais na fronteira do lado estado - unidense, localizada no município de San Antônio, Texas. Compreende-se que isso se deve ao fato de que 60% da população que vive em San Antônio corresponda ao grupo identitário daqueles que são mexicanos, ou naturalizados nos Estados Unidos, ou ainda descendentes de mexicanos nascidos nos Estados Unidos.

Na parte mexicana da fronteira Estados Unidos – México, notamos a presença de emissoras locais, com seus escritórios centrais localizados na região de San Antonio - Texas, o que identifica que mídias locais mexicanas investem seus recursos do outro lado da fronteira. Algumas mídias mexicanas americanizadas, reproduzem a cultura anglo – saxã por meio da música, por ser este um efeito da globalização. No noticiário mexicano percebemos a recorrência da abordagem sobre acontecimentos ligados ao fluxo migratório. Esta mídia se ocupa muitas vezes em noticiar mais os movimentos migratórios os migrantes em situação de trânsito, do que a violência na fronteira.

A mídia boliviana na fronteira Brasil- Bolívia, embora se expresse em menor número, se ocupa em comunicar acontecimentos relacionados ao contexto religioso, pois são operadas pelas Igrejas Católicas locais, estas mídias também correspondem a heranças do período da colonização jesuítica. Elas transmitem em suas produções, tanto radiofônicas quanto televisivas, notícias relacionadas ao cotidiano local das situações recorrentes nos municípios fronteiriços. No entanto se ocupa em noticiar a região como um espaço fronteiriço, embora não veicule notícias relacionadas à fronteira com frequência. Esta mídia, corresponde a uma mídia autônoma em que a grande maioria de seus jornalistas possuem formação acadêmica para o exercício de suas atividades, mas precisam comprar horas para divulgar conteúdo jornalístico pelo menos em 3 emissoras de rádio e TV. O inverso ocorre na região da fronteira do lado brasileiro em que as mídias tem quase que em sua totalidade profissionais que trabalham somente por experiência prática, sem qualquer formação acadêmica na área de Comunicação. Na fronteira TEX- MEX não foi possível acessar os espaços físicos das mídias locais, por isso a dificuldade em conhecer as formações dos profissionais que atuam em âmbito local e ainda apresentar mais dados para esta análise. No entanto, ao observarmos os mapas das mídias locais e acessarmos as imagens das estruturas físicas das emissoras locais, observamos um ambiente simples em sua estrutura física. Observamos emissoras que se mostram como veículos de comunicação menores, como os independentes. Isso ocorre na maioria das vezes com as emissoras de rádio locais. Observamos expressivo número de emissoras que transmitem conteúdos religiosos pertencentes à matriz cultural protestante/ evangélica, por vezes no estado do Texas e outras nos estados mexicanos. No total, localizamos 165 veículos de comunicação nos municípios pesquisados na fronteira Estados Unidos- México. Na construção dos mapas das mídias e processo de localização pela ferramenta Google MY MAPS (2020), observou-se a ausência de cerca de 10% dos veículos de mídia encontrados na primeira busca a partir do software de aplicação Google MAPS, em 2019.

Observamos a hierarquização da mídia de referência sobre o espaço local, quando adentramos o espaço local- internacional das fronteiras Brasil- Bolívia, Mato Grosso- Santa Cruz e TEX-MEX (Taumalipas, Neuvo Leon e Coahuila). Observamos que as mídias das fronteiras, localizadas naquele que entendemos ser um espaço de pressões internas e externas, tendem a veicular, no noticiário local aquilo que diz respeito ao estado social, numa perspectiva da separação entre meios e fins. A hierarquização da mídia ocorre nesse sentido articulada à representação das

forças armadas, no combate ao narcotráfico e ainda na evocação do fluxo migratório, trazendo à tona algo que, minimizado, se torna maximizado, com o reforço destas mídias.

A dimensão local de fatos comunitários conectados às mazelas sociais, geram assim acontecimentos estruturados e de grandes proporções, alcançando uma escala global. Observamos que a mídia local segue atrelada a um contexto que evidencia a fronteira e os povos fronteiriços numa condição marcada por aquilo que configura o inverso daquilo que não seria bom para a sociedade, mas traria danos, problemas. Esta confusão de sentimentos, destaca Martín - Barbero (2001) está presente nas páginas dos jornais, bem como nos sites de notícias em ambos os espaços fronteiriços. A mídia local, autônoma se encontra mesclada em uma condição subalterna, perante a mídia de referência, bem como o sujeito fronteiriço é representado pelas mídias locais numa situação conflituosa do ser latino, pobre e incapaz. A imagem caótica do sujeito em desespero que busca na travessia das fronteiras dias melhores é apresentada na mídia como vilã, enquanto na verdade o sujeito passante será o futuro protagonista para o crescimento das economias locais e nacionais.

Compreendemos esta assertiva ao acompanharmos a evolução histórica dos países e ainda as pressões políticas sofridas pelas fronteiras nas coberturas das mídias de referência, que por sua vez aliciam as mídias locais. A timidez com a qual se encontra o trabalho das mídias locais relativas à contenção de propagação do caos social ainda não é suficientemente capaz de impedir que esta estruturação do poder simbólico atinja com força o espaço local. Há ressalvas. Quando aproximamos as duas fronteiras, podemos localizar um conjunto de mídias articuladas à poderes econômicos, no caso das grandes empresas norte americanas e mexicanas, assim como àquelas mídias na fronteira Brasil -Bolívia que são governadas por personalidades públicas em prol de campanhas políticas e benefício próprio. No entanto ao acompanharmos as atividades das mídias em suas grades de programação, observamos que estas pedem socorro, o que às leva a conectar-se de fato com as culturas locais e suas comunidades reais. E é aí onde está a virada para a descolonização destas mídias locais. Não se vê um latino rico nos noticiários das mídias locais da fronteira TEX-MEX, mas se vê a riqueza e a beleza das culturas locais e suas relações. Elas estão representadas em menor escala, mas estão aí, e se sobressaem na culinária, na moda, na música e nas atividades festivas contidas na diversidade cultural.

CAPÍTULO V

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIOMIDIÁTICAS
EM NOTÍCIAS DE/ SOBRE
BRASIL -BOLÍVIA E
ESTADOS UNIDOS- MÉXICO**

Apresentamos neste capítulo alguns aspectos que julgamos se adequarem a uma aproximação entre as fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos -México, com o intuito de realizarmos a observação da cobertura noticiosa e das mídias locais envoltas no contexto social destas fronteiras. Para esta aproximação utilizamos a menção de Oliveira (2015), Costa; Alves (2014), Spivak (2010) e Foucault (2013), no Tópico V.1, intitulado “Aproximação entre as fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México”; seguido pelo tópico V.2, em que passo à abordagem do “eco das vozes fronteiriças Mato Grosso – Santa Cruz e Tex- Mex por mídias locais”. A partir deste tópico são abordadas características sociais das duas fronteiras culturais, conforme minha análise como autora, bem como a presença da mídia local através da sua representação das comunidades locais ligadas às camadas identitárias reconhecidas nesta pesquisa. O tópico V.3 analisa as “Representações sociomidiáticas das Fronteiras Brasil – Bolívia e Estados Unidos- México como espaços de perigo e violência”. Para esta análise, nos apoiamos na teoria das representações sociais de Moscovici (2011), discutindo em textos de veículos de mídias *on line*, as noções de *themata*, ancoragem e objetivação presentes no enquadramento de textos de coberturas jornalísticas referentes às fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México. No tópico V.4, intitulado “ Dos aspectos sócio- culturais e das representações”, realizo um breve comentário sobre o eco da voz produtivista sobre o espaço local em abas as fronteiras e ainda trago uma síntese sobre aspectos sócio- culturais que julgo pertencerem aos espaços fronteiriços deste estudo, utilizando a classificação de Oliveira (2015), sobre as fronteiras e suas formas de integração.

V. 1. APROXIMAÇÃO ENTRE AS FRONTEIRAS BRASIL- BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS- MÉXICO

A partir da leitura da construção do espaço local- internacional Brasil – Bolívia e Estados Unidos – México, pôde-se extrair aspectos de aproximação das realidades destes dois espaços fronteiriços, que embora distintos culturalmente, possuem similaridades em suas construções socio – midiáticas. O Quadro 7 representa uma síntese destes aspectos, para a reflexão de suas similaridades, no sentido aproximativo:

Quadro 7. Quadro sintético dos elementos de aproximações sobre a realidade comunicacional midiática nas fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México:

Arco Central -Fronteira Brasil-Bolívia	Fronteira Tex- Mex -Estados Unidos- México
América do Sul	América do Norte
Debilidade dos meios comunicacionais	Opulência dos meios comunicacionais
Menor densidade populacional nos municípios fronteiriços e cidades referência da fronteira	Maior densidade populacional nos municípios fronteiriços e cidades referência da fronteira
Ambiente Agrícola com presença de reservas ambientais	Ambiente Industrial
Ausência de cidades gêmeas	Presença de cidades gêmeas
Pluralidade de grupos identitários por hereditariedade	Fusão Cultural historicamente estabelecida
Projeto Colonial Portugal/ Espanha	Projeto colonial Inglaterra/ Espanha
Matriz religiosa dominante Católica Romana	Matriz religiosa dominante Católica Romana
Presença de marcas culturais da utopia jesuítica no espaço local	Presença de marcas culturais da utopia jesuítica no espaço local
Demarcação do território por acordo diplomático	Litígios de demarcação do território
Legislação das faixas de fronteira nacionais 150km e 50 km, respectivamente	Legislação das faixas de fronteiras nacionais 100 km
Representação midiática com aproximação do espaço local e distanciamento do espaço fronteiriço	Representação midiática com aproximação do espaço local e aproximação do espaço fronteiriço

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

Na análise do **Quadro 7** apontamos as aproximações entre os espaços fronteiriços Brasil-Bolívia e Estados Unidos- México. O fazemos por meio de um traçado político- identitário e geográfico, que nos orienta a pontuarmos aspectos que consideramos relevantes serem mencionados nesta tese, tendo em vista similaridades apresentadas nestes dois espaços fronteiriços. A partir dos aspectos de territorialidade do espaço físico temos as fronteiras incluídas em dois grupos de aspectos distintos. São eles, para fronteira Brasil- Bolívia: sua menor densidade populacional, sua posição física no espaço geográfico, fronteira da América do Sul, ambiente agrícola, com a presença de reservas ambientais e ausente de cidades gêmeas, presença de diferentes grupos identitários, como as etnias indígenas e sobressalentes das comunidades remascentes dos quilombos e a largura da fronteira física, que ocorre para o Brasil em uma faixa de 150 quilômetros, e para a Bolívia numa faixa de 50 quilômetros. Estas, são distinções que

quando aproximamos as fronteiras, vão se sobressair à uma mais expressiva densidade populacional encontrada na fronteira da América do Norte, Estados Unidos – México. Ali se observa a presença das cidades gêmeas, sendo esta uma fronteira industrializada marcada por litígios de demarcação de terras, diferentes dos acordos diplomáticos ocorridos entre Brasil-Bolívia, tendo a faixa de fronteira Estados Unidos- México em ambos os lados uma largura de 100 quilômetros. A partir da observação dos projetos coloniais dos dois espaços fronteiriços, notamos que as suas similaridades ocorrem através das marcas culturais das missões jesuíticas. Estas se evidenciam tanto no espaço fronteiriço Brasil- Bolívia, quanto no espaço fronteiriço Estados Unidos-México. Neste espaço utópico (FOUCAULT, 2013), compreendemos a construção destas fronteiras dentro de uma política realizada para a proteção dos impérios colonizadores, em que utiliza a utopia missioneira, como se a Igreja viesse para salvar a pátria dos aqui viviam. O Sagrado é a bandeira que vem para construir um espaço utopicamente harmonioso. O imaginário indígena é então percebido como tudo aquilo que é profano e que precisa se ajustar. A utopia está na lógica implantada na fronteira de que ali é um lugar harmonioso, porque a Igreja demarca aquele imaginário social.

A construção do espaço de fronteira também tem relação com as paisagens rurais, bucólicas e turísticas. Mas são utópicas, porque não são representadas de forma harmoniosa, mas as paisagens figuram a construção de um ambiente artificial. Por isso, por que estão localizadas em uma zona de fronteira, se tornam ou invisíveis, ou objeto da dinâmica construída pela mídia de um lugar ou de perigo ou próximo a ele. Neste sentido os municípios fronteiriços são afetados pela condição de estarem localizados em uma região de fronteira. O impacto que recebe Nuevo Laredo/ Laredo e San Mathias/Cáceres, por exemplo, é de regiões altamente perigosas, povoadas por narcotraficantes, e tanto o Rio Grande quanto o Pantanal, se tornam regiões onde o narcotráfico se sobressai à lógica da natureza. Notamos a representação midiática na cobertura local de Brasil – Bolívia com aproximação do espaço local e certo distanciamento do espaço fronteiriço. Para Estados Unidos -México observamos a representação midiática com certa aproximação do espaço local e aproximação do espaço fronteiriço, que no entanto se encontra descaracterizada pela cobertura global.

Quadro 8: Hierarquização das mídias locais no espaço fronteiriço

Mídia Local pertencente à mídia de referência	Pertencente aos grupos de mídia de referência	Somente notícia pautas direcionadas e antes revisadas pelas centrais das mídias de referência
Mídia Local epistemologicamente colonizada	Para estas, tanto o espaço fronteiriço, quanto as populações que vivem na fronteira são violentos	Utiliza as pautas e notícias das mídias de referência como pautas primárias, ou reproduz reportagens publicadas pelas mídias de referência
Mídia Local utópica	Ausente do espaço fronteiriço	Não se refere ao espaço fronteiriço em suas publicações
Mídia Local independente	Desconectada da mídia de referência, se ocupa mais em noticiar o cotidiano do espaço local fronteiriço e comunidades locais	Notícia expressões culturais da fronteira e se refere à fronteira e aos fronteiriços em suas pautas

Elaboração da autora (2021)

Quando observamos a mídia local nas fronteiras Brasil-Bolívia e Estados Unidos- México, representada no **Quadro 8** podemos perceber quatro tipos de mídias atuantes: uma delas é a mídia local pertencente a um grupo de mídia maior, o da mídia de referência, que pauta os acontecimentos relativos à região das fronteiras internacionais. A outra mídia é a mídia local que possui suas perspectivas atreladas ao contexto da mídia global. Esta mídia local, embora pertença a empresários locais, numa lógica da instantaneidade e do imediatismo, se atrela aos acontecimentos pautados pela mídia de referência, hegemônica e os toma como dominantes naquele espaço de fronteira, eliminando qualquer outro sentido que se dê àquela região, em seus aspectos cotidianos e culturais. Para esta mídia o cotidiano é violento e este é um lugar fadado a intempéries, portanto o fronteiriço é sujeito dentro deste universo, porque vive ali.

As mídias locais fronteiriças se apropriam dos fatos noticiosos relacionados à violência no contexto cotidiano da fronteira e se fazem sentir parte daquele contexto, carregando em si uma responsabilidade de mostrar o que acontece no espaço fronteiriço e encrustando todos os acontecimentos como verdades de males sociais que somente ali ocorrem. O terceiro tipo de mídia notado nas regiões destas fronteiras internacionais é aquela mídia local que não se atém ao espaço fronteiriço, mas representa identidades locais e acontecimentos locais que correspondem a situações do contexto político social local. No entanto esta mídia não se ocupa em relacionar o

espaço local à fronteira, já que esta está marcada por uma perspectiva da violência. Esta mídia reconhece as identidades culturais locais e se aproxima a elas, mas jamais às relacionará com a questão da vida na fronteira dos países. Então a ação desta mídia é utópica, porque ela mesma não se vê dentro do espaço fronteiriço.

A quarta mídia, se trata de uma mídia independente de relações com as mídias de referência, esta, mesmo que ainda apareça minimamente, se esforça para identificar as populações que vivem no espaço fronteiriço e pauta notícias conforme as relações culturais observadas no espaço fronteiriço. Estas mídias locais geralmente correspondem a mídias que também possuem um único proprietário ou, operam em sociedade entre membros das comunidades locais.

Contudo esta análise observou que as emissoras que se esforçam em noticiar o espaço local fronteiriço enquanto espaço de vivências, constituem número bastante reduzido e por vezes desprovidas de recursos econômicos para a manutenção de seus equipamentos. A menção do outro não foi percebida no decorrer desta pesquisa, na maioria das mídias locais, a não ser que esta estivesse atrelada ao então contexto da fronteira enquanto espaço de fluxo.

V. 2. O ECO DAS VOZES FRONTEIRIÇAS MATO GROSSO – SANTA CRUZ E TEX-MEX POR MÍDIAS

Observando a presença das camadas identitárias locais, notamos três vozes evidentes circulantes com mais força no cotidiano fronteiriço Brasil-Bolívia.

Figura 10: Vozes da fronteira Brasil-Bolívia:



Fonte: Elaboração da autora (2019) com base em Silveira (2007)

A **Figura 10** representa a aplicação das vozes, numa adaptação da proposta de Silveira (2007) desenvolvida para a fronteira sul-riograndense. No imaginário social do cotidiano fronteiriço Brasil-Bolívia ecoam a voz missioneira, a voz comunitária e a voz produtivista. A voz missioneira se trata daquela que ecoa do território fronteiriço em sua base. Tem como atores sociais os povos chiquitanos ou remanescentes dos chiquitanos que habitam toda a fronteira dos dois lados, o brasileiro e o boliviano. A voz chiquitana prevalece por meio daqueles que com o passar destes duzentos anos após a criação dos municípios fronteiriços, continuam ali. São os povos colonizados, como os descendentes daqueles que ali chegaram montados em seus cavalos e mulas e fincaram suas raízes, se deram em casamento e ampliaram seu território. Esta voz é a voz de uma minoria desterritorializada, difusa, das populações que povoam o espaço fronteiriço, etnia esta que é representada pelos povos chiquitanos, em seu fenótipo, como remanescentes de um processo colonizatório do trabalho nas reduções jesuíticas e também daqueles que foram escravizados, forçados ao trabalho nas minas em Cuiabá, em Vila Bela da Santíssima Trindade, e é também a voz da etnias indígenas remanescentes e de seus casamentos, de suas miscigenações, é a voz do chiquibola, do Bugre cacerence, chiquitano urbanizado. Esta voz ecoa mais forte do Oriente boliviano, legitimada desde os idos da década de 1980, onde o Chiquitano agora é reconhecido pela legislação como patrimônio da humanidade.

Em segundo plano, está a voz comunitária, daqueles que se mobilizam pelas causas sociais, em benefício da preservação dos recursos naturais locais para o seu auto sustento nas comunidades em que vivem. Esta voz ecoa dos assentamentos rurais de Reforma Agrária, das comunidades indígenas organizadas em grupos de ativistas sociais que reclamam seus direitos territoriais por usufruto de suas terras tradicionalmente ocupadas, adquiridas através de recursos provenientes das políticas públicas do Estado ou ainda cedidas por meio de concessão. É a voz da Pastoral da Terra, do MST. A voz comunitária não possui a força de uma voz circulante, mas a sua presença se dá por meio de flashes ora mais brilhantes outrora menos vibrantes, presentes nas praças públicas, nas feiras dominicais, no aspecto do trabalhador rural bucólico, daquele que vende o seu pescado no comércio comunitário local. Esta identidade é aquela que interage à identidade missioneira, pela limitação de seus recursos materiais e pela valorização de seus recursos culturais, o sujeito bucólico é representado assim, na arte, nas instituições públicas estudantis, se refletindo na maioria minoritária da população fronteiriça em suas complexidades.

A voz produtivista tenta se sobressair como uma voz de autoridade, territorializada e industrial, que atua de maneira circulante, ecoa das terras onde se planta a soja, do pantaneiro pecuarista da agroindústria regional, das propostas de desenvolvimento das estradas rurais no tocante à posse da fronteira, do turismo do Pantanal com suas fazendas turísticas das paisagens rurais do Pantanal cacerence. A voz produtivista circula do Chaco ao Pantanal, no Alto Paraguai e em toda a Amazônia Legal. A voz daquele que derruba as árvores em prol da Agricultura e do comércio da madeira, inclusa na doutrina que considera a produção máxima o fim único da evolução social. O pantaneiro pecuarista jamais perfilará o sujeito bucólico ou o regional, mas remete ao sujeito globalizado, que se comporá através de uma voz de posse e pertencimento forjada dentro do produtivismo econômico e na conexão das relações comerciais entre os países, das relações formais, da identidade legitimada que reclama pela posse das terras de fronteira.

O pecuarista, o plantador de soja, o desmatador, a agroindústria da cana-de-açúcar, as PCHs, (Pequenas Centrais Hidrelétricas), e a mineração se incluem nesta voz, assim como a voz política do Estado, da criação da ZPE (Zona Portuária de Exportação). A voz produtivista circula desde o Alto Paraguai em Cáceres, através do pantaneiro criador de gado até o Pantanal em San Mathias; do plantador de soja em Tangará da Serra, que deseja escoar seus grãos pela região da fronteira, e produz no Estado a pressão, pela perspectiva da pavimentação das estradas; do produtor rural e pecuarista lacerdense, transfronteiriço que compra e vende seus insumos agrícolas e produtos atrelados ao sistema de modernização agrícola, do lado boliviano da fronteira. Esta voz circula entre as fazendas de gado e soja da fronteira e o comércio local em San Ignacio de Velasco.

As vozes missioneira e comunitária tem sua representação na mídia local, como aquela voz que ecoa da fronteira, inserida num ambiente onde o que resta é a criminalidade.

Figura 11: Site de notícias Ripa nos Malandros



Fonte: RIPANOSMALANDROS.COM.BR (2019)

A representação da voz fronteiriça missioneira pode ser observada na **Figura 11** no enunciado do site de notícias Ripa nos Malandros, que se configura como um dos web sites com maior número de acessos da região da fronteira Brasil-Bolívia, totalizando 20 mil acessos diários. A principal fonte da redação de seus textos são boletins de ocorrências policiais do município de Cáceres. Seu slogan principal “FOFANDO O PÊLO DA BUGRADA”, bem como a linguagem utilizada na redação das notícias remete a uma apelação onde o trágico se faz cômico, sendo assim amplamente popularizado. A identificação do sujeito criminal com o sujeito bugre procura nomear, dentro da comunidade fronteiriça o praticante de tais atos ilegais, aquele que representa a grande maioria da população fronteiriça. O Bugre, sujeito identificado como aquele sujeito multicultural, que não possui etnia definida, ou não se reconhece ou não é reconhecido por uma etnia, no texto se faz presente e é então identificado como o sujeito criminal, pertencente à comunidade cacerence, o sujeito fronteiriço. A ideia do texto do slogan pode ser entendida como “surrando muito a bugrada” ou “espancando a bugrada”, o “fofar o pêlo” vem a ser então algo que desqualifica o sujeito fronteiriço, como aquele que precisa tomar uma surra. O slogan vem acompanhado da figura de dois personagens do desenho animado norte americano da dupla Hanna Barbera, “A família Buscapé”, com suas armas em punho, o que representa, como o próprio desenho animado propõe, realizar a segurança deste “lar” dentro do imaginário social. Esta imagem idealizada pelo texto do enunciado redesenha o imaginário de um povo, apontando-o dentro de uma perspectiva, que é a da violência, da criminalidade.

Na fronteira Estados Unidos-México, observamos uma dinâmica similar, porém distante. O ambiente urbanizado, o contexto das migrações e a fusão cultural se sobressaem em grande intensidade. Estas são as relações funcionais da fronteira, que transbordam e formam identidades. Estas por sua vez possuem constantes relações de mudança e transformação.

A **Figura 12** atenta para as vozes que ecoam sobre o espaço fronteiriço Estados Unidos-México.

Figura 12: Vozes da fronteira Estados Unidos- México:



Fonte: Elaboração da autora (2019) a partir de Silveira (2007)

Na fronteira Estados Unidos – México podemos perceber, através da Figura 12 que a voz produtivista ecoa em um espaço maior. Esta é a voz das múltiplas integrações formais e/ou comerciais que há na relação entre os dois países. Percebida como a voz dos industriais, esta pode ser observada e refletida no mercado turístico de San Antonio, que se apropria da cultura alimentícia TEX-MEX, e ao expandi-la, gerencia negócios bilionários. O processo de transfronteirização das inúmeras empresas transnacionais, iniciado no século passado, representa as bases da produção fronteiriça, o início daquilo que transformou San Antonio na 34ª maior economia dos Estados Unidos, com uma população de 1.6 milhões de habitantes em que 60% destes constituem mexicanos nascidos nos Estados Unidos ou mexicanos migrantes atuais, que compõem a mão- de-obra base da economia da região TEX-MEX, cultura expressiva no país. Esta voz também ecoa do município de Monterrey, estado de Nuevo León, México, onde foram instaladas as Maquilas e o *American style business culture*, que contribuíram para que esta se tornasse uma das cidades mais atrativas para negócios da América.

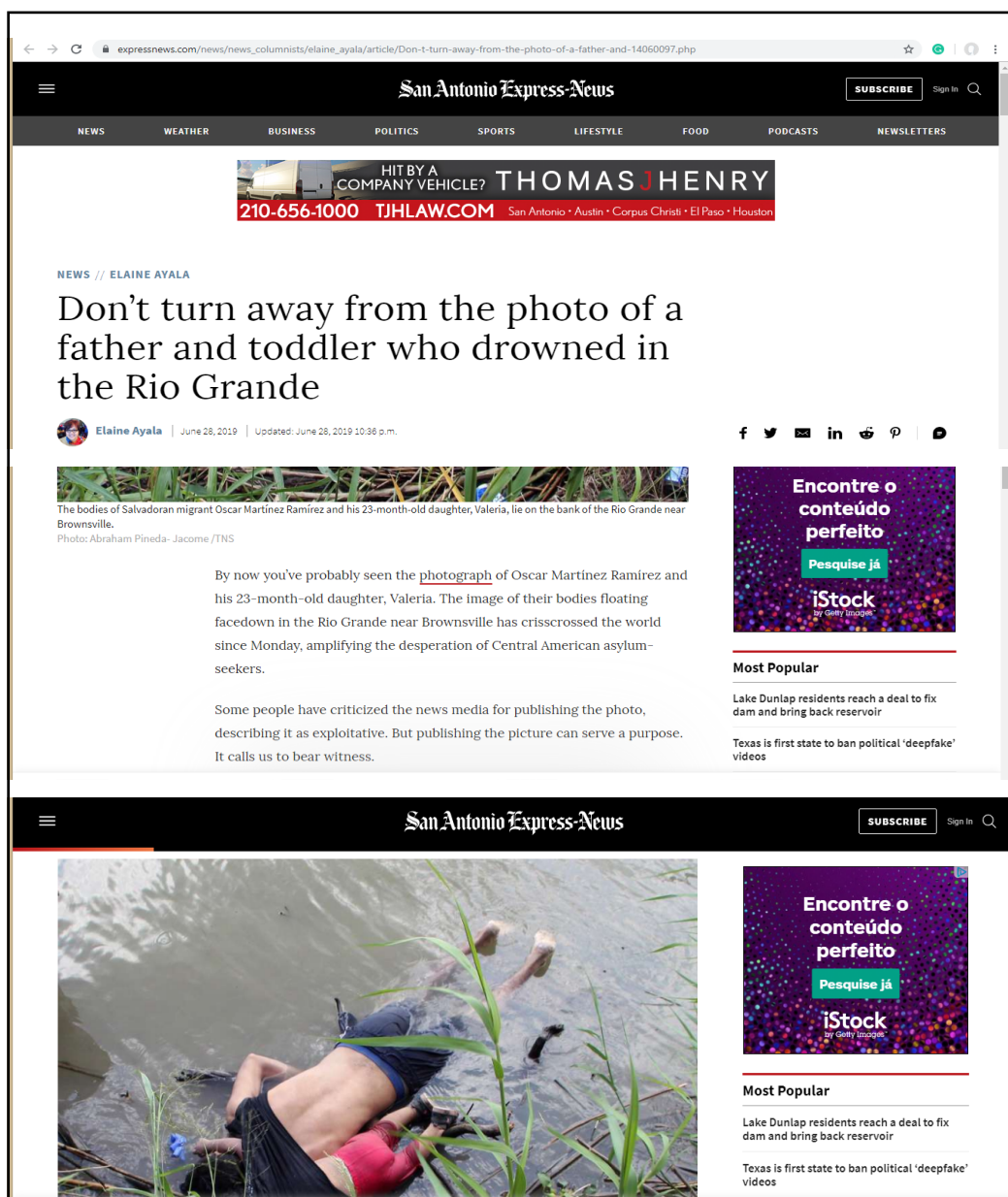
O consumo é percebido com uma característica identitária que padroniza o vestuário country da fronteira TEX- MEX, com a presença do jeans, das botas, dos chapéus e das camisas em xadrez, além do churrasco e da comida mexicana em geral, se aliando a franquias de *fast Food* e à moda texana. A rede hoteleira e o transporte executivo se intercalam entre três fortes redes de clientes: os executivos e conferencistas que realizam suas convenções e negócios na fronteira TEX-MEX, os turistas que visitam a rota das missões jesuíticas e franciscanas na cidade de San Antonio e os compradores de mercadorias vendidas nas inúmeras redes de *outlets* presentes, especialmente no município de San Marcos. O fluxo turístico e de negócios considera pessoas das matrizes culturais europeia- americana, afro- americana, latino-americana e indiana – americana, majoritariamente. Esta voz circula entre os municípios fronteiriços e permeia toda a fronteira Estados Unidos – México, se destacando a província cultural TEX-MEX, a partir de suas peculiaridades econômicas e culturais.

Interpondo a voz produtivista, está a voz missioneira, que ocupa um espaço quase tão grande quanto o da voz produtivista, contudo ecoa com menor força. A voz missioneira corresponde às identidades sociais da fronteira Estados Unidos-México em sua população majoritária. A população fronteiriça corresponde aos mexicanos e mexicanos-americanos em suas relações culturais as quais são complexas, porque se movimentam e se transformam a todo momento, criando uma fusão com populações europeias e ainda com matrizes culturais que perfilam pessoas descendentes de migrantes das diversas regiões da América Latina. O reflexo desta voz está na cultura cotidiana, na música e nas festas mexicanas e latinas, nos eventos culturais, nas escolas e nas marcas culturais deixadas pela utopia das reduções jesuíticas, realizada com a implantação do catolicismo naquela região. Esta voz aparece viva culturalmente, porém menos intensa socialmente, dando lugar e força à voz produtivista que molda identidades culturais na língua de origem anglo-saxã, colonizadora, e legitimada para o estado do Texas, território atual dos Estados Unidos.

A voz comunitária se evidencia na expressão das relações entre a cultura TEX-MEX e as identidades que habitam aquele território. Esta voz ecoa num espaço menor, mas se faz ali presente. O engajamento social sugere uma voz que encontra as tradições mexicanas num ambiente legitimado pela matriz cultural anglo-saxã. As festas populares e a culinária mexicana concretizam as bases de uma cultura de perfil comunitário onde se encontram as inúmeras identidades sociais presentes naquele espaço geográfico territorial, unido pelas suas atividades culturais. Ali se

estabelece a voz do comum, que ressalta uma intensidade minoritária, porque reflete na condição latino-americana, sobreposta pelo oficialismo da nacionalidade, do contexto de cidadania americana. Esta voz ecoa das populações mexicanas que possuem residências em San Antonio, ou das famílias americanas-mexicanas com suas casas de veraneio em Nuevo Laredo e Monterrey. Ecoa dos binacionais. A nacionalidade americana importa, mas as raízes mexicanas tem seu peso maior neste universo desigual combinado.

Figura 13: A representação da voz missioneira na mídia da fronteira TEX- MEX:



Fonte: SANANTONIOEXPRESSNEWS.COM (2019)

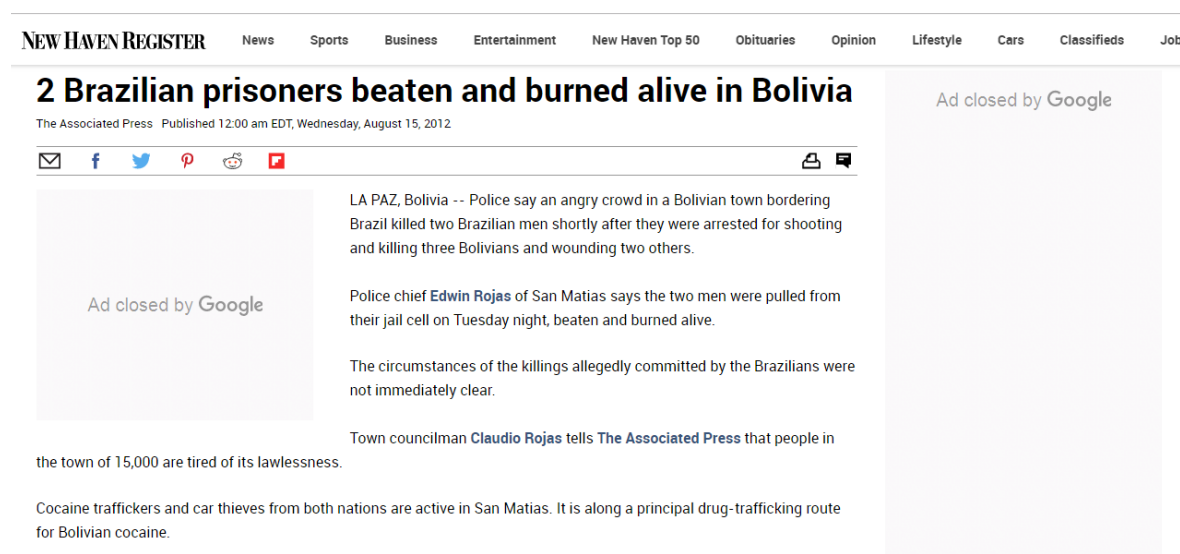
A **figura 13** exemplifica a representação da voz missioneira na fronteira Estados Unidos-México. Os elementos desta notícia se destacam pela imagem fotográfica de um adulto e uma criança encontrados às margens do Rio Grande, próximo à cidade de Brownsville, Texas, na região da fronteira TEX-MEX. A fotografia, que circulou o mundo apresenta pessoas latino americanas, em situação de subalternidade. A notícia confirma que estas pessoas eram Oscar Martinez e sua filha Valéria, Salvadorenhos, que tentavam atravessar a fronteira através do Rio Grande. Esta constitui uma ilustração daquilo que entendemos como a condição mítico mágica do latino americano, que constitui na normalidade vivida a partir de situações de caos. A condição do estereótipo latino americano é então apresentada em uma posição de estigmatização do espaço fronteiriço como um espaço violento onde o que resta é a criminalidade, e mais ainda, um lugar de onde emanam perigos diversos; ou seja a criminalidade não mais passa por ali, mas aquele local já se configura como um espaço de perigos. É preciso notar que a fronteira não ocorre somente por meio das situações conflituosas que são demonstradas a partir das coberturas midiáticas. A fronteira ocorre onde se reconhece, ao invés da separação entre meios e fins e do caos social de um movimento migratório, a conexão destas culturas e sobretudo que fim levou e levará estas comunidades que atravessam as fronteiras e se transformam em cidadãos beneficiadores das comunidades receptoras, ou seja, àquelas onde estes se integrarão configurando-se parte de um contexto social como um todo. O cidadão latino americano, que se destaca pela sua subalternidade ética, se assenta na sociedade como parte da classe trabalhadora, com os seus devidos direitos e deveres civis, desde que estes sejam oportunizados. Assim, a representação da voz missioneira neste texto, se vê fortemente associada à uma questão que evidencia a articulação de poderes políticos, e assim também é anunciada pela mídia local, inserida num contexto de hierarquização midiática.

V. 3. ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOMIDIÁTICAS: AS FRONTEIRAS BRASIL – BOLÍVIA E ESTADOS UNIDOS- MÉXICO COMO ESPAÇO DE PERIGO E VIOLÊNCIA

Apresento a seguir seis notícias publicadas por web sites de notícias do Brasil e dos Estados Unidos, coletadas e organizadas, entre o ano de 2017 e 2019, em que busco reconhecer a existência de temas que trazem a noção de violência assentadas e ainda a tentativa de exploração pelos veículos de uma nova noção. A análise busca identificar de que forma ocorre o processo de

objetivação destas representações sociais dentro da atividade jornalística, assim como a ancoragem estabelecida no discurso das mídias de referências e locais destas fronteiras. A themata indicada no noticiário desta análise corresponde à ideia central que se tem pela mídia sobre o assunto da abordagem, que é a violência na fronteira. Neste sentido a themata evidencia a violência na fronteira e a ancoragem realiza o trabalho de cravejá-la no imaginário social, onde a objetivação transforma as evidências em imagens e texto, reverberando a violência em todas as notícias apresentadas.

Figura 14: Publicação sobre a fronteira Brasil- Bolívia, da redação da agência de notícias The Associated Press, publicada pelo site de notícias New Heaven Register:



The screenshot shows the top portion of a news article on the New Haven Register website. The navigation bar includes categories like News, Sports, Business, Entertainment, and others. The main headline is "2 Brazilian prisoners beaten and burned alive in Bolivia". Below the headline, there is a sub-headline: "LA PAZ, Bolivia -- Police say an angry crowd in a Bolivian town bordering Brazil killed two Brazilian men shortly after they were arrested for shooting and killing three Bolivians and wounding two others." The article text continues with: "Police chief Edwin Rojas of San Matias says the two men were pulled from their jail cell on Tuesday night, beaten and burned alive." and "The circumstances of the killings allegedly committed by the Brazilians were not immediately clear." A quote from Town councilman Claudio Rojas is also visible: "Town councilman Claudio Rojas tells The Associated Press that people in the town of 15,000 are tired of its lawlessness." The article concludes with: "Cocaine traffickers and car thieves from both nations are active in San Matias. It is along a principal drug-trafficking route for Bolivian cocaine." There are also social media sharing icons and a "Print" icon.

Fonte: NEWHEAVENREGISTER.COM (2019)

O texto da publicação nº 1, apresentado na Figura 14, intitulado “*2 Brazilian prisoners beaten and burned alive in Bolivia*” relata o depoimento da polícia sobre uma multidão enfurecida em um município boliviano na fronteira com o Brasil que retirou da cela, espancou e queimou vivos dois homens brasileiros, pouco tempo depois de eles terem sido presos por atirar e matar três bolivianos e ferir outros dois. A themata se faz presente no texto logo em seu lead, e se expressa na evidência do acontecimento no município de San Matías, o qual se encontra no território da fronteira Brasil-Bolívia, e sua relação com o ato de violência, que se expressa na narrativa com a ação de puxar da cela, espancar e queimar vivos: “*Police Chief Edwin Rojas of San Matias says that two men were pulled from their jail cell on tuesday night, beaten and burned alive*”. (NEW HEAVEN REGISTER, 15/08/2012).

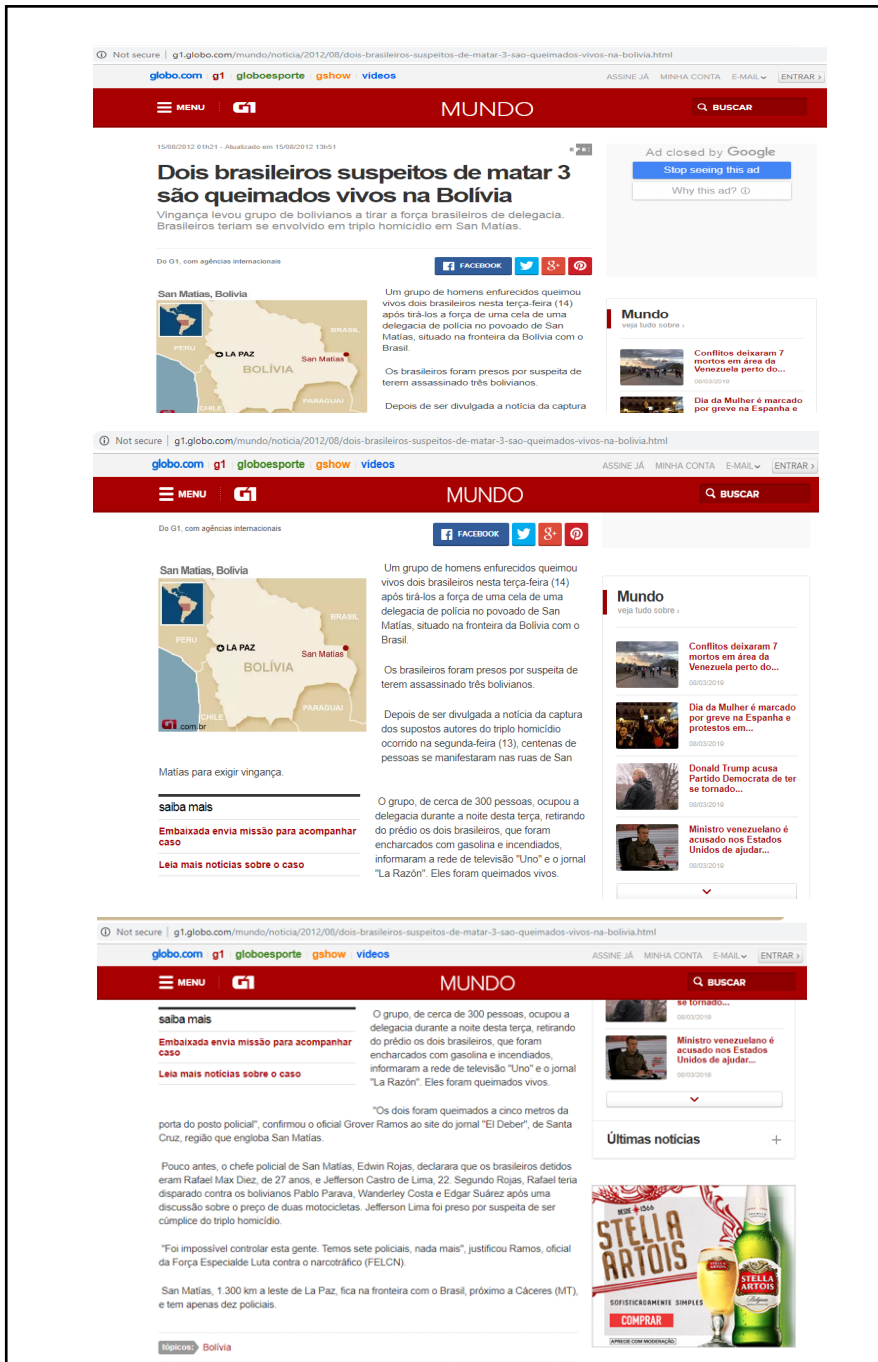
Reconhece-se as noções de ancoragem assentadas na narrativa do texto no momento em que há a referência de que o prefeito da cidade relata ser aquela uma terra sem lei, um lugar perigoso e por isso incita a violência: *“Town concilman Cláudio Rojas tells the Associated Press that people in the town of people of 15000 people are tired of its lawlessness”* (NEW HEAVEN REGISTER, 15/08/2012). A menção da figura do prefeito como entrevistado após o acontecimento, é entendida como a própria objetivação que se apresenta como sustentáculo da ancoragem do veículo e a testificação, para que esta mensagem seja então encrustada na sociedade, pois o prefeito como testemunha é um membro a sociedade. Esta afirmação é reforçada pela mídia ainda no período anterior, quando relata o texto: *“The circumstances of the killings allegedly committed by the Brazilians were not immediately clear”*. (NEW HEAVEN REGISTER, 15/08/2012). A falta de clareza ou não apuração dos fatos que causaram as mortes, é percebida no texto como uma testificação da ausência de qualquer resposta sobre atos de violência cometidos anteriormente. Por fim a declaração no texto: *“Cocaine trafickers and car thieves from both nations are active in San Matias. It is along a principal drug-trafficking route for Bolivian cocaine”* (NEW HEAVEN REGISTER, 15/08/2012), revela uma nova ancoragem, declarando ser este um lugar comum onde se encontram traficantes de drogas dos dois países e que ainda esta é a principal rota de tráfico da cocaína boliviana. Este texto apresenta uma nova ideia que *traz* uma velha perspectiva, aquela que evidencia a fronteira como o principal local do narcotráfico praticado pela Bolívia. O veículo então encrusta a ideia de culpa e pertencimento da cocaína ao país Bolívia, por ser este o país onde supostamente se cultiva a droga.

A objetivação é anunciada conforme a ancoragem se faz presente, a fronteira está no texto representada como um local de violência por causa do acontecimento, sendo então trazida à memória a lembrança de ser aquele um local de perigo, onde o narcotráfico se faz presente. A notícia é relativa a populares do município. Pessoas que vivem na cidade e convivem em seu cotidiano. Observa-se então, que estas pessoas são tomadas como criminosas por terem sido forçadas a cometer um crime em face à falta de segurança no município. Esta característica se faz presente no texto a partir do desabafo do prefeito: *“people in the town of people of 15000 people are tired of its lawlessness”* (NEW HEAVEN REGISTER, 15/08/2012).

Outro viés de objetivação será percebido conforme a publicação da notícia se faz pelo site de notícias *New Heaven Register*, pois este toma aquela informação obtida pela agência de notícias *The Associated Press* e a repassa ao público norte-americano, encravando-a na sociedade

estado-unidense. Esta percepção se evidencia no sentido de que o site é local, mas o conteúdo da agência de notícias é global. O site se trata de uma empresa que se encontra distante do local fronteira, no entanto a notícia revelada se dá por meio da ancoragem realizada pela agência de notícias.

Figura 15: Publicação do Portal de notícias G1 do Grupo Globo:



Fonte: G1.GLOBO.COM (2019)

No texto da publicação representado na Figura 15, intitulado “Dois brasileiros suspeitos de matar 3 são queimados vivos na Bolívia”, percebemos que a themata se evidencia na ideia de envolvimento da violência em San Mathias, com as questões de pátria e cidadania, quando a notícia relata “Depois de ser divulgada a notícia de captura dos supostos autores do triplo homicídio ocorrido na segunda feira (13), centenas de pessoas se manifestaram nas ruas de San Matías para exigir vingança” (G1, 15/08/2012). Em seguida na Figura 16, pode-se perceber que esta relação é reiterada já na manchete: “Brasil repudia a morte de brasileiros queimados vivos na Bolívia”, além da incitação ao ódio e estranhamento entre as nações.

Na figura 15, a partir do início da narrativa do fato noticioso, já nota-se a ancoragem em noções assentadas do imaginário fronteiriço, quando o texto relata que: “Um grupo de homens enfurecidos queimou vivos dois brasileiros nesta terça –feira (14) após tirá-los à força de uma cela em uma delegacia de polícia no povoado de San Matias situado na fronteira da Bolívia com o Brasil” (G1, 15/08/2012). Nota-se que a narrativa tem sua representação do imaginário fronteiriço quando o ato de violência se vê evidenciado pela presença do adjetivo “enfurecidos” e ainda, da imagem que mostra o mapa, que identifica o local do incidente. Ali o classifica como o ponto do ato de violência, portanto um local de perigo.

A noção de estranhamento está evidente quando o texto relata: “no povoado de San Matias, na fronteira da Bolívia com o Brasil” (G1, 15/08/2012). A partir desta menção se faz evidente que o local fronteira está tomado por violência, portanto se trata de um local violento. Ali a objetivação se faz evidente na imagem do mapa. Ainda no texto da figura 15, se apresenta a mesma percepção que se tem na notícia da Figura 14, a objetivação se mostra evidente no enunciado: “O grupo de cerca de 300 pessoas, ocupou a delegacia durante a noite desta terça, retirando do prédio os dois brasileiros, que foram encharcados com gasolina e incendiados, informaram a rede de televisão ‘Uno’ e o jornal ‘La Razón’. Eles foram queimados vivos” (G1, 15/08/2012).

A publicação da notícia em dois veículos de comunicação de referência da Bolívia, anuncia, conforme a narrativa do Portal G1, a verdade de um acontecimento de grandes proporções, já constatado pela própria mídia boliviana. O G1 então assume este papel secundário, que localiza o fato na matriz identitária do povo boliviano, ancorando-a em noções assentadas ao imaginário da violência na fronteira do lado boliviano, não do lado brasileiro.

Figura 16: Publicação do Portal de notícias G1 do Grupo Globo

The figure displays three sequential screenshots of the G1 news portal's article page. The top screenshot shows the article's headline, a sub-headline, a map of Bolivia, and a social media sharing bar. The middle screenshot shows the beginning of the article's text, including a paragraph about the government's reaction and a section titled 'Manifestação por vingança'. The bottom screenshot shows the continuation of the article, including a section titled 'Embaixada envia missão para acompanhar caso' and a section titled 'Discussão sobre motocicletas'. The page layout includes a navigation bar at the top with 'MUNDO' and 'BUSCAR' options, and a sidebar on the right with 'Mundo' and 'Últimas notícias' sections. The article text is in Portuguese and discusses the repudiation of the deaths of two Brazilian citizens in Bolivia.

globo.com | g1 | globoesporte | gshow | videos | ASSINE JÁ | MINHA CONTA | E-MAIL | ENTRAR >

Brasil repudia morte de brasileiros queimados vivos na Bolívia

Vingança levou grupo de bolivianos a tirar a força brasileiros de delegacia. Brasileiros teriam se envolvido em triplo homicídio em San Matias.

De G1, com agências internacionais

Facebook | Twitter | YouTube | LinkedIn

San Matias, Bolívia

O governo brasileiro, por meio de nota divulgada pelo Ministério das Relações Exteriores, disse ter instruído a embaixada brasileira em La Paz a manifestar a autoridades bolivianas repúdio pela morte de dois brasileiros que haviam sido presos suspeitos de um triplo homicídio no país nesta terça-feira (14).

"O governo brasileiro tomou conhecimento, com grande consternação, do assassinato dos cidadãos brasileiros Rafael Max Dias e Jefferson Castro Lima, por moradores da localidade de San Matias, na Bolívia, próximo à fronteira com o Brasil, quando se encontravam sob detenção em prisão local", diz a nota do Itamaraty.

A nota diz que o governo também pediu à Bolívia que adote "medidas que evitem a ocorrência de situações similares e a proceder às investigações necessárias com toda a celeridade e rigor".

Uma visita de agentes do consulado-geral em Santa Cruz de la Sierra e policiais brasileiros irão ao local para acompanhar a investigação policial sobre o caso e prestar assistência às famílias das vítimas, segundo o comunicado.

Manifestação por vingança

Um grupo de homens enfurecidos queimou vivos os dois brasileiros nesta terça após tirá-los a força de uma cela de uma delegacia de polícia no povoado de San Matias, situado na fronteira da Bolívia com o Brasil. Os brasileiros foram presos por suspeita de terem assassinado três bolivianos.

Depois de ser divulgada a notícia da captura dos supostos autores do triplo homicídio ocorrido na segunda-feira, centenas de pessoas se manifestaram nas ruas de San Matias para exigir vingança.

O grupo, de cerca de 300 pessoas, ocupou a delegacia durante a noite desta terça, retirando do prédio os dois brasileiros, que foram encharcados com gasolina e incendiados, informaram a rede de televisão "Uno" e o jornal "La Razón". Eles foram queimados vivos.

"Os dois foram queimados a cinco metros da porta do posto policial", confirmou o oficial Grover Ramos ao site do jornal "El Deber", de Santa Cruz, região que engloba San Matias.

Discussão sobre motocicletas

Pouco antes, o chefe policial de San Matias, Edwin Rojas, declarou que os brasileiros detidos eram Rafael Max Diez, de 27 anos, e Jefferson Castro de Lima, 22. Segundo Rojas, Rafael teria disparado contra os bolivianos Pablo Parava, Wanderley Costa e Edgar Suárez após uma discussão sobre o preço de duas motocicletas. Jefferson Lima foi preso por suspeita de ser cúmplice do triplo homicídio.

"Foi impossível controlar esta gente. Temos sete policiais, nada mais", justificou Ramos, oficial da Força Especial de Luta contra o narcotráfico (FELCN).

San Matias, 1.300 km a leste de La Paz, fica na fronteira com o Brasil, próximo a Cáceres (MT), e tem apenas dez policiais.

Mapas: Bolívia

Shopping

Fonte: G1.GLOBO.COM (2019)

Figura 17: Publicação do site local de notícias Jornal Oeste, do município de Cáceres



Fonte: JORNALOESTE.COM (2019)

A **Figura 17** observa a ação colonizadora da mídia de referência brasileira sobre o espaço local transfronteiriço. A narrativa do site de notícias local, Jornal Oeste representa narrativas que já tem suas raízes fincadas no espaço local. A ancoragem de suas notícias se apresenta relacionada a um conteúdo globalizado que apresenta o espaço local fronteiriço como um lugar de violência. “O governo brasileiro manifestou repúdio às autoridades bolivianas pelas mortes brutais dos brasileiros Rafael Max Dias e Jefferson Castro Lima”. (Jornal Oeste, 16/08/2012).

A recorrência dos atos violentos é apresentada na narrativa da Figura 17, em que o site local de notícias Jornal Oeste, apresenta na publicação logo em seu título: “Homicídios voltam a crescer em San Matias Bolívia, fronteira com Cáceres”. Observa-se a objetivação embutida na narrativa

da notícia, quando esta demonstra a imagem que ilustra a notícia do acontecimento da atualidade e lista no enunciado “chacina” casos de homicídios ocorridos no espaço transfronteiriço, trazendo à memória acontecimentos anteriores, que marcaram aquele, como um território onde predomina a violência.

Figura 18: Publicação do site local de notícias Jornal Oeste, do município de Cáceres

The image shows a screenshot of the website 'jornaloeste.com.br'. The main article is titled 'Homicídios voltam a crescer em San Matias Bolívia fronteira com Cáceres'. The text discusses the disappearance of Luiz Marcos da Silva, a 53-year-old Brazilian, and his identification in Bolivia. It mentions that the police found his car and that he was likely involved in a 'chacina' (massacre) of five people. The article also notes that the police are investigating the case and that the family has refused to identify the bodies. There are several smaller articles and advertisements on the page, including one about a 'Única rede de laboratórios com CERTIFICAÇÃO INTERNACIONAL ISO 9001' and another about 'BANHO DE SANGUE' (blood bath).

Homicídios voltam a crescer em San Matias Bolívia fronteira com Cáceres

O brasileiro Luiz Marcos da Silva, 53 anos, está desaparecido há cerca de 10 dias. Ele teria viajado até a cidade boliviana de San Matias, depois disso a família perdeu o contato com o mesmo.

Apenas informes dão conta que o carro de propriedade do brasileiro foi localizado pela Polícia Boliviana, apresentando manchas de perfurações provocadas por balas.

Já algum tempo, Luiz Marcos vinha tentando implantar uma empresa para produção de carvão no município boliviano. Porém revelou estaria seguindo os trâmites burocráticos de Bolívia para se estabelecer em San Matias.

BANHO DE SANGUE

Não há qualquer correlação do sumiço de Luiz Marcos da Silva com uma sequência de assassinatos brutais registrados recentemente em San Matias, que estariam ocorrendo com esse pino naquela povoada da fronteira com Cáceres (MT).

No domínio de nascos, por exemplo, a figura de "Chico Pily" ligado aos irmãos Velarde. Foi cozido a estanho em plena luz do dia.

Tres dias após a execução de Pily, também no período do dia um boliviano filho de brasileira que atendia pelo apelido de "Titi" sofreu uma violenta tocaia teve o corpo todo crivado de balas (foto).

Segundo a Polícia local, armas de grosso calibre foram empregadas na emboscada.

Titi, era tido como eventual suspeito de ter assinado o boliviano "Chico Pily".

Populares ouvindo pela reportagem dizem que a situação é tensa naquela cidade, e que essas mortes seguem decretadas de risas entre facções rivais que abutam no submundo do tráfico de drogas, e que a Polícia tem efetivo acanhado para fazer frente aos grupos.

Além disso, o comércio de armas é de fácil acesso a qualquer cidadão, não há exigências para compras de armas e munições até mesmo em feiras livres de San Matias.

Em março de 2009, o Jornal Cácerense recebeu a denúncia que a seguir será republicada sobre a carnificina a seis brasileiros. A época ao ser informado da situação, os sobreviventes foram orientados a relatar o fato a Polícia Federal de Cáceres, o que foi feito.

Chacina

Governo da Bolívia entrega corpos de brasileiros mortos em San Matias

Governo da Bolívia entrega corpos de brasileiros mortos em San Matias

Nove meses após a descoberta de seis corpos de brasileiros executados na cidade de San Matias finalmente as autoridades bolivianas decidiram pela entrega dos restos mortais das vítimas de uma das maiores chacinas oficialmente reconhecida na fronteira brasileira, entre as cidades de Cáceres em Mato Grosso e a Bolívia. A entrega dos cadáveres está prevista para esta terça-feira, dia 10.

O fato veio a público ainda no início de março deste ano, quando dois dos três sobreviventes da carnificina, procuraram a redação do "Jornal Cácerense", em Cáceres para relatar o ocorrido.

Lá foram orientados a formalizarem a denuncia na sede da Polícia Federal do município.

Dai se seguiram as buscas até que duas testemunhas de nacionalidades bolivianas, apontaram o local exato e os eventuais motivos da execução dos brasileiros em San Matias.

Os corpos sendo de cinco homens e uma mulher estava numa vala aberta com escavadeira, numa área anexa a uma propriedade de um pecuarista brasileiro.

Dois homens apontados como executores – Luiz Fernando de Arruda Nunes, o Luizinho, e outro de apelido Colombiano, estão desaparecidos, suspeita-se que Luizinho tenha sido executado após ter vazado nos meios policiais que ele seria um dos mais temidos pistoleiros da fronteira.

A família dele recusou a comparecer a Polícia Técnica para reconhecer entre cadáveres localizados na Polícia Civil, num canalial em Mirassol do Oeste.

cadáveres localizados pela Polícia Civil, num canalial em Mirassol do Oeste, também na região de fronteira.

Desde a localização dos corpos dos brasileiros até os dias atuais ocorreram inúmeros contra-tempos, os agentes federais de Cáceres chegaram a ser escorregados por membros do Exército Boliviano, que alegaram violação de soberania quando peritos brasileiros executavam a identificação durante a exumação dos corpos.

Para a manhã desta terça, parte do efetivo da Polícia Federal ficará baseada no Destacamento Militar de Corixa, que pertence ao 2º Batalhão de Fronteira de Cáceres, situado na linha de divisa de Mato Grosso com a Província Angel Sandoval (Estado da Florida), enquanto somente os peritos da PF ingressarão no território boliviano.

Ainda nesta manhã desembarca no aeroporto de San Matias, o adido da Polícia Federal do Brasil em La Paz juntamente com autoridades diplomáticas da Bolívia para formalizarem a entrega dos corpos, que já reivindicada pela PF desde março passado.

A Polícia Federal em Mato Grosso exige a extradição de narcotraficantes brasileiros acusados de diversos crimes no Brasil e que estariam refugiados na área de fronteira atuando em diversas frentes criminosas como tráfico, contrabando, mortes por encomendas e roubos de gados em larga escala.

A PF evitou comentar, mas já se tem os nomes dos mandantes da chacina, assim como dos executores, Luizinho teria deixado uma carta com uma tia, delatando seus padrões e os barões da cocaína na fronteira.

Fonte: JORNALOESTE.COM (2019)

Figura 19: Publicação do Site de Notícias Fox News On Line, da emissora de TV Fox.

U.S. World Opinion Politics Entertainment Business Lifestyle TV Fox Nation Listen More

Hot Topics David Koch dies Overstock CEO's allegations Macron addresses Amazon fires

WATCH AMERICAN JUSTICE Stream America's most infamous crimes

Bernhard Goetz *Silencing Shelby's vigilante* Scott Peterson *The FBI man who broke 3* Charles Manson *Interview with Cal* Susan Smith *The Big One* Richard Ramirez *Down the Night Train*

Start Your Free Trial

MEXICO - Published January 10

Mexican police find 20 bodies, most burned, close to US border

By Elizabeth Lorente | Fox News

AMERICAN

FILE - In this Nov. 16, 2018, photo, members of the U.S. military install multiple tiers of concertina wire along the banks of the Rio Grande near the Juarez-Lincoln Bridge at the U.S.-Mexico border in Laredo, Texas. (AP Photo/Dric Gay)

In an area known for its gruesome violence, 20 bodies were found near the Mexican border city of Nuevo Laredo on Wednesday. Most all of them, 17, were burned.

Fox News Network, LLC [US] | foxnews.com/world/mexican-police-find-20-bodies-most-burned-close-to-u-s-border

In an area known for its gruesome violence, 20 bodies were found near the Mexican border city of Nuevo Laredo on Wednesday. Most all of them, 17, were burned.

The discovery, reported by Reuters, marks the latest in grisly murders that have plagued the northern state of Tamaulipas - next to the U.S. border - in large part because of drug cartels. The city of Nuevo Laredo itself borders the Rio Grande, directly across the river from Laredo, Texas.

Hundreds of bodies have been found in unmarked graves over the years. And while much of the crime is blamed on warring cartels, some of it also is believed to have occurred at the hands of the Mexican Marines.

TRUMP, EN ROUTE TO BORDER, RAMPS UP WARNING HE COULD DECLARE NATIONAL EMERGENCY

More than 200 Marines were dispatched to the area to try to control violence in the area. But after gunmen attacked three Marine patrols last year, the violence surged. And the Marines apparently retaliated, attacking people suspected of having been involved in the ambush, according to the San Antonio Express-News.

Fox News Network, LLC [US] | foxnews.com/world/mexican-police-find-20-bodies-most-burned-close-to-u-s-border

Aside from the frequent discovery of mutilated bodies in the area, more than 5,000 people are missing in Tamaulipas, the newspaper reports.

Violence in the area soared after the Sinaloa cartel, which had been led by Joaquin "El Chapo" Guzman, established its presence there to control smuggling routes between the Nueva Laredo region and U.S., a key drug trafficking spot along the border.

MEDIA ACKNOWLEDGED 'EPIC' BORDER CRISIS UNDER OBAMA - WHAT CHANGED?

v/5888001309001

Fox News Network, LLC [US] | foxnews.com/world/mexican-police-find-20-bodies-most-burned-close-to-u-s-border

Violence in the area soared after the Sinaloa cartel, which had been led by Joaquin "El Chapo" Guzman, established its presence there to control smuggling routes between the Nueva Laredo region and U.S., a key drug trafficking spot along the border.

MEDIA ACKNOWLEDGED 'EPIC' BORDER CRISIS UNDER OBAMA - WHAT CHANGED?

But after Guzman was extradited to the U.S. in 2017 to stand trial in New York, the cartel split into factions that engaged in bloody battles to wrest control of the lucrative route.

A 2018 Congressional Research Service report noted: "A new transnational criminal organization, Cartel Jalisco-New Generation, which split from Sinaloa in 2010, has sought to become dominant with brutally violent techniques."

CLICK HERE FOR THE FOX NEWS APP

The report added: "In 2017, Mexico reached its highest number of total intentional homicides in a year, exceeding, by some counts, 29,000 murders. In the 2017-2018 election period that opened in September 2017 and ran through June 12, 2018, 114 candidates and politicians were killed allegedly by crime bosses and others in an effort to intimidate public office holders."

Elizabeth Lorente is Senior Reporter for FoxNews.com, and can be reached at Elizabeth.Lorente@Foxnews.com. Follow her on Twitter @Liz_Lorente.

A **Figura 19** destaca o texto da notícia intitulada: “*Mexican police find 20 bodies, most burned, close to US border*”. A notícia relata a descoberta de 20 corpos queimados, perto da cidade de Nuevo Laredo, no México, separada da cidade de Laredo no Texas, apenas pelo Rio Grande. A notícia salienta que a descoberta do acontecimento se deu pela agência de notícias Reuters. Em um segundo momento o texto revela que centenas de corpos tem sido descobertos em túmulos não marcados ao longo dos anos e que acredita-se que muitos dos crimes que imagina-se ter sido cometidos por cartéis de drogas, tenham ocorrido pelas mãos de fuzileiros navais mexicanos.

Em seguida o texto reporta em negrito a preocupação do Presidente dos Estados Unidos Donald Trump em declarar estado de emergência para aquela região reportando ainda o envio de 200 fuzileiros navais para tentar controlar a violência naquela região. No entanto a notícia, amparada em outra notícia do jornal impresso local San Antonio Express- News, relata que após três patrulhas da marinha estado- unidense terem sido atacadas por homens armados, no ano anterior, a violência aumentou e que os fuzileiros aparentemente retaliaram atacando pessoas suspeitas de estarem envolvidas em uma emboscada; e ainda que além da descoberta frequente de corpos mutilados na área, mais de 5.000 pessoas estão desaparecidas em Taumalipas.

A notícia traz um vídeo com uma reportagem de 3’27” minutos, com imagens de um avião da força aérea estado-unidense aterrissando no aeroporto de McAllen, no Texas, enquanto a repórter âncora jornalística informa que o Presidente Donald Trump acaba de aterrissar no aeroporto para o encontro com agentes da Patrulha de Borda da fronteira e também com agentes da imigração e segurança da fronteira norte americana. O vídeo mostra a entrada ao vivo de um repórter direto da cidade de McAllen, no Estado do Texas, que menciona o encontro do presidente Donald Trump com autoridades militares na região, e informa que o principal tema da reunião é o tráfico de drogas através do Rio Grande. O vídeo mostra ainda entrevista ao vivo com autoridade daquele município que comemora a chegada do presidente e a possibilidade da construção do muro que separa os Estados Unidos do México ser realizada naquela localidade.

O vídeo continua com o relato do repórter in loco em McAllen, no Texas, relatando que uma das principais preocupações sobre a construção do muro se deve à grupos de proteção ambientais que resistem contra a construção, dizendo que o muro irá cortar esta localidade e isso será devastador para o ecossistema, porque produzirá uma barreira que impedirá os animais de alcançarem a água e por isso será arriscado para a sobrevivência deles. Em passagem o repórter afirma que o presidente diz que esta humanização de pessoas não é bem vinda ali e nem em lugar

nenhum. O repórter informa ainda que no aeroporto há manifestantes segurando cartazes declarando que não apóiam esta barreira e que há também manifestantes em apoio ao presidente no mesmo lugar, dizendo que aquela é resposta que o que eles precisam, que parem com estas atividades ilegais direto em seus quintais. No entanto o vídeo não mostra imagens dos manifestantes e o repórter finaliza dizendo que senadores do Estado do Texas acompanham o presidente nesta reunião.

O texto aponta em seguida mais uma vez amparado pelo Jornal impresso San Antonio Express- News, ser o Sinaloa Cartel, liderado pelo narcotraficante “El Chapo”, o responsável pela violência naquela região, pela tentativa de controle do contrabando entre Nuevo Laredo e os Estados Unidos, daquele que é um importante local para o narcotráfico ao longo da fronteira.

Em subtítulo em caixa alta e negrito o texto mostra a seguinte pergunta: “**MEDIA ACKNOWLEDGED ‘EPIC’ BORDER CRISIS UNDER OBAMA – WHAT CHANGED?**” A mídia reconheceu crise épica sob Obama- o que mudou?

Declara o texto que após a prisão e extradição do narcotraficante Guzman aos Estados Unidos em 2017 o cartel se dividiu em facções, ocasionando em batalhas sangrentas na tentativa de conseguirem controlar o narcotráfico nesta “região lucrativa”. O texto relata ainda que o Serviço de Pesquisa do Congresso nota que uma nova organização criminosa transnacional, o cartel Jalisco – *New Generation* que se separou do Sinaloa Cartel em 2010, demonstrou ser o grupo dominante, a partir de suas técnicas brutalmente violentas.

A notícia finaliza assinalando que o Serviço de Pesquisa do Congresso reporta que em 2017 o México alcançou seu maior número total de homicídios intencionais em um ano, excedendo por algumas contagens 29 mil assassinatos e que desde a abertura do período de eleições em setembro de 2017, até Junho de 2018, 114 candidatos políticos foram mortos alegadamente por chefes do crime e outros por um esforço em intimidar os detentores de cargos públicos.

Ao longo da narrativa, observa-se que sua ancoragem ocorre em noções assentadas ao tema violência estando este atrelado à atribuição de culpa dos crimes cometidos na região da fronteira Nuevo Laredo – Laredo pelo México, num local violento e portanto, perigoso: “*In an area known for its gruesome violence, 20 bodies were found near the Mexican border city of Nuevo Laredo on Wednesday. Most all of them, 17, were burned*”.

O trecho da notícia: “*The city of Nuevo Laredo itself borders the Rio Grande, directly across the river from Laredo, Texas*” demonstra grande preocupação com a proximidade entre as cidades

fronteiriças e enfatiza os “terríveis” assassinatos que assolaram a região norte do estado mexicano de Tamaulipas, destacando a ligação dos acontecimentos aos cartéis de drogas e a proximidade deles com a fronteira dos Estados Unidos. Sua ancoragem se assenta no texto que declara: *“Hundreds of bodies have been found in unmarked graves over the years. And while much the crime is blamed on warring cartels, some of it also is believed to have occurred at the hands of the Mexican Marines”*. (FOXNEWS.COM, 10/01/2019).

O texto não menciona a cidade de Laredo como local de perigos, embora esteja em uma condição de cidade gêmea apenas separada da cidade de Nuevo Laredo pela presença das pontes e da aduana, o município é citado no texto somente para apresentar a localização da fronteira, contudo com ênfase apenas na menção ao rio. A ancoragem em um segundo momento se demonstra assentada no rio Grande, como um local onde ocorre o narcotráfico: A notícia, embora não apresente um mapa, tem como suporte para sua localização do rio Grande, como a linha de separação dos países e portanto um lugar de perigos diversos. O rio também corresponde ao ponto onde será construído o muro que separa os países. Nesse sentido se torna o local evidente dos acontecimentos fronteiriços.

O encontro da ancoragem com a objetivação em sua evidência se faz presente quando a narrativa do texto relaciona os acontecimentos fronteiriços à El Chapo e grupos de narcotraficantes que atuam na fronteira. Assim ao mencionar ainda que: *“The report added: ‘In 2017, Mexico reached its highest number of total intentional homicides in a year, exceeding, by some counts, 29,000 murders. In the 2017-2018 election period that opened in september 2017 and run through June, 12,2018,114 candidates and politicians were killed allegedly by crime bosses and others in an effort to intimidate public office holders”*. (FOXNEWS.COM, 10/01/2019), o texto amplia os acontecimentos ocorridos na fronteira à estatísticas sobre homicídios ocorridos no México intencionando nomear e relacionar a ocorrência dos atos de violência na fronteira à população mexicana. Esta narrativa se mostra então cravejada no texto, bem como testificada para a sociedade, seu público alvo.

O texto se encontra apoiado em duas opostas fontes de notícias, a agência de notícias Reuters e o jornal impresso local San Antônio Express News. Embora pareça intrigante que a mídia de referência se apoie em um veículo local ao enfatizar suas noções de verdade, esta recorre ao veículo que mais evidência tem na região da capital cultural San Antônio, sendo ainda o Jornal impresso San Antônio Express News, um veículo operacionalizado pela empresa Hearst Communications,

um conglomerado de mídia que tem sua sede em Nova York. Observa-se nesse sentido a colonização da notícia local, a qual é pautada pela mídia de referência do país. Em segunda medida a colonização da agência internacional de notícias se faz presente no texto do site Fox News, veículo de referência dos Estados Unidos, da emissora Fox.

Ao analisarmos os conteúdos das notícias das mídias de referência, tanto a brasileira quanto a estado-unidense, notamos que a alegação de culpa pelo narcotráfico na fronteira recai sobre os países Bolívia e México. Ali o imperialismo dos países Brasil e Estados Unidos se evidencia tanto no título “Brasil repudia morte de brasileiros queimados vivos na Bolívia”, **Figura 14**, quanto na foto que demonstra militares atuando na fronteira Estados Unidos-México, quanto na menção do envio de militares para aquela região e ainda no vídeo que demonstra o avião aterrissando com o Presidente Donald Trump, enfatizando que irá se reunir com as autoridades que tratam sobre a segurança na fronteira, que se apresenta na **Figura 19**.

V.4 DOS ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E DAS REPRESENTAÇÕES

Penso haver sustentado a tese de que as fronteiras internacionais correspondem a espaços, não apenas de fluxo, ou passagem, mas sobretudo espaço de vivências, ponto de encontro e de transculturalismo entre as nações e que devem ser assim compreendidas e representadas pelas mídias. Ao comentar sobre a voz produtivista na análise das representações sociomidiáticas, comparando-se as notícias dos dois espaços fronteiriços, observamos que, conforme passamos à análise das representações sociais, notamos que uma voz ecoa de forma majoritária sobre o espaço fronteiriço Brasil- Bolívia e Estados Unidos México. Esta se configura uma como uma voz legitimada que aponta para a criminalidade na fronteira, destacando-a como local de violência e perigo. Esta é entendida como aquela voz produzida e reforçada no ideal do produtivismo, porque se apresenta a partir das políticas de segurança nacional, dos números que demonstram dados como o controle da migração, apontando o crime e ações do exército na fronteira. Esta voz traz à realidade fatores econômicos que podem ser afetados, caso ocorra alguma instabilidade nesta região, onde os países fronteiriços são separados, mas por onde se estabelecem múltiplas frentes industriais locais que buscam o crescimento econômico neste espaço fronteiriço.

A voz produtivista aponta para a violência e para o narcotráfico na fronteira, sobrepondo as vozes missioneira e comunitária, na mídia, que configuram vozes de resistência, subjugadas, como

culpadas pelos acontecimentos que ocorrem nestes espaços fronteiriços. As vozes missioneira e comunitária por sua vez se expressam por meio das múltiplas etnicidades que correspondem ainda ao atraso nas fronteiras, por configurarem o velho cultural indígena, tribal, caboclo. O sujeito que se envolve com a criminalidade na fronteira, segundo a voz produtivista, será sempre aquele que está na fronteira, mas que não pertence a ela, apenas vive naquela territorialidade. Este sujeito é na perspectiva da mídia, o sujeito invisível, sem voz, do fluxo populacional, que é utilizado no estereótipo do fronteiriço criminoso e perigoso.

A identidade sociocultural que permanece como a pioneira dos espaços fronteiriços será a identidade colonizadora, aquela que se sobressai na condição de proprietária do território, evidenciando assim o contexto das relações de poder, onde o poder simbólico se sobrepõe, no contexto da língua e da cultura legitimada.

Desta forma, como podemos repensar a mídia e suas representações no cotidiano fronteiriço? O cotidiano fronteiriço, constitui um espaço de relações simbólicas que ocorrem como em qualquer outro espaço social, porém as fronteiras internacionais constituem espaços de alteridade que estão na maioria das vezes sob pressão dos Estados – Nação, que agem em suas perspectivas voltadas aos poderes econômicos e políticos de cada Estado em separado.

Sobre as interações locais ocorridas nestes espaços, a partir da tipologia de Oliveira (2015) percebemos em que medida estas fronteiras encaixam nas condições:

A) De baixa integração formal e baixa integração funcional: como se encontram distantes e isoladas; uma fronteira de costas para a outra; em que as administrações locais não vislumbram suas relações e que aparecem para o poder central, como despovoadas e uma margem de preocupação. Esta condição pode ser percebida na fronteira Brasil-Bolívia na região Mato Grosso-Santa Cruz. Embora haja comércio, aduanas e fiscalização, na perspectiva do fluxo populacional e das relações entre os municípios, a percepção das relações sociais destas localidades pouco se identifica com uma região de conexão entre os países. Esta condição pode ser percebida também pelas mídias locais, as quais em sua maioria entendem que são locais, mas não fronteiriças, a não ser quando o assunto se refere a questões relacionadas ao narcotráfico ou à violência, questões agendadas e estruturadas pela mídia global.

Entende-se que a ocorrência da não identificação com o espaço fronteiriço se dá pelo fato de que as zonas urbanas dos municípios lindeiros ocorrem afastadas umas das outras, entre 100 e 250 quilômetros, e a zona rural se sobressai com maior intensidade nesta região, que é ausente de

idades gêmeas. No entanto este espaço local- internacional se caracteriza por suas ruralidades, ou seja, ocorre pelas interações sociais contidas no espaço rural, mas que não são percebidas dentro da perspectiva de valor simbólico ou cultural, por uma questão das etnicidades que ali existem, do conflito entre populações descendentes de grupos étnicos habitantes daquele espaço local que preservam seus costumes tradicionais, baseados numa perspectiva campesina e de ritos culturais e costumes religiosos que demarcam a sua territorialidade e dos fazendeiros que ocupam aquelas terras para o cultivo da cana-de-açúcar, da soja e criar o gado, a serviço do agronegócio nacional (COSTA; ALVES, 2014 p.25). As populações bolivianas, transfronteiriças que buscam trabalhar do lado brasileiro, as comunidades quilombolas, os povos chiquitanos brasileiro-bolivianos, os grupos étnicos indígenas e pequenos sítiantes que vivem no entre lugar, na intersecção cultural da fronteira, são então considerados populações sem voz (SPIVAK, 2010), ou invisíveis.

B) De baixa integração formal e alta integração funcional, as fronteiras crespas: são aquelas fronteiras em que o território é povoado de implicações adversas, como movido por uma informalidade abusiva; trabalhadores que são contratados na informalidade com salários abaixo dos praticados no respectivo Estado-nação, ausência de atividades formais e participação local invisível. Esta condição pode ser percebida em certa medida, nas duas fronteiras.

C) Alta integração formal e alta integração funcional. Percebemos que a fronteira Estados Unidos-México, que tem como marco fronteiro o Rio Grande, possui alta integração formal e alta integração funcional: são, conforme (Oliveira, 2015) fronteiras vibrantes e vivas, em que os habitantes não se sentem constrangidos em criar capilaridades nas trocas de relações, construindo espaços comuns, transbordando os limites internacionais. Isto se deve a toda uma construção de um espaço, que através dos séculos integra as populações mexicanas às estado-unidenses sempre no sentido da dependência econômica de ambas as nações. As conquistas territoriais corresponderam a um marco inicial para a demarcação dos territórios, ou seja, o Sul do Texas a que nos referimos nesta pesquisa, a pouco menos de dois séculos atrás, pertencia ao território mexicano, assim as muitas descendências que correspondem hoje a cidadãos estado-unidenses, tem suas raízes na cultura mexicana. Com o tempo, sendo o Estado do Texas integrado aos Estados Unidos ocorrem os fluxos migratórios, realizados para preencher a ausência de mão-de-obra no país e depois os contínuos fluxos migratórios de centro-americanos e sul-americanos formalmente e também dos migrantes informais àquele país, o que favorece esta integração funcional entre os territórios. Ao refletirmos a população americana anglo-saxã e suas relações com a população

mexicana, pudemos notar que o turismo no México é bastante apreciado pelos americanos e até mesmo a relação na fronteira pode ser percebida, ainda que haja o muro que divide os países. Observamos a frequente atuação de acadêmicos e pesquisadores, nas Universidades de ambos os países e seus constantes esforços em pautar questões como a derrubada do muro que divide os países, ou a descontinuidade na construção do muro em toda a extensão fronteiriça. Os debates são organizados por grupos de pesquisas e em conferências realizadas neste espaço fronteiriço.

A presença dos restaurantes mexicanos nos Estados Unidos, os veículos de transporte mexicanos, as feiras e festas mexicanas nas regiões texanas, as escolas estado-unidenses que recebem todos os dias para estudar crianças mexicanas de nacionalidade estado-unidense, que vivem na zona fronteiriça mexicana porque seus pais indocumentados foram deportados, correspondem a exemplos de integração das populações de ambas as nações e de suas funcionalidades.

Por fim, a cartografia produzida dá conta de que a fronteira Brasil-Bolívia, nas localidades de Mato Grosso (BR)–Santa Cruz (BOL), caracteriza-se pela sua localização como fronteira Sul, pequena densidade populacional nos municípios fronteiriços e cidades referência da fronteira; pela existência do ambiente agrícola com presença de reservas ambientais; pela ausência de cidades gêmeas; pela pluralidade de grupos identitários por hereditariedade; por uma herança cultural do projeto colonial luso-espanhol; por uma matriz religiosa Católica Romana como dominante e pela presença de marcas culturais da utopia jesuítica no espaço local, tendo como legislação das faixas de fronteira nacionais uma variante entre 150 quilômetros e 50 quilômetros, respectivamente.

Na fronteira Estados Unidos-México, na localidade denominada Tex-Mex, observamos a opulência dos meios comunicacionais; maior densidade populacional nos municípios fronteiriços e cidades referência da fronteira; um ambiente industrial com a presença de cidades gêmeas e fusão cultural historicamente estabelecida, a partir de um projeto colonial inglês-hispânico. Observou-se ainda a matriz religiosa Católica Romana também como dominante e a presença de marcas culturais da utopia jesuítica no espaço local; litígios de demarcação do território e legislação das faixas de fronteiras nacionais de 100 quilômetros em ambos os lados desta fronteira Norte. Dentre os resultados observamos aproximações contrastantes entre os dois espaços fronteiriços. A fronteira sul-americana em estudo conta com debilidade de suas mídias; a representação midiática ocorre com aproximação do espaço local e distanciamento do espaço fronteiriço. A fronteira do hemisfério norte em estudo apresenta vigorosa atividade de representação midiática com

aproximação do espaço local e aproximação do espaço fronteiriço, a qual é descaracterizada na cobertura global. Além disso, identificamos um conjunto de vozes das identidades socioculturais que ecoam pelo espaço fronteiriço, evidenciando-se a partir de suas intensidades, como vozes produtivista, missioneira e comunitária. Na análise das representações sociais a partir de notícias das mídias locais e de referência, observamos a predominância da voz produtivista que ecoa com maior intensidade a partir da mídia sobre/no universo das fronteiras internacionais na themata fronteira com ancoragem e objetivação na fronteira como espaço de violência e local de perigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fronteira internacional como um espaço de conexão, deve ser repensada por meio das relações que ocorrem no cotidiano fronteiriço para o próprio fortalecimento dos Estados, como países autônomos, mas integrados. É nesse sentido que pensamos a descolonização da mídia no continente americano. A representação do cotidiano das fronteiras internacionais, constitui um desafio para as mídias, por este ser um espaço local, de vivências, mas também um lugar de encontro de culturas e relacionamento entre nações, além consistir um espaço de fluxo constante de pessoas. O espaço local- internacional das fronteiras deve ser entendido pela mídia em uma dimensão maior, sobretudo como espaço de conexão e da expressão das culturas locais, e ainda como espaço de relações profundas entre as comunidades comuns, isto significa dizer que este espaço em constante movimento, constitui um espaço de interações também entre comunidades passantes e comunidades representantes do espaço de vivências. O local-internacional traz para a mídia uma grande vantagem, que está justamente no que se sobressai neste espaço de relações. As interações fronteiriças constituem um conjunto de relações e trocas simbólicas cuja exposição se faz premente. Isso significa que o espaço local deve ser representado pelas relações locais numa perspectiva do cotidiano, que envolve interações de natureza política, econômica e social, dentro de uma dinâmica das comunidades e relacionamentos locais.

Como considerações finais do decorrer do trabalho desta pesquisa preciso destacar que desde o seu início até aqui foram muitas as descobertas. Ao iniciar este trabalho havia projetado um estudo sobre a fronteira Brasil- Bolívia. No entanto as aproximações com a fronteira Estados Unidos–México ampliaram a minha visão ao ponto de uma percepção jamais pensada anteriormente. Outra escolha foi observar a mídia de referência, pois até então o projeto inicial apenas tinha o objetivo de conhecer as mídias locais. Mas o que fazer com elas? Este era então o grande ponto de interrogação que se apresentava diante da pesquisadora. Então no momento da introdução da narrativa da mídia de referência e sua atuação sobre o espaço fronteiriço, as coisas começaram a se ajustar.

O exaustivo trabalho de se realizar a pesquisa em fronteira é o mesmo trabalho que temos em pensar a descolonização das fronteiras internacionais. Busquei a partir deste trabalho uma aproximação das fronteiras internacionais Brasil- Bolívia e Estados Unidos – México, no intuito de apontar particularidades e similaridades existentes nestes dois espaços fronteiriços.

Aproximando tais espaços podemos pensar e discutir a des-legitimação das fronteiras internacionais como espaço de perigo e violência, para então discutirmos a tese de que as fronteiras internacionais configuram espaços de vivências. O trabalho com fronteiras me oportunizou o entendimento das múltiplas facetas que tais espaços possuem, a partir da sua alteridade, onde há muitas diferenças que se encontram e se fazem permanentes nestes locais. Tomamos como marco temporal a colonização europeia em território americano e conflitos causados a partir deste processo.

As lutas e conflitos territoriais se formam a partir da enunciada posse das Índias, declarada pelos espanhóis. A captura e escravidão do povo africano constituem mais um acontecimento que transforma todo o Continente. Uma vez livres da escravidão a massa populacional negra miscigenada se configura como principal grupo identitário responsável pelo caos e violência nas fronteiras. Assim como as populações indígenas são profundamente afetadas pela colonização europeia neste continente, irradiando para as fronteiras. Em todo relato desta tese observei que as fronteiras são marcadas e estigmatizadas por justamente serem local de encontro entre as nações. Mas mais ainda, sua estigmatização recai sobre as identidades sociais de origem indígena e afrodescendente, tais quais configuram as identidades missioneiras, aquelas às quais a fronteira representa o seu espaço de vivências. A diferença social, assim como ressalta Bhabha (2019), jamais deve ser compreendida como um jogo de polaridades e pluraridades, mas sim negociada e rearticulada através de debates políticos e discursivos, partindo do locus do ‘outro’; ou seja: “a diferença cultural nos possibilita a coincidir em formas de atividades que são ao mesmo tempo nossas e outras” (BHABHA, 2019 p. 263).

Ao representar as fronteiras internacionais, a mídia de referência utiliza-se do mesmo sistema colonizador, ao anunciar os espaços fronteiriços e os diversos acontecimentos que ali se passam, minimizando tais espaços a somente locais de passagem, do fluxo migratório e de transações criminosas.

O capítulo I nos ajudou a compreender epistemologicamente, que as mídias são capazes de mudar seu posicionamento diante deste cenário. Isto porque as mídias constituem meios de representação popular. São nas mídias que as massas estão representadas, são nas mídias que o povo se faz presente e é através das rádios, TVs websites informativos, que a sociedade terá conhecimento do que se passa nos espaços locais fronteiriços, comunitários. No entanto, se estas mídias se encontram corrompidas, atreladas a um único sentido do que são as fronteiras, e isso,

como foi aqui mostrado e debatido, impacta profundamente a sociedade. A cartografia das mídias nas fronteiras propõe a representação das comunidades locais do espaço fronteiriço, de acordo ao que tal espaço oferece, que se trata da vida cotidiana e organização social, conforme os entrelaces culturais destes espaços locais- internacionais. A proposta de descolonização das fronteiras compreende na identificação desta hierarquização midiática que envolve o espaço fronteiriço e no debate em torno das temáticas abordadas pelas mídias que se organizam no espaço local-internacional, fronteira. Por meio desta cartografia midiática foi possível a identificação das mídias locais, bem como a aproximação entre as fronteiras culturais.

A partir do capítulo II pudemos, após apresentar o problema da hierarquização midiática e colonização das mídias, entender como realmente é composto o espaço local – internacional e suas particularidades tanto na fronteira Brasil- Bolívia quanto na fronteira Estados Unidos -México. Os dados econômicos, geográficos e culturais apresentam ausência de discrepâncias bem como no sistema educacional, no encontro dos países, como é o caso da fronteira Brasil - Bolívia. Notamos no detalhe das economias locais e do conjunto do espaço fronteiriço Estados Unidos-México, uma homogeneização cultural, ou seja o domínio da cultura hispânica, tendo em vista todo um contexto temporal ocorrido neste espaço fronteiriço. A aproximação das fronteiras Brasil-Bolívia e Estados Unidos-México ocorre quando analisamos seus projetos colonizatórios e similaridades. Isto nos serve de aporte ao entendimento das representações sociais do espaço fronteiriço, quando observamos a ação da mídia no espaço local e como a mídia de referência confronta as comunidades locais ao representá-las a partir do ponto de vista do grotesco.

As populações missionárias, subalternas, como apresentadas ao longo deste texto são diariamente confrontadas pela mídia. Bahbha (2019) argumenta: “De que modo a desconstrução do ‘signo’, a ênfase sobre o indeterminismo no juízo cultural e político, transforma a nossa noção de “sujeito” da cultura e do agente de mudança histórico?”. A contestação das grandes “narrativas interruptoras”, conforme Spivak, em (BAHBHA, 2019 p. 280); narrativas de raça, gênero, classe e nação, precisam ser repensadas, assim como a concepção da afiliação social.

A descolonização das mídias, envolve a descolonização do ser, o ser fronteiriço, nunca foi tão nocivo como agora. O habitar territórios de fronteira entre os países, nunca foi tão ‘perigoso’ quanto nos tempos atuais. Falamos aqui do controle social. Da simples presença de comunidades diaspóricas e marginalizadas, que se tornam vigiadas, excluídas da própria figura do “humano”.

Martin-Barbero (2001) observa a representação das massas, a partir de três figuras: A conspiração, ou seja espaço nutrido de rebeldia política, onde nele se encontram aqueles que vem da miséria social com os que vem da boemia, onde o lugar de encontro é a taberna. A figura das massas, como esfumaçamento das pistas de cada um na multidão da grande cidade (p. 77). Esta se dá por meio da industrialização, em que a cidade cresce e se enche de uma massa que, de um lado obscurece as pistas, os sinais de identidades de que necessita os burgueses, e de outro lado encobre, apagando as pistas do criminoso. Então o burguês traça dois movimentos: um interior, que o posiciona em suas ilusões de poder e o outro um dispositivo que busca identificar e controlar a massa. Assim ocorre com a numeração das casas, com a literatura policial e suas intervenções no urbano, operando as massas da cidade, o fluxo migratório nas fronteiras. Percebamos segundo Martin-Barbero (2001) as duas faces da massa: Uma delas ocorre como uma aglomeração concreta, mas socialmente abstrata. A outra é a da multidão popular. Daí podemos pensar, conforme o autor, nas relações das massas com o popular. A aglomeração abstrata adaptamos à multidão migrante e invisível. A multidão popular, das classes subalternas. A travessia dos imaginários Barberiana nos permite compreender o que a concepção romântica do popular claramente nos impede de pensar, sempre aliada ao componente ideológico das políticas conservadoras. Observamos a mistificação na relação povo-nação, ou seja o povo, pensado como alma e matriz da sociedade é convertido a uma identidade não analisável socialmente, é apenas o povo, marcado por suas divisões e conflitos. A dessublimação da arte, advinda do popular, corresponde a outra face de degradação da cultura, já que num mesmo movimento a indústria cultural banaliza a vida cotidiana e positiviza a arte. Contudo a dessublimação da arte tem a sua própria história, quando se desprende do âmbito do sagrado.

É preciso trazer a memória as raízes culturais locais. O pensamento decolonial de Mignolo e Tlostanova (2009) nos alerta para este ponto de deslocamento, de descentralização da Comunicação e das mídias, que se inicia na descolonização dos espaços de fronteira e sobretudo e primordialmente, do ser fronteiriço. Está claro que neste processo há que se descolonizar a mídia.

No Capítulo III observamos aspectos culturais nas fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos- México e trazemos o relato das comunidades sobressalentes do espaço vivido. Assim pudemos discutir questões de alteridade e subalternidade ética que ocorrem nos dois espaços fronteiriços, além de apresentar as comunidades locais e seu contexto num espaço de vivências. Assim apresentamos a questão colonizatória, o contexto cultural, modos de viver, artes, língua,

gastronomia, religião e música, além de padrões alimentares, entre outros. A língua é apresentada como norma comportamental de subgrupos latino americanos, os traços culturais das duas fronteiras nos remetem ao legado cultural que possui tais espaços locais- internacionais. A manutenção da identidade étnica se faz desafiadora e um exemplo de impacto do tempo nas comunidades de fronteira está em como os mais jovens discutem a noção de se tornarem mais conscientes de sua identidade, pela comparação com ‘os outros’. Assim ocorre na fronteira Estados Unidos-México, mas no entanto na fronteira Brasil-Bolívia, podemos perceber um estranhamento mesmo que timidamente por causa do pouco contato que as comunidades tem quando nos referimos às comunidades bolivianas e brasileiras da fronteira.

No Capítulo IV senti a necessidade da representação das mídias locais, localizando-as e assim podíamos discutir questões como as de acesso e repasse da informação ao público, captação da informação e relação com as comunidades locais. Observamos, ao representar a fronteira Brasil-Bolívia, que houve dificuldade na localização destas mídias pelo acesso remoto, ou seja nas aplicações Google Maps e Google MY MAPS. Percebemos então o impacto causado a partir do controle da informação, por causa da própria escassez de acesso à internet. Compreendemos que a fronteira Brasil- Bolívia se caracteriza por uma fronteira ruralizada, no entanto embora isso ocorra, percebemos a estruturação de poder da informação, quando observamos a fronteira Estados Unidos – México, onde a opulência de veículos de mídia e a facilidade de acesso à informação ocorre de forma majoritária. É aí que podemos refletir no pensamento decolonial de Mignolo e Tlostanova (2009), onde o imperialismo exerce sua força absoluta.

Pudemos perceber no capítulo V a ação avassaladora da globalização das mídias sobre os espaços locais-internacionais fronteiriços, conforme conhecemos com Silveira (2003; 2007; 2012). Assim como as vozes ecoantes das fronteiras e representação destas vozes pelas mídias locais e de referência. Compreendemos nesse sentido que as mídias locais fronteiriças também precisam ser descolonizadas. Ao realizarmos o levantamento das mídias locais, percebemos na fronteira Brasil- Bolívia, que há esforços no que se diz respeito à aproximação do espaço local. No entanto há expressivo distanciamento do espaço fronteiriço, ou seja, as mídias locais se encontram deslocadas, não se vêm operando no espaço fronteiriço, ou se referem ao espaço fronteiriço como um local marginal, em que a população está condenada a ali viver, em meio ao caos e às intempéries que ali ocorrem. Para a maioria das mídias locais ali presentes, o espaço vivido, comunitário, não existe. O estudo das vozes fronteiriças comprova isto. Nos deparamos com uma representação midiática

que não enxerga a camada social missioneira, ou quando se refere a ela, utilizará sempre a voz do produtivismo, ou imputará a esta o contexto da criminalidade. Alguns aspectos constituem aproximações entre as fronteiras Brasil- Bolívia e Estados Unidos -México. Tais pontos constituem um material relevante para se pensar a conexão entre estes espaços, e o que há em comum entre eles. Considero relevante a questão de que estes são espaços inclusos dentro de uma só territorialidade. O continente Americano deve ser percebido como um todo, e não somente dividido pelas economias de seus Estados – Nação e operado a partir do imperialismo americano. O pensamento decolonial de Mignolo (2007) e Mignolo e Tlotanova (2009) ressalta principalmente a globalização dos espaços locais, o imperialismo americano e nos questiona a como pensar a partir das bordas. Como pensar a voz missioneira como agente de descolonização do sistema imperialista conservador. Considero um importante dado as ondas migratórias aos Estados Unidos e o processo de industrialização deste país por meio dos acordos ditos bilaterais e que transportaram milhares de mexicanos aos estados Unidos, como os braceros. Todas estas populações constituem de fato a voz missioneira que não se vê na mídia de referência.

Uma pequena mostra de aproximação entre as fronteiras Brasil – Bolívia e Estados Unidos México nesse sentido, ocorre na fronteira Mato Grosso - Santa Cruz, que embora seja ainda uma fronteira ausente de cidades gêmeas, possui a forte presença dos fazendeiros, como a voz produtivista que demarca o espaço local fronteiriço também como fronteira agrícola. Acredito que estas vozes devem ser representadas a partir do seu contexto identitário e a questão dos conflitos territoriais, que constituem uma realidade para as comunidades locais fronteiriças deve ser discutida e representada nas mídias. Na fronteira Estados Unidos- México notamos, a partir da opulência dos meios de Comunicação, uma aproximação destas com o espaço local e também com o espaço fronteiriço. Isso ocorre devido às culturas locais pertencerem a uma territorialidade já demarcada anteriormente neste espaço fronteiriço. No entanto a cisão desta demarcação, ou seja os litígios de demarcação territorial, contribuem para uma fronteira profunda em sua diversidade cultural e a constante transição das múltiplas identidades latino- americanas formam diferentes identidades, que se transformam a todo momento, como bem apontam Romo e Marquez (2010). As vozes que ecoam sobre esta fronteira, se interagem com aspectos culturais, tais quais a culinária, o turismo, bem como a fronteira agrícola e industrial.

Inserido nesse contexto estão as mídias locais, que na fronteira Estados Unidos–México, por sua opulência trazem esta aproximação do espaço local representando a música nas

comunidades locais, com os quartetos de música regional, a religião, por meio das rádios católicas e evangélicas e aspectos do espaço vivido, como a gastronomia e as festas populares que são marcas da cultura local. Sua aproximação com o espaço fronteiriço ocorre por meio desta representação cultural, que se faz presente na mídia local, embora seja esta descaracterizada pela cultura global.

As vozes comunitárias se interpõem às vozes missionárias e produtivistas, como vozes das populações locais que vivem e usufruem o espaço local em suas atividades. Estas vozes estão arraigadas ao espaço fronteiriço, muito embora não possuam representatividade nas mídias da fronteira Brasil-Bolívia e poderiam ser mais exploradas nas mídias da fronteira Estados Unidos-México, como uma marca viva e em movimento nos espaços locais fronteiriços.

Assim, quando observamos a mídia e sua ação sobre o espaço local, percebemos as múltiplas possibilidades de representação deste espaço dentro de um contexto de maior aproximação ao espaço fronteiriço, o que implica também um trabalho de descolonização destas mídias hierarquizadas, pela própria globalização midiática.

A pensamento decolonial de Walter Dignolo nos ajuda a compreender a perspectiva da centralização europeia, do imperialismo americano e da globalização; que para nós está presente na mídia de referência, ao passo que a denominamos, globalização midiática. O pensamento de borda significa pensar processos sociais, como a representação midiática, a partir de suas bordas. Isto implica, conforme o próprio direcionamento do autor, primeiro descolonizar o ser. A descolonização do ser fronteiriço é aquilo que identificamos o pensar a partir das bordas e não mais por meio da centralização europeia, do imperialismo americano ou da globalização das mídias, mas ressignificar o espaço local – internacional fronteiriço, como aquele espaço criado a partir de um conjunto de elementos culturais, que compõem as comunidades locais.

Os elementos temporais, ligados ao conjunto de historicidades vividas, nos ajudam a compreender o próprio papel de cada comunidade em seu espaço local e como estas se tornaram marginalizadas no próprio processo de dominação territorial e expansão da cultura europeia. No entanto ocorreram mudanças, estas que constituem processos permanentes e que se arraigaram às culturas locais, numa própria perspectiva de hibridação cultural, como foi o caso das missões jesuíticas e as comunidades fronteiriças remascentes das reduções cristãs. Não há como apagar processos históricos, onde as comunidades locais se hibridaram, contudo há como ressignificar espaços locais que hoje, ao serem representados pelas mídias, constituem espaços invisíveis, onde vivem populações consideradas subalternas e sem voz. Isso porque na mídia o fronteiriço não tem

voz. Quem é o fronteiriço a partir da mídia de referência? Não sabemos. E é por isso que precisamos do giro decolonial. Observamos no decorrer desta pesquisa, que pelas mídias de referência as fronteiras constituem espaços silenciados, e que isto se reflete na pesquisa acadêmica em Comunicação.

Ressignificar as comunidades locais fronteiriças interamericanas, significa dar voz a este sujeito sem voz. Estas populações precisam falar por elas mesmas, dentro das suas práticas culturais, como o próprio conhecimento que possuem tais comunidades de borda, sua medicina, suas ancestralidades, suas historicidades, seus costumes, seu trabalho comunal, suas crenças, seus anseios, suas culturas remanescentes e transformadas, a partir de um processo de hibridação com diferentes nações. Tudo isso significa ressignificar o ser em pleno século XXI. E para isso é necessário, conforme aborda Bhabha (2019), que haja aceitação das diferenças culturais não em polaridades e pluralidades, mas na perspectiva do ser o outro.

Na nossa abordagem sobre as mídias locais, percebemos timidamente a tentativa de representação das comunidades locais fronteiriças na fronteira do lado boliviano, na fronteira Brasil-Bolívia, onde a presença das comunidades chiquitanas é reconhecida como patrimônio histórico e cultural da humanidade. Em San Ignacio de Velasco há o caminho das missões jesuíticas, onde percorremos as comunidades locais e observamos o trabalho comunal com artesanato, os festivais musicais e o turismo regional. Mas infelizmente isso não atravessa para o Brasil e não conhecemos *La Gran Chiquitania* como uma região fronteiriça, simplesmente não a conhecemos. A mídia boliviana menciona a Chiquitania, mas pouco nos informa sobre as comunidades da fronteira. As mídias locais brasileiras não tem conhecimento sobre a Chiquitania, pois está totalmente blindada pelas situações conflituosas que a mídia de referência noticia todos os dias.

Na fronteira Estados Unidos-México ocorre coisa parecida. Temos em San Antonio, no Texas, inúmeras atividades culturais, incluindo o caminho das missões jesuíticas. Não percebemos nas mídias locais a relevância destas características culturais do espaço fronteiriço, muito embora percebamos a forte hibridação cultural e identidades em constante transformação. Percebemos a partir das comunidades locais, que são bem divididas e podemos notar isso quando identificamos nas camadas das vozes da fronteira que as populações tem seus costumes particulares desta região de fronteira, em que não notamos em outras partes dos Estados Unidos ou do México. Contudo tais particularidades inexistem quando observamos a representação da mídia de referência sobre tais

espaços locais. E quando nos direcionamos para as mídias locais, percebemos uma aproximação do espaço local- fronteiriço, mas sem força ecoante na totalidade do seu conjunto. Há menções da música local, da culinária, das festividades, mas tudo como a estrutura local TEX-MEX, mas não ecoa como voz fronteiriça.

O giro decolonial precisa partir deste ponto, que seria o ponto de ressignificação destes espaços, populações e mídias locais, que se encontram atreladas a este projeto colonizador e globalizador. Outra questão é o espaço local- internacional e sua diversidade de perspectivas. O espaço local – internacional, se trata de um lugar de muitas perspectivas, onde o homem idealizou e construiu uma interação entre os estados- nação com perspectivas comunais entre os países. É claro que, quando nos atemos à construção deste espaço local-internacional, observamos os acordos diplomáticos, as conexões formais dos espaços de fronteira e os problemas que se passam por este local também de fluxo e entendemos que há muito mais alianças de que desconexões entre si.

A própria questão do trabalho deve ser repensada e isso está totalmente ligado à descolonização do ser binacional, por exemplo. O próprio processo de industrialização da fronteira nos indica o poder econômico exercido no espaço local -internacional fronteiriço Estados Unidos- México, assim como a força econômica existente na pecuária do espaço local- internacional Brasil- Bolívia. Questões como estas devem ser ressignificadas como parte do ser fronteiriço, mas nunca como centralizadoras do espaço fronteiriço. Então, dentro da perspectiva do ser fronteiriço há muitas tensões as quais necessitam serem flexibilizadas, quando pensamos na representação midiática e sua relação com este espaço local- internacional. Porque este espaço jamais pode ser comparado a um local marginalizado ou terra de ninguém, mesmo que geograficamente, se configure margem de países. O espaço local- internacional é o lugar do transculturalismo, das relações comerciais transfronteiriças e também de integrações.

Outra questão que gostaria de tratar, antes de encerrar, seria a questão da sociedade e as menções barberianas no texto e esta relação com as populações fronteiriças. As massas, que se trata de um conceito quantitativo e também relacionado às multidões, neste texto é apresentado relacionado às mídias de referência. Temos sempre nas transmissões dos acontecimentos ligados à fronteira, esta forte percepção, de que ali está o local da desordem, relacionada ao povo, e das massas, ou seja grande quantitativos de populações diversas atravessando a fronteira, ou parada nela. Então vemos aquela fronteira condicionada a ser um local das multidões. A mídia de referência superlativiza a fronteira e o espaço fronteiriço. Claramente podemos relacionar este

pensamento com as notícias sobre os migrantes latino americanos em sua travessia aos Estados Unidos e ainda um exemplo dentro do texto está na multidão que ataca “os brasileiros”, na cidade de San Matías. Outra questão relacionada às multidões é a de que na mídia os fronteiriços jamais terão nomes, mas sim nacionalidades. As nacionalidades remetem à questão da sociedade e sua relação com a cultura. Na sociedade, caracterizada pela separação entre meios e fins, não há relações de identidade ou laços afetivos e de identificação entre os grupos, mas esta é construída através da razão e do controle social. É nesse sentido que de modo geral, os crimes de fronteira não possuem referências, porque não conhecemos o desfecho de um crime por narcotráfico, por exemplo. Mas os nomes que passam pela fronteira, possuem nacionalidades, e a partir destas, conforme a abordagem midiática, podemos apontar os culpados. Por aí temos uma blindagem completa da mídia e questões como estas devem ser reorganizadas, resignificadas.

O giro decolonial está aí, para se pensar e resignificar as mídias locais e sua ação sobre os espaços locais internacionais interamericanos, não só na perspectiva Brasil- Bolívia e Estados Unidos-México, com aqui foi dito, mas para que esta perspectiva se estenda para as bordas locais de todos os espaços fronteiriços interamericanos e globais, julgados a partir de uma perspectiva conflituosa e de divisões. É premente o repensar o espaço fronteiriço como transcultural, miscigenado e de particularidades únicas, tal qual ele é. Este constitui um árduo papel que pode ser introduzido às mídias, como meios de resignificação de espaços locais e identidades locais, pensando a partir das bordas.

REFERÊNCIAS

- ALBA, Richard D. **Etnic Identity: The Transformation of White America**. New Haven: Yale University Press, 1990.
- AMARAL, L. S.; ALVES, M. S. Themata. **Cadernos CESPUC**, Belo Horizonte, n.23, 2013.p.69-76.
- ANZY, Leny Caselli. Missões de Chiquitos e Moxos e a capitania de Mato Grosso. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, n. 13-14, 2013.
- ARAÚJO, Elvira Lobato de. **Antenas da Floresta: a saga das TVs da Amazônia**. Objetiva, 2017.
- ARREOLA, Daniel D. **Tejano South Texas: A Mexican American Cultural Province**. University of Texas Press, 2010.
- BARREDA, Suzana Vinicia Mancilla. Um olhar às identidades regionais bolivianas em contexto de fronteira: limites Bolívia-Brasil. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 1, n. 18, p. 152-176, 2018.
- BARTH, Fredrik. **Los grupos étnicos y sus fronteras**. México: Fondo de cultura económica, 1976.
- BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª Edição, Editora UFMG, Belo Horizonte, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1983.
- _____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BUSTAMANTE, Jorge A. **The historical context of Undocumented Mexican Immigration to the United States**. Aztlan, 1973. Disponível em: http://www.chicano.ucla.edu/files/Bustamante____.pdf. Acesso em: 23/09/2019.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas estratégias para entrar y salir de la modernidad**. 1990.
- _____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Trad. de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- CASTELLS, Manuel **Sociedade em rede**. Vol 1. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade—a era da informação: economia, sociedade e cultura**. V 2. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Fundação Calou-te Gulbenkian, 2013.
- CLAROS, Claudia Peña; BOSCHETTI, Alejandra. **Desafiar el mito Camba-Colla: Interculturalidad, poder y resistência em ele Oriente Boliviano**. Fundación UNIR Bolivia, 2008.

COOTRADE, Mista de Trabalho Multidisciplinar LTDA. A fronteira Brasil- Bolívia no Mato Grosso. Cuiabá, ALMT. 2016.

COSTA, Regina Maria da; ALVES, Francisco José da Costa. Migração Nordestina para o corte da cana no Mato Grosso. “Porque eu vim moça, eu vou lhe conta”. In: **Fronteiras de Sonhos. Migração, Trabalho e Política de Identidade em terras mato-grossenses**. Raimundo França e Isaías M. Batista (Orgs). UNEMAT. Cáceres. 2015.

DA CUNHA, Manuela Carneiro. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. Editora Companhia das Letras, 2013.

DA MOTA, Avelino Teixeira. **Reflexos do Tratado de Tordesilhas na cartografia náutica do século XVI**. UC Biblioteca Geral 1, 1973.

DONNAN, Hastings; WILSON, Thomas M. **Border approaches: Anthropological perspectives on frontiers**. University Press of America, 1994.

ELTIS, David; RICHARDSON, David. **The numbers game. Northrup, David: The Atlantic Slave Trade**, 2nd edition, Houghton Mifflin Co, 2002, 95.

FAUSTO, Carlos. **Os Índios antes do Brasil**. Zahar, 2000.

FISCHERMANN, Bernd. **Historia Chiquitana en la segunda mitad del siglo XIX**. In: CORREA VERA, Loreta (Comp.). Santa Cruz en el siglo XIX. Ponencias presentadas en el II Ciclo de Historia Cruceña. Santa Cruz de la Sierra: Editorial Universitaria UAGRN, 1997, pp. 75-86.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos avançados**, v. 27, n. 79, p. 113-122; 2013.

FUENTES, Jezmin; L'ESPERANCE, Henry; PÉREZ, Raúl; WHITE, Caitlin. **Impacts of U.S. Immigration Policies on Migration Behavior**. In: Impacts of Border Enforcement on Mexican Migration- The view from sending communities. Edite by Wayne A. Cornelius; Jessa M. Lewis p. 53-73. University of California. San Diego, California, 2007.

GALEANO, Eduardo. **As Veias abertas da América Latina**. 38ª Edição. Tradução de Galeno de Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GATTI, Flavio. **Turismo internacional sob o enfoque da política externa de integração regional: potencialidades, perspectivas e experiências turísticas entre Mato Grosso e Bolívia**. 2011. 208 f., Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2011.

GIOVANELLA, Ligia, et al. Saúde nas fronteiras: acesso e demandas de estrangeiros e brasileiros não residentes ao SUS nas cidades de fronteira com países do MERCOSUL na perspectiva dos secretários municipais de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, 2007, 23: S251-S266.

GONZALEZ, Gilbert G. **Guest workers or colonized labor? : Mexican labor migration to the United States**. Paradigm Publishers, London; 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Editora UFMG, 2006.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANSEN, Niles. **The Border Economy: Regional Development in the Southwest**. Austin: University of Texas Press. 1981.

HERNÁNDEZ, Pablo. **Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús**. Barcelona: Gustavo Gili, 1913.

HERZOG, Lawrence. **Where North Meets South: Cities, Space, and Politics on the United States-Mexico Border**. University of Texas Press, 1990.

JACKSON, Robert H. Missões nas fronteiras da América espanhola: análise comparativa. **Estudos Ibero-Americanos**, v. 29, n. 2, p. 51-78, 2003.

JODELET, D. (Org.). **Representações sociais**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993. p.31-61.

LACERDA, Rosane Freire. **“Volveré, y Seré Millones”**: Contribuições Descoloniais dos Movimentos Indígenas Latino Americanos para a Superação do Mito do Estado-Nação. / Tese (Doutorado) Universidade de Brasília – UnB. Brasília – DF, 2014; 2 vols., 491 p. 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações. **Rio de Janeiro, Editora UFRJ**, 2001.

MARTÍN- BARBERO, Jesús. Ofício de cartógrafo. Travesías Latinoamericanas de la comunicación em la cultura. **Fondo de Cultura Económica USA**, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira- A degradação do outro nos confins do humano**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MARRAMAIO, Giacomo. De *Weltgeschichte* à Modernidade- Mundo. O problema de uma esfera pública global. In: CARDOSO, Rui Motta. **Política/Politics: Crítica do Contemporâneo**. Conferências Internacionais Serralves, 2007 p. 47-77.

MENDES, Maurício Ferreira et al. A organização e a produção agroindustrial extrativista na fronteira Brasil–Bolívia, na região sudoeste de Mato Grosso. **Revista Conexão UEPG**, v. 10, n. 1, p. 140-149, 2014.

MIGNOLO, Walter D. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. **A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**, p. 71-103, 2005.

_____. **La idea de América Latina: la herida colonial y la opción decolonial**. Gedisa, 2007.

MIGNOLO, Walter D.; TLOSTANOVA, Madina. Habitar los dos lados de la frontera/teorizar en el cuerpo de esa experiencia. **Revista IXCHEL. Volúmen I, San José, Costa Rica**, p. 1-22, 2009.

MIN, Ministério da Integração Nacional. **Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Machado, L. O. (Org.). Ministério da Integração Nacional, Brasília, 2005

MONTOYA, Antônio Ruiz de. **Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguay, Paraná, Uruguay e Tape.**Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1985.

MORENO, Alcides Parejas. Chiquitos: um paseo por su história. Santa Cruz de la Sierra: APAC, 2004.

MORENO, Gabriel René. Catálogo del archivo de Mojos y Chiquitos. Santiago Chile: Gutentag, 1888

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011

OLIVEIRA SILVEIRA, Marcus Bernardes. O método da economia política e a interpretação crítica em Mariátegui. **Habitus**, v. 13, n. 1, 2015.

PADRÓS, E. S. Fronteiras e Integração Fronteiriça: elementos para uma abordagem conceitual. **Revista Humanas**, Porto Alegre, 1994. p. 63-85.

PATARRA, Neide Lopes; FERNANDES, Duval. Brasil: país de imigração. **Revista Internacional em Língua Portuguesa–Migrações**, 2011, 3.24: 65-96.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.), Fronteiras culturais. Cotia, S.P. Ateliê Editorial, 2002.

POHL, João Ivo. **Migrantes manejando a identidade Chiquitana na fronteira vivendo o dilema de ser bolivianos ou brasileiros.** Artigo não publicado, 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil.** Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

RODRIGUES, F.G; MAGALHÃES, D.F. **Quem é o jovem Brasileiros que migra para a Bolívia para cursar Medicina?** XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, São Paulo, 2014.

ROMO, Harriet.; MARQUEZ, Raquel. R, **Who's who across the U.S. Mexico Border – Identities in transition.** In: Understanding Life in the Borderlands. Edited by. William Zartman, p. 217-234. The University of Georgia Press, Athens and London, 2010.

SÁ. C.P.A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro:EdUERJ.1988.

SAENZ, Rogelio. **Latinos and the changing face of America.** New York: Russell Sage Foundation, 2004.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido – os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos.** São Paulo: Edusp, 2004

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Técnica, Espaço e Tempo.** 5 ed. São Paulo, 2008, 190p.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado; ALMEIDA, Edileuson Santos. Panorama dos sistemas irradiadores na Amazônia brasileira: rádio e TV In: **Um olhar integrado sobre a Amazônia, o Brasil e o conhecimento.** Lógica, Linguagem e Comunicação. São Paulo: Humanitas/UFOPA, 2017, v.2, p. 61-104.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da. A malha de comunicação local-internacional. Polifonia e discursividade no Brasil Meridional In: **América, terra de utopias.** Desafios da Comunicação Social. Salvador: UNEB, 2003, v.8, p. 17-36.

_____. Mídia, memória e discursividade das fronteiras brasileiras. **LÍBERO.** ISSN impresso: 1517-3283/ISSN online: 2525-3166, n. 19, p. 73-82, 2007.

_____. **Mídias e Fronteiras: Crítica Cultural do Jornalismo em sua Ação de Colonização do Imaginário Social.** Aula Magna da VIII Semana Acadêmica de Relações Internacionais; Cultura e Conflito nas Relações Internacionais: Abordagens do Sul; Universidade Federal de Santa Maria; 23/10/2017.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; GUIMARAES, Isabel Padilha. O nome do outro. **Heterotopias e interações fronteiriças.** In: V Colóquio Brasil-Estados Unidos. Anais do XXVII Congresso da Intercom. Foz do Iguaçu. 2014.

_____. **Conexões (trans) fronteiriças.** Mídia, noticiabilidade e ambivalência. Foz do Iguaçu: EdUnila, 2016. Ebook.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; GUIMARÃES, Isabel P.; SCHWARTZ, Clarissa. The Name of the Other: Media, Heterotopias, and Border Country Interactions. In: **Brazil: Media from the Country of the Future.** Emerald Publishing Limited, 2017. p. 137-162.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado. A cobertura jornalística de fronteiriços e favelados. Narrativas securitárias e imunização contra a diferença. **RBCC Intercom**, n. 35, p.75-92, 2012.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; SCHWARTZ, Clarissa. Brasil Rural como espaço de oportunidades e privações: representações de uma categoria em transformação. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 11, n. 2, p. 63-81, 2017.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Vozes, 2009.

_____. **Claros e escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis, Vozes, 1999.

SOUZA SANTOS, BOAVENTURA De. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo social; Rev. Sociol.** USP, S.Paulo, 5 (1-2), 1993, p. 31- 52.

SPIVAK, G. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

WILSON, Thomas M.; DONNAN, Hastings (Ed.). **Border identities: Nation and state at international frontiers.** Cambridge University Press, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo.** São Paulo: Editora UNESP, 2011.

_____. **Palavras-Chave: um vocabulário de cultura e sociedade.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

ZARTMAN, I. William (Ed.). **Understanding life in the borderlands: Boundaries in depth and in motion.** University of Georgia Press, 2010.

Websites Acessados:

AGUIAR, Pedro. **Mapeamento de Agências de Notícias: localização de correspondentes e escritórios das principais empresas do setor.** Disponível em:

<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-2466-1.pdf>> Acesso em: 28/08/2019

ACERVO, Racismo ambiental. **Documentário etnodoc Manoel chiquitano brasileiro de Aluizio de Azevedo e Glória Albuez.** Disponível em:

<https://acervo.racismoambiental.net.br/2014/02/28/documentario-etnodoc-manoel-chiquitano-brasileiro-de-aluizio-de-azevedo-e-gloria-albuez/>. Acesso em: 20/08/2019.

AMBROGI-YANSON, Molly. **International news coverage online as presented by three news agencies.** 2010. Disponível em:

<https://scholarworks.rit.edu/theses/index.27.html#year_2010> Acesso em: 28/08/2019

BENITES, Flávio Roberto Gomes. **Territórios de si e do outro: língua, discurso e identidade em contexto migratório.** 2013. 313. P. Tese(doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em:

<<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269498>> Acesso em: 29/08/2019.

BEA, US Bureau of Economic Analysis. **News Release.** Disponível em:

<https://www.bea.gov/system/files/2018-09/gdp_metro0918_0.pdf> Acesso em: 01/09/2019

CARVALHO, Kelly Sinara Alves de. **Comunicação como tecnologia social no Programa de Aquisição de Alimentos em Tangará da Serra – MT.** Disponível em <

<http://portal.unemat.br/media/files/COMUNICACAO-COMO-TECNOLOGIA-SOCIAL-NO-PROGRAMA-DE-AQUISICAO.pdf>> Acesso em: 03/09/2019

DISTANCE TO. **Monterrey.San Antonio.** Disponível em: <<https://www.distance.to/Monterrey/San-Antonio>> Acesso em: 25/08/2019

_____. **Piedras Negras. Mexico City.** Disponível em: <<https://www.distance.to/Piedras-Negras,Coahuila-de-Zaragoza,MEX/Mexico-City,Cuauht%C3%A9moc,Mexico-City,MEX>> Acesso em: 29/08/2019

_____. **Piedras Negras. Monterrey.** Disponível em: <<https://www.distance.to/Piedras-Negras,Coahuila-de-Zaragoza,MEX/Monterrey,Nuevo-Le%C3%B3n,MEX>> Acesso em: 29/08/2019

EPA, GOV. United States Environmental Protection Agency. **U.S – Mexico Border Water Infrastructure Grant Program.** Disponível em: <<https://www.epa.gov/small-and-rural-wastewater-systems/us-mexico-border-water-infrastructure-grant-program>>. Acesso em: 29/08/2019

FRED, Economic Research. **Total Gross Domestic product for Laredo TX**. Disponível em: <<https://fred.stlouisfed.org/series/NGMP29700>> Acesso em: 20/08/2019

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Modalidades de terras indígenas**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>. Acesso em: 25/08/2019.

GODINHO, Neide Maria de Oliveira. **O impacto das migrações na constituição genética de populações latino-americanas**. 2008. 160 f., il. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/5542>> Acesso em: 29/08/2019.

GUZZI, André Cavaller. **As relações EUA-América Latina: medidas e consequências da política externa norte-americana para combater a produção e o tráfico de drogas ilícitas**. 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96289/guzzi_ac_me_mar.pdf?sequence=1> Acesso em: 29/08/2019

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Teen. Mão na roda. **Posição e Extensão**. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/mao-na-roda/posicao-e-extensao.html>> Acesso em: 28/10/2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Geociências. Informações Ambientais. Geomorfologia. Amazônia Legal 2014. **Sobre a publicação**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geomorfologia/15819-amazonia-legal.html?=&t=sobre>> Acesso em: 16/08/2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Faixa de Fronteira**. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/fronteira.shtm?c=3>> Acesso em: 18/06/2018

ICCE. Instituto para la Competitividad y el Comercio Exterior de Nuevo Laredo. **Información Demográfica**. Disponível em: <<http://www.iccedenuevolaredo.org/icce/index.php/informacion-general?start=2>> Acesso em: 20/08/2019

INEGI. Instituto Nacional de Estadística y Geografía. Indicadores. **PIB**. Disponível em: <https://www.inegi.org.mx/app/buscador/default.html?q=PIB#tabMCcollapse-Indicadores>. Acesso em: 30/08/2019

MAPA. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/revistas/livro-defesa-agropecuaria.pdf>> Acesso em: 19/05/2019

MRE, Ministério das Relações Exteriores. **Estado Plurinacional da Bolívia**. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4870-estado-plurinacional-da-bolivia>> Acesso em: 28/08/2019.

PNUD. Índice de Desarrollo Humano para las entidades federativas, México, 2015. Disponível em: <https://www.undp.org/content/dam/mexico/docs/Publicaciones/PublicacionesReduccionPobreza/InfomesDesarrolloHumano/PNUD_boletinIDH.pdf> Acesso em: 01/09/2019

RESCALA, Juan Carlos Espinosa; HARRISON, Robert; MCCULLOUGH, B. Frank. Technical Report Documentation Page. Effect of the North American Free Trade Agreement on the transportation

infrastructure in the Laredo-Nuevo Laredo area. 1993. Disponível em:
<<https://library.ctr.utexas.edu/digitized/texasarchive/phase1/1312-2.pdf>> Acesso em: 01/09/2019

REVIEW, World Population. **Eagle Pass, Texas**. Disponível em: <http://worldpopulationreview.com/us-cities/eagle-pass-tx-population/>. Acesso em: 20/08/2019

____ **Laredo, Texas**. Disponível em: <http://worldpopulationreview.com/us-cities/laredo-population/>. Acesso em: 20/08/2019

SCDL. **Segunda Comissão Brasileira Demarcadora de Limites**. Disponível em:
<http://scdl.itamaraty.gov.br/pt-br/fronteiras_e_limites_do_brasil.xml> Acesso em: 23/06/2018

SECRETMUSEUM.COM. Map of Texas for kids. Disponível em: <<https://secretmuseum.net/map-of-texas-for-kids/map-of-texas-for-kids-86-best-texas-maps-images-texas-maps-texas-history-republic-of-texas/>> Acesso em: 08/10/2019

UNESCO, World Heritage List. **Jesuit Missions of the Chiquitos**. Disponível em:
<http://whc.unesco.org/en/list/529>. Acesso em: 22/08/2019.

VOYAGEPHOTOS.MANU.COM. Map of Texas. Disponível em:<
https://www.voyagesphotosmanu.com/map_of_texas.html> Acesso em: 08/10/2019

ZAMIN, Angela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol.21, núm.3, Setembro- Dezembro, 2014 pp. 918-942. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Disponível em:<
<https://www.redalyc.org/pdf/4955/495551017008.pdf>> Acesso em: 20/08/2019

Jornais Consultados:

FOX NEWS. **Mexican Police find 20 bodies most burned close to US Border**. Disponível em:
<<https://www.foxnews.com/world/mexican-police-find-20-bodies-most-burned-close-to-u-s-border>>
Acesso em: 25/08/2019

GAZETA DO POVO. A corrida por um diploma de Medicina fora do Brasil. Célio Martins Disponível em<
<https://www.gazetadopovo.com.br/vozes/certas-palavras/a-corrida-por-um-diploma-de-medicina-fora-do-brasil/>> Acesso em: 01/09/2019.

G1, **Brasil Repudia morte de brasileiros queimados vivos na Bolívia**. Mundo. Notícia. Disponível em:
<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/brasil-repudia-morte-de-brasileiros-queimados-vivos-na-bolivia.html>> Acesso em: 20/08/2019

G1. **Dois brasileiros suspeitos de matar 3 são queimados vivos na Bolívia**. Mundo. Notícia. Disponível em <
<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/08/dois-brasileiros-suspeitos-de-matar-3-sao-queimados-vivos-na-bolivia.html>> Acesso em: 20/08/2019

JORNAL OESTE, Homicídios voltam a crescer em San Matias Bolívia, fronteira com Cáceres. Disponível em:< <http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=34015>> Acesso em: 23/08/2019.

JORNAL OESTE, **Governo brasileiro repudia a morte de brasileiros em San Matias**. Disponível em: <http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=22334¬icia=governo_brasileiro_repudia_assassinatos_de_brasileiros_em_san_matias> Acesso em: 24/08/2019

NEW HEAVEN REGISTER. **2 Brazilian prisoners beaten and burned alive in Bolívia**. Disponível em: <<https://www.nhregister.com/news/article/2-Brazilian-prisoners-beaten-and-burned-alive-in-11520671.php>> Acesso em: 20/08/2019

RIPA NOS MALANDROS, **Polícia boliviana investiga assassinato de 5 pessoas sem uma estadia na fronteira com o Brasil**. Disponível em: <<http://www.ripanosmalandros.com.br/policia-boliviana-investiga-assassinato-de-5-pessoas-em-uma-estadia-na-fronteira-com-o-brasil>> Acesso em: 04/09/2019.

SANANTONIOEXPRESSNEWS.COM.News.Elaine Ayala. Disponível em: <https://www.expressnews.com/news/news_columnists/elaine_ayala/article/Don-t-turn-away-from-the-photo-of-a-father-and-14060097.php> Acesso em: 10/10/2019.

NUP: 23081.073194/2023-18

Prioridade: Normal

Ato de entrega de dissertação/tese
134.334 - Dissertação e tese

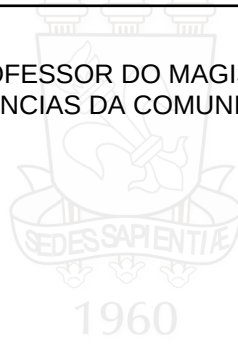
COMPONENTE

Ordem	Descrição	Nome do arquivo
10	Tese de doutorado (134.334)	CARVALHO (2022)..pdf

Assinaturas

04/01/2024 11:38:16

ADA CRISTINA MACHADO SILVEIRA (PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR (Ativo))
06.31.00.00.0.0 - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - DCCom



Código Verificador: 3715065

Código CRC: 20741da3

Consulte em: <https://portal.ufsm.br/documentos/publico/autenticacao/assinaturas.html>

